

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

VICTOR VAGO FERNANDES

**A IDEOLOGIA NOS DISCURSOS DO PAPA FRANCISCO: UMA
ANÁLISE SOCIOCognitivo-CARISMÁTICA**

VITÓRIA

2017

VICTOR VAGO FERNANDES

**A IDEOLOGIA NOS DISCURSOS DO PAPA FRANCISCO: UMA
ANÁLISE SOCIOCOGNITIVO-CARISMÁTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística na área de concentração Estudos sobre Texto e Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento.

VITÓRIA

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Fernandes, Victor Vago, 1983-
F363i A ideologia nos discursos do Papa Francisco: uma análise
sociocognitivo-discursiva / Victor Vago Fernandes. – 2017.
185 f.

Orientador: Jarbas Vargas Nascimento.
Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) –
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências
Humanas e Naturais.

1. Francisco, Papa, 1936-. 2. Análise crítica do discurso. 3.
Carisma (Traço da personalidade). I. Nascimento, Jarbas Vargas.
II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

VICTOR VAGO FERNANDES

**A IDEOLOGIA NOS DISCURSOS DO PAPA FRANCISCO: UMA ANÁLISE
SOCIOCOGNITIVO-CARISMÁTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística na área de concentração Estudos sobre Texto e Discurso.

Aprovada em 10 de março de 2017.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof^a Dr^a Janayna Bertolo Cozer Casotti
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Iran Ferreira de Melo
Universidade Federal Rural de Pernambuco

*Dedico este trabalho ao Ser Supremo, o qual, desde a minha infância, me ensinaram
chamar de Deus, a Ele minha gratidão incansável pelo dom da vida e por me
permitir chegar até aqui.*

AGRADECIMENTOS

À dona Glorinha de Lourdes Pozatti Ferrari por ter cuidado de mim como um filho durante este período de dedicação exclusiva ao mestrado.

Ao meu orientador, professor e amigo, Dr. Jarbas Vargas Nascimento, pela excelência de seu trabalho, por me acolher, acompanhar e me direcionar neste caminho de mestrando e por me fazer “enxergar” o que de melhor há em cada ser humano.

À professora Dr^a. Janayna Bertolo Cozer Casotti que participou do meu exame de qualificação com tamanho apreço e, hoje, também, faz parte da banca de minha defesa pública. A ela meu carinho, admiração e respeito.

Ao professor Dr. Iran Ferreira de Melo que sempre esteve disponível aos inúmeros questionamentos acerca de minha teoria basilar. A ele minha gratidão e estima.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em especial: Dr^a. Micheline Mattedi Tomazi, Dr^a. Virgínia Beatriz Baesse Abrahão, Dr. Luciano Novaes Vidon, Dr^a. Maria da Penha Pereira Lins, Dr. Daniel de Mello Ferraz, Dr. Rivaldo Capistrano de Souza Junior, Dr^a. Lúcia Helena Peyroton da Rocha e Dr^a. Lilian Coutinho Yacovenco.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por fomentar minha pesquisa concedendo-me uma bolsa de estudos.

Às vozes que, desde a mais tenra idade, constituíram-me pessoa no mundo no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo àqueles que souberam com grande afincamento e docilidade pela louvável “arte de ensinar”, macular minha voz e atravessá-la para que eu me tornasse quem sou hoje, professores: Adriana Sperandio, Adila Damiani, Sandra Saquetto Seidel, Sedna Martinelli Campos, Edna Maria Sperandio Morandi, Maria Cecília Morandi, Elquides Anacleto Gomes, Regina Célia Vago, Terezinha Côgo Venturim, Rita de Cássia Dias, Teresinha Cani, Arlete Ana Corteletti Pereira, Eglair Carvalho, Karla Baptista, Vera Eli Baptista Fachetti, Vanete Santos Arrigoni, Fausto Mascarello e Carmen Altoé.

À minha mãe, Jaciara Vago e às minhas avós: Orlanda Romanha Vago e Iponina Pereira da Silva. Vocês são as mulheres da minha vida.

Aos meus tios e tias: Jacimar Vago, Miguel Fernandes da Silva, Regina Marta Sperandio Vago, Ana Aparecida da Silva Marchezi, Edna Fernandes Portes, Solange Fernandes da Silva, Neusa Fernandes da Silva e Devani da Silva Comarela. Vocês são sinais da ternura divina em minha vida.

Às minhas primas: Isabella Sperandio Vago, Miriam Fernandes, Nelcieli Sperandio e Liliam das Graças Romanha. Vocês são companheiras da minha juventude.

À minha amiga e mestra, Raquelli Natale, por tamanha gentileza e docilidade em compartilhar comigo: sentimentos, desejos, ideias, inquietações. Ela é um presente nobre que pude receber nesse percurso do mestrado.

Ao meu amigo, Rogério Liberato Porto, a quem sou grato pelo árduo trabalho em me ajudar ser mais centrado no mundo e a me fazer perceber a delicadeza e generosidade de Deus em minha história de vida.

Ao frei Luís Felipe Carneiro Marques, que um dia, ao saciar-me a sede, tornou-se meu amigo e não somente água me ofereceu mas, a riqueza de um encontro fraterno.

Ao meu companheiro, Fabiano Sales Sader. Com você tenho aprendido que o amor é uma caridade diária capaz de (re)significar nossa história.

Aos meus amigos: Romério Coser, Itamar Gaigher, Rosa Trevas, Valéria Fagundes, Maria Tereza Colnaghi Lima, Hedilberto Souza, Beatriz Sperandio, Alano Maestri, Márcia Rodrigues da Silva, Marcos Chagas, Maria das Graças Martinelli, Zezé Sacht, Fabrício Martinelli, Rafaela Sacht, Dimas Resende, Dande Neves, Cristina Annichini, Débora Lyrio, Ernane Bolsoni, Neidemar Fernandes, Raquel Schiavon, Giordana Sperandio, Allan Cruz, Cleidiano de Souza, Marcos Mattedi, Cleydson Dirceu Brumatti, Evandro Sagrilo, Cristyan Senna, Flavio Lopes dos Santos, Adriana Souza Rozário, Simone Tavares dos Santos, Eden Moraes Junior, Aline Marques Fialho, Graziella Pagani, Rodrigo Leite Locatelli, Lemir Gimenes, Benê Carvalho, Elky Klabunder, Paula Cezar, Renato Corazzini, João Porto, Lucas Pestana, Jaqueline Meyrelles, Fernando Luiz Araújo, Jardel Fontes, Liderlânio Araujo, Rachel Brás, Samyra Leal, Carla Massariol Moreira, Cíntia Pancieri, Sirley Brozinga Zandonadi, Edivar José Pozzatti, Geraldo Varnier, Adriano Moreira, Camilla Reisler, Silvania Dueles da Cruz, Wladimir Genuino, Marcelo Cardoso, Junio Hora, Judson Vieira, Matheus Araújo Ferreira e Kaio Bassetti. Com vocês, a vida é digna de ser vivida.

Aos primeiros alunos de minha prática docente, em especial: Antero Nunes, Renan Martins, Thiago Lucas, Vinícius Couto e Pedro Vítor Rodrigues. Sempre serei “ó capitão, meu capitão”.

*“Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe?
Só levo a certeza de que muito pouco eu sei.
Nada sei”.*

Renato Teixeira

RESUMO

O objetivo principal desta dissertação é desvelar a ideologia nos discursos do Papa Francisco. O *corpus* de nossa pesquisa são 178 homilias proferidas pelo Papa nos três primeiros anos de seu pontificado. As homilias, por serem um gênero discursivo peculiar, apreendidas como discursos, foram fundamentais na escolha de nosso quadro teórico-metodológico. Dessa maneira, escolhemos a Análise Crítica do Discurso (ACD) por apresentar um caráter interdisciplinar, por não delimitar uma única metodologia para a realização das pesquisas e por manifestar um posicionamento explícito em relação aos problemas sociais. Dentre as várias vertentes que constituem a ACD, delimitamos nosso estudo, com base no empreendimento sociocognitivo de van Dijk (1999, 2010, 2012, 2014), por nos trazer questões relacionadas ao poder social, ao abuso de poder e ao contrapoder e por se preocupar com as maneiras pelas quais os textos (re)produzem e transmitem ideologias contrárias às minorias sociais. Ademais, esse empreendimento nos possibilita entender a relação entre sociedade, cognição e discurso. Contamos, ainda, com as contribuições de Weber (1981, 1999a, 1999b) acerca das características do líder carismático, e de Coleman (2009) sobre os princípios carismáticos. Para realizar as análises, delimitamos categorias sociocognitivas de van Dijk juntamente com as cinco características do líder carismático do sociólogo Weber e com os três princípios carismáticos do antropólogo Coleman. Essa delimitação nos permitiu constituir um quadro com as categorias selecionadas para a realização das análises. Os resultados revelam que as escolhas lexicais dos discursos do Santo Padre estão relacionadas aos três temas de grande relevância de seu governo. Em seus discursos, as metáforas são capazes de transmitir a ideologia de sua instituição e as polarizações são estratégias eficazes de manutenção da ideologia da Igreja Católica. O carisma do Sumo Pontífice latino-americano é o meio mais planejado do Conclave de 2013 de resgatar a imagem maculada da Igreja e a garantia infalível de restaurar o poder hegemônico dessa instituição bimilenar.

Palavras-chave: Discurso. Papa Francisco. Empreendimento Sociocognitivo. Carisma.

ABSTRACT

The main objective of this Master's thesis is to unveil the ideology in the speeches of Pope Francis. The *corpus* of our research is formed by 178 homilies uttered by the Pope in the first three years of his pontificate. Provided that the homilies are a peculiar discursive genre, understood as discourses, they were fundamental in the choice of our theoretical-methodological framework. For that matter, we chose Critical Discourse Analysis (CDA) due to its interdisciplinary character, not restraining a single methodology for conducting research, as well as by its explicit positioning in relation to social problems. Among the various approaches that constitute the CDA, we bound our study based on the van Dijk's sociocognitive enterprise (1999, 2010, 2012, 2014), for it brings us issues related to social power, abuse of power and counterpower, and concerns about the ways in which texts (re) produce and transmit ideologies contrary to social minorities. In addition, this enterprise enables us to understand the relationship between society, cognition and discourse. We also draw upon Weber's contributions (1981, 1999a, 1999b) as of the characteristics of the charismatic leader and Coleman's (2009) charismatic principles. In order to carry out our analysis we delimited sociocognitive categories of van Dijk along with the five characteristics of the charismatic leader of the sociologist Weber and with the three charismatic principles of the anthropologist Coleman. This delimitation allowed us to constitute a table of the categories selected for the conduction of the analyses. The results reveal that the lexical choices of the Holy Father's discourses are related to the three subjects of great relevance of his government. In his discourses the metaphors are able to convey the ideology of his institution and the polarizations are effective strategies for maintaining the ideology of the Catholic Church. The charisma of the Latin American Supreme Pontiff is the most planned means of the 2013 Conclave of rescuing the tainted image of the Church and the infallible guarantee of restoring the hegemonic power of this two-thousand-year institution.

Keywords: Discourse. Pope Francis. Sociocognitive Enterprise. Charisma.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	12
1.2 O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA.....	14
1.3 DEFINIÇÃO DO QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	15
1.4 OBJETIVOS DO ESTUDO.....	16
1.5 TRAJETÓRIA DA PESQUISA.....	17
2 A CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS DO PAPA.....	20
2.1 A LINGUAGEM DA COMUNIC(AÇÃO) DE JESUS.....	20
2.2 FRANCISCO DE ASSIS: O POVERELLO.....	24
2.3 LUTERO E A REFORMA PROTESTANTE.....	26
2.4 A RENÚNCIA DO PAPA EMÉRITO BENTO XVI	30
2.5 PAPA FRANCISCO E OS TRÊS PRIMEIROS ANOS DE SEU PONTIFICADO....	32
2.5.1 Os primeiros passos do Papa Francisco	35
2.5.2 A exortação apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> - o governo do Papa.....	38
2.5.3 "Alguns não sabiam por que o Bispo de Roma se quis chamar Francisco".....	41
3 FUNDAMENTOS DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E DO CARISMA.....	45
3.1 UM HISTÓRICO DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO	45
3.1.1 A linguagem e o discurso como prática social.....	48
3.1.2 Gênero do discurso na ACD.....	49
3.1.3 A homilia como um gênero do discurso.....	50
3.2 O EMPREENDIMENTO SOCIOCognITIVO DE VAN DIJK	52
3.2.1 Modelo mental como base da cognição.....	55
3.2.2 Ideologias: sistemas básicos de cognições sociais.....	58
3.2.3 Sobre poder, abuso de poder e contrapoder.....	64
3.3 REVISITANDO O CONCEITO DE “CARISMA”.....	70
3.3.1 As características do líder carismático em Weber.....	72
3.3.2 Dominação carismática: a origem da revolução na história.....	75
3.3.3 Os princípios carismáticos em Coleman.....	77

4 ANÁLISE DOS DISCURSOS DO PAPA FRANCISCO	78
4.1 AS CATEGORIAS DE ANÁLISES.....	80
4.2 SEMÂNTICA LOCAL.....	83
4.2.1 As escolhas lexicais.....	83
4.2.2 Metáfora: estratégia de transmissão de ideologia.....	97
4.3 SEMÂNTICA GLOBAL: TEMAS DOS DISCURSOS DO PAPA.....	105
4.3.1 Serviço: “O verdadeiro poder é serviço”.....	107
4.3.2 Pobreza: “Igreja pobre e para os pobres”.....	114
4.3.3 Misericórdia: “O nome de Deus é Misericórdia”.....	118
4.4 POLARIZAÇÃO: ESTRATÉGIA DE MANUTENÇÃO DE IDEOLOGIA.....	123
4.5 O CARISMA DO PAPA FRANCISCO.....	138
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
6 REFERÊNCIAS	147
ANEXO	151

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

A história da Igreja Católica e os dois milênios do cristianismo estiveram presentes no ambiente sociocultural no qual cresci e vivi minha adolescência. Sempre fui um menino ativo nas atividades da escola, da família e da Igreja. Aqueles que, realmente, me conhecem desde a infância reconhecem em mim o espírito de liderança que desenvolvi por meio dos trabalhos eclesiais. Desse modo, o interesse em estudar os discursos do Papa Francisco vincula-se à trajetória de como se deu minha formação pessoal, intelectual e profissional.

Embora tenha sido educado na religião católica, desde muito cedo, inquietou-me a história da Idade Média. Nos primeiros anos da década de 1990, em Baunilha, distrito de Colatina, Espírito Santo, minha professora de História colocou-me frente aos abusos cometidos pelos clérigos, no momento em que a Igreja Católica vendia indulgências a troco da salvação eterna. Lembro-me de que essa descoberta me trouxe desconforto e uma certa angústia. Saber que a Igreja, para a qual sempre me dediquei, cobrava dos pobres valores significativos que lhes faziam falta para viver, e que tais práticas eram ordenadas e controladas por seu representante máximo, o Papa, faziam-me desejar ir além daquelas aulas de História do ensino fundamental.

Então, duas figuras ilustres adentraram minha vida e estiveram presentes nas escolhas de minhas leituras. Primeiro, Francisco de Assis, um jovem burguês que, no século XIII, diante da riqueza e do luxo da Igreja, resolveu abandonar os bens paternos e se dedicar aos pobres. Imaginar que alguém pudesse ir contra as práticas de uma Igreja que pregava o amor aos pobres, mas que era dona de oitenta por cento das terras europeias foi, para mim, um sinal de que não estava tão equivocado em relação aos meus questionamentos e às minhas inquietações. Francisco reinventou o modo de viver o Evangelho de Cristo sem propriedade alguma, na castidade e na obediência aos ensinamentos e à doutrina praticada por um judeu que foi o fundador do movimento conhecido como cristianismo.

A outra figura à qual faço referência em minha trajetória é o monge alemão Martinho Lutero que três séculos após Francisco de Assis, veio dar um novo rumo à história da Igreja Católica. Lutero, no século XVI, contrapondo-se às mais variadas formas de manipulação e de abusos eclesiásticos, escreveu suas famosas “95 teses”, que apontavam e denunciavam os abusos de poder exercidos pela Igreja. Dessa maneira, ele não somente protestou, mas tornou a leitura da Bíblia acessível ao povo, proporcionando que todos pudessem reivindicar seus direitos e conhecer os verdadeiros ensinamentos de Jesus Cristo.

Desse modo, comecei a ficar atento ao governo do Papa Francisco iniciado no ano de 2013 e percebi que seus pronunciamentos e suas práticas vinham ao encontro daquilo em que sempre acreditei e que pareciam ser os ideais de Francisco de Assis e de Lutero. Para tanto, era preciso voltar à academia e buscar uma área do conhecimento que pudesse fundamentar aquilo que outrora ainda me inquietava. Assim, em meados de 2014, foi-me apresentado o livro “Discurso e poder”, de van Dijk. Debrucei-me sobre ele e percebi que, por meio de uma pesquisa linguístico-discursiva, poderia estudar os discursos do primeiro Papa latino-americano.

O livro citado parecia ser o primeiro passo para que eu pudesse estudar e compreender alguns fatos que motivaram o desenvolvimento desta pesquisa. Dentre eles, sempre me instigou a exclusão das minorias nas atividades eclesiásticas; a forma pela qual a Igreja exerceu seu poder, ou melhor, um abuso de poder ao longo de sua história sobre aqueles que lhes eram submissos; a desigualdade social dentro e fora do catolicismo; a maneira pela qual era mantida e transmitida a ideologia dessa instituição milenar; e, por fim, o modo como se dava a dominação carismática da Igreja por meio de seu representante máximo, o Papa.

Portanto, seria preciso delimitar um *corpus* que atendesse e contemplasse os objetivos de minha pesquisa. Resolvi, então, selecionar os discursos do Papa Francisco que apontavam uma mudança de postura da Igreja Católica no que se referia à inclusão das minorias e a uma “nova” maneira de conceber o poder. A partir dessa delimitação, pude escolher as homilias dos três primeiros anos do pontificado do Santo Padre Francisco para desenvolver análises linguísticas a fim de tornar visível a ideologia transmitida em seus discursos.

1.2 O *CORPUS* DA PESQUISA

O *corpus* de nossa pesquisa é constituído pelas homilias proferidas pelo Papa Francisco nos três primeiros anos de seu pontificado e divulgadas pelo Vaticano.

O governo de Francisco iniciou-se em 13 de março de 2013 e ainda está em exercício. Entretanto, escolhemos as homilias publicadas nos três primeiros anos do governo do primeiro Papa latino-americano. Os motivos desta escolha se devem ao tempo para o desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado e à quantidade significativa das homilias deste Papa, uma vez que ele celebra diariamente a missa na capela da casa Santa Marta, sua residência oficial.

A coleta de nosso *corpus* foi feita por meio do site oficial do Vaticano <http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html> na opção relativa às homilias.

Durante o primeiro ano do governo do Papa, o Vaticano publicou 44 homilias, todas traduzidas para o alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e português. Algumas foram traduzidas para o árabe e para o polonês. No segundo ano do pontificado, Roma divulgou 52 homilias também traduzidas em sua maioria, para as seis línguas mencionadas. E no terceiro, até o dia 13 de março de 2016 (data em que, para nós, finda o prazo dos três anos), o Vaticano publicou 82 homilias.

Dessa maneira, o *corpus* da pesquisa é constituído de 178 homilias. Entretanto, como em sua maioria, cada uma delas ultrapassa duas páginas, resolvemos escolher os fragmentos que nos interessam e que nos possibilitam responder aos seguintes questionamentos: (1) Qual é a ideologia mantida e transmitida nos discursos do Papa Francisco? (2) Haverá a inclusão das minorias nas atividades eclesiais? (3) Qual é o poder social exercido pelo Santo Padre Francisco? (4) Como o Papa se posiciona em relação à questão da desigualdade social dentro e fora de sua instituição? (5) De que maneira o Papa Francisco adquiriu tamanha popularidade em três anos de pontificado frente à Igreja Católica?

1.3 DEFINIÇÃO DO QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

As homilias do Papa Francisco, por sua natureza, apresentam-se como um gênero discursivo peculiar. Essa complexidade discursiva fez-nos atentar a uma abordagem, que desse conta de lidar, não somente com os aspectos linguísticos que as constituem, mas com outros aspectos de ordem social, política e religiosa. Ademais, as homilias são estudadas em nossa pesquisa como manifestações linguístico-discursivas de um determinado evento comunicativo da Igreja Católica, a saber, a missa.

Assim, a Análise Crítica do Discurso (ACD) foi escolhida por seu caráter interdisciplinar; não delimitar uma única metodologia para a realização das pesquisas; e por seu posicionamento explícito em relação aos problemas sociais. Além do mais, as características mencionadas mantêm a unidade entre as variadas vertentes que constitui a ACD, utilizando-se de categorias linguísticas não pressupostas para tornar visível estruturas discursivas (re)produtoras de abuso de poder.

Dessa forma, a decisão de realizar esta pesquisa, utilizando-nos da ACD como abordagem teórico-metodológica é, antes de tudo, uma escolha política e não se constitui como um empreendimento fácil, pois “pesquisas em ACD não são feitas para as estantes das bibliotecas, nem são feitas para a satisfação pessoal de nossa curiosidade” (MELO, 2012, p.109), mas, neste caso, são feitas em favor daqueles que foram e são excluídos pela Igreja Católica.

Embora já delimitamos o tipo de análise a qual nos propomos realizar, é preciso ressaltar que, dentre as vertentes que fundaram a ACD, por exemplo, a semiótica de Kress, a teoria da representação social de van Leeuwen, a teoria social do discurso de Fairclough e o empreendimento sociocognitivo de van Dijk, escolhemos esta última por acreditarmos mais se aproximar dos objetivos de nossa pesquisa. Ademais, o empreendimento¹ de van Dijk (1999, 2010, 2012, 2014), como as demais vertentes

¹ No livro “Discurso e poder” (página 10), o autor propõe a mudança da expressão Análise Crítica do Discurso (ACD) para Estudos Críticos do Discurso (ECD) pelo fato de que ECD não são um método de análise do discurso, mas devem utilizar-se de quaisquer métodos relevantes para atingir os objetivos de uma determinada pesquisa. Embora, o autor proponha tal mudança, sua vertente permanece recebendo o nome de “empreendimento sociocognitivo”.

que constituem a ACD, amplia a noção de discurso; traz questões relacionadas ao poder social, contrapoder e abuso de poder; aprofunda a questão dos modelos mentais, dos modelos de contexto e da cognição se preocupando com as maneiras pelas quais os textos (re)produzem e transmitem ideologias contrárias às minorias sociais. Tudo isso fez com que escolhêssemos tal empreendimento possibilitando-nos entender a interface entre sociedade e discurso, a cognição, defendida pelo autor.

Junto ao empreendimento sociocognitivo de van Dijk, contamos com as contribuições do sociólogo alemão Weber (1981, 1999a, 1999b) e com os estudos do antropólogo Coleman (2009). De Weber trazemos as cinco características da liderança carismática e de Coleman os três princípios que deve possuir um líder.

Portanto, o quadro teórico-metodológico de nossa dissertação é constituído de algumas categorias sociocognitivas do empreendimento de van Dijk (1999, 2010, 2012, 2014), das cinco características do líder carismático de Weber (1981, 1999a, 1999b) e dos três princípios carismáticos de Coleman (2009). Tais categorias constituirão um quadro que nos permitirá realizar as análises a que nos propomos dos discursos do Papa Francisco.

1.4 OBJETIVOS DO ESTUDO

O objetivo principal do nosso estudo é desvelar, com o auxílio de categorias sociocognitivo-carismáticas, a ideologia nos discursos do Papa Francisco.

Em vista disso, desmembram-se os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar as escolhas lexicais e as metáforas nos discursos do Sumo Pontífice.
2. Descrever os temas dos discursos do Papa Francisco.
3. Analisar os tipos de polarizações nos discursos do Santo Padre.
4. Examinar características e princípios do carisma que possibilitam ao Papa Francisco, em três anos de pontificado, garantir sua popularidade.

1.5 TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Além da introdução e das considerações finais, esta pesquisa é constituída por mais três capítulos.

O capítulo 2 está organizado em cinco partes. A primeira, nomeada “A linguagem da comunic(ação) de Jesus”, é dedicada a discutir o surgimento do cristianismo, a história do nascimento, vida (milagres, curas, ensinamentos e exorcismos), morte, ressurreição e da liderança carismática de Jesus.

Em “Francisco de Assis: o Poverello”, segunda parte desse capítulo, tratamos do novo estilo de vida que a figura carismática do jovem italiano trouxe para a Igreja Católica no século XIII.

Nomeamos a terceira parte de “Lutero e a Reforma Protestante”. Nela, discorremos sobre a revolução suscitada pela figura do monge alemão Lutero e o movimento da Igreja Católica em combate às “reformas luteranas”, a Contrarreforma².

Com o título: “A renúncia do Papa emérito Bento XVI”, iniciamos a quarta parte deste capítulo. Fazemos uma retrospectiva da morte do Papa João Paulo II. Também, falamos do conclave de 2005 e de quando Bento XVI renuncia ao “trono de Pedro”, revelando ao mundo que o poder do vigário de Cristo não deveria ser vitalício a qualquer custo, mas poderia reconhecer-se frágil e influenciável pelos eventos do tempo. Descrevemos o último *Angelus*³ e a despedida do Papa emérito. Por último, escrevemos sobre o conclave de 2013.

A quinta e última parte deste capítulo, intitulada: “Papa Francisco e os três anos de seu Pontificado”, trazemos fatos marcantes de seus primeiros anos de governo. Escrevemos sobre a eleição do Papa Francisco, seus primeiros desafios, gestos e atitudes. Falamos da exortação apostólica, que contém o plano de governo do Papa. Fazemos uma reflexão sobre o terceiro discurso do Santo Padre, quando revelou aos jornalistas o motivo pelo qual teria escolhido para si o nome “Francisco”. Sua primeira

² Movimento da Igreja Católica em combate à Reforma Protestante iniciada por Lutero.

³ Oração mariana que o Papa reza com os fiéis e que faz memória do momento em que o anjo Gabriel anunciou à Maria a concepção de Jesus Cristo, livre do pecado original.

benção apostólica. Sua rotina diária. Suas viagens nacionais e internacionais. Seu primeiro discurso de Natal e suas duas encíclicas *Lumen Fidei* e *Laudato si*. A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. O nome “Francisco”. Por fim, tecemos comentários de seu terceiro discurso dirigido aos jornalistas.

O capítulo 3 está organizado em três partes. A primeira, nomeada “Um histórico da Análise Crítica do Discurso” (ACD), discutimos os primórdios da ACD, seus precursores, as características comuns entre as teorias de seus empreendedores, sua metodologia, seus principais objetivos, sua visão de linguagem e discurso. Também trazemos reflexões sobre a linguagem e o discurso como prática social que age com os outros e sobre os outros. Abordamos a noção de gênero de discurso que a ACD busca na Linguística Sistêmica-Funcional (LSF) e na Nova Retórica. Por fim, tratamos a homilia como um gênero discursivo peculiar e parte orgânica da missa capaz de avaliar a proximidade do encontro de um Pastor com o seu povo.

Na segunda parte do capítulo, descrevemos sobre o empreendimento sociocognitivo de van Dijk (1999, 2010, 2012, 2014), enfatizando os motivos pelos quais escolhemos tal empreendimento para a realização desta pesquisa. Trazemos algumas categorias desse empreendimento, como, por exemplo: modelo mental, modelo de contexto, cognição, ideologia, poder social, abuso de poder e contrapoder.

Na terceira parte, “Revisitando o conceito de ‘carisma’”, avançamos nossas reflexões a partir das contribuições do sociólogo Weber (1981, 1999a, 1999b), sobre as cinco características do líder carismático, enfatizando o caráter revolucionário da dominação carismática e, com os estudos do antropólogo Coleman (2009) acerca dos três princípios que deve possuir uma pessoa carismática.

No capítulo 4, delimitamos, num quadro, as categorias sociocognitivo-carismáticas de nossas análises. De van Dijk (1999, 2010, 2012, 2014), escolhemos o cenário (tempo e lugar) e os participantes para demarcar a categoria do CONTEXTO. Trabalhamos a categoria do DISCURSO pela semântica local (escolhas lexicais e metáforas) e pela semântica global (temas discursivos). A questão da ideologia obtivemos pela categoria da COGNIÇÃO. De Weber (1981, 1999a, 1999b) estudamos as cinco características do líder carismático: virtude de provas, pela graça de Deus, vontade criadora concreta, alheio à economia e grande força revolucionária. De Coleman

(2009) trazemos o princípio da mobilidade, o princípio da narrativa e o princípio de *reaching out*. Dessa forma, propusemos uma relação entre as categorias sociocognitivas de van Dijk, as características carismáticas de Weber e os princípios carismáticos de Coleman, a fim de fundamentar nossas análises. Após o estabelecimento das categorias, procedemos às análises e apresentamos os seus resultados quali-quantitativos. Identificamos as escolhas lexicais e as metáforas nos discursos do Papa. Descrevemos os temas de que tratam seus discursos. Analisamos os tipos de polarização, enfatizando a questão do poder social e do abuso de poder em discursos polarizados. Por fim, examinamos características e princípios do carisma que possibilitam ao Papa Francisco garantir sua popularidade e resgatar a imagem desprestigiada da Igreja Católica.

Nas considerações finais, apresentamos os resultados obtidos e fazemos algumas ponderações acerca da figura carismática do Sumo Pontífice.

2 A CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS DO PAPA FRANCISCO

2.1 A LINGUAGEM DA COMUNIC(AÇÃO) DE JESUS

Há mais ou menos dois milênios, os judeus viram nascer uma criança que iniciou na terra um movimento, mais tarde, conhecido como cristianismo. Segundo os evangelistas, Maria “deu à luz seu filho primogênito, envolveu-o com faixas e reclinou-o numa manjedoura, porque não havia um lugar para eles na sala” (LUCAS 2,7).

Os relatos sobre a infância e a adolescência de Jesus encontram-se basicamente em poucas narrativas, nas quais podemos encontrar sua apresentação no Templo, após quarenta dias de nascido: “Quando se completaram os dias para a purificação deles, segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém a fim de apresentá-lo ao Senhor” (LUCAS 2,22).

A atitude do adolescente Jesus, agora com doze anos, de não ter seguido a caravana de seus pais para retornar à sua casa foi o indício da liderança que ele já desenvolvia em seu percurso pela terra. E mais, quando Maria e José voltam à sua procura, ele sabiamente, como um profeta que entendia sua própria missão, lhes responde: “Por que me procuráveis? Não sabeis que devo estar na casa de meu Pai?” (LUCAS 2,49). A resposta de Jesus provocou espanto não somente em seus pais, mas naqueles que o ouviam e ficavam extasiados com sua inteligência e com suas respostas.

Os dois fatos relatados pelo evangelista Lucas sobre a infância e a adolescência de Jesus constituem o que se tem divulgado e reconhecido pelos cristãos sobre o Jesus-Menino, sua infância e adolescência. Sabe-se que, embora tendo nascido na pequenina cidade de Belém, ele cresceu na Galileia, especificamente, em Nazaré. Entretanto, os evangelhos retomam a história desse líder carismático “com mais ou menos trinta anos” (LUCAS 3,23), quando ele foi ao encontro de João, o Batista, a fim de ser batizado e iniciar sua missão de mestre, exorcista, pregador e filho de Deus.

Aconteceu naqueles dias que Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi batizado por João no rio Jordão. E, logo ao subir da água, ele viu os céus se rasgando e o Espírito, como uma pomba, descer até ele, e uma voz veio dos céus: “Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo” (MARCOS 1,9-11).

Segundo Vermes (2006), os evangelistas apontam que a autoridade da instrução de Jesus vinha das curas e exorcismos que aconteciam antes ou depois de seus ensinamentos. As curas de diversos doentes relatadas nos evangelhos, bem como a retirada de espíritos maus das pessoas que se aproximavam dele eram realizadas por contato corporal, em que Jesus tocava as pessoas ou se deixava tocar por elas. Esses sinais chamavam a atenção de que existia algo de extraordinário, incomum, singular e revolucionário naquele homem-judeu. Dessa maneira, surgiu na terra o cristianismo, um movimento sociocultural, religioso e político.

Dentre os inúmeros sinais realizados por Jesus em sua missão itinerante, destacam-se as várias curas e milagres capazes de fazer dele um homem carismático e desejado pelas pessoas, “pois havia curado muita gente. E todos os que sofriam de alguma enfermidade lançavam-se sobre ele para tocá-lo” (MARCOS 3,10).

Segundo o evangelista, as pessoas queriam ter um contato direto com o corpo físico de Jesus e, até mesmo, com sua roupa, como foi o caso da mulher que sofria há doze anos de uma hemorragia e que “ouvira falar de Jesus. Aproximou-se dele, por detrás, no meio da multidão, e tocou seu manto” (MARCOS 5,27). Com isso, “Jesus, o famoso curandeiro popular, também é, segundo os Evangelhos Sinópticos⁴, um exorcista muito requisitado” (VERMES, 2006, p.102). Entre tantos relatos de Jesus, parece-nos que o exorcismo teria sido uma das principais atividades de sua vida pública.

Além das curas e milagres realizados por Jesus, sua mobilidade e sua capacidade de ser um “mestre da fala” por meio de ditos proverbiais, metáforas e parábolas foram, sem dúvida, características que o fizeram se tornar conhecido, respeitado e aclamado como um líder carismático, capaz de profetizar sobre o Reino de Deus, tema crucial de suas mensagens. Desde o início de sua vida pública, todos os que o ouviam, ficavam espantados com seus ensinamentos “pois ele os ensinava como quem tem

⁴ Termo utilizado para se referir aos três primeiros Evangelhos (de Marcos, Mateus e Lucas) por eles, em geral, refletirem o mesmo ponto de vista e o mesmo enredo da vida de Jesus.

autoridade e não como os escribas” (MARCOS 1,22; LUCAS 4,32). Alguns estudiosos, como Vermes, afirmam que

nem Jesus nem João eram mestres permanentemente residentes numa só localidade. Jesus foi definitivamente um pregador itinerante, visitando cidades, povoados e aldeias além da fronteira em Cesareia de Filipo, em Golan, na região de Tiro e Sidônia, na Fenícia (Líbano), ou no território da Decápole, na Transjordânia (VERMES, 2006, p.189).

A facilidade com que se locomovia de região em região e seu desejo de estar com aqueles que reconhecia estarem necessitados fizeram com que a liderança de Jesus se tornasse eficaz e permanecesse durante os seus três anos de vida pública.

As parábolas bem apropriadas para a época, as metáforas e os provérbios cotidianos proporcionavam, com as provas de seus milagres, uma atmosfera carismática ao movimento iniciado por Jesus de Nazaré. Ele sempre acrescentava algo novo ao já dito: “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amais os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (MATEUS 5,43-44). Também dessa atitude inovadora de Jesus advinha a eficácia de sua liderança religiosa, que nunca caiu nas “armadilhas” dos doutores da lei e dos escribas.

Quando estes queriam pô-lo à prova, ele sabia recorrer ao seu carisma e deixá-los ainda mais perplexos. Os capítulos dois e três do evangelho escrito por Marcos nos trazem os conflitos entre Jesus e os escribas. O primeiro deles se deu quando, ao curar um paralítico, lhe disse: “Filho, teus pecados estão perdoados” (MARCOS 2,5). Dessa afirmação de Jesus, vieram as primeiras acusações de blasfêmia, pois, para os escribas somente Deus teria o poder de perdoar os pecados. Houve insatisfação dos Doutores da Lei quando Jesus fez refeição com os pecadores, quando não fez o jejum prescrito pelo Judaísmo, quando seus discípulos trabalharam em dia do sábado, quando ele curou um homem com a mão atrofiada, também no sábado. Até mesmo acusaram Jesus de agir em nome do próprio demônio. Por último, Marcos relata que o sétimo conflito com os escribas foi relacionado à sua família. Ao ser informado de que sua mãe e seus irmãos estavam do lado de fora do Templo o chamando, Jesus,

mais uma vez, responde aos “conhecedores da doutrina”: “Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (MARCOS 3,35).

Os evangelistas comprovam que a missão de Jesus foi bem-sucedida, pois ele “estava frequentemente cercado por multidões galileias, graças à sua reputação como curandeiro carismático” (VERMES, 2006, p.197). Seus discursos convincentes, suas argumentações invejáveis, enfim, a capacidade extraordinária de sua comunic(ação) eram a garantia do sucesso da sua missão, do seu poder em fazer seguidores e da sua brilhante inteligência na edificação do cristianismo.

Dentre os milagres de Jesus, o da ressurreição de Lázaro, morto há quatro dias, narrado no capítulo onze de João, foi o motivo crucial pelo qual os chefes dos judeus da época perceberam que o poder revolucionário dele estava desordenando as estruturas dos ensinamentos religiosos e, então, resolveram agir para dar fim à liderança e àquele movimento do Nazareno.

Imaginemos o sentimento de inveja e de ira despertado nos chefes dos judeus, quando ouviam dizer que um carpinteiro local, sem nenhum estudo, teria se ascendido a um famoso líder carismático e exorcista. Segundo os evangelhos, os judeus, admirando a fama de Jesus, se perguntavam: “Como entende ele de letras sem ter estudado?” (JOÃO 7,15).

Com isso, a queda de Jesus é planejada e executada “sob acusação de blasfêmia por chamar-se de Messias, o filho de Deus” (MARCOS 14,43-64; MATEUS 26,47-66).

Obviamente, depois de todos os fatos que precederam à prisão, crucificação e morte de Jesus, sua ressurreição foi o fator determinante, para que seus seguidores continuassem praticando seus ensinamentos e registrassem esses fatos pelos quais podemos conhecer sua pessoa.

Nos relatos de sua ressurreição (JOÃO 20,1-18; MARCOS 16,1-8; MATEUS 28,1-10), encontramos mulheres sendo as primeiras testemunhas do ápice da profecia: “No primeiro dia da semana, muito cedo ainda, elas foram ao sepulcro, levando os aromas que tinham preparado” (LUCAS 24,1).

A doutrina, as obras e os milagres foram os fatos mais marcantes da missão de Jesus aqui na terra, pois revelaram seu poder carismático. O poder de sua comunic(ação), perpassando os seus extraordinários dons de “falar bem” e de ser missionário, levou multidões ao seu encontro, onde ele estivesse, para ouvi-lo, tocá-lo, presenciar seus milagres e serem curados por ele.

Contudo, “Jesus não facilitou a pesquisa histórica com sua atitude deliberada de não deixar qualquer registro escrito das suas ideias” (VERMES, 2006, p.231). O que sabemos a respeito do homem nascido em Belém, criado em Nazaré, morto e ressuscitado em Jerusalém são narrativas de sua vida, de suas ideias e de seus discursos, escritas não por historiadores profissionais, mas por pessoas simples, algumas que até viveram com ele.

2.2 FRANCISCO DE ASSIS: O POVERELLO

O século XIII foi marcado, dentre outros fatos históricos, pela heroica ousadia de um jovem burguês, da cidade de Assis, na Itália, que, ao renunciar aos bens materiais de sua família, entregou-se à causa do evangelho de Cristo.

A experiência na capela de São Damião, na qual o jovem burguês relata que um crucifixo bizantino teria lhe pedido “Francisco, reconstrói a minha Igreja” foi decisiva em sua escolha pela pobreza. Esse episódio tornou-se crucial para que o italiano de Assis tomasse a decisão de deixar para trás toda sua herança paterna e seguir a essência do pedido da cruz. Seu coração parecia desfrutar de uma paz indescritível.

Num primeiro momento, Francisco de Assis entende que o pedido do crucifixo era para que ele começasse a reformar a pequena igrejinha de São Damião que estava em ruínas. Mais tarde, ele percebe que a reconstrução solicitada pela cruz se referia às atitudes da própria Igreja Católica, que não estava preocupada com a verdadeira missão ensinada por Jesus. Interessante saber que, no período de Francisco, Roma usufruía de luxos e de poderes contrários ao evangelho de Cristo.

Segundo Baggio (1982), em 1209, Francisco de Assis, ouvindo durante uma missa a proclamação do evangelho entende após a homilia, de modo perfeito, a recomendação da cruz da igreja de São Damião:

Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. De graça recebestes, de graça dai. Não leveis ouro, nem prata, nem cobre nos vossos cintos, nem alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem cajado, pois o operário é digno do seu sustento (MATEUS 10,8-10).

A homilia dessa missa se tornou determinante, para que o jovem italiano compreendesse e começasse a viver o desejo da cruz de São Damião. Dessa forma, ele abandonou tudo que lhe era supérfluo e começou a exercer sua missão. Francisco surge na história do cristianismo como um sol que nasce em meio à escuridão de uma tempestade de verão. Ele, naquele momento histórico, era a forma mais criativa de resgatar a essência da mensagem evangélica.

Viver o desapego, despojar-se de todos os bens materiais de seu pai e assumir a condição da pobreza era a maneira mais extraordinária, para que o mundo visse surgir o franciscanismo na Itália, na Europa e em outros continentes.

Seus exemplos e atitudes despertavam um sentimento de bem-estar a todos que o ouviam. Essas características de Francisco fizeram com que muitos viessem ao seu encontro no desejo de viver seus ideais. Baggio (1982) relata que Bernardo de Quintavalle, rico comerciante de Assis, após observar o estilo de vida de Francisco, vende toda a sua riqueza e a distribui em praça pública. Também o fez Pedro de Cattani, doutor em Direito e segundo seguidor de Francisco. Não obstante, vários padres se convertem à vida desapegada e pobre de Francisco e começam a segui-lo. Em 16 de abril de 1210, Francisco e seus primeiros seguidores recebem do Papa Inocêncio III a aprovação para viverem “o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, em obediência, sem propriedade e em castidade” (BAGGIO, 1982, p.28).

O que Francisco de Assis não esperava era que sete anos após o Papa acolher sua regra de vida, o número de seus seguidores já chegasse a cinco mil. Então, era

preciso estabelecer algumas normas que pudessem orientar e direcionar o novo estilo de vida proposto pelo Poverello. Eram homens e mulheres, solteiros e casados que deixavam tudo para seguir o exemplo singular do “pobrezinho” de Assis. Ele soube acolher a todos. O carisma do jovem de Assis, que desposou-se com a pobreza, que amou e respeitou a natureza, a ponto de personificá-la chamando a lua, o sol, a terra, a água e, até mesmo, a morte, de irmãos, fez com que ele se tornasse um dos santos mais populares da Igreja Católica e um revolucionário do cristianismo.

O legado de sua vida está fundamentado num estilo de vida para o qual os pobres e abandonados tinham voz e vez. Toda a criação e suas criaturas devem viver em harmonia como numa “casa comum⁵”. Portanto, escreve o Papa Francisco, no parágrafo de número dez de sua segunda encíclica *Laudato si'*: “a pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio”.

2.3 LUTERO E A REFORMA PROTESTANTE

A Igreja vivenciou, no século XVI, fruto do pensamento renascentista, um movimento reformista-cristão, comparado por alguns historiadores como que um verdadeiro meteoro caído sobre a história e liderado por Martinho Lutero. No dia 31 de outubro de 1517, na porta da catedral de Wittenberg, o monge alemão, afixando suas “95 teses”, criticou vários pontos da doutrina católica e revelou seu descontentamento com sua própria instituição.

Dentre as acusações de Lutero à Igreja, estava sua descrença no comércio de indulgências⁶ vendidas pela instituição católica com promessas de vida eterna a todos que as comprassem. O pensamento do monge era baseado numa teologia em que a salvação do homem jamais poderia ser comprada, mas seria fruto de sua fé em Cristo.

⁵ Termo utilizado pelo Papa Francisco em sua segunda carta encíclica, “*Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum”.

⁶ Documentos impressos de ordem do Papa e que ofereciam remissão do tempo passado no purgatório para expiação dos pecados tanto para os vivos quanto para os mortos.

Entre as teses escritas por Lutero, também estavam sua condenação ao culto de imagens, ao poder do Papa e seu posicionamento acerca do celibato.

Esse movimento ficou conhecido como Reforma Protestante e foi um divisor de águas na história do cristianismo pois, além de se opor à dominação da Igreja Católica, fez com que todo o povo, não somente o clero tivesse acesso à leitura da Sagrada Escritura, nomeada “Palavra” por Lutero. Ao traduzir das línguas originais para a língua vernácula os livros da Bíblia, o monge oportunizou os fiéis a conhecerem os verdadeiros ensinamentos divinos e a se manifestarem contra toda forma de exploração exercida pela Igreja naquele momento sócio-histórico-cultural.

Em 1542, após o extraordinário momento histórico da Reforma Protestante, foi criado pela Santa Sé vários Dicastérios⁷. Um desses Dicastérios foi inicialmente composto por mais ou menos seis cardeais com a finalidade de velar sobre questões da fé católica fortemente abaladas pelo movimento de Lutero. A Congregação para a Doutrina da Fé⁸, Dicastério da Cúria Romana, a fim de promover e tutelar a doutrina sobre a fé e os costumes em todo o mundo católico, era o instrumento nas mãos do Papa que garantia a unidade dos cristãos-católicos.

Preocupados com o surgimento do protestantismo e com o número significativo de perda de fiéis, os bispos, juntamente com o Papa Paulo III, reuniram-se na cidade italiana de Trento, a fim de traçarem um plano que detivesse a ação reformista iniciada por Lutero. Dessa forma, a Igreja Católica respondeu ao mundo com Concílio de Trento, iniciado em dezembro de 1545, que ficou conhecido como o movimento da “Contrarreforma”. Esse Concílio fez uma reforma geral na Igreja Católica, sobretudo para combater o nascente protestantismo. Nele, foi decidido que os jesuítas iriam catequizar os povos das novas terras descobertas e que o Tribunal do Santo Ofício (da Inquisição) iria punir e condenar aqueles que eram acusados de heresia pela

⁷ Nome utilizado pela Igreja Católica para se referir aos diversos departamentos que constituem a Cúria Romana.

⁸ A Santa Inquisição Romana e Universal, conhecida inicialmente como Congregação para a Doutrina da Fé, embora tenha sido criada para combater, julgar e condenar qualquer heresia que ameaçasse a Igreja Católica em tempos de Reforma Protestante, avançou no pontificado do Papa Francisco como um Tribunal Eclesiástico, uma vez que começou a tratar diretamente de questões sobre os casais de segunda união, os homossexuais, o reconhecimento da mulher no serviço da Igreja e a autonomia dos bispos diocesanos em analisar e julgar os pedidos de nulidade matrimonial.

Igreja. Ainda, o Concílio de Trento reafirmou o Cânon⁹ das Sagradas Escrituras, declarou a Vulgata¹⁰ isenta de erros teológicos, doutrinou sobre o pecado original, a veneração e invocação dos santos, a existência do purgatório e a credibilidade das indulgências. Confirmou a doutrina dos sete sacramentos e dos dogmas eucarísticos e iniciou a discussão do primado do Papa e do papel da Igreja Católica como “sociedade universal de salvação”.

Na história do cristianismo, sempre houve figuras que se tornaram responsáveis por mudanças na estrutura da Igreja Católica. No século XIII, por exemplo, lembramos de Francisco de Assis, o jovem burguês que, após ter sua experiência com Cristo, renunciou a todos os seus bens terrenos e suas próprias roupas, a fim de reinventar a vida apostólica, num momento em que a Igreja ostentava luxo e riquezas adquiridas ao longo de sua existência.

Dessa maneira, não foi diferente o final do século XV e o início do século XVI, quando o monge alemão Martinho Lutero, homem medieval mais do que moderno, determinado, inteligente e teólogo revolucionário, ofereceu novas respostas a antigas perguntas que permeavam seu tempo.

Lutero acreditava que a morte de Cristo na cruz já havia oferecido a redenção dos pecados de todo o mundo, por isso, defendia que tal redenção era destinada a cada cristão individualmente somente por meio da fé. Dessa forma, nada mais seria capaz de conceder-lhe a salvação. Esse pensamento do teólogo era equivalente à sua crença de que a misericórdia de Deus tornava o homem virtuoso, fazendo brotar nele o dom da fé.

Quando o jovem monge se deparava com a Igreja pregando a salvação das almas por meio do comércio de indulgências, sentia que era necessário fazer algo que pudesse levar o povo a ter a possibilidade de questionar e se posicionar contra esse tipo de exploração e controle das mentes. Era necessário dar aos humildes e aos pobres a

⁹ Livros que constituem a Bíblia e que são reconhecidos pela Igreja Católica e aceitos pelas demais religiões cristãs como inspiração divina.

¹⁰ Tradução para o latim dos livros constituintes da Bíblia e que foi reconhecida pela Igreja no Concílio de Trento.

oportunidade de conhecerem a verdadeira doutrina praticada por Jesus Cristo, seus ensinamentos sobre o Reino de Deus e sobre a salvação eterna.

Segundo alguns historiadores, Lutero não pretendia provocar nenhuma divisão na Igreja, nem mesmo algum rompimento com ela, mas apenas queria discutir, sob a luz da Teologia, algumas de suas práticas. Embora suas teses não tenham sido as primeiras tentativas em que propôs um debate público, a fim de dialogar e discutir as inúmeras práticas religiosas de seu tempo, foram consideradas o marco inicial de sua revolução, conhecida em todo o mundo como a Reforma Protestante.

Apesar de Jesus ter iniciado o cristianismo, ele não foi cristão. Da mesma forma, Francisco não foi franciscano e nem Lutero foi luterano. Essas três figuras, ao reinventarem, ou, até mesmo, interromperem a história, representavam o funcionamento de uma força revolucionária que Weber¹¹, mais tarde, chamou de “carisma”¹².

De acordo com Collinson (2006), a concentração obstinada de Lutero na “Palavra” produziu mudanças verdadeiras e revolucionárias. Antes dele, a Igreja não havia recebido grandes desafios doutrinários. Lutero sabia e acreditava que, para a salvação do homem, bastava-lhe a misericórdia de Deus.

Entre as teses escritas pelo monge, a fim de questionar os dogmas e os ensinamentos da Igreja, estavam questões políticas contrárias às atitudes e aos poderes conferidos ao Papa e que, segundo Lutero, se afastavam dos verdadeiros ensinamentos da “Palavra”. Lutero denunciava que a Palavra de Deus havia sido silenciada nos cultos e que acabou sendo substituída por lendas e histórias mentirosas. Vendiam relíquias de santos e indulgências, para que as pessoas garantissem a salvação ou tivessem diminuídas suas penas e de seus antepassados no purgatório. Esse tipo de atitude da Igreja fez com que ele questionasse sua fé e tivesse o desejo de resgatar e fazer a Palavra de Deus chegar a todas as pessoas, sobretudo, às mais simples. Suas reivindicações eram frutos de uma Teologia conhecida, segundo Collinson (2006),

¹¹ Trataremos das contribuições de Weber (1981, 1999a, 1999b) no Capítulo 3 desta dissertação.

¹² Em decorrência de que o “carisma” será uma categoria de nossas análises, abordaremos esse tema, mais apropriadamente, no próximo capítulo.

como “Teologia da Cruz”, para a qual somente a fé em Cristo era capaz de garantir a salvação aos que nele cressem.

Em suma, Lutero propôs discutir, em suas teses, a infabilidade do Papa, a aplicabilidade do sacramento da penitência e a questão da condenação e salvação das almas. Com isso, ele fez com que o povo tivesse a possibilidade de questionar as práticas da Igreja Católica, que se colocava como a única capaz de ser o caminho para garantir a salvação de todos. As discussões geradas a partir da Teologia do monge alemão permitiram que a história do cristianismo tomasse um novo rumo, marcada pelo surgimento das primeiras religiões protestantes da humanidade.

2.4 A RENÚNCIA DO PAPA EMÉRITO BENTO XVI

No final do pontificado de São João Paulo II¹³, o mundo via os recursos midiáticos divulgarem casos de pedofilia de padres que fizeram com que a instituição milenar, Igreja Católica, começasse a perder sua credibilidade e seus fiéis. A idade avançada do Papa e sua saúde fragilizada não foram capazes de fazer com que ele renunciasse ao seu governo. Assim, na noite do dia 02 de abril de 2005, em meio a uma multidão que estava em vigília na Praça de São Pedro, o mundo ouvia o Vaticano anunciar a morte do Papa peregrino, também conhecido como “João de Deus”.

Era necessário pensar no conclave, pois o “trono de Pedro” não deveria ficar muito tempo sem alguém para administrá-lo. Um dos nomes mais cotados era o do cardeal Ratzinger, que havia sido por 25 anos o colaborador mais próximo de São João Paulo II e o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. De fato, o conclave de 2005 elegeu o cardeal alemão para administrar a Igreja Católica. Bento XVI parecia aceitar os desafios da pós-modernidade, que perpassavam a crescente fragilidade da paisagem intelectual e cultural do catolicismo. Entretanto, antes de completar oito anos de governo, no dia 28 de fevereiro de 2013, o Papa deixou a Sé vacante à espera

¹³ O pontificado do Papa João Paulo II durou 26 anos, de outubro de 1978 a abril de 2005. No dia 27 de abril de 2014, o Papa Francisco canonizou João Paulo II que passou a ser chamado, pela Igreja Católica, São João Paulo II.

de alguém que estivesse atento às necessidades de uma Igreja maculada pelas inúmeras denúncias de casos de pedofilia por parte de seus clérigos (muitas vezes, encobertos por eles mesmos); práticas homossexuais de bispos e padres, até mesmo muito próximos ao Papa e da existência de uma ampla rede de corrupção nas instituições eclesásticas, tudo divulgado na mídia internacional.

Durante o consistório para a canonização de alguns beatos, o Papa Bento XVI, confessou: “Depois de ter examinado repetidamente a minha consciência diante de Deus, cheguei à certeza de que minhas forças, devido à idade avançada, já não são idôneas para exercer adequadamente o ministério petrino” (PIQUÉ, 2014, p.18). Bento XVI não mencionou, em momento algum, que os fatos inaceitáveis de representantes eclesásticos teriam feito com que sua consciência tivesse a necessidade de pensar e assumir a atitude de sua renúncia. Com certeza, não seria fácil continuar administrando o trono de Pedro aos 75 anos de idade e com os inúmeros fatos divulgados pelos recursos midiáticos internacionais.

Por um gesto extraordinário de Bento XVI, no dia 11 de fevereiro de 2013, o mundo via, depois de mais de seiscentos anos, um Papa renunciar o trono de Pedro. Após treze dias do anúncio de sua renúncia, o Papa emérito rezou seu último *Angelus* com milhares de pessoas, vindas de toda a Itália para lhe darem adeus. No fim, proclamou: “O Senhor me chama a ‘subir ao monte’, a me dedicar ainda mais à oração e à meditação. Mas isso não significa abandonar a Igreja” (PIQUÉ, 2014, p.192). Nesse mesmo dia, anunciou que, às 20 horas do dia 28 de fevereiro, a Sé ficaria vacante e a Igreja Católica deveria preparar um novo conclave. No dia em que iria deixar o Vaticano, o Papa emérito se despediu, dizendo: “Obrigado, de coração. Como sabem, neste dia, às oito da noite, não serei mais Pontífice. Sou simplesmente um peregrino que começa a última etapa de uma peregrinação nesta terra” (PIQUÉ, 2014, p.195). Os sinos das igrejas de Roma tocaram num tom de despedida, anunciando a tristeza de um Vaticano sem Papa.

Agora era necessário convocar os cardeais de todo o mundo para organizarem o conclave e, com isso, escolherem aquele que substituiria o Papa emérito Bento XVI. Dentre os cardeais papáveis estava o argentino, Jorge Mario Bergoglio, um dos que ajudou a escrever o Documento de Aparecida e que, segundo relatos de jornalistas,

havia sido um nome cotado no conclave de 2005, mas que não teria assumido a Cúpula Romana por informações que ocorreram entre os cardeais de que ele teria sido cúmplice da ditadura militar na Argentina.

Às vésperas da comemoração dos cinquenta anos do Concílio Vaticano II, aos 76 anos, o cardeal Bergoglio foi eleito o Papa. Iniciou seus trabalhos pastorais sob os desafios de uma Igreja que ainda mantinha seu poder de exclusão. Exemplo disso era a dificuldade ao batismo de filhos de mães solteiras, à restrita aceitação de mulheres nas atividades da Igreja, ao não acolhimento de divorciados, à impossibilidade da comunhão para os casais de segunda união e ao não acolhimento de homossexuais nos trabalhos eclesiais. O Papa argentino queria fazer com que discussões sobre temas relevantes, ainda não resolvidos no Concílio Vaticano II, fossem reavaliados e colocados em prática dando, assim, novos rumos à história da Igreja Católica.

2.5 PAPA FRANCISCO E OS TRÊS PRIMEIROS ANOS DE SEU PONTIFICADO

No dia 13 de março de 2013, era apresentado ao mundo aquele que a Igreja havia escolhido para continuar a administrá-la frente aos desafios deixados pelo Papa emérito, Bento XVI. A maioria dos cardeais esperava que o Papa eleito fosse um europeu e que tivesse uma postura diplomática como seu antecessor. Entretanto, o que ocorreu foi a eleição de um cardeal latino-americano de postura simples e acessível que disse aos fiéis, reunidos na Praça de São Pedro, ter sido buscado “quase ao fim no mundo” para se tornar o “Bispo de Roma” (PIQUÉ, 2014, p.38).

Naquele entardecer do mês de março, o mundo ouviu, da sacada central da Basílica Vaticana, a primeira saudação do novo Pontífice. Seu jeito manso, sorridente, humilde e descontraído apontou para um discurso simples, direto e aparentemente disposto a se colocar a serviço da instituição que lhe concedeu seu cargo mais alto. O Santo Padre escolheu para o exercício de seu governo um nome que trazia em si uma mensagem clara, direta, forte e que, mais tarde, explicou aos jornalistas que fazia referência ao tipo de programa de governo que desejaria implantar, deixando claro

quais rumos sua Igreja tomaria a partir daquele momento. Assim, sem muitos protocolos, revelou ao mundo o motivo da escolha do nome “Francisco”.

Embora a eleição de Jorge Mário Bergoglio ao cargo mais alto da Igreja Católica não tenha sido concretizada no conclave de 2005, quando Bento XVI foi eleito para implantar um governo voltado à tradição do catolicismo e para combater o desafio intelectual e cultural da pós-modernidade, o mundo ouvia a Igreja anunciar, oito anos depois, seu primeiro Papa jesuíta, argentino e latino-americano. Um dos nomes mais cotados do conclave de 2005 e, até então, desconhecido pela mídia, assumiu a Cúpula Romana, no momento em que esta passava por complicadas denúncias de corrupção, lavagem de dinheiro, denúncias de pedofilia, casos de homossexualidade por parte de diversos padres e bispos da Igreja e que teriam sido os verdadeiros desencadeadores da renúncia de seu predecessor.

Em meio às águas turbulentas que adentravam à Igreja Católica, os primeiros desafios do governo do Papa Francisco, divulgados pela mídia internacional, também foram os escândalos envolvendo documentos secretos do Vaticano. Esses documentos revelavam a existência de uma ampla rede de nepotismo e favoritismo relacionados a contratos com preços inflacionados com parceiros italianos conhecido como *Vatileaks* e as denúncias do diretor do Banco do Vaticano, o monsenhor Battista Ricca, que teria envolvimento em casos homossexuais.

O primeiro Papa jesuíta, que assumiu a Cúpula Romana num momento histórico, após a saúde frágil e a renúncia de seu antecessor, Bento XVI, que alegou sua incapacidade de continuar remando o “barco de Pedro” e exercendo seu papel de liderar mais de 1,2 bilhão de católicos em todo o mundo, demonstrou combater a desigualdade social e o abuso de poder dentro e fora de sua instituição. Francisco, parecia não querer mais uma Igreja autorreferencial¹⁴, doente de narcisismo, mas uma Igreja que saísse de si e chegasse às periferias existenciais.

Quando sai vestido de Papa, de branco, pasma os cardeais, pois leva sua cruz habitual e seu anel de prata; rejeitou a cruz peitoral pontifícia de ouro.

¹⁴ Termo bastante utilizado pelo Papa Francisco para se referir a uma Igreja que coloca a si mesma no centro e, ao invés de se colocar como servidora, se torna “controladora”.

Também não leva a esclavina vermelha que seus predecessores usaram quando se apresentaram ao mundo. “Não obrigado”, diz Bergoglio ao assistente que o ajuda a vestir-se. “Não é carnaval”, acrescenta em tom de brincadeira, segundo versões pouco verossímeis da imprensa italiana. Tampouco deixa que tirem seus sapatos pretos, ortopédicos. Jamais poderia usar esses mocassins vermelhos, cor de sangue, que lhe oferecem. Desde o primeiro minuto, o Papa argentino é firme. Sabe exatamente o que quer e o que não quer (PIQUÉ, 2014, p.35).

Os gestos e a atitude que o novo Papa assumiu, desde o primeiro dia de seu governo, após o famoso *habemus Papam*¹⁵, quando pediu a multidão que, antes de dar-lhes a benção, o abençoasse em silêncio; seu jeito sereno de rejeitar a limusine preta que o esperava para levá-lo ao jantar após o conclave e o seu famoso pedido “rezem por mim” foram cruciais para entendermos a trajetória de seus discursos.

Quase meio século após o fim do Vaticano II, a Igreja pareceu recuperar no tempo as propostas do Concílio, elegendo um Papa que, embora não tenha participado ativamente desse movimento da Igreja como seus quatro antecessores, seria “fruto dos ensinamentos deste Concílio”. O Papa Francisco, diferentemente de seus predecessores que convocaram ou participaram diretamente das discussões do Concílio Vaticano II é “filho do Concílio”, pois não estava em Roma para as reuniões conciliares, mas estudando Filosofia e Teologia na Argentina. O Santo Padre

(...) define o Concílio Vaticano II como “uma bela obra do Espírito Santo”. E faz notar que, cinquenta anos depois, há vozes que querem “retroceder” ou transformá-lo em “monumento”. Por isso diz que é oportuno se perguntar se “fizemos tudo que o Espírito Santo nos disse no Concílio, na continuidade do crescimento da Igreja” (PIQUÉ, 2014, p.186).

Dando continuidade aos governos dos quatro Pontífices que o antecederam e foram cruciais para o Concílio Vaticano II, São João XXIII, Paulo VI, São João Paulo II e Bento XVI (aqui e acima não mencionamos o papado de João Paulo I em decorrência de apenas seus trinta e três dias frente à Igreja), os discursos do Papa Francisco revelaram-se, desde o início de seu pontificado, preocupados com a desigualdade

¹⁵ Do latim. A frase significa em português: “Temos um Papa”. Também designa o texto lido por um cardeal para anunciar ao mundo a eleição de um novo Papa.

social, dentro e fora de sua própria instituição, com o abuso de poder cometido pelos representantes da Igreja em todo o mundo e com as práticas de exclusão que apontavam para uma Igreja autorreferencial, fechada em seus próprios dogmas, mesmo que lhes custassem à falência de sua própria estrutura que sempre pregou a opção preferencial pelos pobres a exemplo de Cristo.

Embora a Igreja Católica sempre tivesse tratado de temas, como pobreza, misericórdia e serviço, seu objetivo maior era reproduzir a ideologia que a teria sustentado e proporcionado poder, durante dois milênios de cristianismo.

2.5.1 Os primeiros passos do Papa Francisco

De acordo com Piqué (2014), após o *habemus Papam* e a benção apostólica “*urbi et orbi*”¹⁶, Francisco recusou usar a limusine preta que estava à sua espera e iria levá-lo à casa Santa Marta para o jantar. O Santo Padre foi de ônibus com os 114 cardeais que participaram do conclave: “quero um carro normal, que não chame a atenção, e uma escolta mínima” (PIQUÉ, 2014, p.159), ressaltou o Papa.

“(...) O símbolo do ministério petrino, seu anel de pescador não será de ouro, mas de prata dourada”. Seus paramentos litúrgicos não mais carregados, mas normais, discretos, sóbrios como ele e, seu lema continuará sendo o mesmo quando foi eleito bispo em 1992: *Miserando atque eligendo*, “Olhou-o com misericórdia e o escolheu”. Desde o início, Francisco tem a coragem de se colocar contrário às velhas tradições (PIQUÉ, 2014, p.176-177).

Outro fato que surpreendeu a todos é que decidiu morar na residência de Santa Marta, deixando de lado o Palácio Apostólico. Apenas aos domingos utiliza uma de suas janelas para recitar a oração mariana do *Angelus*. O Santo Padre, por diversas vezes,

¹⁶ Termo oriundo do latim que significa “à cidade de Roma e ao mundo”, também designada à benção que o Papa concede aos fiéis da varanda central da Basílica Vaticana.

afirmou que não seria questão de rejeitar à riqueza escolher morar em um dos apartamentos de Santa Marta, mas pela necessidade de conviver próximo às pessoas. Sua rotina diária de morador da casa Santa Marta é todas as manhãs, às sete horas, celebrar a missa com a presença não somente de cardeais ou bispos, que ali residem com ele, mas de funcionários, como os garis e jardineiros do Vaticano.

Mais uma vez, no dia 03 de setembro de 2015, o Santo Padre surpreendeu o mundo, ao sair do Vaticano acompanhado de apenas um motorista, para visitar uma ótica no centro de Roma, a fim de trocar seus óculos. Esse fato repercutiu na mídia e nas redes sociais revelando a simplicidade e o jeito humano de ser do Papa.

Nos três primeiros anos de seu pontificado, Francisco realizou doze viagens internacionais das quais a primeira foi ao Brasil em decorrência da XXVIII Jornada Mundial da Juventude, ocorrida entre os dias 22 a 29 de julho de 2013. No ano de 2014, Francisco viajou para fora da Itália, indo peregrinar na Terra Santa; visitou a República da Coreia, a Tirana na Albânia, o Parlamento Europeu e o Conselho da Europa e a Turquia. Em 2015, o Papa visitou Sri Lanka e Filipinas, Sarajevo na Bósnia-Herzegovina, Equador, Bolívia e Paraguai. Ainda foi a Cuba, aos Estados Unidos da América e à Sede da Organização das Nações Unidas (ONU), onde discursou. Visitou, neste mesmo ano, o Quênia, Uganda e a República Centro-Africana. Dentre suas viagens apostólicas fora da Itália, visitou, no ano de 2016, o México, concluindo, assim, a décima segunda viagem internacional no terceiro ano de seu pontificado.

Dentre as centenas de discursos proferidos em três anos de governo, ressaltamos o do dia 22 de dezembro de 2014, na sala Clementina no Vaticano, que foi bastante divulgado pelos recursos midiáticos. Nele, o Papa Francisco, dirigindo-se aos cardeais para desejar-lhes bons votos de Natal, como o costume de seus antecessores, mais uma vez, surpreende a Cúria Romana afrontando-a e elencando quinze doenças das quais ela estaria sofrendo. Francisco afirma que o membro da Cúria que não se alimentasse diariamente de uma relação vital, pessoal, autêntica e sólida com Cristo poderia se tornar um mero funcionário eclesiástico, morrer e ser lançado fora:

Um membro da Cúria que não se alimente diariamente com semelhante Alimento tornar-se-á um burocrata (um formalista, um funcionalista, um mero funcionário): um ramo que pouco a pouco seca e morre e é lançado fora. A oração diária, a participação assídua nos sacramentos, especialmente na Eucaristia e na Reconciliação, o contacto diário com a Palavra de Deus e a espiritualidade traduzida em caridade vivida são o alimento vital para cada um de nós. Seja claro para todos nós que, sem Ele, nada poderemos fazer¹⁷.

Publicou duas encíclicas¹⁸, sendo a primeira *Lumen Fidei*¹⁹, de 29 de junho de 2013, e a segunda *Laudato si*²⁰, de 24 de maio de 2015. “A luz da fé”, a primeira encíclica de seu papado, ficará marcada na história, pois foi iniciada por Bento XVI, concluída e publicada por Francisco, o primeiro documento escrito a “quatro mãos” por dois Papas vivos. Embora o Papa emérito tenha começado a escrevê-la, a encíclica expressando a unidade da Igreja, foi publicada com apenas a assinatura do Papa Francisco. Dessa forma a Igreja Católica afirmou que não têm dois Papas, mas apenas um que corresponde ao sinal visível do sucessor de São Pedro. A finalidade da primeira encíclica do Papa é a de recuperar o caráter de luz que é específico da fé, capaz de iluminar toda a existência humana. O Pontífice Romano nos ensina que “quando falta a luz, tudo se torna confuso: é impossível distinguir o bem do mal, diferenciar a estrada que conduz à meta daquela que nos faz girar repetidamente em círculo, sem direção” (LUMEN FIDEI, N°3).

“Louvado sejas”, a segunda encíclica do Papa Francisco, tem o subtítulo “Sobre o cuidado da casa comum” e é uma alusão ao cântico das criaturas de Francisco de Assis. Nela, o Papa critica o consumismo e o desenvolvimento irresponsável das nações que degradam o meio ambiente e fazem surgir alterações climáticas. O Santo

¹⁷O discurso na íntegra pode ser encontrado no site oficial do Vaticano através do link: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papa-francesco_20141222_curia-romana.html

¹⁸ Cartas escritas pelo Papa abordando algum tema da doutrina católica e dirigidas aos bispos do mundo inteiro e por meio deles aos seus fiéis.

¹⁹ A Carta Encíclica, *Lumen Fidei* (Luz da Fé), publicada no dia 29 de junho de 2013, primeiro ano do Pontificado do Papa, pode ser encontrada na íntegra no site oficial do Vaticano, pelo link: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html

²⁰ *Laudato si* (Louvado sejas) é a segunda Encíclica do Papa Francisco, publicada no site do Vaticano no terceiro ano de seu governo, no dia 24 de maio de 2015 e pode ser encontrada pelo link: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html

Padre Francisco reconhece com o cântico de Francisco de Assis que a Terra, nossa “casa comum”, pode ser comparada “ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços” (LAUDATO SI, Nº1).

2.5.2 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium* - o governo do Papa

Dentre as publicações do Papa Francisco, em três anos de pontificado, destacamos a síntese de seu pensamento e de seu projeto de governo, descritos, detalhadamente, em sua primeira exortação apostólica *Evangelii Gaudium*²¹ sobre a alegria do anúncio do Evangelho num mundo globalizado. Embora uma exortação seja um gênero diferente de uma encíclica e, portanto, tenha um tom maior de informalidade, é nela que encontramos as principais ideias da administração apostólica do Papa latino-americano.

A primeira exortação de seu pontificado constituída de cinco capítulos com 288 parágrafos demarca os caminhos para os quais Francisco deseja levar sua “Igreja pobre”, desde o primeiro momento em que assume a “barca de Pedro”. Os temas que são relevantes ao desenvolvimento de nossa pesquisa são aqueles relacionados à questão do serviço, da pobreza e da misericórdia. Esses temas constituem os pilares do governo de Francisco.

O primeiro tema trata da questão do “serviço” e está explicitado na exortação do Papa nos parágrafos 39, 43, 59, 76, 88, 96, 102, 104, 106, 133, 147, 155, 163, 173, 179, 187, 190, 194, 199, 232, 238, 246, 287 e 288. Francisco ressalta que os ministros ordenados, embora sejam minoria, devem estar a serviço da maioria do povo de Deus, constituída por leigos. No parágrafo 104, afirma o Santo Padre: “o sacerdócio ministerial é um dos meios que Jesus utiliza ao serviço do seu povo” (PAPA FRANCISCO, 2013, p.63). Desde os primeiros minutos após sua eleição como Papa,

²¹ “Alegria do Evangelho”, primeira exortação apostólica do Papa Francisco, publicada após oito meses do início de seu Pontificado. Esta exortação cujo tema “*Evangelii Gaudium*” é o centro do plano de governo do Papa e pode ser encontrada no site oficial do Vaticano pelo endereço eletrônico: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html

o cardeal argentino sempre ressaltou que os líderes de sua Igreja deveriam ter o poder como sinônimo de serviço, isto é, colocar-se no lugar do Cristo que, embora fosse o filho de Deus, “se despojou, tomando a forma de escravo, abaixou-se tornando-o obediente até a morte, à morte sobre uma cruz” (FILIPENSES 2, 7-9).

Os “pobres” tão defendidos, desde os primeiros discursos do Papa Francisco, estão descritos explicitamente nos parágrafos de números 2, 7, 17, 21, 48, 57, 58, 59, 60, 63, 70, 76, 80, 97, 123, 125, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 207, 212, 218, 236, 252, 265, 286 e 288.

O parágrafo de número 186 nos traz uma síntese do pensamento de Francisco em relação à inclusão social dos pobres. Ele escreve: “deriva da nossa fé em Cristo, que Se fez pobre e sempre Se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade” (PAPA FRANCISCO, 2013, p.109). Dez parágrafos adiante, o Papa repete seis vezes a palavra “pobre” no mesmo item. Entretanto, o que nos chama à atenção é que Francisco afirma “que as alegrias mais belas e espontâneas, que vi ao longo da minha vida, são as alegrias de pessoas muito pobres que têm pouco a que se agarrar” (PAPA FRANCISCO, 2013, p.10).

Dentre as diretrizes propostas no parágrafo 17 de sua exortação está a inclusão social dos pobres e adverte que, “em nome de Cristo, devo lembrar que os ricos devem ajudar os pobres, respeitá-los e promovê-los” (PAPA FRANCISCO, 2013, p.39). O ápice de sua abordagem aos pobres está descrito no parágrafo 198, no qual o Papa Francisco explicita o mesmo desejo pronunciado em seu terceiro discurso público, o qual analisamos no último item deste capítulo, de “uma Igreja pobre e para os pobres”.

Os parágrafos de números 3, 6, 24, 37, 43, 44, 112, 114, 164, 179, 188, 193, 194, 197, 198, 252 e 285 abordam diretamente o tema da “misericórdia”, inúmeras vezes trazido pelo Papa em suas homilias. Ressaltamos que, no parágrafo 193, o Papa repete nove vezes o vocábulo “misericórdia”, revelando seu modelo idealizado de Igreja.

Afirma o Papa que “a salvação, que Deus nos oferece, é obra da sua misericórdia” (PAPA FRANCISCO, 2013, p.67) e que “a Igreja deve ser o lugar da misericórdia

gratuita” (PAPA FRANCISCO, 2013, p.69). Essas premissas de Francisco trazem em si os ideais de que todos possam ser acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem suas vidas, de acordo com os ensinamentos de Cristo. E mais, que a salvação oferecida por Deus deve ser anunciada pela Igreja Católica para todos, sem exclusão de ninguém.

Os três pilares do governo do Sumo Pontífice nos permitem compreender o motivo pelo qual ele teria escolhido o nome “Francisco” para o exercício de seus trabalhos e de seu pastoreio frente à “Santa Mãe Igreja hierárquica”, como fala em suas homilias.

No plano de governo do Papa, estão as seguintes estratégias: a descentralização do poder da Cúria Romana, a transparência da administração eclesiástica, a diminuição e melhor funcionamento dos Dicasterios, a implantação da “cultura do encontro”, a questão da função das mulheres na Igreja, a propagação da compaixão e da misericórdia evangélicas, o acesso de todos fiéis aos sacramentos e às celebrações, o novo significado do “serviço” eclesiástico, a defesa dos mais pobres e marginalizados. Enfim, aparenta querer que toda a Igreja Católica coloque em prática as propostas do Concílio Ecumênico Vaticano II.

Além das encíclicas e de sua exortação apostólica, ele escreveu durante os três primeiros anos de seu governo, 178 homilias, que estão publicadas no site oficial do Vaticano e, em sua maioria, traduzidas em seis línguas, inclusive para o português. Ressaltamos que, no quarto capítulo desta dissertação, fragmentos dessas homilias compõem o *corpus* principal, de nossa pesquisa, pois elas são cruciais para fazer-se conhecer a ideologia nos discursos do Papa Francisco.

Assim como é claríssimo nas homilias que escreve, também sabe explicar perfeitamente nas entrevistas o que quer dizer. Em ambos os casos, usa o recurso jesuítico de colocar os assuntos a partir de três pontos ou três ideias principais. Está ciente da importância crucial da mídia no mundo atual, até para a Igreja Católica. “A revolução tecnológica e os processos de globalização formatam o mundo atual como uma grande cultura midiática. Isso envolve uma capacidade para reconhecer as novas linguagens, que podem favorecer uma maior humanização global. Essas novas linguagens configuram um elemento articulador das mudanças na sociedade. Nosso século tem sido influenciado pelos meios de comunicação social, por isso, o primeiro anúncio, a catequese ou o posterior aprofundamento da fé não podem prescindir desses meios”, assinalam os pontos 484 e 485 do documento de Aparecida, claramente inspirado por Bergoglio, e que dedica diversas reflexões à mídia (PIQUÉ, 2014, p.149).

2.5.3 "Alguns não sabiam por que o Bispo de Roma se quis chamar Francisco"

O desejo da Igreja Católica, quando elegeu Francisco ao papado, era recuperar sua imagem maculada pelos inúmeros escândalos divulgados na mídia internacional desde o final do pontificado de São João Paulo II e durante o governo de Bento XVI. No conclave de 2013, Francisco foi a aposta mais correta da Igreja para mudar os rumos da história do catolicismo e conseguir recuperar sua credibilidade. “Engana-se quem acha que ele não saberá como manejar esse leme da barca de Pedro em plena tempestade” (PIQUÉ, 2014, p.171). O Papa latino-americano é um estrategista e vem convencendo e sensibilizando o mundo com o seu exemplo contrário à “globalização da indiferença”.

No terceiro dia do seu pontificado, em seu discurso²² com milhares de jornalistas de 81 países que cobriam sua eleição, o Papa Francisco se lembrou do pedido de seu amigo, o cardeal brasileiro Hummes: “Não te esqueças dos pobres!” e o seu próprio desejo: “Ah, como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres!”

“Alguns não sabiam por que o Bispo de Roma se quis chamar Francisco. Alguns pensaram em Francisco Xavier, em Francisco de Sales, e também em Francisco de Assis. Deixai que vos conte como se passaram as coisas. Na eleição, tinha ao meu lado o Cardeal Cláudio Hummes, o arcebispo emérito de São Paulo e também prefeito emérito da Congregação para o Clero: um grande amigo, um grande amigo! Quando o caso começava a tornar-se um pouco “perigoso”, ele animava-me. E quando os votos atingiram dois terços, surgiu o habitual aplauso, porque foi eleito o Papa. Ele abraçou-me, beijou-me e disse-me: “Não te esqueças dos pobres!” E aquela palavra gravou-se-me na cabeça: os pobres, os pobres. Logo depois, associando com os pobres, pensei em Francisco de Assis. Em seguida pensei nas guerras, enquanto continuava o escrutínio até contar todos os votos. E Francisco é o homem da paz. E assim surgiu o nome no meu coração: Francisco de Assis. Para mim, é o homem da pobreza, o homem da paz, o homem que ama e preserva a criação; neste tempo, também a nossa relação com a criação não é muito boa, pois não? [Francisco] é o homem que nos dá este espírito de paz, o homem pobre... Ah, como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres!”²³

²² O discurso na íntegra pode ser encontrado no site oficial do Vaticano, a saber: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html

²³ Fragmento do discurso do Papa Francisco proferido aos representantes dos meios de comunicação social na sala Paulo VI, no dia 16 de março de 2013, três dias após sua eleição.

O Papa afirmou aos jornalistas que a escolha do nome “Francisco” para o exercício de seu pontificado não se deu por conta de dois santos do século XVI da Igreja Católica, Francisco Xavier (missionário jesuíta) e Francisco de Sales (padroeiro da família salesiana, de escritores e jornalistas), mas pela admiração a Francisco de Assis, homem da pobreza, da paz, amante da criação e que teve a coragem de criticar, na Idade Média, os luxos de Roma e foi a inspiração das marcas de um governo que estava disposto a implantar na Igreja Católica, a fim de combater o abuso de poder e a desigualdade social.

A Igreja Católica ao anunciar o mundo que o cardeal Jorge Mário Bergoglio havia atribuído a si mesmo o nome de “Francisco”, para exercer seu ministério, não somente transmitiu sua mensagem de renovação e de purificação, mas afirmou pela voz de seu maior líder o desejo de impressionar e de se posicionar frente à desigualdade social e aos escândalos que vinham maculando sua imagem, desde o final do pontificado de São João Paulo II.

A escolha do nome “Francisco” se deu durante a recomendação do cardeal Hummes a Bergoglio, para não se esquecer dos pobres e foi associado à figura história de Francisco de Assis, homem da pobreza e da paz, que não somente renunciou às propriedades e ao título de sua família, mas também trouxe em si os estigmas de Cristo, encarnando a vulnerabilidade e acessibilidade do próprio Filho de Deus.

O abraço, o beijo e a maneira com que Hummes fez seu pedido a Bergoglio foram capazes de fazê-lo escolher o léxico mais apropriado para a maneira com que iria se vestir e exercer seu governo. Eis o nome: “Francisco”. De Francisco de Assis, que personificava a natureza, utilizando-se da palavra “irmã(o)”, para se referir a qualquer elemento que a constituía: irmão sol, irmã lua, irmã terra, irmão fogo *etc.*

O nome “Francisco”, nunca antes usado por nenhum Papa na história da Igreja Católica, já trazia em si mesmo um desejo, um programa que deixaria a neutralidade ideológica e assumiria um posicionamento em favor daqueles que o catolicismo teria excluído durante milênios. Antes de Francisco, nenhum outro Pontífice ousou utilizar-se do nome do *Poverello* de Assis para o exercício de um pontificado dentro da Igreja.

No início de seu pontificado, ao se nomear como o “Bispo de Roma” e ao se posicionar com naturalidade sobre temas complexos para a Igreja Católica, como a homossexualidade, parecia estar com sua memória fixada no cargo de cardeal-arcebispo de Buenos Aires e não no de Sumo Pontífice. Francisco se nomeia como o “Bispo de Roma” e não como Santo Padre, Sumo Pontífice ou mesmo Papa, títulos comuns dirigidos à maior autoridade da Igreja Católica. Essa escolha lexical nos permite perceber o desejo de proximidade, até mesmo física, dele para com a comunidade romana.

Escolher o vocábulo “Bispo de Roma”, escrito e pronunciado várias vezes em seus discursos, legitimou seu posicionamento, revelando seu *status* de poder, como sinônimo de serviço e como expressão estratégica do Papa argentino, ao dirigir-se aos seus fiéis. Ele se coloca numa atitude de serviço à comunidade romana, ao escolher o título “Bispo” anteposto à locução “de Roma” para expressar-lhes o desejo de proximidade com o seu povo, o rebanho a quem como um pastor deveria cuidar e apascentar: “Eu sou o bom pastor: o bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas” (JOÃO 10,11). E mais, de forma implícita, deixa claro seu desejo de fortalecer as igrejas particulares administradas por bispos em todo o mundo. Ao dizer “Bispo de Roma”, tem a intenção oculta de conceder mais “poder” aos seus bispos, como fez recentemente, convocando-os para o Sínodo²⁴ das Famílias.

Dizer ao povo que os cardeais elegeram um “Bispo” e não um “Papa” era a garantia de ser bem acolhido e aceito, pelo menos, pelos fiéis que ansiosamente aguardavam alguém que pudesse trazer-lhes a esperança de um tempo novo para a Igreja. O fato é que se a ideologia nos discursos de Francisco for concretizada, um “novo jeito de ser Igreja” deverá ser assumido por todos os seus representantes, padres e bispos, espalhados pelo mundo e, com isso, uma “nova” ideologia terá que dar lugar àquela que sustentou sua instituição por dois milênios de cristianismo.

O Santo Padre para se referir à quantidade não especificada de cardeais que teria votado nele, utiliza-se da escolha lexical “alguns”, pronome indefinido. Essa escolha nos permite inferir que mesmo seus eleitores não sabiam o motivo pelo qual ele teria

²⁴ Assembleia de bispos de todo o mundo que, presidida pelo Papa, se reúne para tratar de assuntos ou problemas concernentes à Igreja universal.

escolhido o nome “Francisco” para o exercício de seu governo. O léxico “cardeais” teria sido omitido do discurso do Papa, no desejo de preservar a própria Igreja que aparentava estar dividida desde o primeiro momento de sua eleição.

O discurso do terceiro dia do pontificado do Santo Padre Francisco nos revela o seguinte desejo: “Ah, como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres!”. O fragmento em questão nos mostra um discurso, cujo artigo indefinido “uma”, ao lado do substantivo “Igreja” explicita a intencionalidade de uma aspiração (nesse caso, expresso pela primeira pessoa do singular, o sujeito agente da oração: eu) que, aparentemente, não se concretizaria. De um ideal que jamais se tornaria realidade, ficando apenas com uma ideia, uma possibilidade de existência. A interjeição “ah”, seguido do modalizador “como” junto do verbo no pretérito imperfeito (queria) finalizado com vocábulo duplicado “pobre” parece confirmar nossa hipótese analítica.

Evidentemente que, por detrás do discurso inaugural do Papa, havia o argumento de um “novo pontificado” na Igreja Católica, ou seja, de como o Sumo Pontífice representaria as situações vividas no Vaticano, dentro de um tempo e espaço que o fez com suas experiências de Papa explicitar num período de tempo tão curto seu desejo de inclusão, não somente, dos economicamente pobres, mas de todos os excluídos. Francisco sabia que o mundo inteiro esperava que ele “pegasse a vassoura para limpar toda a ‘sujeira’ da Igreja” (PIQUÉ, 2014, p.159). Sabia que o nome escolhido para o seu governo implicava diretamente no pedido que, no século XIII, a cruz de São Damião fez a Francisco de Assis: “Reconstrói a minha Igreja”.

3 FUNDAMENTOS DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E DO CARISMA

3.1 UM HISTÓRICO DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

A Análise Crítica do Discurso surgiu a partir da Linguística Crítica²⁵ (LC) e recebeu este nome do linguista Fairclough, quando, em 1985, publicou um artigo no *Journal of Pragmatics*, utilizando, pela primeira vez, o termo “Análise do Discurso Crítica”. Entretanto, a ACD teve sua consolidação somente na década de 1990, após o simpósio organizado por van Dijk, van Leeuwen, Kress, Wodak e Fairclough, na cidade de Amsterdã.

A Análise de Discurso Crítica (ADC) é um tipo de investigação analítica do discurso que estuda principalmente as formas como o abuso de poder social, a dominação e a desigualdade são conquistados, reproduzidos e contestados, por meio de textos, no contexto social e político. Com esse tipo de investigação, analistas de discurso críticos assumem posição explícita e, portanto, pretendem compreender, expor e, finalmente, resistir à desigualdade social (VAN DIJK, 2001a, p.352).

A ACD²⁶ tem o objetivo de revisar as concepções de discurso, vigentes no início dos anos 80, investigando-o e analisando-o como prática social. Ela estuda como ocorre a materialização do discurso, por meio de textos, os quais, tendo estratégias, revelam como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade social manipulam, reproduzem e contestam os diversos contextos sociais, políticos e religiosos. Ao fazer essa investigação, os analistas críticos do discurso se atentam para a maneira como a linguagem funciona na reprodução, manutenção e transformação social e se posicionam contrários às formas de abuso de poder e desigualdade social.

²⁵ A Linguística Crítica surgiu no final dos anos 70 como uma linguística instrumental seguindo as propostas de Halliday. Ela desenvolve uma análise do discurso a fim de chegar a ideologia de contextos sociais.

²⁶ Embora haja variações entre os linguistas críticos do discurso na utilização das siglas ADC e ACD para designarem “Análise Crítica do Discurso”, em nossa pesquisa, utilizaremos a segunda para nos referirmos ao tipo de investigação analítica do discurso a que nos propomos.

A linguagem, na visão da ACD, não é algo puramente individual, ao contrário, é carregada de sentidos, nela subjaz uma ideologia. O discurso como “prática social”, consenso dos analistas críticos, implica questões de ordem econômica, política, cultural e ideológica e é elemento básico na vida social, portanto, parte da sociedade.

Além disso, a ACD pensa a linguagem como um espaço de luta irregular de poder, ressaltando o papel da cobiça constante por hegemonia, isto é, a “liderança tanto quanto dominação nos domínios econômicos, político, cultural e ideológico de uma sociedade”. Assim, na ACD, podemos falar em poder hegemônico²⁷ quando o poder está a serviço da continuidade da liderança e dominação de uns sobre outros (MELO, 2012, p.69).

Dessa maneira, os analistas críticos do discurso desenvolvem uma teoria/metodologia, para descobrir como o exercício de poder hegemônico se mistura com práticas discursivas no mundo contemporâneo, ou seja, um aparato teórico-metodológico para analisar e revelar o papel do discurso na (re)produção da dominação. Por isso, ao falarmos de hegemonia e ideologia, frente a esse posicionamento teórico-metodológico, estamos reconhecendo o poder como discrepância (irregularidade) existente entre os participantes de um evento comunicativo, a fim de controlar “a produção dos textos, a sua distribuição e o seu consumo” (FAIRCLOUGH, 2016, p.111) em contextos socioculturais e religiosos, no desejo de manter uma constante luta assimétrica na e por meio da linguagem, do domínio de uns sobre os outros, consolidando a liderança de “poucos” sobre muitos.

“A interdisciplinaridade, o posicionamento explícito em relação aos problemas sociais e a utilização das categorias linguísticas e estruturas discursivas são as principais características comuns dos estudiosos da ACD” (MELO, 2012, p.99). Essas ferramentas garantem unidade às várias vertentes que a constituem, tornando-a um campo coerente da Linguística, que jamais será imparcial, pois suas categorias não são pressupostas, mas emergem de dados e objetivos de análises críticas dos discursos. Nesse sentido, a ACD não é configurada como um método único, mas

²⁷ A noção clássica de hegemonia que adotamos foi desenvolvida por Antônio Gramsci (1971) e utilizada por Norman Fairclough (2016), sob a visão de que é “liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade”. Essa noção é bastante relevante para os trabalhos desenvolvidos pela ACD.

como uma abordagem que possui seus alicerces em vários campos e que, em cada um desses campos, o pesquisador irá utilizar a metodologia de variados métodos, conforme os objetivos de suas pesquisas (MEYER, 2001). Diante dessa premissa, podemos inferir o caráter interdisciplinar da ACD, que está aberta a receber, das mais diversas áreas, como, por exemplo, Sociologia, Filosofia, Psicologia e Antropologia, as contribuições necessárias para atingir os objetivos a que se propõe o pesquisador.

Em todas as suas vertentes, a ACD propõe abordagens críticas para a análise de textos, assumindo posicionamento explícito em relação a problemas sociais de cunho discursivo e negando o mito da “imparcialidade científica” (MELO, 2012, p.101).

O analista crítico do discurso deve identificar as dificuldades, que serão enfrentadas para reconhecer as relações de poder, ideologia e opressão hodiernas na e pela linguagem e, dessa forma, não apenas mudar de consciência, mas engajar-se, buscando soluções práticas para superá-las na sociedade. Disso inferimos que a ACD trabalha com uma perspectiva inovadora acerca da noção de linguagem, até então não priorizada por outras abordagens. Ela não trata “apenas de uma abordagem teórico-metodológica sobre o estudo linguístico, mas de uma atuação sobre práticas e estruturas engendradas pela linguagem” (MELO, 2012, p.77).

Para os proponentes da ACD, o estudo de questões linguístico-discursivas pode revelar aspectos importantes da vida social. Ao analisar os textos criticamente, eles não estão interessados apenas nos textos em si, mas na interação que estes possuem como as estruturas sociais, ou seja, em questões sociais que atravessam a linguagem, tais como as formas de representar/construir a realidade, a manifestação de identidades sociais e as relações de poder (MELO, 2012, p.77).

Das reflexões sobre a ACD, o que nos chama a atenção é a investigação que esse tipo de análise do discurso se propõe a fazer no que tange à relação entre discurso e sociedade e como se dá a disseminação das ideologias por meio de instituições ou grupos dominantes, que consolidam as desigualdades sociais.

Portanto, dentre as várias vertentes daqueles que fundaram a ACD, escolhemos aquela que, acreditamos, mais se aproximar dos objetivos de nossa pesquisa, o empreendimento sociocognitivo de van Dijk (1999, 2010, 2012, 2014). E, para compor nosso quadro analítico-descritivo, propusemos o diálogo desse empreendimento com os estudos de Weber (1981, 1999a, 1999b), do qual trazemos as cinco características do líder carismático e, de Coleman (2009), os três princípios carismáticos.

3.1.1 A linguagem e o discurso como prática social

Tendo a interdisciplinaridade como uma de suas características, a ACD deve ser entendida como uma abordagem e não como um método único. Dessa maneira, os analistas críticos do discurso não estão interessados apenas nos textos em si, mas voltam seus olhares para a interação que eles possuem com as estruturas sociais, ou seja, com questões sociais que atravessam a linguagem. Portanto, cabe mencionar que estudos linguísticos vinculados a esse tipo de abordagem têm dedicado sua atenção para estudar os gêneros do discurso, numa perspectiva de reconhecerem tanto a linguagem quanto o discurso como prática social.

Por se tratar de abordagem discursiva, pela qual se consideram gêneros como momentos de ordens de discurso, logo, elementos de práticas sociais, o termo “gêneros discursivos” é mais adequado do que “gêneros textuais”, que pressupõem a ideia de “eventos”. Enfatizam-se, assim, os gêneros como elementos ligados a práticas sociais entidade social intermediária entre estruturas mais fixas e eventos mais flexíveis (RAMALHO, 2012, p.159).

Nesse sentido, “textos constituem o principal material empírico para a investigação de conexões entre discurso e práticas sociais” e, mais, “são parte de eventos específicos, que envolvem pessoas, ação/interação, relações sociais, mundo material, além de discurso” (RAMALHO, 2012, p.157).

Segundo Ramalho (2012), dentre as muitas abordagens científicas que se voltam ao estudo dos gêneros do discurso, destacamos a Escola de Sidney, com base na Linguística Sistêmica-Funcional (LSF e a Escola norte-americana, também conhecida como Nova Retórica, edificada numa compreensão mais cultural e sociológica dos gêneros. Ressaltamos que elas partem dos ensinamentos de Bakhtin²⁸.

Da Escola de Sidney concebemos a linguagem enquanto prática social²⁹, trazendo uma visão mais crítica dos gêneros do discurso e vinculando-os com questões de poder e, conseqüentemente, com relações de dominação.

Da Nova Retórica, temos “um entendimento de gêneros como ações sociais recorrentes, dinâmicas, mutáveis e culturalmente constituídas” (RAMALHO, 2012, p.144). Nessa perspectiva, vimos que ela não se preocupa em definir ou sistematizar em grupos os gêneros, mas, antes, reconhece que eles evoluem, reconfiguram-se, alguns desaparecem e, portanto, são ilimitados e indeterminados dependendo da complexidade e diversidade de uma sociedade.

3.1.2 Gênero do discurso na ACD

De acordo com o empreendimento sociocognitivo de van Dijk (1999, 2010, 2012, 2014), a estrutura discursiva e a sociedade são intermediadas pela cognição. Desse postulado, podemos concluir que a relação entre linguagem (nesse caso, entendida como discurso) e sociedade é intermediada e, por isso, as “questões sociais são, em parte, questões de discurso” e vice-versa (RAMALHO, 2012, p.146).

Se discurso e sociedade possuem uma interface, a cognição, e se linguagem é tida como prática social, não podemos desvinculá-la da vida social, portanto, uma sociedade se faz a partir de discursos, ou melhor, a partir de crenças, atitudes,

²⁸ Dentre as obras de Bakhtin, evidenciamos “Estética da Criação Verbal” que, sem dúvida, contribuiu para os estudos sobre gênero do discurso.

²⁹ Esse item será tratado, mais especificamente, quando abordarmos o gênero discursivo “homilia”.

conhecimentos, valores, identidades *etc*, propagados pelas elites simbólicas que manipulam e controlam o acesso discursivo. Assim, para a ACD

gêneros constituem um momento de (redes de) ordens de discurso – ao lado de discursos e estilos – ligado a modos de (inter-) agir em práticas sociais, e ao significado acional³⁰. Assim como na Nova Retórica, gêneros são concebidos como ação social, “o aspecto especificamente discursivo de maneiras de ação e interação no decorrer de eventos sociais” (FAIRCLOUGH, 2003, p.65). Mas, diferentemente daquela abordagem, a ADC considera, com efeito, qual tal ação pela linguagem pressupõe “relações com os outros”, mas também, poder, isto é, “ação sobre os outros” (FAIRCLOUGH, 2003, p.28) (RAMALHO, 2012, p.146).

De acordo com Ramalho (2012), os gêneros do discurso estão ligados a estilos em determinadas ações de práticas sociais. Com isso, são reconhecidos como ação social e, mais do que isso, são maneiras com que nos relacionamos uns com os outros e agimos sobre os outros. Desse postulado, ao admitirmos que os gêneros nos permitem agir sobre alguém, inferimos o caráter de poder cujo gênero possui.

Nesse sentido, estudamos o gênero do discurso a que nos propomos analisar, como uma maneira de ação sobre o outro e de relação de discursos nas mais variadas práticas sociais. Dessa maneira, a linguagem escolhida para a configuração de um determinado gênero discursivo é capaz de transformar, representar e construir uma nova realidade na qual estão inseridos os participantes dos eventos comunicativos em que se dão determinadas práticas sociais.

3.1.3 A homilia como um gênero do discurso

A ACD pensa a linguagem e o discurso como prática social e a Nova Retórica considera os gêneros como ações sociais. Assim, podemos afirmar que a homilia³¹,

³⁰ O significado acional do discurso está associado a um dos três eixos da obra “What is enlightenment?” (1994), de Michel Foucault, a saber, ao eixo do poder, ou seja, a relações de ação sobre os outros.

³¹ Tratamos, a partir deste capítulo da homilia como discurso reconhecendo que ela é uma prática social e, portanto, um modo de agir com o outro e sobre o outro.

nosso gênero do discurso, também tanto o será uma forma de inter(ação) com o outro e sobre o outro. Nesse sentido, o Papa Francisco, em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, nos diz:

A homilia não pode ser um espetáculo de divertimento, não corresponde à lógica dos recursos midiáticos, mas deve dar fervor e significado à celebração. É um gênero peculiar, já que se trata de uma pregação no quadro de uma celebração litúrgica; por conseguinte, deve ser breve e evitar que se pareça com uma conferência ou uma aula. O pregador pode até ser capaz de manter vivo o interesse das pessoas por uma hora, mas assim a sua palavra torna-se mais importante que a celebração da fé. Se a homilia se prolonga demasiado, lesa duas características da celebração litúrgica: a harmonia entre as suas partes e o seu ritmo (PAPA FRANCISCO, 2013, p.82).

Francisco (2013) ainda afirma que “a pregação cristã encontra, no coração da cultura do povo, um manancial de água vida tanto para saber o que se deve dizer como para encontrar o modo mais apropriado para dizê-lo”. Com isso, podemos inferir o caráter interacional de uma homilia, mesmo que ela seja entendida como “parte orgânica da missa”, tendo como finalidade o anúncio da Palavra de Deus, respeitando às exigências particulares de seus ouvintes.

Ao respeitar a cultura de um povo, a homilia, sendo parte da liturgia e indispensável para nutrir a vida cristã, concretiza-se com uma linguagem acessível, clara, com metáforas que sejam capazes de produzir os efeitos desejados pelo pregador na mente daqueles que a ouvem reproduzindo o mesmo discurso numa determinada situação comunicativa. “O pregador deve também pôr-se à escuta do povo, para descobrir aquilo que os fiéis precisam ouvir” (PAPA FRANCISCO, 2013, p.91).

Em sua primeira exortação apostólica, de 24 de novembro de 2013, o Papa Francisco nos diz que “a homilia é o ponto de comparação para avaliar a proximidade e a capacidade de encontro de um Pastor com o seu povo” (PAPA FRANCISCO, 2013, p. 80). Embora o Papa admita, em sua exortação, que, pela homilia, se pode comparar a proximidade de um Pastor, (entendido aqui como o padre, bispo ou, até o Papa) com os seus fiéis, ele não reconhece que, durante uma homilia, quem controla o discurso, bem como, os turnos de fala, as escolhas lexicais, os temas abordados, as

metáforas, as polarizações *etc* é o pregador. Para enriquecer uma pregação e torná-la mais atraente para os seus fiéis, o Papa Francisco recorda:

Um dos esforços mais necessários é aprender a usar imagens na pregação, isto é, a falar por imagens. Às vezes usam-se exemplos para tornar mais compreensível algo que se quer explicar, mas estes exemplos frequentemente dirigem-se apenas ao entendimento, enquanto as imagens ajudam a apreciar e acolher a mensagem que se quer transmitir. Uma imagem fascinante faz com que se sinta a mensagem como algo familiar, próximo, possível, relacionado com a própria vida (PAPA FRANCISCO, 2013, p.93).

Lembramos que os discursos do Papa Francisco, em sua natureza, são complexos e, por isso, as metáforas utilizadas por ele para explicar os textos bíblicos podem ser consideradas estratégias de transmissão da ideologia de sua instituição. Ele mesmo afirma, ao utilizar-se de uma imagem para dominar e fascinar os fiéis, tanto mais parecerá familiar, próxima ou possível a mensagem proferida durante uma homilia. Contudo, para que haja o entendimento dos fiéis sobre o que os pregadores dizem, estes deverão atentar-se não somente *ao que* devem dizer mas *como* devem dizer, ou seja, a forma mais concreta de desenvolver uma pregação.

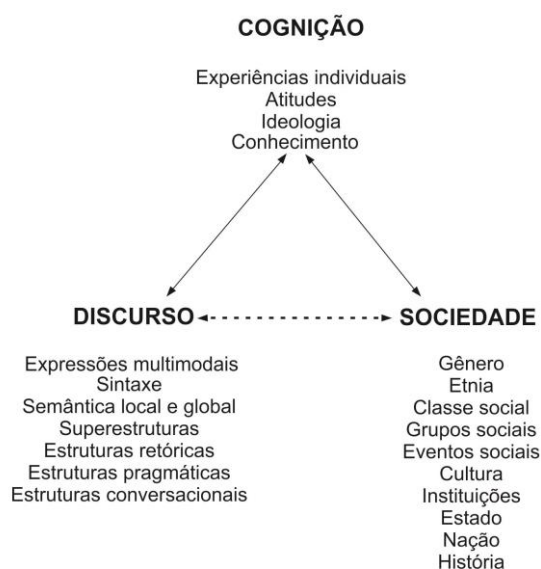
3.2 O EMPREENDIMENTO SOCIOCOGNITIVO DE VAN DIJK

Dentre as várias vertentes da Análise Crítica do Discurso, lançamos mão de uma que contemplasse a complexidade discursiva com a qual estamos lidando. Por isso, escolhemos o empreendimento sociocognitivo de van Dijk (1999, 2010, 2012, 2014) para embasar o nosso estudo, pelo fato de esse autor nos oferecer reflexões sobre o papel do discurso na ordem social, análises sistemáticas e detalhadas das estruturas dos discursos e suas relações com os contextos sociais, políticos e ideológicos, além de trazer suas concepções acerca de poder social, abuso de poder e contrapoder. Ademais, van Dijk possui inúmeras pesquisas sobre minorias sociais, dentre as quais destacamos: os estudos sobre imigrantes na Europa (1984), as pesquisas sobre

racismo (1991, 1993) e o racismo na América Latina (2008), além dos estudos sobre antirracismo e racismo também no contexto do Brasil, a partir de 2014.

Para os seus estudos críticos discursivos, van Dijk, em 1997, propôs três conceitos dos quais surgiu a ideia da “tríade sociocognitiva do discurso”, como veremos. Embora o autor não tenha estabelecido uma relação direta entre “discurso e sociedade”, reconheceu que entre eles existe uma interface, ou melhor, uma ponte, nomeada “cognição”, por meio da qual podemos reconhecer nos discursos características que lhes são únicas e individuais.

Figura 1: Tríade da Análise Sociocognitiva do Discurso



Fonte: NATALE, 2015.

As noções de discurso, sociedade e cognição estruturam os lados equiláteros do triângulo e estabelecem uma intrínseca relação de interdependência. Assim como a autora que elaborou a figura a partir de suas leituras de van Dijk, admitimos relevante discorrer acerca de cada uma das noções que compõem o triângulo e que permitem que o empreendimento de van Dijk (1999, 2010, 2012, 2014), receba o nome de “sociocognitivo”.

A noção de DISCURSO, na visão do autor, segue uma perspectiva multimodal, admitindo que o discurso não é apenas oral ou verbal, mas uma forma de interação social que pode se manifestar através de imagens, sons, gestos, expressões faciais, posição do corpo *etc.* (VAN DIJK, 2014). Ademais, sendo uma prática social e um acontecimento comunicativo, o discurso também é reconhecido como uma interação social, podendo expressar e reproduzir a cognição social e individual. Essa interação pode acontecer no nível verbal, escrito, ou por aspectos semióticos, como gestos, imagens ou qualquer recurso multimodal, da maneira que é estudado nas recentes pesquisas sobre multimodalidade³². Nesse sentido, o discurso é constituído por expressões multimodais, pela sintaxe, semântica local e global e por estruturas retóricas, pragmáticas e conversacionais, conforme postulado na Figura 1.

O gênero, a etnia, a classe social, os grupos sociais, os eventos sociais, a cultura, as instituições, o Estado, a nação e a história são algumas estruturas que constituem a noção de SOCIEDADE, defendida no empreendimento sociocognitivo de van Dijk (2012). As classes ou grupos sociais se unem com o intuito de realizarem suas práticas sociais e, com isso, obterem consolidados os objetivos e interesses dos membros que as constituem.

Por fim, temos a interface entre as estruturas discursiva e social, a COGNIÇÃO. De acordo com van Dijk (2012), ela é reconhecida como um sistema de experiências, objetivos, emoções, atitudes e ideologias, sendo consolidada como todo processo mental que possa intervir no discurso como prática social. Van Dijk (2006) argumenta que a cognição, através dos modelos mentais, realiza a mediação entre a sociedade e o discurso e que é a única forma dessas estruturas se relacionarem devido a sua capacidade de agir como uma ponte conceitual e empírica entre a realidade social e discursiva. Com isso, ao estabelecer essa relação dialética entre o discurso e a sociedade, a cognição se torna crucial para a eficácia dos objetivos desejados pelos participantes de um determinado evento comunicativo.

³² Gunther Kress (1996) destaca-se entre os analistas críticos do discursos, pois dedica-se a estudos sobre teorias multimodais do discurso, defendendo que este não se constrói apenas com os significados “presos” às palavras, mas também ligados à imagem.

3.2.1 Modelo mental como base da cognição

Desde a mais tenra idade, somos acostumados a repetir diariamente alguns hábitos que nos são transmitidos pela cultura. Por exemplo, ao levantarmos, fazemos a higiene bucal antes mesmo de sentarmos à mesa para tomarmos o café com nossos familiares. Outro hábito, que, para muitos, se torna uma rotina diária, é o fato de tomar banho antes e depois de um dia intenso de trabalho. Podemos ainda elencar que, muitas vezes, ao entrarmos em nosso carro e dirigirmos cotidianamente o mesmo caminho para o nosso trabalho, parece que ligamos o automóvel num “piloto automático”. Se não houver nenhum acontecimento que faça com que saíamos do caminho percorrido diariamente, ou ainda, se nada de relevante acontecer durante o trajeto, a rotina diária fica armazenada em nossa memória episódica a partir do que vivenciamos rotineiramente.

Uma rotina pode ser definida cognitivamente como um modelo de experiência em que a estrutura esquemática é mais ou menos fixa, o mesmo acontecendo com os ‘conteúdos’: mesma localização, mesmos participantes (ou papéis) mesma ação, mesmos objetivos. Uma rotina é experienciada como “fazer repetidamente a mesma coisa” em vários momentos do dia ou em intervalos regulares, todo dia, toda semana etc. As rotinas são generalizações ou abstrações a partir de modelos de experiências específicos e, como são pessoais, também, podem ser armazenadas na memória episódica (VAN DIJK, 2012, p.103).

Podemos dizer, também, que muitas experiências comunicativas pelas quais passamos no dia a dia podem ser consideradas rotinas e somos envolvidos por elas em mesmos gêneros discursivos que nos exigem condições comunicativas semelhantes. Dessa forma, as experiências vivenciadas ao longo de nossas vidas vão sendo esquematizadas em nossa memória episódica e se tornam cognitivamente internalizadas, para que exerçamos os modelos afirmados e construídos por nossas mentes de tudo aquilo que vivenciamos em passados muito próximos. Com isso, não precisamos de grandes esforços para nos adequar às rotinas que nos parecem familiares, uma vez que os acontecimentos diários vão sendo registrados em nossas mentes e são processados *online* em cada interação.

Ao trazermos reflexões que nos permitem concluir que nossa memória episódica é o local no qual são armazenadas nossas rotinas, uma vez que vivenciamos cotidianamente experiências pessoais e subjetivas, concordamos com a premissa de que nossos discursos são produzidos por meio de modelos mentais vivenciados e instaurados em nossas mentes. Disso resulta que situações vividas por nós são registradas num local, onde podemos acessá-las quando nos forem necessárias, para que possamos arquitetar nossos discursos e processá-los *online*, atendendo às mais diversas situações de interação exigidas em nossas experiências diárias.

Assim, por serem únicos e subjetivos, “os modelos mentais são cruciais, porque incorporam o que significa para nós antecipar, planejar e compreender tanto os acontecimentos como os discursos (VAN DIJK, 2012, p.95). “Os modelos mentais não representam objetivamente os eventos de que fala o discurso, mas antes a maneira como os usuários da língua interpretam ou constroem, cada um a seu modo esses eventos” (VAN DIJK, 2012, p.92).

Os modelos mentais também proporcionam um ‘ponto de partida’ para a produção do discurso: se as pessoas representam as experiências e os eventos ou situações do dia a dia em modelos mentais subjetivos, esses modelos mentais formam ao mesmo tempo a base da construção das representações semânticas dos discursos sobre esses eventos, como é típico das histórias ou dos relatos de notícias do cotidiano (VAN DIJK, 2012, p.91).

“Os modelos mentais são representações cognitivas de nossas experiências” (VAN DIJK, 2012, p.94), sendo processados, registrados e construídos por meio de eventos ou situações vivenciados por nossa estrutura cognitiva. Então, como fazer para acessar e controlar essas representações construídas em nossas mentes? Controlar a mente das pessoas é, antes de tudo, ter o controle do discurso produzido e anunciado por aqueles que, tendo um poder social³³ legitimado na sociedade, conseguem manter e reproduzir a dominação.

³³ Para van Dijk (2010, p.41), poder social é uma característica da relação entre grupos. Geralmente é indireto e age por meio da mente das pessoas. As relações de poder social manifestam-se, tipicamente, na interação.

De acordo com van Dijk (2010, p.121), o processo de controle mental é realizado por meio de quatro momentos pelos quais o grupo dominante exerce o controle sobre os dominados. O primeiro deles é a aceitação das crenças, dos conhecimentos e das opiniões dos grupos dominantes pelos dominados. Por uma questão social, histórica, cultural e ideológica, os grupos dominados recebem, de maneira amistosa e pacífica, o discurso produzido pelos dominadores, reconhecendo neles fontes autorizadas, confiáveis ou críveis. No segundo momento, os participantes (dominados) são obrigados a serem os receptores do discurso dos dominantes por não terem conhecimento suficiente, especialmente porque, no terceiro estágio, o discurso público ou os meios de comunicação não fornecem informação da qual possa haver possibilidades de crenças alternativas. Enfim, no quarto momento, por não terem conhecimento nem crenças necessárias, os dominados não sabem como questionar o discurso ou a informação a que foram submetidos.

Para entendermos melhor como se dá esse controle mental é preciso também admitir que “uma sequência de sentenças de um texto é coerente se os usuários da língua forem capazes de construir modelos mentais dos eventos ou fatos sobre os quais estão falando ou ouvindo” (VAN DIJK, 2012, p.90). Assim, os modelos mentais dos membros de uma mesma instituição devem ser suficientemente semelhantes para garantir-lhes o sucesso da comunicação. “Os modelos mentais proporcionam um tratamento simples, elegante e poderoso da coerência local e global, bem como de muitos outros aspectos da compreensão e produção de discurso” (VAN DIJK, 2012, p.91). Dominar a mente das pessoas é antes controlar o discurso e, com isso, estabelecer os critérios de modelos de contexto para reproduzir a ideologia na qual estamos inseridos. Por isso que contexto ou modelo de contexto é “um tipo especial de modelo mental da experiência cotidiana (...), porque os eventos comunicativos e as interações discursivas são formas da experiência cotidiana como quaisquer outras” (VAN DIJK, 2012, p.107).

A instituição Igreja, por meio do Papa, seu representante máximo, tem o controle do discurso na maioria do tempo e, conseqüentemente, tem o domínio da mente de seus fiéis. Com isso, consegue estabelecer os modelos de contexto que atendam à ideologia da sua instituição e reproduzi-los a todos os que se submetem a assumir seus ensinamentos como verdade de fé. Ao controlar o discurso, é possível controlar

a mente das pessoas e, ao mesmo tempo, gerenciar o conhecimento, haja vista que a maioria de nossas ideologias é formada pelo discurso e controlada por alguma elite simbólica³⁴ da sociedade. Dessa forma, não há possibilidade de que um discurso não esteja impregnado de ideologia, por isso, reconhecemos que a noção de ideologia trazida pela ACD é bastante relevante para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

3.2.2 Ideologias: sistemas básicos de cognições sociais

Van Dijk utiliza-se de uma teoria multidisciplinar e inovadora para postular que os contextos³⁵ são: construtos subjetivos dos participantes em uma interação; experiências únicas; um tipo específico de modelos de experiências; esquemáticos; controlam a produção e compreensão do discurso; dinâmicos. Também, os contextos têm bases sociais, são, com muita frequência, amplamente planejados e, por isso, não arbitrários, suas funções pragmáticas garantem que os participantes produzam textos ou falas adequados a uma determinada situação comunicativa e possam compreender a adequação dos textos e das falas dos outros (VAN DIJK, 2012, p.34). Dessa forma, como já dito, modelos de contexto são um tipo especial de modelo mental por ser uma estrutura mentalmente representada por meio de propriedades da situação social relevantes para a produção ou compreensão do discurso. E mais, se os modelos de contexto, como as nossas experiências pessoais, são armazenados em nossa memória episódica, então devem ter as mesmas categorias que nossas experiências pessoais.

Segundo van Dijk (2012), os modelos de contexto, além de representarem a interação verbal, são os responsáveis por organizar a forma como nosso discurso é estruturado

³⁴ Pierre Bourdieu (1989) cunha o termo “elite simbólica” para se referir a um grupo, uma instituição, um determinado tipo de profissional, reconhecido pela sociedade como “autoridade” confiável e, por isso, dominador. Nesse sentido e por seu caráter de dominação, tratamos a Igreja Católica, em nossa pesquisa, como um exemplo de elite simbólica.

³⁵ O termo “modelo de contexto” para a ACD é tido como construções mentais capazes de funcionar como uma interface entre as estruturas sociais e as estruturas discursivas. Nesse sentido, a palavra “contexto” adotada por nós é a partir da noção desenvolvida pela ACD e, quando se tratar do local, ambiente, tempo de um determinado discurso, utilizaremos os termos: evento comunicativo, situação comunicativa ou situações de interação social.

e adaptado permitindo, assim, que os objetivos dos participantes, nos mais variados eventos comunicativos, sejam atingidos. Portanto, os usuários de uma língua buscam, em suas memórias episódicas ou memória de situações, modelos mentais que atendam, de maneira apropriada, aos modelos de contexto nos quais estão inseridos e, com isso, configuram seus discursos de acordo com esses modelos para atingirem os objetivos em suas situações de comunicação.

Embora van Dijk (2012) saliente que um dos problemas da teoria do contexto seja definir quais categorias são fundamentais para estudar os modelos de contexto, ele assume que tais categorias podem ter dois níveis de representação, um global e outro local. Entretanto, os modelos de contexto só podem ser formados, alterados e atualizados *online* e no tempo real de uma interação se forem relativamente simples, ou seja, se possuírem poucas categorias permitindo que sejam acionados, atualizados e reconfigurados com a rapidez exigida em cada situação comunicativa. Com isso, em seus estudos sobre contexto, propõe, de maneira muito simples e com uma visão bem genérica, um esquema de modelo de contexto, tendo as seguintes categorias:

Quadro 1 – Esquema de Contextos e suas Categorias

<p>Ambiente</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tempo/ Período • Espaço/ Lugar/ Entorno
<p>Participantes</p>
<p>O Eu-mesmo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Papéis comunicativos (estrutura de participação) • Tipos de papéis sociais, ser membro de um grupo ou identidades • Relações entre os participantes (por exemplo, poder, amizade) • Crenças e conhecimentos compartilhados e sociais <ul style="list-style-type: none"> • Intenções e objetivos
<p>Ações/Eventos comunicativos ou de outra natureza</p>

Fonte: van Dijk (2012, p.113).

Os modelos de contexto são excessivamente egocêntricos e tal afirmação nos permite afirmar que o Eu-mesmo é a categoria, por excelência, central do esquema e das categorias de contextos. A autoconsciência, a autorrepresentação, a subjetividade e a consciência de nossas experiências pessoais armazenadas em nossa memória

episódica de situações vividas são fundamentais para a compreensão e organização de nossos discursos nas mais variadas situações de interação.

Termos consciência de nós mesmos, do que estamos fazendo, observando ou vivenciando, significa – entre outras coisas – que estamos construindo e atualizando modelos mentais que interpretam, representam e guardam nossas experiências (VAN DIJK, 2012, p.102).

O Eu-mesmo pode ser relacionado com os tipos de papéis comunicativos e sociais, com as relações que estabelecemos entre os participantes de um evento comunicativo, com as crenças e os conhecimentos que compartilhamos e com os objetivos de nossa comunicação. Dessa forma, ora podemos falar como homem, como brasileiro, como professor, como pai de família, como membro de uma determinada igreja, como líder de um partido político *etc.* Daí o caráter dessa categoria não ser estática, mas uma maneira de se posicionar no mundo frente nossas crenças, atitudes e nossos objetivos.

Sem dúvida, podemos defender que a categoria do Eu-mesmo assume vários tipos de papéis sociais a cada interação, por exemplo, sendo parte de um determinado grupo social, ou ainda, tendo uma identidade própria de um segmento. Além disso, pode transitar entre os mais variados papéis comunicativos participando ora como ouvinte, ora como falante, o que permite variar suas funções atendendo ao modelo mental da situação comunicativa de um determinado modelo de contexto.

Por serem pessoais, únicos e subjetivos, ficarem armazenados na memória episódica e serem um tipo específico de modelos da experiência, os modelos de contexto são considerados egocêntricos pois “representam o modo como Eu estou pensando, agindo, falando, escrevendo, ouvindo ou lendo neste momento (VAN DIJK, 2012, p.114). Disso, podemos concluir que, independente de quaisquer papéis sociais ou dos tipos de participação exercidos pelo Eu-mesmo, ele é a representação mais fundamental do próprio Eu dos participantes de um evento comunicativo. Portanto, se a categoria do “Eu-mesmo deixar de funcionar corretamente, os modelos de contexto também serão afetados, e portanto também o serão os discursos” (VAN DIJK, 2012, p.115).

Além dos papéis sociais, o conhecimento e as crenças são elementos relevantes na categoria Eu-mesmo, assim, o gerenciamento da quantidade de conhecimento dos participantes de uma interação é assumido quando eles possuem um conhecimento sociocultural compartilhado e têm condições suficientes para produzir e compreenderem um discurso (VAN DIJK, 2014). Ao gerenciar o conhecimento, o usuário da língua consegue controlar o contexto e, com isso, pode controlar a mente daqueles que participam de um evento comunicativo garantindo a eficácia dos objetivos e das intenções de seu discurso. Se as mentes são manipuladas, as ideologias são disseminadas por meio dos discursos dos que têm acesso privilegiado no exercício de seus papéis sociais dentro de uma relação assimétrica entre dominantes e dominados. Assim, ideologias³⁶

são definidas como sistemas básicos de cognições sociais fundamentais e como princípios organizadores das atitudes e das representações sociais comuns a membros de grupos particulares. Desta forma, controlam indiretamente as representações mentais (modelos) que formam a base interpretativa e a “inserção” contextual do discurso e respectivas estruturas (VAN DIJK, 1997, p. 105).

O conceito de ideologia adotado em nossa pesquisa, diferente da noção tradicional situada nos estudos sociológicos e filosóficos de Marx e Engels, é importante sobre o papel do discurso, uma vez que ela (ideologia) é a maneira mais sutil e eficaz de exercer, transmitir e manter o poder e a desigualdade social por meio de estratégias e estruturas discursivas.

Van Dijk (1999) parte do pressuposto de que a ideologia “em si” tem a natureza sociocognitiva como a mais elementar por ser construída por meio de três categorias gerais (social, cognitiva e discursiva) e, por isso, não é o que as práticas e instituições sociais trabalham na expressão e reprodução de conhecimentos e opiniões. Para van Dijk (2010), a ideologia é complexa, pois, sendo uma estrutura cognitiva, consegue

³⁶ A noção de ideologia de van Dijk (1997) é diferente de Marx e Engels, no sentido de que, para esses autores, tal noção é vista sob uma perspectiva negativa e de alienação. Em contrapartida, van Dijk defende que, ao se posicionar contrário a qualquer tipo de dominação, a classe dominada, deixa de ser alienada e se posiciona com suas crenças, convicções e atitudes numa luta, mesmo que desigual, oposta à da classe dominante e, dessa maneira, faz surgir uma ideologia oposta à do grupo dominante.

impregnar todo o discurso e, com isso, exerce um controle sobre outras cognições sociais, inclusive na formação de opiniões e preconceitos sociais. E mais, numa perspectiva psicológica e sociocognitiva, ela é entendida como “as crenças gerais e abstratas, compartilhadas por um grupo, que controlam e organizam o conhecimento e as opiniões (atitudes) mais específicas de um grupo” (VAN DIJK, 1999, p.72).

Apesar da variedade de posturas em relação ao conceito de ideologia, pressupõe-se, em geral, que o termo refere-se à “consciência” de um grupo ou classe, explicitamente elaborada ou não em um sistema ideológico, que subjaz às práticas socioeconômicas, políticas e culturais dos membros do grupo, de forma tal que seus interesses (do grupo ou da classe) materializam-se (em princípio da melhor maneira possível) (VAN DIJK, 2010, p.47).

Nesse sentido, embora as ideologias sejam exercidas por grupos, revelando, assim, seu caráter coletivo, possuem a eminência de sistemas cognitivos podendo ser praticadas individualmente por membros de determinada instituição. Assim, mesmo que um sistema ideológico seja cognitivamente estruturado, ele não deixa de estar relacionado a aspectos sociais, uma vez que implica diretamente crenças e atitudes de grupos que se posicionam, nem que seja individualmente. Disso, inferimos os aspectos sociais, cognitivos e discursivos que integram a complexidade do sistema ideológico postulado por van Dijk (1999).

As ideologias podem controlar as relações de poder e de dominação entre grupos (classes, formações sociais, organizações *etc.*) e, com isso, mantêm sua relação com a sociedade. Também possuem características vinculadas a modelos e controles mentais da sociedade, de grupos ou de instituições que nos permitem reconhecer sua dimensão cognitiva. Por fim, elas (ideologias) são observadas e materializadas nos/pelos discursos impregnados de muitas delas.

De acordo com van Dijk (1999, p.19), “se queremos saber que aparência tem uma ideologia, como funciona e como se cria, muda e reproduz, necessitamos observar detalhadamente suas manifestações discursivas”. Ao observarmos as práticas sociais, temos de nos atentar àqueles que têm acesso para produzir e disseminar seus discursos, pois eles podem controlar as mentes das pessoas e exercer, por meio

desse controle, antes simbólico que econômico, a transmissão e a manutenção de suas ideologias. Isso garante seu poder social frente aos desafios de uma sociedade midiaticizada contemporânea na qual “grande parte da tarefa da família, da Igreja e da escola tem sido assumida pelos meios de comunicação” (VAN DIJK, 1999, p.236). O que nos compete, enquanto analistas críticos do discurso, é identificarmos e nos posicionarmos frente às ideologias que estão sendo (re)produzidas pelas elites simbólicas, por exemplo, a família, a Igreja, a escola, sendo divulgadas pela mídia que mantém a hegemonia de grupos dominantes num sistema em que o discurso é controlado pelas instituições ou organizações que, historicamente, são legitimadas e, por isso, têm privilégio do acesso discursivo garantindo-lhes o controle do contexto de seus membros e possibilitando um elo entre o discurso e a ideologia.

As estruturas cognitivas, tais como atitudes individuais, experiências e conhecimento, são efetivadas em vários níveis e encontradas em todos os discursos ideológicos porque conseguem estabelecer o quadrado ideológico de polarização de um determinado grupo discursivo (dominantes) sobre outro grupo (dominados). Para van Dijk (2010), a polarização é uma estratégia geral envolvida na reprodução discursiva de dominação, que pode ser realizada de várias formas e em diferentes níveis de discurso. Trata-se de dar ênfase às coisas boas em Nós (endogrupo) e ruins nos Outros (exogrupo). Assim, podemos dizer que o discurso ideológico é geralmente organizado por uma estratégia geral de autoapresentação positiva (Nós), ou seja, do grupo a que pertencemos e, em contrapartida, outroapresentação negativa (Eles), do grupo a que não pertencemos, como segue a proposta:

Quadro 2 – Quadrado Ideológico

<ul style="list-style-type: none"> • Enfatizar aspectos POSITIVOS sobre Nós • Enfatizar aspectos NEGATIVOS sobre Eles • (Des)enfatizar aspectos NEGATIVOS sobre Nós • (Des)enfatizar aspectos POSITIVOS sobre Eles
--

Fonte: van Dijk (2003, p. 44).

A polarização é reconhecida por meio do uso de diversas estruturas e estratégias discursivas que, segundo van Dijk (2010), podem se materializar por macroatos de falas, tópicos (macroestrutura semântica), escolhas lexicais, sintaxe (por meio de orações na voz ativa e na voz passiva), figuras retóricas (por meio de hipérboles e eufemismos) e por metonímias e metáforas.

Podemos (re)conhecer e identificar a ideologia nos discursos que formam modelos de contexto, nos quais há o uso de atributos ou características negativas nos “Outros”, informando atos ruins que tenham feito, por meio de escolhas lexicais, por exemplo, ou colocando-os como agentes da oração na voz ativa. Em compensação, pode-se fazer uma autoapresentação positiva do grupo a que pertencemos, atribuindo-lhe atributos e coisas boas, com a utilização de predicativos, que favoreçam a imagem positiva do grupo, ou ainda, utilizando-se de orações na voz passiva, para amenizar as possíveis ações que poderiam macular a “Nossa imagem”.

3.2.3 Sobre poder, abuso de poder e contrapoder

Segundo van Dijk (2010, p.24), “o poder foi definido, tradicionalmente, em termos de classe e de controle sobre os meios materiais da produção”, isto é, uma propriedade das relações entre grupos, instituições ou organizações sociais. Hoje, a concepção de poder tem sido em grande parte substituída pelo controle sobre o discurso público em todas as suas dimensões semióticas. Por isso, na contemporaneidade e de acordo com o acesso privilegiado aos discursos públicos, podemos definir o poder vinculado ao poder simbólico³⁷. Não temos apenas a questão do poder relacionado à posse de acúmulo de capital ou de bens materiais, mas às questões de acesso ao discurso e ao controle dessa reprodução discursiva que pode levar à desigualdade social. Dessas reflexões, podemos afirmar que não iremos considerar o poder individual, mas apenas o poder social que, sendo uma característica da relação entre grupos, é manifestado, tipicamente, na interação, sendo geralmente indireto e agindo por meio

³⁷ O conceito de poder simbólico foi elaborado por Pierre Bourdieu e pode ser amplamente estudado em sua obra: “O poder simbólico”, da editora Bertrand Brasil, 2007.

da mente das pessoas. Ele está intimamente relacionado ao poder simbólico que, por sua vez, mantém relação com o discurso, ou seja, com as práticas sociais, assim, “o poder é uma forma de controle social se sua base for constituída de recursos socialmente relevantes” (VAN DIJK, 2010, p.42).

Essa habilidade pressupõe a existência de uma base do poder que permita um acesso privilegiado a recursos sociais escassos, tais como a força, o dinheiro, o *status*, a fama, o conhecimento, a informação, a “cultura” ou, na verdade, as várias formas públicas de comunicação e discurso (VAN DIJK, 2010, p.117).

Nessa perspectiva, há três tipos de poder que se relacionam entre si. Primeiro, o poder coercitivo que tem sua base na força (nosso entendimento de força está vinculado à força física). Por exemplo, dizemos da força exercida por homens violentos, por militares, ou mesmo por um homem que agride sua mulher, sem utilizar-se de nenhuma arma, a não ser com a força de seu próprio corpo. Temos também o poder econômico que se baseia na posse acumulada de capital, ou seja, de dinheiro. Os ricos podem facilmente controlar pessoas mais pobres, subornando-as ou oferecendo-lhes propina ou algo semelhante. Por fim, tratamos do poder persuasivo, que tem estreita relação com o poder que nos propomos estudar. Dele advém toda manipulação, doutrinação e desinformação. Sua base se relaciona com conhecimento, informação ou autoridade que um grupo pode exercer sobre outro. Por exemplo, existe um poder persuasivo entre os pais e os filhos, entre professores e seus alunos, entre os líderes religiosos e seus fiéis, em nosso caso, entre o Papa e todos os outros católicos ou quaisquer pessoas.

Para controlar mentes, é preciso, antes de tudo, controlar o discurso e, com isso, garantir o controle das ações sobre os outros. Então, o poder social precisa ser analisado em relação às várias formas de contrapoder também existentes na sociedade. É necessário atentar-se ao contexto que possibilita o acontecimento de um determinado evento comunicativo e controlá-lo, pois nem sempre o evento é realizado por meio de “falas verbais” ou de “escrita”, o que dificultaria o controle senão por meio da atenção ao contexto. Dessas reflexões, mais uma vez, inferimos que o caráter cognitivo do contexto explica, manipula e controla um discurso. Por isso,

nossos olhares se voltam às formas como esse poder é exercido, manifestado, disfarçado ou legitimado pelos discursos, nos mais variados contextos sociais.

Embora haja muitos conceitos de poder na filosofia e nas ciências sociais, neste livro eu defino essencialmente poder social em termos de controle, isto é, de controle de um grupo sobre outros grupos e seus membros. Tradicionalmente, controle é definido como controle sobre as ações de outros. Se esse controle se dá também no interesse daqueles que exercem tal poder, e contra os interesses daqueles que são controlados, podemos falar de abuso de poder (VAN DIJK, 2010, p.17).

Dessa forma, o abuso de poder pode ser traduzido como um tipo de dominação ou dominância exercida pelas elites simbólicas, tais como políticos, jornalistas, escritores, professores, advogados, burocratas, padres e bispos, que, tendo acesso privilegiado e controlando o discurso simbolicamente, exercem força sobre os grupos dominados e os obrigam a aceitarem e (re)produzirem suas crenças, atitudes e ideologias. Com isso, afirmamos que o abuso de poder não apenas remete ao abuso de força física como, por exemplo, aquela exercida por policiais em que é preciso utilizar-se do corpo a fim de manterem a ordem, mas pode ser reconhecido como qualquer tipo de dominação de um grupo sobre outro, através do uso ilegítimo do poder comunicativo, resultando em injustiças e desigualdades sociais que nos permite identificar o lado negativo do poder social.

O abuso de poder, então, significa a violação de normas e valores fundamentais no interesse daqueles que têm o poder e contra os interesses dos outros. Os abusos de poder significam a violação dos direitos sociais e civis das pessoas. Na área do discurso e da comunicação, isso pode significar o direito de ser bem ensinado e educado, de ser bem-informado etc (VAN DIJK, 2010, p.29).

Ao exercer o controle sobre as ações e/ou as mentes de outro grupo, organizações ou instituições, há a limitação da liberdade de ações sobre o grupo dominado influenciando-o com seus conhecimentos, suas opiniões, atitudes e ideologias e, conseqüentemente, com suas representações pessoais e sociais. Com isso, as elites simbólicas controlam o acesso à produção e disseminação de discursos públicos. O problema é como essas elites conseguem na sociedade obterem a força simbólica de

que estamos falando. Muito simples: o fato consiste, segundo van Dijk (2010), na relação existente entre o poder da posição social de uma pessoa e o poder simbólico que ela pode exercer sobre a massa. O local ocupado pelo cardeal Jorge Mario Bergoglio não é mais apenas de um chefe eclesiástico da Igreja Católica de Buenos Aires, mas o de chefe absoluto dos cristãos-católicos, pois o mencionado cardeal foi eleito Papa Francisco. Disso resultaria toda a força simbólica de seu discurso, isto é, a posição social ocupada a partir de 13 de março de 2013. Embora, como autoridade da Igreja na Argentina seus discursos já tivessem a credibilidade de uma instituição milenar, tanto mais o tem nesse momento em que ele discursa não somente aos argentinos, mas aos católicos de todo o mundo.

Com isso, as estratégias e estruturas discursivas do discurso da Igreja Católica estão relacionadas à sua liberdade religiosa, sobretudo, ao seu conhecimento, às suas verdades de fé (dogmas), por meio das quais se mantêm a relação de dominação de grupos minoritários na sociedade. O reconhecimento do abuso de poder (VAN DIJK, 2010) exercido por essa instituição é explicado fundamentalmente pela reprodução de poder do seu discurso. Nessa perspectiva, a ACD objetiva apresentar como as relações sociais são motivadas a partir da prática discursiva do abuso de poder por parte do grupo dominante. De acordo com van Dijk (2010), a manifestação do abuso de poder na língua acontece quando há possibilidade de variação ou escolha da gramática da língua.

Entre outras palavras, o abuso de poder só pode se manifestar na língua onde existe a possibilidade de variação ou escolha, tal como chamar uma mesma pessoa de “terrorista” ou de “lutador pela liberdade”, dependendo da posição e da ideologia do falante (VAN DIJK, 2010, p. 13).

Podemos perceber quanto o discurso religioso católico ou qualquer outro discurso religioso, pelas escolhas lexicais, metáforas, temas discursivos e polarizações, revela seu posicionamento e transmite a ideologia de sua instituição, garantindo, dessa forma, a participação de seus fiéis nas celebrações e o aumento das arrecadações do capital (dinheiro) por meio de ofertas e do dízimo. Nesse sentido, há um crescente aumento de novos membros, que são batizados sob a visão de uma catequese dócil

e doutrinação que lhes promete a salvação, controlando, de maneira estratégica, suas mentes em troca do mais atraente produto que uma empresa poderia colocar, em suas prateleiras, para o desejo do consumo de muitos: “a ressurreição da carne”.

Até aqui, tratamos dos conceitos de poder social, de abuso de poder e de contrapoder de modo sucinto. Dessa forma, não podemos negar o caráter positivo da noção de “poder” para as relações sociais. Se ele não existisse, a sociedade não funcionaria e, portanto, não haveria ordem, controle, relações de peso e contrapeso e, muito menos, suas muitas relações legítimas, como numa conversa entre médico e paciente, pais e filhos, professores e alunos, autoridades eclesiais (padres, bispos) e seus membros. O que não podemos esquecer são as formas como esse “poder social” é exercido nos e pelos grupos sociais que, por terem acesso privilegiado, são considerados elites simbólicas.

Van Dijk (2010, p.33) afirma que “a maioria de nossas ideologias são formadas discursivamente”, ou seja, não nascemos racistas, mas (re)produzimos esse tipo de discurso a partir da formação de nossos modelos mentais. É fácil entendermos: as rotinas diárias de nossos eventos comunicativos são internalizadas em nossa memória episódica que, por sua vez, vai dando origem a modelos de experiência e situações vivenciadas por nós ao longo de nossa trajetória.

Os modelos mentais de uma criança que cresce ouvindo de sua família piadas, comentários e discursos racistas, homofóbicos ou sexistas não podem ser diferentes dos modelos mentais da elite simbólica da qual recebeu sua formação (nesse caso, tratamos a família como elite simbólica). Se, porventura, o discurso da escola da criança (também elite simbólica) entrar em uma posição de contrapoder com o discurso da família, os modelos mentais da criança poderão ser (re)configurados e, então, haverá uma divergência de ideias e crenças entre a família e a escola, o que resultará na escolha de qual modelo mental a criança assumirá, ao longo de seu crescimento, como o modelo de contexto ao ouvir falar de negros, gays *etc.*

Esse exemplo ilustra a noção de contrapoder ao abordar o papel da escola em se contrapor ou, até mesmo, resistir ao tipo de discurso excludente da família. Assim, entendemos que a dominância é raramente absoluta podendo encontrar maior ou menor resistência ou contrapoder por parte de outros grupos. Desse modo, nosso

entendimento acerca da ideologia não está relacionado a uma noção de ideologia para a qual somente a classe dominante se posiciona, mas um tipo de estratégia ideológica que pode ser também a maneira pela qual os dominados se manifestam contrários aos inúmeros discursos que tentam colocá-los à margem de uma sociedade com desigualdades sociais. Embora reconheçamos que existe uma luta irregular entre dominantes e dominados, sabemos que o controle discursivo é fator determinante para que essa luta possa se tornar justa. Por isso, estamos conscientes de que nossos estudos, enquanto analistas críticos do discurso, são contrários em beneficiar a posição dominante dos grupos poderosos da sociedade e em favorecer a mudança discursiva ilegítima da elite simbólica Igreja Católica.

O controle da mente das pessoas se dá através do exercício sutil e eficaz do controle dos modelos de contexto. Um dos fatores cruciais para que haja esse controle é, sem dúvida, o gerenciamento do conhecimento compartilhado entre os participantes de um evento comunicativo (VAN DIJK, 2014). Com isso, aqueles que controlam o contexto, não somente o fazem, mas também controlam os discursos transmitindo ideologias subjacentes por meio deles.

Os modelos de contexto podem ser um elo entre o discurso e a ideologia que se “esconde” através deles e são propagadas por aqueles que têm privilégios para se comunicarem em determinadas interações. No entanto, é importante ressaltarmos que

(...) pessoas não são livres para falar ou escrever quando, onde, para quem, sobre o que ou como elas querem, mas são parciais ou totalmente controladas pelos outros poderosos, tais como o Estado, a polícia, a mídia, ou uma empresa interessada na supressão da liberdade da escrita e da fala (tipicamente crítica). Ou, do contrário, elas têm que falar ou escrever como são mandadas a falar ou escrever (VAN DIJK, 2010, p.18).

Da citação acima, acrescentamos que uma organização poderosa e milenar que controla o discurso através de interessantes estratégias demonstra ser a Igreja Católica que, baseando-se na ideologia da Bíblia, continua a (re)produzir seu poder hegemônico numa relação assimétrica entre seus líderes (padres, bispos e até mesmo, o Papa) e seus membros, toda a porção de fiéis.

3.3 REVISITANDO O CONCEITO DE “CARISMA”

O termo “carisma”, de acordo com Charaudeau (2016), foi, de modo original, introduzido na teologia católica por São Paulo em suas cartas escritas às primeiras comunidades cristãs e tem sua origem na língua grega “khárisma” significando: presente, favor, benefício, graça de origem divina. Logo após ter sido usado por Paulo, a sociologia política utilizou-se dessa categoria com o sentido de autoridade, fascínio irresistível de um homem em um grupo humano. Do uso inicial desse termo, podemos inferir duas ideias que fazem parte de uma “nova” concepção, a *transcendência* e a *atração* que, vinculadas à presença de uma pessoa, ou seja, do seu corpo físico, são condições necessárias para a existência do carisma (CHARAUDEAU, 2016).

A *transcendência* está relacionada com a “graça de origem divina” por meio da qual o líder carismático, além de ter que ser digno de representar as forças da vida após a morte, espalhando assim sua mensagem pela Terra, pode exercer seus poderes religiosos sobre aqueles que o reconhecem, de certa forma, como profeta e, até mesmo, salvador da humanidade. Dessa forma, podemos perceber que existiu “algo sagrado” que permeou a noção de carisma utilizada pela sociologia política, pois o carisma é, em sua compreensão religiosa original, ao mesmo tempo, força e símbolo da transcendência.

Além da ideia de “algo sagrado”, misterioso ou mágico do carisma, existe a *atração*. Dessa concepção, surge um movimento de negociação e identificação do público com o líder carismático que, sendo um mediador dos sofrimentos, desejos e ideais de um grupo, torna-se a resposta mais concreta, por meio de sua presença física e seus poderes, a chance mais plausível de resolução daqueles que sofrem de alguma maneira. Nesse sentido, a atração se transforma para o conceito de carisma uma construção de troca entre o líder carismático e seu público e um meio de identificação daqueles que são alienados numa determinada situação de interação.

Embora sua origem seja grega, a noção de “carisma” ganhou um sentido real na sociologia do alemão Weber, deixando de ser apenas importante para a teologia cristã-católica ou para a sociologia política, mas também, para as discussões

socioculturais e religiosas de todo o mundo. Weber (1981,1999a,1999b) relacionou esta nova concepção à ideia de

uma qualidade pessoal considerada extracotidiana e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como um líder (WEBER, 1999a, p.159).

Foi Weber que, entre 1910 e 1920, criou um tipo ideal sociológico de conceito de carisma e, com isso, nos permitiu entender e explicar fenômenos sociais, não restritos apenas à vida religiosa. Ao separar o carisma de seus contextos originais, Weber (1999a,1999b) defendeu que o carisma precisa ser compreendido como um modelo de explicação entre a tensão constante entre racionalização e desracionalização na história da sociedade. Em mais detalhe, explica o sociólogo alemão:

(...) o carisma, em suas formas de manifestação supremas, rompe todas as regras e toda a tradição e mesmo inverte todos os conceitos de santidade. Em vez da piedade diante dos costumes antiquíssimos e por isso sagrados, exige o carisma a sujeição íntima ao nunca visto, absolutamente singular, e portanto divino. Neste sentido puramente empírico e não-valorativo, é o carisma, de fato, o poder revolucionário especificamente “criador” da história (WEBER, 1999b, p.328).

Para Weber (1999a), numa sociedade, há três tipos puros de dominação que podem ser legitimados através dos caracteres racional, tradicional e carismático. O primeiro deles dar-se-á por meio de leis, decretos, estatutos. À dominação legitimada pela razão, chamamos de dominação legal, baseada na crença na legitimidade das ordens estabelecidas por meio de relações sociais. Nesse tipo puro de dominação, a obediência é prestada em virtude de regras e do direito de mando daqueles que estão nomeados para o exercício dessa dominação.

Pelo caráter tradicional, temos a dominação tradicional, baseada na crença cotidiana na santidade das tradições, dos costumes e hábitos de um determinado povo. Essa dominação é vigente desde sempre e tem sua legitimidade naqueles que, em virtude

das tradições, representam a autoridade. Daí seu caráter consuetudinário e, por isso, o patriarcalismo pode ser considerado o tipo mais puro das dominações estudadas por Weber. Assim, toda a obediência encontra-se baseada em virtude da tradição.

Por fim e para a qual voltamos o foco de nossa pesquisa, temos o caráter carismático, ou melhor, a dominação carismática que está baseada na veneração extracotidiana da santidade, em uma devoção afetiva, no apreço ou na admiração pessoal dos poderes, caráter exemplar e qualidades de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas. O dominador que, por vezes, é visto como um profeta ou herói é reconhecido e obedecido pelos dominados em resposta ao seu poder, através do carisma, e devido às suas qualidades pessoais. É interessante ressaltarmos que a origem do poder carismático é intrínseco às qualidades do líder pois além da posição social ocupada por ele, seus seguidores o seguem pura e simplesmente por suas qualidades carismáticas. Portanto, se o carisma do líder desaparecer, consequentemente, desaparecerá sua dominação carismática.

3.3.1 As características do líder carismático em Weber

O carisma, para Weber (1999a, 1999b), além de ser um tipo de dominação, está limitado às qualidades individuais daquele que o possui. Entretanto, a esfera subjetiva da dominação carismática, tão defendida por Weber, se contrapõe à redução desse tipo de poder, estudado apenas como capital social³⁸ por Bourdieu (2007). Embora não seja nossa intenção abordar as rupturas entre esses dois teóricos, admitimos que, ao exercerem a dominação carismática, os líderes carismáticos utilizam-se da dialética entre a subjetividade de Weber e o capital social de Bourdieu. Portanto, no pensamento de Bourdieu (2007), o carisma não pode ser uma propriedade ligada à natureza de um indivíduo singular que surge aleatoriamente de suas capacidades.

³⁸ Para Bourdieu (2007), capital social são as relações sociais que podem ser revertidas em capital, relações que podem ser capitalizadas. Nesse sentido, o carisma, para esse autor, se reduz à esfera estritamente objetiva.

Para melhor entendimento acerca do carisma, Weber (1999a, p.159-161) elenca cinco características do líder carismático. A primeira delas é a “virtude de provas” que tem a função de fazer validar e reconhecer no dominador, em virtude de vocação e provas, sua capacidade de dominar pelo carisma. Com isso, a entrega crente e inteiramente pessoal dos dominados ao dominador, nasce do entusiasmo ou da miséria e esperança que estes depositam cegamente nele. O carismático “deve fazer milagres se pretende ser um profeta, e realizar atos heroicos, se pretende ser um líder guerreiro. Mas sobretudo deve ‘provar’ sua missão divina no bem-estar daqueles que a ele devotamente se entregam” (WEBER, 1999b, p.326).

Na segunda característica, temos o que Weber chama de sentido carismático genuíno da dominação “pela graça de Deus”. Nesse aspecto, o agraciado carismático deve fazer com que sua liderança traga aos dominados bem-estar para que seu domínio perdure e não haja possibilidade de desvanecer sua autoridade. Weber (1999b, p.326) diz que “o reconhecimento puramente efetivo da missão do senhor carismático pelos dominados tem sua origem na entrega fiel ao extraordinário e inaudito, alheio a toda regra e tradição e por isso considerado divino, tal como nasce do desespero e do entusiasmo”.

A terceira característica, estudada pelo sociólogo, é o poder da “vontade criadora concreta” do carismático, uma vez que a dominação carismática é “especificamente irracional no sentido de não conhecer regras” (WEBER, 1999a, p.160) e não estar vinculada aos precedentes do passado. Antes, ela derruba o passado e, por isso, não é orientada por regras. Disso, a dominação carismática, como algo extracotidiano, opõe-se estritamente tanto à dominação legal-burocrática quanto à tradicional, fazendo com que a dominação carismática tenha um aspecto especificamente revolucionário.

Weber (1999a, 1999b) menciona várias vezes, em seus estudos, o poder revolucionário de Jesus Cristo, quando este, pela genuína frase: “Está escrito – mas em verdade eu vos digo”, revela sua capacidade concreta de criar algo novo a partir das Escrituras.

(...) O profeta genuíno, bem como o príncipe guerreiro genuíno e todo líder genuíno em geral, anuncia, cria, exige mandamentos novos – no sentido originário do carisma: em virtude de revelação, do oráculo, da inspiração, ou então de sua vontade criadora concreta, reconhecida, devido a sua origem pela comunidade religiosa, guerreira, de partido ou outra qualquer (WEBER, 1999a, p.160).

Embora admita que nem sempre o carisma renuncie ou despreze a atividade econômica para subsistir, Weber discorre sobre o aspecto totalmente contrário do carisma puro em relação ao aproveitamento econômico como fonte de renda. Ele, defende que, sendo uma “vocação” tida como missão ou tarefa íntima, o carisma puro deve condenar qualquer acúmulo de riqueza e colocar-se “alheio à economia”, quarta característica. Não obstante, menciona que o “viver de rendas” como forma de dispensa de toda ação econômica pode ser o fundamento de existências carismáticas. “O carisma, apesar de viver dentro do mundo da economia, não vive dele e, por isso, é um poder antieconômico por excelência”, afirma Weber (1999b, p.325).

(...) o carisma condena conscientemente a posse de dinheiro e as receitas correspondentes puramente como tais, como São Francisco e muitas figuras semelhantes. (...) quando sua missão é de natureza pacífica recebe os recursos econômicos necessários de patrocinadores individuais ou na forma de doações honoríficas, contribuições e outras prestações voluntárias por parte daqueles aos quais se dirige (WEBER, 1999b, p. 325).

Por fim, a quinta e última característica do líder carismático é “a grande força revolucionária nas épocas com forte vinculação à tradição” (WEBER, 1999a, p.161). Nesse sentido, sendo reconhecida subjetivamente pelo sociólogo, a dominação carismática pode ser o ponto de partida íntimo de mudança de consciência e de ações, com orientação totalmente nova de atitudes mediante todas as formas de vida e diante do “mundo” em geral.

3.3.2 Dominação carismática: a origem da revolução na história

O conceito de carisma discutido por Weber (1999a e 1999b) nos possibilita afirmar que a dominação carismática possui uma força criativa ou destrutiva que pode dar novos rumos à história, tendo a força de criar novas religiões invertendo-lhe seus dogmas ou catecismos e trazendo um novo modo de pensar de “dentro para fora”. Não obstante, pode destruir ordens e instituições dominantes abrindo portas de novas formas de vida, de uma ética, até então, não discutida ou ainda fazer surgir uma nova constituição econômica. Nesse sentido, “a dominação carismática é especificamente irracional no sentido de não conhecer regras” (WEBER, 1999a, p.160).

O movimento criado por Jesus de Nazaré, denominado “cristianismo” foi um desses acontecimentos revolucionários que mudou o rumo da história. Também, a proposta de Francisco de Assis, no século XIII, e, de Martinho Lutero, no século XVI, quando esse se contrapôs às práticas de abuso de poder da Igreja Católica, culminou com a tão conhecida Reforma Protestante permitindo aos fiéis o acesso à Bíblia a fim de se contraporem às formas de dominação e de abuso de poder (re)produzidas pela hierarquia católica. Com certeza, aqueles que seguiram as ideias de Jesus, de Francisco de Assis e de Lutero acreditavam em suas qualidades extracotidianas e na personificação dos valores difundidos por eles. Dessa forma, ao nos apropriarmos de Weber (1981, 1999a, 1999b) para assumir “a irresistível força de carisma”, assumimos, com ele, que Jesus, Francisco de Assis e Lutero tinham a essência da ação e do pensamento religiosos. Tais qualidades poderiam ser, para esses líderes carismáticos, o núcleo de suas forças sobrenaturais.

Para Weber (1999a, 1999b), o surgimento do movimento de Jesus é o exemplo histórico-empírico para o desenvolvimento do tipo de dominação carismática. Na época de Jesus, a sociedade judaico-palestina vivenciava crises e conflitos socioeconômicos que perpassavam as questões políticas e religiosas. Surgir naquele momento alguém que dizia ser o filho de Deus, realizando milagres e prometendo-lhes a libertação dessas crises, era um momento propício para que o povo depositasse nesse líder carismático suas esperanças, seus desejos de prosperidade e de paz. Esse momento histórico de crise social, possibilitou o desenvolvimento do tipo de

dominação carismática exercido pelo “Nazareno”, sobretudo, quando o público, com tamanho entusiasmo, ouvindo suas promessas de salvação e redenção, depositava “cegamente” seus desejos de libertação numa época em que se acreditava no Cristo, em virtude de seus milagres.

O comportamento de Francisco de Assis, em abril de 1207, fez com que o mundo presenciasse, um jovem, filho de comerciantes, deixar todos os seus bens e se lançar pelas ruas pregando o Evangelho de Cristo e pedindo esmolas. Assim, surgia o franciscanismo opondo-se aos luxos e às riquezas da Igreja de Roma.

Lutero, em 31 de outubro de 1517, revela seu poder carismático ao publicar, na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, “95 teses” contrárias à doutrina da Igreja Católica e, com isso, além de se opor à dominação da Igreja, conquista, por meio, de suas qualidades pessoais, extracotidianas, um grande número de seguidores ao dar acesso à leitura da Bíblia, oportunizando os fiéis a conhecerem os verdadeiros ensinamentos do Cristo.

O momento histórico vivido por Jesus, Francisco de Assis e Lutero possibilitou, aos três líderes carismáticos, por meio da vivência coletiva da fé de seus seguidores, a aquisição de carisma. Ao prometerem dias melhores, sem a necessidade de serem submissos ao poder daqueles que os dominavam, Jesus, Francisco de Assis e Lutero, de maneira “carismática”, estabeleciam uma força que sujeitaria seus seguidores a uma obediência incondicional, capaz de originar uma revolução que transformaria o mundo. Dessa forma, embora houvesse a transformação estudada em Weber (1999a, 1999b), o carisma seria também um recurso de poder e uma relação de dominação.

A vivência coletiva da fé oferece ao pretendente carismático oportunidades para a aquisição de poder, que podem ser aproveitadas de forma consciente ou acidental, dado que, como pessoa, ele consegue se transformar na única garantia para a realização e a pureza dos conteúdos religiosos proclamados e exigir, no interesse da realização das promessas de redenção e/ ou dos efeitos caritativos positivos vinculados à sua missão pessoal, uma obediência incondicional de seus seguidores e discípulos. Neste caso, porém, o carisma, “força” a “sujeição” como consequência da lealdade aos valores, no nível da ação. Assim, o carisma se transforma em um recurso de poder e passa a constituir, ao mesmo tempo, uma relação de dominação (BACH, 2011, p.56).

3.3.3 Os princípios carismáticos em Coleman

Com as reflexões de Weber (1981, 1999a, 1999b), acrescentamos as contribuições de Coleman (2009) sobre os três princípios carismáticos que um líder deve possuir para ser um homem de Deus. Dentre eles, temos o princípio da mobilidade, o princípio da narrativa e o princípio de *reaching out*.

O primeiro deles refere-se ao aspecto “missionário” do líder carismático, ou seja, ele deve estar a serviço de seu público e se tornar um pregador itinerante ouvido por multidões (COLEMAN, 2009). Dessa forma, além de sua palavra que é propagada aos mais diversos povos e nações, através dos recursos midiáticos, seu corpo, através da sua presença física, garante a eficácia desse princípio.

Outro princípio é o da narrativa. Por meio desse princípio, Coleman (2009) explica que os santos carismáticos são suas histórias, como se suas vidas fossem transformadas em textos. Para esse autor, os líderes carismáticos necessitam ser mestres da fala.

O princípio de *reaching out* está relacionado à capacidade que o carismático deve possuir de alcançar seus seguidores, inclusive, de manter contato direto e de tocá-los. Essa interação entre líder e fiel se transforma numa cadeia verbal, pois cada ouvinte é chamado a devolver o princípio de *reaching out*, numa escala menor, para aqueles que estiverem ao seu alcance (COLEMAN, 2009).

4 ANÁLISE DOS DISCURSOS DO PAPA FRANCISCO

O pontificado do Papa Francisco iniciou-se em 13 de março de 2013. Durante os três primeiros anos de seu governo frente à Igreja Católica, o site oficial do Vaticano, <http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>, publicou 178 homilias consideradas, em nossa pesquisa, como discursos que constituem o nosso *corpus*.

Esses discursos foram traduzidos, em sua maioria, para seis línguas: alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e português. Todas essas traduções são reconhecidas e divulgadas oficialmente pela Cúria Romana.

Embora não tenham sido proferidos em língua portuguesa, os discursos foram retirados da *internet*, no site oficial do Vaticano, que reconhece a veracidade dos textos e, portanto, sua credibilidade.

O site oficial do Vaticano publicou no ano de 2013, 44 discursos pronunciados pelo Santo Padre durante suas missas. No ano de 2014, a quantidade de publicações foi de 52 discursos. Em 2015, totalizou 67 discursos. E, no ano de 2016, até a data de 13 de março de 2016 (terceiro ano do pontificado de Francisco), o Vaticano publicou 15 discursos. A soma de todos eles foi de 178 discursos, conforme o Quadro 3.

Quadro 3 – Discursos do Papa Francisco

TOTAL DE DISCURSOS DO PAPA FRANCISCO DURANTE OS TRÊS PRIMEIROS ANOS DE SEU PONTIFICADO				
MESES	2013	2014	2015	2016
Janeiro	-	6	8	5
Fevereiro	-	4	5	9
Março	7	3	5	1
Abril	5	6	6	-
Maio	6	6	5	-
Junho	2	4	5	-

Julho	6	4	5	-
Agosto	2	4	0	-
Setembro	3	4	9	-
Outubro	4	2	4	-
Novembro	6	5	8	-
Dezembro	3	4	7	-
TOTAL	44	52	67	15

Os discursos do Papa Francisco foram pronunciados em diversos locais da Itália, na Europa e no mundo. Todos eles, sendo parte integrante da missa, foram proferidos nesse tipo de evento comunicativo da Igreja Católica.

As missas foram presididas pelo Sumo Pontífice, em sua maioria, na Itália. Algumas, em viagens apostólicas fora do Vaticano; outras, na Basílica Vaticana, na Praça de São Pedro e em alguns locais nos arredores da sede da Cúpula Romana.

Há também discursos que foram pronunciados em países fora da Itália durante a celebração de missas em viagens apostólicas internacionais do Santo Padre, dentre as quais destacamos suas visitas ao Brasil, à Terra Santa, à República da Coreia, à Turquia, a Sri Lanka, às Filipinas, à Bósnia-Herzegovina, ao Equador, à Bolívia, ao Paraguai, a Cuba, aos EUA, ao Quênia, a Uganda, a Bangui, a República Centro-Africana e ao México.

Num período de três anos de governo frente à Igreja Católica, o Papa latino-americano demonstrou seu vigor e sua disposição tanto em relação à sua rotina com a celebração de missas diárias na capela de sua residência oficial, a casa Santa Marta, quanto sua vitalidade encarando essas viagens que acabamos de elencar.

Para esse número significativo de discursos, delimitamos as categorias sociocognitivo-carismáticas que acreditamos serem cruciais e relevantes para atingirmos os objetivos propostos no capítulo primeiro desta dissertação.

4.1 AS CATEGORIAS DE ANÁLISES

As categorias sociocognitivas do empreendimento de van Dijk (1999, 2010, 2012, 2014), unidas às cinco características do líder carismático de Weber (1999a, 1999b) e aos três princípios carismáticos de Coleman (2009), fundamentam nossas análises.

O quadro 4, antes de tudo, é o resultado das leituras e dos estudos realizados das teorias dos três autores mencionados que fundamentam este capítulo, destinado às análises sociocognitivo-carismáticas dos discursos do Papa Francisco. Dessa forma, delimitamos como dar-se-ão as análises quali-quantitativas dos fragmentos dos 178 discursos que constituem o *corpus* do nosso estudo analítico-descritivo.

Quadro 4 – Categorias sociocognitivo-carismáticas das análises

CONTEXTO	Cenário (ambiente)	• Tempo
		• Lugar
	Participantes	• Identidades (membros de comunidades, grupos, instituições <i>etc.</i>)
		• Papéis comunicativos (falantes/ Eu-mesmo, ouvintes <i>etc.</i>) - sociais, institucionais <i>etc.</i>
		• Relações (de poder, de amizade, de família <i>etc.</i>)
DISCURSO	Semântica local	• Escolhas lexicais
	Semântica global	• Figura retórica (metáfora)
COGNIÇÃO	Cognição pessoal e social	• Macroestrutura: temas discursivos
CARISMA	Virtude de provas	• Ideologia (polarização Nós x Eles)
	Pela graça de Deus	• Reconhecimento pelos dominados
	Vontade criadora concreta	• Bem-estar aos dominados
	Alheio à economia	• Cria novos mandamentos
	Grande força revolucionária	• Despreza e condena a economia
	Princípio da Mobilidade	• Modificação da consciência e das ações
	Princípio de Narrativa	• Itinerante
	Princípio de <i>reaching out</i>	• “Mestre da Fala”
		• Alcançar o público

Fonte: Quadro elaborado, por nós, a partir das leituras de van Dijk (2012), Weber (1999a, 1999b) e de Coleman (2009).

As cinco características do líder carismático de Weber (1981, 1999a, 1999b) e os três princípios carismáticos de Coleman (2009) permitem-nos relacioná-los às categorias sociocognitivas de van Dijk (1999, 2010, 2012, 2014).

Da categoria CONTEXTO de van Dijk, não especificamos os participantes do evento comunicativo “missa”, uma vez que os discursos do Papa Francisco são proferidos em diversos lugares e esses participantes são alterados em cada prática social. Assim, no decorrer de nossas análises, deixamos explícitos o cenário (tempo e lugar) onde ocorrem os discursos, e, quando possível, analisamos também, os participantes. Dessa forma, relacionamos a categoria discursiva CONTEXTO com o princípio da mobilidade de Coleman (2009) e com a característica carismática “alheio à economia” de Weber (1981, 1999a, 1999b). A característica weberiana defende que, embora o carisma sobreviva na economia, ele se torna antieconômico no sentido de não aceitar acúmulo de riquezas, mas sobreviver de dízimos e ofertas de seus seguidores. Assim, para que o Papa realize suas viagens nacionais e internacionais, ele necessita de meios de transporte que, indiretamente, necessite de recursos financeiros. Com isso, o Santo Padre se torna um líder religioso itinerante e missionário atendendo o que Coleman chama de mobilidade. Sem utilizar-se desse princípio, o líder carismático seria impossibilitado de realizar suas viagens nacionais e internacionais para propagar às massas seus discursos. Embora nem todos os seus seguidores possam estar presentes fisicamente nas missas para ouvir, se aproximar ou até mesmo tocar o Papa Francisco, a mídia entra em cena para facilitar o acesso àqueles que não podem diretamente fazerem-se presentes nos locais em que se realizam as pregações e se manifesta fisicamente (através do seu próprio corpo) a real presença do missionário itinerante. É nesse sentido que o princípio de Coleman (2009) e a característica de Weber (1981, 1999a, 1999b) pode ser relacionada com a categoria de CONTEXTO, cenário e participantes, de que defende van Dijk (1999, 2010, 2012, 2014).

A categoria DISCURSO vincula-se à semântica local e à semântica global, estudada em van Dijk (1999, 2010, 2012, 2014). Da semântica local, tratamos das escolhas lexicais e das metáforas nos discursos do Papa e da semântica global, trazemos uma detalhada divisão dos temas discursivos a que se referem cada um dos 178 discursos do Sumo Pontífice. Relacionada a esta categoria estudamos o princípio da narrativa defendido por Coleman (2009). Por meio dele, além do pregador ser um “mestre da

fala”, ele fala de “coisas da vida”, surpreendendo seu público com discursos que aparentam ser sua própria vida. Weber (1981, 1999a, 1999b) nos fala que pela “virtude de provas” a pregação do líder carismático deve causar uma comoção no público. Dessa maneira, quando o carismático busca exemplos que tocam, sensibilizam e que sejam de fácil entendimento para os seus seguidores, está garantindo, por meio de suas narrativas simples e acessíveis, a manutenção de seu carisma. Portanto, as escolhas lexicais, as metáforas e os temas discursivos, categoria DISCURSO, para van Dijk (1999, 2010, 2012, 2014), mantém relação com a característica “virtude de provas” de Weber (1981, 1999a, 1999b) e com o princípio da narrativa de Coleman (2009).

A categoria COGNIÇÃO de van Dijk (1999, 2010, 2012, 2014) está relacionada com o princípio de *reaching out* de Coleman (2009) e com as características: “pela graça de Deus”, “vontade criadora concreta” e “grande força revolucionária” de Weber (1981, 1999a, 1999b). Nesse sentido, alcançar o público, é antes de mais nada, manter contato direto com ele, tornando-se acessível a ele. Assim, o Santo Padre Francisco, ao tocar as pessoas e deixar ser tocado por elas, consegue atender aquilo que postula o princípio de *reaching out*. Do princípio de Coleman, depreende-se a eficácia da dominação carismática e a garantia do sucesso do reconhecimento das qualidades extracotidianas e dos poderes “divinos” atribuídos ao líder carismático. Weber (1981, 1999a, 1999b) postula que o conceito de carisma pode ser interpretado também como um modelo de explicação para a gênese e o desenvolvimento de mudanças sociais, cuja força motriz é uma revolução de atitudes motivadas por razões internas que transformam a personalidade. E mais, que a dominação carismática é concebida como fenômeno de transição social específico, no sentido de um contraste que pode fazer de sua duração algo efêmero. Portanto, embora se reconheça o aspecto passageiro da dominação carismática, uma vez que o líder religioso pode perder seus poderes “divinos” ou se tornar inútil perante o público que espera por suas qualidades extracotidianas, sobrenaturais, ou ainda, suas atitudes sobre-humanas, ela não pode ser estudada apenas sob o ponto de vista de um fenômeno que desapareça com a modernização. Pelo contrário, em Weber, o carisma, movimento irracional, oposto ao racionalismo, se configura aparecendo a qualquer momento numa sociedade pós-moderna, possibilitando o desenvolvimento de sua “grande força revolucionária” e de sua “vontade criadora concreta”, mudando os rumos de instituições, no nosso caso,

da Igreja Católica. Portanto, os seguidores do Papa Francisco o reconhecem e conseguem ter um sentimento de bem-estar próximos a ele. Também, o Santo Padre parece não conhecer regras e ser criados de “novos mandamentos”, pois não anda em papamóvel blindado, não mora no Palácio Apostólico, não usa os mocassins vermelhos, mas sapatos pretos e escolhe para seu pontificado um nome peculiar, Francisco, não antes utilizado por nenhum de seus antecessores (alheio à tradição). Todos esses fatores parecem atender o EU-mesmo, categoria crucial dos modelos de contexto, tão defendido por van Dijk (2012) e que nós, relacionamos com as características carismáticas de Weber e com o princípio de *reaching out* de Coleman (2009).

4.2 SEMÂNTICA LOCAL

4.2.1 As escolhas lexicais

“O momento histórico, o lugar, a idade, o sexo, a profissão, o grau de instrução, o *status* socioeconômico e outros fatores, delimitam a escolhas lexicais” (CARDOSO; IGNEZ, 2012, p.19). Dessa forma, os léxicos que utilizamos em um determinado evento comunicativo revelam nossos valores ideológicos e nossa visão de mundo. Dessa premissa, afirmamos que o tempo e o espaço dos discursos do Papa, juntamente com os léxicos escolhidos por ele são fatores imprescindíveis para determinar a eficácia da intenção de seus atos comunicativos. Por exemplo, o terceiro discurso público de Francisco e sua visão de Igreja, que não deve viver fechada em si própria olhando para o próprio umbigo, mas que deve se abrir indo até aqueles que se encontram em quaisquer que sejam suas periferias existenciais, revelou que ele sabia onde queria chegar.

A primeira escolha lexical que não podemos deixar de mencionar, embora não esteja em nosso *corpus*, é o nome Francisco. No final do segundo capítulo, fizemos alguns comentários relevantes do fragmento em que o Papa decide divulgar aos jornalistas o motivo que o levou escolher tal nome para o exercício de seu governo. Entretanto, revela-lhes que a inspiração dessa escolha lexical não se referia a Francisco Xavier ou a Francisco de Sales, mas a Francisco, o *Poverello*. Assim, o mundo, naquele 13

de março, pressupunha que tipo de governo o latino-americano iria instaurar no catolicismo, a fim de restabelecer a imagem maculada de sua Igreja.

Nos discursos, as escolhas lexicais do Papa Francisco apontam para um governo voltado aos pobres, solicitando aos seus colaboradores mais próximos: presença, misericórdia e serviço. Esses pedidos incisivos do Papa revelam que o tipo de Igreja no qual acredita é aquela que não deve estar fechada em si mesma, mas que sai ao encontro, sobretudo, dos excluídos socialmente. Ensina aos padres e bispos que eles devem ser “pastores com o cheiro das ovelhas” (DISCURSO 5) e que “o verdadeiro poder é o serviço” (DISCURSO 3).

Nos discursos do quadro 5, podemos encontrar o léxico “serviço” ou algum outro que esteja relacionado a essa escolha lexical do Papa Francisco:

Quadro 5 – Discursos que abordam a questão do SERVIÇO

Podemos caminhar o que quisermos, podemos edificar um monte de coisas, mas se não confessarmos Jesus Cristo, está errado.	DISCURSO (1)
Não esqueçamos jamais que o verdadeiro poder é o serviço , e que o próprio Papa, para exercer o poder, deve entrar sempre mais naquele serviço que tem o seu vértice luminoso na Cruz;	DISCURSO (3)
Quem não sai de si mesmo, em vez de ser mediador, torna-se pouco a pouco um intermediário, um gestor. Sede pastores com o “cheiro das ovelhas” .	DISCURSO (5)
É o exemplo do Senhor: Ele é o mais importante e lava os pés. Lavar os pés significa: “eu estou ao teu serviço” . (...). Como sacerdote e como Bispo, devo estar ao vosso serviço.	DISCURSO (6)
Não nos fechemos em nós mesmos , não percamos a confiança, não nos demos jamais por vencidos	DISCURSO (7)
Trazei sempre diante dos olhos o exemplo do Bom Pastor , que veio , não para ser servido, mas para servir .	DISCURSO (10)
A caminhar avante , levando o nome de Jesus no seio da Santa Mãe Igreja (...) hierárquica e católica.	DISCURSO (11)
O Espírito Santo (...) salva-nos do perigo de uma Igreja gnóstica e de uma Igreja narcisista, fechada no seu recinto; impele-nos a abrir as portas e sair para anunciar e testemunhar a vida boa do Evangelho	DISCURSO (15)
A falta de vigilância (...) torna o Pastor insípido , (...) negligente, transformando-o num funcionário, num clérigo de Estado, preocupado mais consigo mesmo , (...) do que com o verdadeiro bem do Povo de Deus .	DISCURSO (16)
Quando Nossa Senhora , assim que recebeu o anúncio que seria mãe de Jesus, (...) partiu à pressa ; (...) porque sente algo dentro de si: ajudar .	DISCURSO (17)
Diante das necessidades da multidão , eis a solução dos discípulos: cada um pense em si próprio; despedir a multidão! (...) Todavia, a solução de Jesus vai noutro rumo , numa direção que surpreende os discípulos: “Dai-lhes vós mesmos de comer” .	DISCURSO (18)

E não só o Bispo de Roma , mas todos vós, novos arcebispos e bispos, (...). O dever de não se poupar, de se esquecer de si ao serviço do povo santo e fiel de Deus.	DISCURSO (20)
A cultura do bem-estar , que nos leva a pensar em nós mesmos , torna-nos insensíveis aos gritos dos outros (...) leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globalização da indiferença.	DISCURSO (22)
Maria , que amou e educou Jesus, para que ajude a todos nós , os Pastores do Povo de Deus, aos pais e aos educadores, a transmitir aos nossos jovens os valores que farão deles construtores de um País e de um mundo mais justo, solidário e fraterno.	DISCURSO (23)
Não podemos ficar encerrados na paróquia, nas nossas comunidades, na nossa instituição paroquial ou na nossa instituição diocesana, quando há tanta gente esperando o Evangelho! Mas sair... enviados. (...) sair pela porta fora para procurar e encontrar.	DISCURSO (24)
(...) a experiência deste encontro não pode ficar trancada na vida de vocês ou no pequeno grupo da paróquia, do movimento, da comunidade de vocês. Sabem qual é o melhor instrumento para evangelizar os jovens? Outro jovem!	DISCURSO (25)
(...) nós, jesuítas (...) estamos ao serviço de Cristo e da Igreja , Esposa de Cristo nosso Senhor, que é a nossa Santa Mãe Igreja Hierárquica.	DISCURSO (26)
(...) permanecemos fechados em nós mesmos , nas nossas comunidades, que com frequência são para nós “comunidades-comodidades”?	DISCURSO (28)
Quando o homem pensa só em si mesmo , nos seus próprios interesses e se coloca no centro, (...), então deteriora todas as relações, arruína tudo ; e abre a porta à violência, à indiferença, ao conflito.	DISCURSO (29)
“Episcopado” é o nome de um serviço , não de uma honra. Ao bispo compete mais servir do que dominar.	DISCURSOS (34, 38, 69, 151)
Rezar um pelo outro. Isto é rezar em família, e isto fortalece a família: a oração.	DISCURSO (35)
Recorda-nos que Deus não nos criou para permanecermos sozinhos, fechados em nós mesmos , mas para podermos encontrá-lo e para nos abirmos ao encontro com o próximo.	DISCURSO (39)
O abraço da paz , que trocarei com eles, quer significar antes de tudo o reconhecimento do Bispo de Roma por estas Comunidades.	DISCURSO (40)
Por favor, não olheis para a vida da varanda! Misturai-vos lá, onde estão os desafios , que vos pedem ajuda para levar em frente a vida, o desenvolvimento, a luta pela dignidade das pessoas.	DISCURSO (41)
(...) quando realizamos obras de bem , quando visitamos os doentes , quando ajudamos um pobre , quando pensamos no próximo , (...) em tudo isto encontramos sempre Jesus.	DISCURSO (42)
A mulher que , nas bodas de Caná da Galileia, dera a sua colaboração de fé para a manifestação das maravilhas de Deus no mundo.	DISCURSO (45)
Cada um de nós, jesuítas , que segue Jesus, deveria estar disposto a despojar-se de si mesmo. (...) Ser homens que não devem viver concentrados em si mesmos porque o centro da Companhia é Cristo e a sua Igreja.	DISCURSO (46)
Todavia o rei e os seus conselheiros sentem fender-se os suportes do seu poder, temem que sejam invertidas as regras do jogo , desmascaradas as aparências. Todo um mundo construído sobre o domínio, o sucesso, a riqueza, a corrupção é posto em crise por um Menino!	DISCURSO (47)

Eis a herança mais bonita que vós lhes deixareis: a fé! Somente isto. Hoje, levai este pensamento para casa. Nós temos o dever de ser transmissores da fé.	DISCURSO (48)
Cristo Senhor fundou uma só e única Igreja. (...) hoje não se compreenderia plenamente o serviço petrino sem incluir nele esta abertura ao diálogo com todos os crentes em Cristo.	DISCURSO (50)
A festividade da Apresentação de Jesus no Templo é denominada também a festa do encontro : no início da liturgia afirma-se que Jesus vai ao encontro do seu Povo , trata-se do encontro entre Jesus e o seu povo;	DISCURSO (51)
Sou eu como Simão de Cirene que voltava do trabalho, cansado, mas teve a boa vontade de ajudar o Senhor a levar a cruz?	DISCURSO (59)
A disponibilidade do sacerdote faz da Igreja a Casa das portas abertas (...). Onde o povo de Deus tem um desejo ou uma necessidade, aí está o sacerdote que sabe escutar.	DISCURSO (60)
É como se “destilássemos” a realidade do encontro com Jesus Cristo no alambique do medo, no alambique da segurança excessiva, do desejo de controlarmos nós mesmos o encontro.	DISCURSO (62)
(...) reunimo-nos nesta igreja dos polacos em Roma, para agradecer ao Senhor o dom do santo Bispo de Roma , filho da vossa Nação.	DISCURSO (64)
O Cenáculo recorda-nos o serviço , o lava-pés que Jesus realizou, como exemplo para os seus discípulos.	DISCURSO (68)
No dia de Pentecostes (...) teve lugar o batismo da Igreja, que nasceu “em saída”, “em partida”. A Mãe Igreja parte para servir.	DISCURSO (70)
Hoje, como Bispo de Roma, encontro-me aqui para vos confirmar não só na fé mas também na caridade, (...) um serviço ao bem comum.	DISCURSO (72)
Hoje nós – o Bispo de Roma e os outros Bispos (...) sentimos que o exemplo de São Pedro nos desafia a verificar a nossa confiança no Senhor.	DISCURSO (74)
(...) todos nós somos chamados a viver o serviço da caridade nas realidades comuns, ou seja em família, na paróquia, no trabalho, com os vizinhos...	DISCURSO (75)
Dar a primazia a Deus significa ter a coragem de dizer não ao mal, não à violência, não às vexações, para levar uma vida de serviço aos outros e a favor da legalidade e do bem comum.	DISCURSO (77)
(...) gastai estes anos na edificação duma Igreja (...) que ama e adora a Deus, procurando servir os pobres, os abandonados, os doentes e os marginalizados.	DISCURSO (80)
O chefe da comunidade não está dispensado desta vontade de Deus mas, ao contrário, a caridade de Cristo impele-o a agir com um amor maior.	DISCURSO (85)
Também nós somos chamados a trabalhar para a vinha do Senhor, no Sínodo dos Bispos. (...) O sonho de Deus sempre se embate com a hipocrisia de alguns dos seus servidores.	DISCURSO (86)
“E [dai] a Deus o que é de Deus”. Isto significa reconhecer e professar – diante de qualquer tipo de poder – que só Deus é o Senhor do homem, e não há outro.	DISCURSO (87)
(...) gratidão pelo testemunho de pessoas que nós conhecemos, com as quais pudemos compartilhar o serviço à Igreja.	DISCURSO (89)
Mas a Igreja, nascida do Pentecostes , recebe em herança o fogo do Espírito Santo (...) que não transmite um poder, mas habilita para um serviço de amor.	DISCURSO (91)
Esta é a vocação de Cristo e também a vocação dos cristãos. Ir ao encontro do próximo , daqueles que vivem em necessidade, tanto material como espiritual.	DISCURSO (94)
Não é possível “amar a Cristo, mas sem amar a Igreja, ouvir Cristo mas não a Igreja, ser de Cristo mas fora da Igreja ”.	DISCURSO (97)

O círio grande representa Cristo ressuscitado, vivo no meio de nós. Vós, famílias, recebeis dele a luz da fé para depois a transmitir aos vossos filhos.	DISCURSO (99)
(...) a autêntica adoração de Deus leva (...) a um solícito compromisso em prol do bem-estar de todos.	DISCURSO (100)
(...) todas as Igrejas e Comunidades eclesiais encontram uma área essencial para uma colaboração mais estreita. Para se poder cumprir eficazmente esta tarefa, é preciso evitar de fechar-se em particularismos e exclusivismos	DISCURSO (104)
Maria , que caminha com o Menino Jesus nos braços (...) leva-O para encontrar o seu povo	DISCURSO (105)
Na Igreja, toda a presidência provém da caridade, deve ser exercida na caridade e tem como fim a caridade.	DISCURSO (107)
A disponibilidade total para servir os outros é o nosso sinal distintivo, é o nosso único título de honra!	DISCURSO (108)
(...) não podemos ter e “ encobrir ”, com orações e práticas de devoção, comportamentos contrários às exigências da justiça, da honestidade ou da caridade em relação ao próximo.	DISCURSO (110)
Ao mesmo tempo, que cada paróquia e realidade eclesial se torne santuário para quantos procuram Deus e casa acolhedora para os pobres, os idosos e necessitados. Sair e acolher: assim pulsa o coração da mãe Igreja e de todos os seus filhos. Vai, acolhe! Vai, procura! Vai, leva amor, misericórdia e ternura.	DISCURSO (113)
Nisto, serve-nos de ajuda e conforto o exemplo de tantos homens e mulheres que cada dia, no silêncio e escondidos, renunciam a si mesmos para servir os outros	DISCURSO (114)
Sei repousar recebendo o amor, a gratidão e todo o carinho que me dá o povo fiel de Deus? Ou, depois do trabalho pastoral, procuro repousos mais refinados: (...) os que oferece a sociedade de consumo? (...) É o cansaço do sacerdote com o cheiro das ovelhas,	DISCURSO (115)
(...) rezai durante esta missa para que o Senhor também lave as minhas sujeiras, para que eu me torne mais escravo de vós, mais escravo no serviço das pessoas , como o foi Jesus.	DISCURSO (116)
Entrar no mistério significa ir além da comodidade das próprias seguranças, além da preguiça e da indiferença que nos paralisam.	DISCURSO (117)
Permanecer em Jesus significa fazer tudo aquilo que Ele mesmo fazia: fazer o bem, ajudar os outros , rezar ao Pai, curar os enfermos, ajudar os pobres e ter a alegria do Espírito Santo.	DISCURSO (122)
O mundo tem necessidade de homens e mulheres que não estejam fechados , mas repletos de Espírito Santo.	DISCURSO (125)
Também nós cristãos corremos o risco de (...) procurar certezas (...) num modelo de sociedade fechada que tende mais a excluir do que a incluir.	DISCURSO (129)
(...) a Igreja, fundada sobre Cristo , não obstante as inúmeras tempestades e os nossos muitos pecados, permanece fiel ao depósito da fé no serviço.	DISCURSO (130)
O serviço é o critério do verdadeiro amor. Aquele que ama serve, põe-se ao serviço dos outros.	DISCURSO (131)
A proposta de Jesus também não é um arranjo feito à nossa medida, no qual ditamos as condições, escolhemos alguns membros e excluimos os outros.	DISCURSO (132)
E Jesus retoma a palavra para nos dizer: “ Não, não é necessário excluí-los , não é necessário irem embora; dai-lhes vós mesmos de comer ”.	DISCURSO (133)
Maria simplesmente quis estar no meio de seu Povo (...). Como boa mãe, (...) sempre apareceu onde um filho podia ter necessidade d'Ela.	DISCURSO (134)

Como é belo imaginar as nossas paróquias, comunidades, capelas, lugares onde estão os cristãos, não com as portas fechadas, mas como verdadeiros centros de encontro tanto entre nós como com Deus.	DISCURSO (135)
Por isso, o serviço nunca é ideológico, dado que não servimos a ideias, mas a pessoas.	DISCURSO (136)
Como Maria, queremos ser uma Igreja que serve, que sai de casa, que sai dos seus templos, que sai das suas sacristias, para acompanhar a vida,	DISCURSO (139)
De forma particular, significa valorizar a contribuição imensa que as mulheres, leigas e consagradas, deram e continuam a oferecer na vida das nossas comunidades.	DISCURSO (143)
O desafio urgente de proteger a nossa casa inclui o esforço de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral	DISCURSO (144)
O Senhor nos ajude nesta luta de todos os dias, mas não por nós, é uma luta pelo serviço, porque sois homens e mulheres de serviço: à sociedade, aos outros, para fazer crescer a bondade no mundo.	DISCURSO (145)
E a Igreja é chamada a viver a sua missão na caridade (...) fiel à sua natureza de mãe (...) com as portas abertas para acolher todo aquele que bate pedindo ajuda e apoio; e mais, de sair do próprio redil ao encontro dos outros	DISCURSO (146)
Quem serve os outros e não goza efetivamente de prestígio, exerce a verdadeira autoridade na Igreja.	DISCURSO (147)
Este estilo de Deus, que nos salva servindo-nos e aniquilando-se a si próprio, ensina-nos muitas coisas. (...) Então seremos servos segundo o seu Coração: não funcionários que prestam serviço, mas filhos amados que entregam a vida pelo mundo.	DISCURSO (150)
Cada batizado deve romper , sem cessar, com aquilo que ainda há nele do homem velho (...) a fechar-se desconfiado em si mesmo	DISCURSO (156)
Anunciar o Evangelho de Cristo não é uma opção que podemos fazer de entre muitas, nem é uma profissão. (...) para a Igreja, ser missionária equivale a exprimir a sua própria natureza: ser iluminada por Deus e refletir a sua luz. Este é o seu serviço.	DISCURSO (166)
Pedistes a fé. A Igreja, quando vos entregar a vela acesa, dir-vos-á que conserveis a fé nestas crianças.	DISCURSO (167)
Quem encontra realmente Jesus (...) faz-se também promotor da cultura do encontro, evitando a auto-referencialidade, que nos leva a permanecer fechados em nós mesmos.	DISCURSO (169)
Jesus chama-nos a viver a oração, a caridade e a penitência com coerência e autenticidade (...) para voltarmos a encontrar a identidade cristã, ou seja o amor que serve, não o egoísmo que se serve.	DISCURSO (171)
Ai de nós – consagrados, consagradas, seminaristas, sacerdotes, bispos – (...) Não queremos ser funcionários do divino; não somos, nem o queremos ser jamais, empregados da empresa de Deus,	DISCURSO (175)
nós, pastores, (...) Somos obrigados a rever comportamentos que, às vezes, não ajudam os outros a aproximar-se de Jesus; horários e programas que não atendem às reais necessidades daqueles que poderiam aproximar-se do confessional;	DISCURSO (178)

*Grifo nosso.

O quadro 5 nos mostra que 88 discursos do Papa Francisco, ou melhor, 49,43% do nosso *corpus* remetem à questão do “serviço”. Dentre eles, 30 discursos trazem, diretamente, os léxicos: serviço, servir, serve e servindo. Os outros 58 discursos

abordam questões relacionadas a essa escolha lexical, tais como: “sair de si mesmo”, “cheiro das ovelhas”, “abrir as portas e sair”, “partir à pressa e ajudar”, “dai-lhes vós mesmos de comer”, “sair pela porta afora”, “despojar-se de si mesmo”, “agir com um amor maior”, “ir ao encontro do próximo”, “sair e acolher”, “ajudar os outros” e “sair do próprio redil ao encontro dos outros”. Todas essas escolhas do Santo Padre nos levam ao seu apelo para uma Igreja em saída tendo na “cultura do encontro” a maneira mais eficaz para evangelizar. O Sumo Pontífice, inúmeras vezes, sobretudo, dirigindo-se aos bispos ressalta: “Episcopado é o nome de um serviço, não de uma honra, pois ao bispo compete mais servir do que dominar” (DISCURSOS 34, 38, 69, 151). Dentre os discursos que abordam a questão do serviço destacamos aquele que o Papa trata o poder como sinônimo de serviço. “Não esqueçamos jamais que o verdadeiro poder é o serviço, e que o próprio Papa, para exercer o poder, deve entrar sempre mais naquele serviço que tem o seu vértice luminoso na Cruz” (DISCURSO 3).

As escolhas lexicais relacionadas à “pobreza” e aos “pobre(s)” correspondem a 26,40% do nosso *corpus* e estão presentes em 47 discursos do Papa. Dentre esses discursos, 20 explicitam os léxicos: pobres(s) e pobreza. Nos outros 27 discursos encontramos os léxicos: fraco, classe média, pessoas simples, pequenos, pequeninos, humildes, últimos, marginalizados, desfavorecidos, excluídos, necessitados, sem-abrigo ou algum outro que esteja relacionado com esse tipo de escolha lexical do Papa Francisco. O Santo Padre exorta “acolher o pobre e o excluído” (DISCURSO 77), “servir os pobres e abandonados (DISCURSO 80), “construir uma cidade mais justa e solidária, na qual os pobres, os débeis e os marginalizados estejam no centro” (DISCURSO 96) e a ter “um concreto amor preferencial pelos mais pobres” (DISCURSO 121). Nos discursos do quadro 6, podemos encontrar o léxico “pobreza” ou algum outro que esteja relacionado ao mesmo campo lexical do Santo Padre Francisco:

Quadro 6 – Discursos que abordam a questão da POBREZA

Tantas feridas infligidas pelo mal à humanidade: guerras, violências, conflitos econômicos que atingem quem é mais fraco , sede de dinheiro, que depois ninguém pode levar consigo, terá de o deixar	DISCURSO (4)
Existem os santos de todos os dias, os santos “escondidos”, uma espécie de “ classe média da santidade ” – como dizia um escritor francês –, aquela «classe média da santidade» da qual todos podemos fazer parte.	DISCURSO (9)

E, deste modo, ajudais a transmiti-la ao povo, e especialmente às pessoas simples , àqueles que Jesus chama no Evangelho “ os pequeninos ”.	DISCURSO (13)
Jesus, ensinava a amar a pobreza para poder amar em maior medida os pobres e os enfermos. (...) Os pobres (...) são a carne de Cristo.	DISCURSO (14)
Escutamos o canto de Maria, o Magnificat (...). É o cântico de muitos santos e santas, alguns conhecidos, outros – muitíssimos – desconhecidos, (...) eles enfrentaram a luta da vida, levando no coração esperança dos pequenos e dos humildes .	DISCURSO (27)
É necessária a colaboração leal de todos, com o compromisso dos responsáveis das instituições — também da Igreja — para assegurar às pessoas e às famílias os direitos fundamentais	DISCURSO (30)
É a própria experiência do rico do Evangelho, que vestia roupas de luxo e cada dia se banqueteava lautamente; importante para ele era isto. E o pobre que jazia à sua porta e não tinha com que matar a fome? (...) vede que o rico do Evangelho não tem nome, é simplesmente “um rico”.	DISCURSO (31)
Em toda a vida de Francisco, o amor pelos pobres e a imitação de Cristo pobre são dois elementos indivisivelmente unidos, as duas faces de uma mesma medalha.	DISCURSO (32)
Deus surpreende-nos; é precisamente na pobreza , na fraqueza, na humildade que Ele Se manifesta e nos dá o seu amor que nos salva, cura, dá força.	DISCURSO (33)
Os pastores foram os primeiros a ver esta «tenda», a receber o anúncio do nascimento de Jesus. Foram os primeiros, porque estavam entre os últimos, os marginalizados .	DISCURSO (43)
A Roma do ano novo terá um rosto mais bonito se for ainda mais rica de humanidade, hospitaleira, acolhedora, se todos nós estivermos atentos e formos generosos em relação a quem vive em dificuldade ;	DISCURSO (44)
Jesus nunca deixou de ser cordeiro: manso, bom, cheio de amor, próximo dos mais pequeninos e dos pobres	DISCURSO (49)
Exprimamos juntos a nossa proximidade espiritual às comunidades eclesiais, e a todos os cristãos que sofrem discriminações e perseguições .	DISCURSO (53)
Jejuar ajuda-nos a treinar o coração para a essencialidade e a partilha. É um sinal de tomada de consciência e de responsabilidade perante as injustiças e os abusos, especialmente em relação aos pobres e aos mais pequeninos ;	DISCURSO (55)
(...) evitar toda a mentira; não roubar, mas antes partilhar com os outros quanto se possui, sobretudo com quem está em necessidade	DISCURSO (57)
Infelizmente, neste mundo que desenvolveu as tecnologias mais sofisticadas, ainda há tantas crianças em condições desumanas, que vivem à margem da sociedade , nas periferias das grandes cidades ou nas zonas rurais.	DISCURSO (67)
(...) existem muitas ofertas de alimento que não derivam do Senhor e que aparentemente satisfazem em maior medida.	DISCURSO (71)
(...) rejeitem modelos económicos desumanos que criam novas formas de pobreza e marginalizam os trabalhadores, bem como a cultura da morte que desvaloriza a imagem de Deus, o Deus da vida	DISCURSO (78)
O seu exemplo tem muito a dizer a nós que vivemos numa sociedade onde, ao lado de imensas riquezas, cresce silenciosamente a pobreza mais abjeta; onde raramente se escuta o grito dos pobres .	DISCURSO (79)
Chama cada um de vós a refletir sobre o testemunho (...) de compromisso evangélico com os desfavorecidos, os	DISCURSO (81)

marginalizados , com aqueles que não têm emprego ou estão excluídos da prosperidade que muitos usufruem.	
Esta atitude é, exatamente, o contrário daquilo que Jesus nos pede no Evangelho que ouvimos: Ele está no mais pequeno dos irmãos ; Ele, o Rei, o Juiz do mundo, Ele é o faminto, o sedento, o estrangeiro, o doente, o encarcerado...	DISCURSO (82)
Que cada um se sinta chamado (...) a reforçar os laços da solidariedade a fim de promover condições de vida mais justas e fraternas para todos.	DISCURSO (84)
(...) quando as coisas não podem ser resolvidas, são descartadas: descartam-se as crianças, descartam-se os idosos, descartam-se os jovens desempregados . Esta devastação provocou uma cultura do descartável: descartam-se povos inteiros...	DISCURSO (88)
A este propósito, o povo de Deus possui um faro infalível para reconhecer os bons pastores e distingui-los dos mercenários. (...) A sua predileção pelos pequenininhos e pelos pobres era o reflexo e a medida do amor incondicional a Deus.	DISCURSO (90)
No mundo, há demasiadas mulheres e demasiados homens que sofrem por desnutrição grave , pelo desemprego crescente, pela alta percentagem de jovens sem trabalho e pelo aumento da exclusão social .	DISCURSO (92)
Invertendo os juízos mundanos, destruindo os ídolos do poder, da riqueza e do sucesso a qualquer preço, (...) o cântico mariano professa que a Deus apraz subverter as ideologias e as hierarquias mundanas .	DISCURSO (93)
"Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura" (Lc 2,12). (...) Viram-na as peessoas simples , as pessoas dispostas a acolher o dom de Deus.	DISCURSO (95)
(...) é necessário defender os pobres , e não se defender dos pobres, é preciso servir os débeis e não se servir dos débeis!	DISCURSO (96)
Deste modo, podemos interrogar-nos: Qual é o mistério onde Deus Se esconde? (...) Em todas estas realidades, em todos estes irmãos e irmãs mais pequenininhos que sofrem por tais situações, está Jesus.	DISCURSO (98)
Os pobres. Os pobres estão no centro do Evangelho, são o coração do Evangelho; se tirarmos os pobres do Evangelho, não podemos compreender plenamente a mensagem de Jesus Cristo.	DISCURSO (101)
Estados, organizações e pessoas individuais de toda a terra colocaram em primeiro lugar os necessitados ; trata-se de um exemplo que deveria ser seguido.	DISCURSO (102)
(...) se não viveres segundo o espírito das Bem-Aventuranças , não és católico. És hipócrita.	DISCURSO (111)
(...) um concreto amor preferencial pelos mais pobres , através do testemunho dos cristãos das diversas comunidades e confissões, dos crentes de outras tradições religiosas e dos homens de consciência reta e de boa vontade.	DISCURSO (121)
(...) não podemos esquecer daqueles nossos irmãos cristãos que com a violência foram privados do alimento tanto para o corpo como para a alma: foram expulsos das suas casas e das suas igrejas , às vezes destruídas.	DISCURSO (123)
Este amor resplandece no testemunho da irmã Joana Emília de Villeneuve, que consagrou a sua vida a Deus e aos pobres , aos enfermos, aos prisioneiros e aos explorados,	DISCURSO (124)
A nossa Santa Mãe Igreja é pobre, Deus quer-a pobre, como quis pobre a nossa Santa Mãe Maria . (...) Afinal de contas, não nos esqueçamos que é a primeira das Bem-aventuranças: Felizes os pobres em espírito, os que não estão agarrados à riqueza, aos poderes deste mundo.	DISCURSO (137)

A proximidade aos pobres , refugiados, imigrantes, doentes, explorados, idosos que sofrem a solidão, encarcerados e muitos outros pobres de Deus ensinar-nos-á outro tipo de repouso, mais cristão e generoso.	DISCURSO (141)
Por sua vez, as grandes cidades escondem o rosto de muitos que parecem não ter cidadania ou ser cidadãos de segunda categoria . (...) que não conseguem a escolaridade, as pessoas privadas de assistência médica, os sem-abrigo , os idosos sozinhos	DISCURSO (142)
São estas as sementes que contribuem para criar uma humanidade nova, renovada, onde ninguém é deixado à margem nem descartado; onde quem serve é o maior; e onde os mais pequeninos e os pobres são acolhidos e ajudados.	DISCURSO (152)
Aqui no coração desta Universidade (...) faço apelo (...) aos jovens da nação. Tende sempre a peito as necessidades dos pobres e rejeitai tudo aquilo que leva ao preconceito e à discriminação,	DISCURSO (153)
(...) cooperar com os outros em prol do bem comum e a construir uma sociedade mais justa , que promova a dignidade humana, sem excluir ninguém , que defenda a vida, dom de Deus, e proteja as maravilhas da natureza, a criação, a nossa casa comum.	DISCURSO (154)
Se quiseres encontrar Deus , procura-o na humildade, busca-o na pobreza , procura-o onde Ele está escondido: nas necessidades, nos mais necessitados, nos doentes, nos famintos, nos presos.	DISCURSO (160)
Este Menino ensina-nos aquilo que é verdadeiramente essencial na nossa vida. Nasce na pobreza do mundo, porque, para Ele e sua família, não há lugar na hospedaria. Encontra abrigo e proteção num estábulo e é deitado numa manjedoura para animais.	DISCURSO (161)
Como pode ser o tempo da plenitude este que coloca diante dos nossos olhos multidões de homens, mulheres e crianças que fogem da guerra, da fome, da perseguição, dispostos a arriscar a vida para verem respeitados os seus direitos fundamentais?	DISCURSO (164)
Sê o meu mensageiro – diz-nos – dando de comer aos famintos , de beber aos sedentos ; oferece um lugar aos necessitados , veste os nus e visita os doentes .	DISCURSO (172)
No entanto, muitas vezes, de forma sistemática e estrutural, os vossos povos acabaram incompreendidos e excluídos da sociedade . (...) O mundo de hoje, espoliado pela cultura do descarte , necessita de vós. (...) O mundo de hoje, prisioneiro do pragmatismo, tem necessidade de voltar a aprender o valor da gratuidade.	DISCURSO (174)
Não podemos negar a crise humanitária (...). São irmãos e irmãs que partem, forçados pela pobreza e a violência, pelo narcotráfico e o crime organizado. (...). À pobreza que já sofrem, vem juntar-se o sofrimento de todas estas formas de violência.	DISCURSO (176)

*Grifo nosso.

O Sumo Pontífice, no dia 08 de dezembro de 2015, na Praça de São Pedro, proclama a abertura do Jubileu da Misericórdia e abre a “Porta Santa” dizendo: “hoje, aqui em Roma e em todas as dioceses do mundo, ao cruzar a Porta Santa, queremos também recordar outra porta que, há cinquenta anos, os Padres do Concílio Vaticano II escancararam ao mundo” (DISCURSO 157).

Os discursos do Papa nos quais são trazidos inúmeras vezes o léxico “misericórdia” correspondem a 24,15% do nosso *corpus*, ou melhor, 43 discursos. Desse total, 36

discursos abordam diretamente a escolha lexical “misericórdia” e 7 deles, embora não trazem a “misericórdia” explícita, tratam de questões relacionadas a ela.

O Santo Padre, no dia 13 de março de 2015, numa celebração penitencial, na Basílica Vaticana, adverte: “Ninguém pode ser excluído da misericórdia de Deus; todos conhecem o caminho para aceder a ela e a Igreja é a casa que acolhe todos e não rejeita ninguém” (DISCURSO 112). Em outro discurso, o Santo Padre revela a composição do vocábulo em questão: “a palavra misericórdia é composta por dois vocábulos: miséria e coração. O coração indica a capacidade de amar; a misericórdia é o amor que abarca a miséria da pessoa” (DISCURSO 158). Ainda, nos discursos em que trata a questão da misericórdia, o Papa solicita aos novos padres “que vossas homilias cheguem ao coração das pessoas e que não vos cansei de ser misericordiosos” (DISCURSO 120).

O ponto ápice dos discursos onde temos essa escolha lexical é aquele no qual o Sumo Pontífice afirma que o nome de Deus é misericórdia: “É o Deus que tem um nome: misericórdia” (DISCURSO 173). Portanto, nos discursos do quadro 7, podemos encontrar o léxico “misericórdia” ou algum outro que esteja relacionado a ele:

Quadro 7 – Discursos que abordam a questão da MISERICÓRDIA

Ora a mensagem de Jesus é sempre a mesma: a misericórdia . A meu ver – humildemente o afirmo –, é a mensagem mais forte do Senhor: a misericórdia .	DISCURSO (2)
Amados irmãos e irmãs, deixemo-nos envolver pela misericórdia de Deus; (...)deixando-nos amar por Ele, encontrar a sua misericórdia nos Sacramentos.	DISCURSO (8)
O Senhor é tão misericordioso ! Se vamos ter com Ele, sempre nos perdoa.	DISCURSO (12)
Deus, o Vivente, é misericordioso . Estais de acordo? Digamo-lo juntos: Deus, o Vivente, é misericordioso ! Todos: Deus, o Vivente, é misericordioso . Outra vez: Deus, o Vivente, é misericordioso !	DISCURSO (19)
Hoje as pessoas precisam certamente de palavras, mas sobretudo têm necessidade que testemunhemos a misericórdia , a ternura do Senhor, que aquece o coração, desperta a esperança, atrai para o bem.	DISCURSO (21)
Só podemos entrar no Céu graças ao sangue do Cordeiro , graças ao sangue de Cristo . Foi precisamente o sangue de Cristo que nos justificou, que nos abriu as portas do Céu .	DISCURSO (36)
Também os pecados, os nossos pecados, estão nas mãos de Deus; aquelas mãos são misericordiosas , são mãos “feridas” de amor. Não foi por acaso que Jesus quis conservar as chagas nas suas mãos, para nos fazer sentir a sua misericórdia .	DISCURSO (37)

E pedir ao Senhor duas graças. A primeira: saber o que se esconde no meu coração , para não errar, para não viver enganado. A segunda graça: fazer o bem que se encontra no nosso coração , e não o mal que ali se esconde.	DISCURSO (52)
Irmãos Cardeais, Jesus não veio para nos ensinar as boas maneiras, as cortesias; (...) veio para nos salvar, para nos mostrar (...) caminho de santidade é a misericórdia , aquela que Ele usou e usa cada dia conosco.	DISCURSO (54)
Mas a primeira tarefa do cristão é ouvir a Palavra de Deus , ouvir Jesus, porque Ele nos fala e nos salva com a sua Palavra.	DISCURSO (56)
Pensemos: qual é aquela parte do coração que se pode corromper, porque estou apegado aos pecados ou ao pecado ou a alguns pecados? E tirar a pedra, tirar a pedra da vergonha e deixar que o Senhor nos diga, como disse a Lázaro: “Sai para fora!”. Para que toda a nossa alma seja curada, ressuscite para o amor de Jesus , para a força de Jesus. Ele é capaz de nos perdoar. Todos precisamos disto! Todos.	DISCURSO (58)
Senhor, ajudai-me! Dizei-me qual é a minha Galileia. Como sabeis, eu quero voltar lá para Vos encontrar e deixar-me abraçar pela vossa misericórdia .	DISCURSO (61)
Por isso, no corpo de Cristo ressuscitado, as chagas não desaparecem, continuam, porque aquelas chagas são o sinal permanente do amor de Deus por nós, sendo indispensáveis para crer em Deus: não para crer que Deus existe, mas sim que Deus é amor, misericórdia , fidelidade.	DISCURSO (63)
O bom pastor entra pela porta e a porta da misericórdia são as chagas do Senhor: se não entrardes no vosso ministério pelas chagas do Senhor, não sereis bons pastores.	DISCURSO (65)
A Ele pedimos que prepare os nossos corações para o encontro com os irmãos independentemente das diferenças de ideias, língua, cultura, religião; que unja todo o nosso ser com o óleo da sua misericórdia	DISCURSO (66)
Jesus permanece fiel, nunca atraiçoa: mesmo quando erramos, Ele espera sempre por nós, para nos perdoar: tal é o rosto do Pai misericordioso .	DISCURSO (73)
A vossa presença aqui fala do milagre da esperança que prevalece sobre a mais profunda escuridão. É, sem dúvida, um sinal da misericórdia de Deus (...) Obrigado por este encontro e, por favor, rezai por mim, para que os olhos do meu coração vejam sempre com clareza o caminho do amor misericordioso	DISCURSO (76)
Também a eles Deus Pai entrega o seu Filho Jesus, não para os condenar, mas para os salvar: se se entregarem a Jesus, Ele cura-os com o amor misericordioso que jorra da sua Cruz,	DISCURSO (83)
Uma criança frágil trouxe ao mundo a bondade de Deus, a misericórdia e a justiça.	DISCURSO (103)
Nós, sacerdotes, estamos presentes no nome de Jesus, mas Ele é o Presidente, Ele é o verdadeiro Sacerdote que oferece o sacrifício ao Pai . (...). “Cura esta chaga, Senhor!”. Se pedirmos esta graça a Jesus, Ele atender-nos-á. Deixa-te sarar por Jesus. Permite que Jesus te cure!	DISCURSO (106)
Estimados irmãos e irmãs, o Senhor nunca se cansa de ter misericórdia de nós, e deseja oferecer-nos mais uma vez o seu perdão	DISCURSO (109)
Ninguém pode ser excluído da misericórdia de Deus; todos conhecem o caminho para aceder a ela e a Igreja é a casa que acolhe todos e não rejeita ninguém.	DISCURSO (112)
Um Ano em que sejamos tocados pelo Senhor Jesus e transformados pela sua misericórdia para nos tornarmos, também	DISCURSO (118)

nós, testemunhas de misericórdia. Eis o motivo do Jubileu: porque este é o tempo da misericórdia .	
É Jesus, feito homem e morto na cruz, que preenche o abismo do pecado com o abismo da sua misericórdia .	DISCURSO (119)
E eu, em nome do Senhor Jesus Cristo e da sua Esposa, a Santa Igreja, peço-vos que não vos canseis de ser misericordiosos . Vós estareis no confessional para perdoar, não para condenar!	DISCURSO (120)
Assim aprendemos que a Eucaristia não é uma recompensa para os bons, mas constitui a força para os mais frágeis, para os pecadores .	DISCURSO (126)
Felizes são aqueles que semeiam paz com as suas ações diárias, com atitudes e gestos de serviço, de fraternidade, de diálogo, de misericórdia...	DISCURSO (127)
(...) peço-vos que sejais pastores com a ternura de Deus, que deixeis o «chicote» pendurado na Sacristia e que sejais pastores com ternura , inclusive para com aqueles que vos criam problemas.	DISCURSO (128)
E aprendamos a olhar como Ele nos olha. Partilhemos a sua ternura e misericórdia pelos doentes, os presos, os idosos e as famílias em dificuldade.	DISCURSO (138)
Jesus envia-vos a todas as nações, a todos os povos. E, neste «todos» de há dois mil anos, estávamos incluídos também nós. (...) ide anunciar o abraço misericordioso do Pai .	DISCURSO (140)
A isto são chamados os discípulos de Jesus, também hoje, especialmente hoje: pôr o homem em contato com a Misericórdia compassiva que salva.	DISCURSO (148)
Ditosos aqueles que sabem perdoar, que têm misericórdia pelo próximo, que não julgam tudo e todos, mas procuram colocar-se no lugar dos outros.	DISCURSO (149)
(...) armai-vos, antes, com a justiça, o amor e a misericórdia , autênticas garantias de paz.	DISCURSO (155)
Também este Ano Extraordinário é dom de graça. Entrar por aquela Porta significa descobrir a profundidade da misericórdia do Pai que a todos acolhe e vai pessoalmente ao encontro de cada um.	DISCURSO (157)
A palavra “ misericórdia ” é composta por dois vocábulos: miséria e coração. O coração indica a capacidade de amar; a misericórdia é o amor que abarca a miséria da pessoa.	DISCURSO (158)
Abrimos a Porta Santa , aqui e em todas as catedrais do mundo. Também este sinal simples é um convite à alegria. Inicia o tempo do grande perdão. É o jubileu da Misericórdia	DISCURSO (159)
No Ano da Misericórdia , possa cada família cristã tornar-se um lugar privilegiado desta peregrinação em que se experimenta a alegria do perdão.	DISCURSO (162)
“Esteja sempre conosco, ó Senhor, a tua misericórdia : em ti esperámos”. A companhia da misericórdia é luz para compreender melhor tudo aquilo que vivemos,	DISCURSO (163)
Vem muito a propósito invocar, neste dia, a Virgem Maria, antes de mais nada, como Mãe da misericórdia . A Porta Santa que abrimos é, realmente, uma Porta da Misericórdia . (...). Ela é Mãe da misericórdia , porque gerou no seu ventre o próprio Rosto da misericórdia divina , Jesus, o Emanuel,	DISCURSO (165)
Como Bispo de Roma e Pastor da Igreja católica, desejo invocar misericórdia e perdão pelos comportamentos não evangélicos que alguns católicos tiveram em relação a cristãos de outras Igrejas. (...) A misericórdia de Deus renovará as nossas relações.	DISCURSO (168)
Falo-vos como irmão, e em vós gostaria de falar a todos os confessores, especialmente neste Ano da Misericórdia : o confessional existe para perdoar.	DISCURSO (170)
É o Deus que tem um nome: misericórdia . O seu nome é a nossa riqueza, o seu nome é a nossa fama, o seu nome é o nosso poder.	DISCURSO (173)

A fidelidade ao ministério conjuga-se oportunamente com a misericórdia , que desejamos experimentar. Além disso, na Sagrada Escritura fidelidade e misericórdia constituem um binómio inseparável.	DISCURSO (177)
--	-----------------------

*Grifo nosso.

A escolha lexical usada na elaboração de um texto, oral ou escrito, diz muito sobre as intenções comunicativas de quem o produziu e de seu papel na sociedade. “É no léxico que mais objetivamente estão representadas as visões de mundo dos sujeitos participantes da prática discursiva” (CARDOSO; IGNEZ, 2012, p.36). Todo ato de comunicação carrega consigo uma intencionalidade e, por isso, é preciso ter a consciência linguística do destinatário, senão a intenção do locutor pode se tornar fracassada, sem êxito na relação estabelecida entre ele e a quem se destina seu discurso. Dessa forma, aquele que produz seu discurso, ao escolher as palavras que irão constituí-lo, revela, a partir de um texto, seus conceitos internalizados deixando com clareza as experiências acumuladas e as práticas culturais adquiridas ao longo de sua história. O vocabulário de cada indivíduo está associado à sua história pessoal e às crenças que o constituem como sujeito autônomo de sua singularidade.

Ao ter a intenção da adesão de seu destinatário, o locutor cria, conserva e modifica aqueles vocábulos que achar convenientes para que ele consiga atingir a finalidade de sua comunicação. E mais, sempre está atento à constante luta diária que tem para escolher os adjetivos que combinem com os substantivos utilizados que, por sua vez, estejam coerentes com a cultura para quem se pronuncia. Dessa forma, todo ato comunicativo, a partir da escolha lexical, tem a intenção e traz consigo o desejo de provocar o efeito de sentido esperado pelo locutor em seus destinatários. Assim, por trás dos atos comunicativos do Papa, existe algo além do que simplesmente a transmissão de suas mensagens, pois eles carregam consigo a intencionalidade de um desejo de impressionar seu destinatário, ou mesmo, apenas marcar seus posicionamentos atentando à cultura na qual irá proferir seus discursos.

4.2.2 Metáfora: estratégia de transmissão de ideologia

As metáforas são cruciais na construção da realidade social e, por isso, permitem o processo de compreensão da linguagem e do mundo. Nesse sentido, podemos afirmar que o modelo de contexto é fator determinante para que elas sejam originadas, configuradas e explicitadas num determinado evento comunicativo. Ao estar atento às realidades sociais, desempenhando sua capacidade de controle mental e (re)produzindo um discurso metafórico que seja acessível aos católicos e compreendido pelo maior número de seus fiéis, o Santo Padre propaga as crenças (opiniões e atitudes) do grupo ao qual pertence e, transmite a ideologia de sua instituição.

Nossos valores não são independentes, mas devem formar um sistema coerente com os conceitos metafóricos que orientam nossa vida cotidiana. Em nosso caso, o sistema de conceitos da Igreja é obtido na Bíblia e é por meio dela que é reproduzida a ideologia que orienta os cristãos em todas as práticas ordinárias de suas vidas. Nesse sentido, a metáfora não é apenas uma estratégia de caráter linguístico, mas também sociocognitivo, pois é produzida na mente, configurada no pensamento e manifestada pela linguagem em discursos que atendem às necessidades de determinado grupo, que compartilha os mesmos valores e as mesmas convicções culturais, ideológicas e, particularmente, as mesmas crenças religiosas.

A Igreja Católica sempre acreditou que a plenitude da verdade de Deus revelada aos homens se deu a partir da pessoa de Jesus Cristo. Atualmente, a prova dessa revelação divina estaria nos evangelhos da Bíblia e a Igreja seria a única capaz de compreender, interpretar e propagar o conteúdo metafórico desses textos e de ensinar as verdades da fé, não podendo ser questionada por ninguém.

Com a Reforma Protestante suscitada por Lutero, não somente a Igreja, mas todo o povo, ao ter acesso aos textos dos evangelhos, pôde ler, discutir e interpretar as metáforas configuradas por Jesus através da utilização de elementos do mundo físico (concreto) para comparar o Reino de Deus (conceito abstrato). Com isso, ao propagar

sua mensagem, Jesus atingia àqueles que o ouviam transmitindo, assim, a ideologia do cristianismo para propagar o Reino de Deus.

Lakoff e Johnson (2002) afirmam que, quando as pessoas não partilham a mesma cultura, o mesmo conhecimento, os mesmos valores e os mesmos princípios, a compreensão mútua pode se tornar difícil. Contudo, é possível haver a compreensão entre os interlocutores de uma situação de comunicação através da negociação de sentido, tornando-se consciente das diferenças de experiências de mundo de ambos e respeitá-las quando forem necessárias.

O catolicismo tem uma crença compartilhada (ideologia) de que a posição social do Papa na história seria a mesma do próprio Pedro, a quem Jesus concedeu a missão e a autoridade de governar a sua Igreja. O evangelista Mateus escreve que Jesus teria dito a Pedro: “também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja e as portas do Hades³⁹ (MATEUS 16, 18) nunca prevalecerão contra ela”.

O Papa Francisco, recorrendo à Bíblia, seu sistema de conceitos por excelência, constrói metáforas que são compreendidas pelos católicos de todo o mundo e, com isso, atinge seus objetivos garantindo a transmissão da ideologia de sua instituição. Embora latino-americano, ele tem de estar atento às diversas culturas dos fiéis que constituem sua Igreja, compreendendo e respeitando suas peculiaridades, a fim de produzir um discurso que seja compreendido por todos que o ouvem e o seguem. Essa atitude faz com que o Santo Padre não deixe de lado o sistema ideológico de onde teve sua formação social e cognitiva. A coerência de suas expressões metafóricas deve estar vinculada ao sistema de conceitos que o norteia frente à ideologia bimilenar da Igreja Católica da qual se tornou o seu maior líder.

Dessa maneira, é preciso entender que o Sumo Pontífice vive o modelo de contexto da Igreja Católica com o objetivo de propagar o cristianismo. Para isso, precisa controlar as mentes de seus fiéis, manipulando o discurso no intuito de manter a hegemonia de sua instituição. Assim, a Igreja, por meio de seus líderes, padres, bispos e, no maior nível, seu representante máximo, o Papa, ao ter um acesso discursivo privilegiado, tem o domínio sobre a mente de seus fiéis conseguindo estabelecer, de

³⁹ A Bíblia de Jerusalém traz o vocábulo Hades, do hebraico Sheol, que designa “a morada dos mortos”.

maneira sutil, os modelos de contexto que atendem à sua ideologia transmitindo-a para todos que assumem seus ensinamentos como verdade de fé absoluta.

Dos 178 discursos que constituem nosso *corpus*, escolhemos 50 metáforas produzidas pelo Papa Francisco que manifestam a ideologia sendo transmitida a fim de que seu desejo de construir uma nova instituição se torne realidade. Vejamos algumas dessas metáforas no quadro 8:

Quadro 8 – Metáforas

Se não somos “ovelhas de Jesus”, a fé não desponta; é uma fé de “água de cheiro” , uma fé sem substância	DISCURSO (11)
O aburguesamento do coração paralisa-nos	DISCURSO (14)
Os pobres , os abandonados, os enfermos e os marginalizados são a carne de Cristo .	DISCURSO (14)
A cultura do bem-estar faz-nos viver como se fôssemos bolas de sabão : estas são bonitas mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório	DISCURSO (22)
Decididamente pensemos a pastoral a partir da periferia, daqueles que estão mais afastados , daqueles que habitualmente não frequentam a paróquia. Eles são os convidados VIP .	DISCURSO (24)
Mas a experiência deste encontro não pode ficar trancafiada na vida de vocês ou no pequeno grupo da paróquia, do movimento, da comunidade de vocês. Seria como cortar o oxigênio a uma chama que arde .	DISCURSO (25)
Deixamo-nos inquietar pelas suas necessidades, ou permanecemos fechados em nós mesmos, nas nossas comunidades , que com frequência são para nós “comunidades-comodidades”?	DISCURSO (28)
“Episcopado” é o nome de um serviço , não de uma honra. Ao bispo compete mais servir do que dominar,	DISCURSOS (34, 38, 69, 151)
O rosto de uma cidade é como um mosaico cujas peças são todos os que nela habitam	DISCURSO (44)
É preciso ir mais além, além da escuridão, além do fascínio das Sereias , além da mundanidade, além de muitas modernidades que existem hoje, ir rumo a Belém , onde, na simplicidade duma casa de periferia, entre uma mãe e um pai cheios de amor e de fé, brilha o Sol nascido do alto, o Rei do universo.	DISCURSO (47)
Jesus é chamado o Cordeiro: é o Cordeiro que tira o pecado do mundo . Poderíamos pensar: mas como, um cordeiro, tão frágil, um cordeirinho débil, como pode tirar tantos pecados, tantas maldades? Com o Amor.	DISCURSO (49)
A festividade da Apresentação de Jesus no Templo é denominada também a festa do encontro (...) Jesus vem ao nosso encontro na Igreja.	DISCURSO (51)
A disponibilidade do sacerdote faz da Igreja a Casa das portas abertas, refúgio para os pecadores, lar para aqueles que vivem na rua, casa de cura para os doentes, acampamento para os jovens, sessão de catequese para as crianças da Primeira Comunhão...	DISCURSO (60)
aquele anúncio das mulheres , embora incrível, chegava como um raio de luz na escuridão .	DISCURSO (61)

no corpo de Cristo ressuscitado, as chagas não desaparecem, continuam, porque aquelas chagas são o sinal permanente do amor de Deus por nós	DISCURSO (63)
O bom pastor entra pela porta e a porta da misericórdia são as chagas do Senhor	DISCURSO (65)
O Cenáculo recorda-nos o serviço , o lava-pés que Jesus realizou, como exemplo para os seus discípulos. Lavar os pés uns aos outros significa acolher-se, aceitar-se, amar-se, servir-se reciprocamente.	DISCURSO (68)
A Mãe Igreja e a Mãe Maria: ambas são virgens , ambas são mães , são ambas mulheres.	DISCURSO (70)
alguns padres e bispos terem violado a inocência de menores – e a sua própria vocação sacerdotal (...) é uma espécie de culto sacrílego	DISCURSO (76)
gastai estes anos na edificação duma Igreja mais santa, mais missionária e humilde - uma Igreja que ama e adora a Deus, procurando servir os pobres, os abandonados, os doentes e os marginalizados.	DISCURSO (80)
As famílias são os “tijolos” para a construção da sociedade	DISCURSO (83)
o cântico mariano professa que a Deus apraz subverter as ideologias e as hierarquias mundanas	DISCURSO (93)
“Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura ” (Lc 2,12). O “sinal” é precisamente a humildade de Deus,	DISCURSO (95)
A nossa fé não é uma doutrina abstrata nem uma filosofia, mas a relação vital e plena com uma pessoa: Jesus Cristo , o Filho unigénito de Deus que Se fez homem, morreu e ressuscitou para nos salvar e que está vivo no meio de nós.	DISCURSO (97)
Ao nosso redor, vemos guerras, exploração de crianças, torturas, tráficos de armas, comércio de pessoas... Em todas estas realidades, em todos estes irmãos e irmãs mais pequeninos que sofrem por tais situações, está Jesus	DISCURSO (98)
O círio grande representa Cristo ressuscitado , vivo no meio de nós.	DISCURSO (99)
A liberdade religiosa é um direito humano fundamental.	DISCURSO (100)
O caminho da Igreja é não condenar eternamente ninguém; derramar a misericórdia de Deus sobre todas as pessoas.	DISCURSO (108)
o caminho da Igreja é precisamente sair do próprio recinto para ir à procura dos afastados nas “periferias” essenciais da existência	DISCURSO (108)
O culto, as celebrações litúrgicas são o âmbito privilegiado para ouvir a voz do Senhor , que orienta pelo caminho da retidão e da perfeição cristã.	DISCURSO (110)
a Igreja é a casa que acolhe todos e não rejeita ninguém	DISCURSO (112)
Este é o caminho de Deus, o caminho da humildade. É a estrada de Jesus; não há outra. E não existe humildade, sem humilhação	DISCURSO (114)
Permanecer em Jesus significa fazer tudo aquilo que Ele mesmo fazia: fazer o bem, ajudar os outros, rezar ao Pai, curar os enfermos, ajudar os pobres e ter a alegria do Espírito Santo.	DISCURSO (122)
a Eucaristia não é uma recompensa para os bons, mas constitui a força para os mais frágeis, para os pecadores. É o perdão, é o viático que nos ajuda a ir em frente, a caminhar.	DISCURSO (126)
O serviço é o critério do verdadeiro amor. Aquele que ama serve, põe-se ao serviço dos outros	DISCURSO (131)
as nossas paróquias, comunidades, capelas, lugares onde estão os cristãos , não com as portas fechadas, mas como verdadeiros centros de encontro tanto entre nós como com Deus. Como lugares de hospitalidade e acolhimento	DISCURSO (135)
A nossa Santa Mãe Igreja é pobre , Deus quer-a pobre, como quis pobre a nossa Santa Mãe Maria.	DISCURSO (137)

Isto acontece também a nós, sempre, em certas situações: demasiado apegados às riquezas, sentimos prazer quando nos elogiam, como um pavão . Muitas pessoas tornam-se ridículas. A vaidade tornam-nas ridículas	DISCURSO (145)
E a Igreja é chamada a viver a sua missão na caridade de procurar e cuidar dos casais feridos com o óleo da aceitação e da misericórdia; de ser “ hospital de campanha ”, com as portas abertas para acolher todo aquele que bate pedindo ajuda e apoio;	DISCURSO (146)
Quem serve os outros e não goza efetivamente de prestígio, exerce a verdadeira autoridade na Igreja	DISCURSO (147)
Então seremos servos segundo o seu Coração : não funcionários que prestam serviço, mas filhos amados que entregam a vida pelo mundo .	DISCURSO (150)
Também este Ano Extraordinário é dom de graça . Entrar por aquela Porta significa descobrir a profundidade da misericórdia do Pai que a todos acolhe e vai pessoalmente ao encontro de cada um.	DISCURSO (157)
A palavra “misericórdia” é composta por dois vocábulos: miséria e coração. O coração indica a capacidade de amar; a misericórdia é o amor que abarca a miséria da pessoa	DISCURSO (158)
o caminho da salvação! Não é o luxo, nem o caminho das grandes riquezas, não é a via do poder. É a da humildade . E os mais pobres, os doentes, os encarcerados.	DISCURSO (160)
Vem muito a propósito invocar, neste dia, a Virgem Maria , antes de mais nada, como Mãe da misericórdia . A Porta Santa que abrimos é, realmente, uma Porta da Misericórdia . (...). Ela é Mãe da misericórdia, porque gerou no seu ventre o próprio Rosto da misericórdia divina, Jesus, o Emanuel, o Esperado de todos os povos, o “Príncipe da Paz” (Is 9, 5).	DISCURSO (165)
Para a Igreja, ser missionária não significa fazer proselitismo; para a Igreja , ser missionária equivale a exprimir a sua própria natureza: ser iluminada por Deus e refletir a sua luz. Este é o seu serviço .	DISCURSO (166)
E, no final, não vos esqueçais que a maior herança que podeis deixar aos vossos filhos é a fé .	DISCURSO (167)
Quaresma: tempo para regular os sentidos, abrir os olhos para tantas injustiças que atentam diretamente contra o sonho e o projeto de Deus	DISCURSO (173)
É o Deus que tem um nome: misericórdia . O seu nome é a nossa riqueza, o seu nome é a nossa fama, o seu nome é o nosso poder	DISCURSO (173)
a crise humanitária (...) São irmãos e irmãs que partem, forçados pela pobreza e a violência, pelo narcotráfico e o crime organizado.	DISCURSO (176)

*Grifo nosso.

Os discursos (60), (70), (80), (108), (112), (137), (146), (147), (160) e (166) revelam metáforas configuradas a partir do conceito de Igreja. Parece-nos que o Papa, ao se utilizar desse tipo de figura retórica quer implantar um novo jeito de ser Igreja. Assim, ele ressalta que “a identidade cristã é pertença à Igreja”. E não é de qualquer Igreja que o Papa menciona. Ele quer uma Igreja pobre, santa, humilde e missionária. Um Igreja que sirva aos outros e não goze de prestígios, que seja um “hospital de campanha” para cuidar dos casais feridos, que acolha e derrame a misericórdia de Deus a todos, que saia de seu recinto e procure os afastados. Uma Igreja como uma casa de portas abertas para todos. Ao comparar a Igreja como “casa de portas

abertas”, “mãe, mulher e virgem”, “santa, missionária e humildes”, “casa que acolhe todos”, “hospital de campanha”, “servidora dos outros”, o Papa Francisco acena para a ideologia que deseja implantar em seu pontificado, e com isso, concretizar uma nova realidade de ser Igreja no século XXI.

A metáfora de número (137) apresenta-se relacionada ao desejo inicial do Papa, “ah, como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres”. O Santo Padre afirma que “a nossa Santa Mãe Igreja é pobre, Deus quiere-a pobre, como quis pobre a nossa Santa Mãe Maria” (DISCURSO 137). Afirmar, para os sacerdotes, religiosos e seminaristas, na catedral de Havana, que “a Igreja é pobre”, é antes de tudo, colocar-se contraditório com a tamanha riqueza e bens que sua instituição possui em todo o mundo. Não sabemos ao certo qual foi a intenção de Francisco ao defender que Deus quer a Igreja pobre, como quis a mãe de Jesus. O que podemos dizer é que se este é um verdadeiro desejo do Papa, ele muito dificilmente irá realizá-lo na Igreja Católica.

Nos discursos (34, 38, 69 e 151), o Sumo Pontífice transmite sua ideia de que o Episcopado (cargo ocupado por um bispo) é um serviço. Assim, ele explicita que os membros de sua Igreja, inclusive os bispos e padres devem colocar-se a serviço do povo. Ele também compara o Cenáculo (local onde Jesus realizou a última ceia e lavou os pés de seus discípulos) com o serviço (DISCURSO 68). Mais uma vez, Francisco aponta o serviço como o critério do verdadeiro amor (DISCURSO 131). Dessa forma, ele assume que quer um governo que tenha o serviço como objetivo e intenção: “O serviço é o critério do verdadeiro amor. Aquele que ama serve, põe-se ao serviço dos outros” (DISCURSO 131).

As metáforas sobre a fé podem ser encontradas nos discursos (11), (97) e (167). Neles, o Papa compara esse sentimento à “água de cheiro”, “relação vital e plena com Jesus Cristo” e “maior herança dos homens”.

O Santo Padre sabe utilizar-se de elementos que sejam capazes de atingir seu público e fazer com que este torne-se adepto de suas ideias. Basta-nos reler o discurso (14), no qual o Papa afirma que “a carne de Cristo” são “os pobres, os abandonados, os enfermos e os marginalizados” e, por isso, não se deve sentir repugnância de “tocar a carne de Cristo”. Dentre as metáforas que elencamos no quadro, essa nos pareceu a mais estratégica no que diz respeito ao Eu-mesmo do Papa e à eficácia do objetivo

desse ato comunicativo. Ouvir de um Papa que não se deve ter nojo ou aversão dos pobres, dos enfermos *etc*, que eles são a própria carne de Cristo e que “em todos esses irmãos e irmãs que sofrem está Jesus” (DISCURSO 98) é, antes de tudo, acreditar que é preciso colocar-se a serviço desses excluídos socialmente.

A questão da misericórdia também faz parte das metáforas criadas pelo Papa e podem ser encontradas nos discursos (65), (157), (158), (165) e (173). Neles o Santo Padre trata a misericórdia como “as chagas do Senhor”, “presença”, “dom de graça”, “porta santa” e “nome de Deus”. Assim, ele consegue atingir os seus fiéis e propagar a ideia de que, sem a misericórdia, não se pode encontrar a Deus.

Muitas expressões metafóricas são interessantes, pois revelam uma linguagem simples, criativa e inovadora do Sumo Pontífice. No discurso (14), ele diz “aburguesamento do coração” para se referir a um coração que deseja rejeitar o ensinamento de Jesus em amar a pobreza. Parece-nos que nessa metáfora, o Papa deseja criticar o modo de vida burguês e o capitalismo. E mais, o discurso parece se aproximar de uma tendência socialista.

Outra expressão que nos chama à atenção é “viver como se fôssemos bolas de sabão” (DISCURSO 22), uma denúncia do Papa ao estilo de vida daqueles que querem viver sozinhos numa cultura do bem-estar. Ele se queixa das “comunidades-comodidades” (DISCURSO 28), numa tentativa de expressar seu descontentamento àqueles que estão nas igrejas, mas que querem ser servidos e não servirem. Esse estilo de vida é contrário ao que ensinou Jesus e, por isso, deve ser abominado da Igreja do Papa.

O Santo Padre compara “o rosto de uma cidade a um mosaico” (DISCURSO 44), “Jesus a um cordeiro” (DISCURSO 49), “a apresentação de Jesus no Templo como a festa do encontro” (DISCURSO 51), “as famílias a tijolos” (DISCURSO 83), “o círio a Cristo ressuscitado” (DISCURSO 99), “a liberdade religiosa a um direito fundamental” (DISCURSO 100), “a Eucaristia a o perdão e ao viático” (DISCURSO 126), “as paróquias, comunidades, capelas a centros de encontro” (DISCURSO 135) e “crise humanitária a irmãos e irmãs que partem forçados” (DISCURSO 176).

Na primeira visita apostólica internacional de seu pontificado, em julho de 2013, o Papa, falando aos jovens que estavam no Brasil para a XVIII Jornada Mundial da

Juventude, utiliza-se de metáforas significativas para expressar sua preferência pelos mais pobres e afastados. Ele afirma que essas pessoas “que habitualmente não frequentam as paróquias são os convidados VIP” (DISCURSO 24). E mais, que toda a experiência dos dias da Jornada não poderia ficar trancafiada na vida da paróquia, do movimento ou da comunidade, pois, se assim o fosse, “seria como cortar o oxigênio a uma chama que arde” (DISCURSO 25). Com isso, o Papa Francisco alerta para que os jovens não permaneçam fechados em si mesmos e apenas nas comunidades que, segundo ele, muitas vezes são “comunidades-comodidades” (DISCURSO 28). Dessa forma, ao construir essa figura retórica, ele denuncia a atitude daqueles que não se colocam a serviço, mas que desejam o trabalho da Igreja apenas como um meio de vida ou de prestígio. Para o Santo Padre, não se deve deixar a vaidade tornar as pessoas ridículas quando elas sentem prazer ao serem elogiadas “como um pavão” (DISCURSO 145) e se permitem paralisar pelo “aburguesamento de seus corações” (DISCURSO 14). Ao configurar essas metáforas, o Papa recorre a uma estratégia eficaz para propagar a ideologia da Igreja, pois comparar a vaidade com um pavão e a paralisia com um coração-burguês é, antes de tudo, ser compreendido pelo maior número de seguidores e disseminar as crenças (opiniões e atitudes) do catolicismo.

O Papa Francisco afirma que Quaresma é “tempo para regular os sentidos, abrir os olhos para tantas injustiças que atentam contra o projeto de Deus” (DISCURSO 173). Ao conceituar o tempo quaresmal (quarenta dias que antecedem à comemoração da Páscoa dos cristãos) como um tempo propício para se contrapor à pobreza, ao sofrimento, às injustiças, a intencionalidade do Santo Padre tenta combater as desigualdades sociais existentes. Ainda, ele compara o “anúncio das mulheres como um raio de luz na escuridão” (DISCURSO 61). O anúncio de que fala o Papa Francisco é o da ressurreição de Cristo que, segundo a tradição, acontece no domingo da Páscoa, ou seja, depois dos quarenta dias do tempo da quaresma. Parece-nos que, para o Papa, diante de todos os desafios, tais como a pobreza, as injustiças, os sofrimentos e “ir além do fascínio das Sereias, além da mundanidade e de muitas modernidades” (DISCURSO 47), anunciar o Cristo-ressuscitado é a única saída.

O Sumo Pontífice, com seu pensamento criativo e sua capacidade linguística, utilizando-se de expressões metafóricas, eficaz instrumento cognitivo que tem por finalidade última a intencionalidade comunicativa, configura, de maneira sutil, seu

pensamento com um discurso aparentemente coerente às suas práticas e consegue resgatar, num período curto de pontificado, a credibilidade da Igreja Católica. Com isso, várias vezes, em seus discursos, ele manifesta a insatisfação para com aqueles que estão próximos de seu governo, frente à Igreja e apela à emoção e ao imaginário de seus seguidores, a fim de fazê-los aderirem às suas crenças, no desejo de edificar a ideologia revelada três dias após o início de seu pontificado: “uma Igreja pobre e para os pobres”.

O aspecto dinâmico e inovador dos discursos do Santo Padre, bem como suas metáforas são antes de tudo, a manifestação do conhecimento e das crenças (opiniões e atitudes), que outrora foram transmitidos, numa perspectiva psicológica e sociocognitiva, por um grupo da Igreja Católica, os padres jesuítas, dos quais ele recebeu sua formação filosófica e teológica. Portanto, as construções discursivas do Papa Francisco são um campo fértil de estudo sobre a transmissão de ideologia da Igreja Católica que, há alguns anos, vinha perdendo seus fiéis e estava disposta a eleger o primeiro latino-americano para ocupar seu cargo mais alto a fim de resgatar e garantir sua hegemonia na sociedade pós-moderna.

4.3 SEMÂNTICA GLOBAL: TEMAS DOS DISCURSOS DO PAPA

O modelo mental dos discursos dos primeiros anos de pontificado de Francisco é o mesmo de quando ele estava na Argentina, ocupando o cargo de arcebispo-cardeal de Buenos Aires. Percebemos que os temas abordados e as metáforas utilizadas pelo Papa parecem não atender ao modelo de contexto de Sumo Pontífice. O Santo Padre, num período muito curto, discursa sobre os homossexuais; tenta combater à desigualdade social dentro de sua própria instituição; critica seus colaboradores mais próximos como, por exemplo, os cardeais, durante o discurso do Natal de 2014; expressa sua preocupação com os mais pobres dizendo ao mundo, por meio de uma metáfora, que a Igreja não precisa de cristãos-coelhos (uma alusão à descontrolada fertilidade desses animais). O Papa sempre elabora seus discursos dizendo aos padres e bispos que estes devem “possuir o cheiro de suas ovelhas” e não estarem

trancafiados em carros blindados e com vidros escuros. Configura uma metáfora inovadora para falar dos padres-borboletas, ou seja, aqueles que vivem “untuosos” e autopromovem-se para usufruir dos luxos da Igreja Católica. Com firmeza e convicção, afirma-lhes que o poder eclesiástico deve estar a serviço dos mais pobres, dos marginalizados, dos pequeninos, enfim, de todos os excluídos socialmente.

“Os modelos mentais também proporcionam um ‘ponto de partida’ para a produção de nossos discursos” (VAN DIJK, 2012, p.91). Isso nos permite inferir que, o Papa Francisco, nas duas vezes em que produz seus discursos acerca dos homossexuais, está fora do Vaticano, tampouco, em eventos eclesiásticos, mas sempre nos voos de viagens internacionais retornando a Roma. Dessa forma, aparenta-nos que sua memória episódica é a de outro modelo de situação. Logo, os modelos mentais que lhe proporcionam falar dos homossexuais não são os modelos mentais de Papa, mas de um bispo local que se coloca próximo das realidades de sua Igreja Particular. Quando fala sobre homossexuais, seu modelo de contexto atende às exigências do local (espaço) e do tempo (hora) em que questões tão delicadas para a Igreja tenham surgido em sua memória, após as perguntas de jornalistas. Ele, de modo perfeito, consegue adequar o seu discurso aos modelos de contextos nos quais lhe são questionados temas tão relevantes e divulgados pelas mídias internacionais. Até então, nunca nos pareceu tão normal um Papa falar sobre esses temas de maneira tão acessível e com tamanha naturalidade quanto o Santo Padre Francisco. Parece-nos que suas representações cognitivas estão conectadas com os modelos de experiências de arcebispo-cardeal de Buenos Aires. Assim, diferente de seus antecessores que não falavam abertamente dos homossexuais, o Papa Francisco parece não se sentir constrangido de falar sobre eles deixando claro suas crenças e convicções.

A ideologia que estrutura os modelos mentais do Papa foi adquirida por princípios católicos de sua família e, posteriormente, da Companhia de Jesus, ordem religiosa católica, em que foi ordenado diácono, padre, bispo até ser eleito o Sumo Pontífice.

As escolhas lexicais apontam para o reconhecimento dos temas de que se tratam os discursos. Nesse sentido, os discursos dos três primeiros anos do pontificado de Francisco, abordam a questão do serviço, da pobreza e da misericórdia. Seu governo

parece estar desejoso de construir uma “Igreja em saída” com a “cultura do encontro” sendo misericordiosa.

Portanto, ao prosseguirmos nossas análises, dividimos os discursos do Papa pelos temas discursivos, colocando próximos os discursos de missas presididas no mesmo contexto (cenário), mas que, porventura, possam ter sido realizadas em anos distintos e com participantes diferentes.

4.3.1 Serviço: “O verdadeiro poder é serviço”

Um dos temas mais relevantes no pontificado do Papa Francisco é a questão do serviço. Ele, no dia 19 de março de 2013, três dias após sua eleição, durante a missa do início de seu ministério petrino, presidida na Praça de São Pedro em Roma solicita:

Não esqueçamos jamais que o verdadeiro poder é o serviço, e que o próprio Papa, para exercer o poder, deve entrar sempre mais naquele serviço que tem o seu vértice luminoso na Cruz (DISCURSO 3).

O primeiro discurso público do Papa vem demarcar que seus objetivos e suas intenções estavam desejosos em estabelecer uma Igreja servidora e que, o Papa, sendo um membro dessa Igreja, também deveria ter o serviço como a base de todo e qualquer exercício de poder. O tema em questão aparece durante os três anos do pontificado do Papa Francisco. O seguinte discurso proferido, quatro vezes, durante ordenações episcopais comprova o que acabamos de dizer:

Com efeito, “Episcopado” é o nome de um serviço, não de uma honra. Ao bispo compete mais servir do que dominar, segundo o mandamento do Mestre: “Aquele que entre vós é o maior, torne-se como o último; e o que governa seja como o servo” (DISCURSOS 34, 38, 69, 151).

Em 24 de outubro de 2013, durante a ordenação episcopal dos monsenhores Jean-Marie Speich e Giampiero Gloder, na Basílica Vaticana, Francisco, pela primeira vez, utilizando-se de uma metáfora, compara o ministério do bispo (episcopado) ao serviço. Em 15 de novembro do mesmo ano, durante outra ordenação episcopal, também na Basílica Vaticana, o Papa profere as mesmas palavras. No ano seguinte, em 30 de maio, no mesmo local, ordenando bispos, mais uma vez, o Sumo Pontífice, demarcando suas crenças (opiniões e atitudes), repete o trecho mencionado. Em 09 de novembro de 2015, desta vez na Basílica de São João de Latrão, durante ordenação episcopal, a voz do Papa exorta aos novos bispos que seus ministérios deveriam ser traduzidos ao serviço dos pobres e daqueles que precisassem de acolhimento e de ajuda.

Por quatro vezes, o Santo Padre repete as mesmas escolhas lexicais para dizer acerca do serviço para aqueles a quem ordenava bispos de sua Igreja. Com isso, ele propaga uma ideologia a fim de atender suas crenças e seu modo de ser Igreja. Mais uma vez, em 2016, ele adverte os bispos para não se tornarem funcionários do divino ou empregados da empresa de Deus.

Ai de nós – consagrados, consagradas, seminaristas, sacerdotes, bispos. Não queremos ser funcionários do divino; não somos, nem o queremos ser jamais, empregados da empresa de Deus, fomos convidados a encerrar-nos no seu coração, um coração que reza e vive dizendo: Pai Nosso (DISCURSO 175).

No discurso proferido no estádio “Venustiano Carranza”, em Morelia, no México, Francisco argumenta, por meio do coração que reza Pai Nosso, uma ideologia de comunidade e de fraternidade.

Na Basílica Vaticana, em março de 2016, o Papa exorta, em primeiro lugar, os seus próprios colaboradores a terem atitudes solidárias e a sempre colocarem em primeiro lugar as necessidades do povo.

(...) nós, pastores, (...) Somos obrigados a rever comportamentos que, às vezes, não ajudam os outros a aproximar-se de Jesus; horários e programas que não atendem às reais necessidades daqueles que poderiam aproximar-se do confessional (DISCURSO 178).

Durante a celebração da Ceia do Senhor, nos anos de 2013 e 2015, o Papa ressalta:

Lavar os pés significa: “eu estou ao teu serviço”. (...) Como sacerdote e como Bispo, devo estar ao vosso serviço (DISCURSO 6).

Mas eu também tenho necessidade de ser lavado pelo Senhor, (...) para que eu me torne mais escravo de vós, mais escravo no serviço das pessoas, como o foi Jesus (DISCURSO 116).

Queremos ressaltar que os dois eventos comunicativos dos discursos (6) e (116) foram realizados num cárcere para menores e no presídio de Rebibbia, ambos em Roma. Embora sejam em anos diferentes, a celebração desses eventos é para os cristãos-católicos, a comemoração do dia em que Cristo celebrou a Última Ceia com seus apóstolos, lavou-lhes os pés, ensinou-lhes o mandamento do amor e instituiu a Eucaristia. No entanto, nunca um Papa havia saído do Vaticano para celebrar essa missa em outro lugar que não fosse na Basílica de São Pedro. Francisco rompe com a tradição comprovando sua liderança carismática e vai ao encontro daqueles considerados excluídos pela sociedade.

Lavar os pés uns aos outros significa acolher-se, aceitar-se, amar-se, servir-se reciprocamente. Quer dizer servir o pobre, o doente, o marginalizado, a pessoa que me é antipática, aquela que me dá fastídio. (DISCURSO 68).

O Santo Padre prefere ser chamado de Bispo de Roma ao invés das inúmeras outras formas de tratamento que demarcam sua posição social e seu poder. Por várias vezes, ele mesmo, ao se autorreferir, escolhe o termo “Bispo” para expressar seu desejo de conceder aos bispos do mundo inteiro maior autonomia na gestão de suas igrejas particulares e, dessa maneira, descentralizar o poder da Cúria Romana.

O Bispo de Roma é chamado a viver e confirmar neste amor por Cristo e por todos, sem distinção, limite ou barreira. E não só o Bispo de Roma, mas todos vós, novos arcebispos e bispos, tendes o mesmo dever. O dever de não se poupar, de se esquecer de si ao serviço do povo santo e fiel de Deus (DISCURSO 20).

O abraço da paz, que trocarei com eles, quer significar antes de tudo o reconhecimento do Bispo de Roma por estas Comunidades (DISCURSO 40).

Hoje, como Bispo de Roma, encontro-me aqui para vos confirmar não só na fé mas também na caridade, para vos acompanhar e encorajar no vosso caminho com Jesus Caridade (DISCURSO 72).

Hoje nós – o Bispo de Roma e os outros Bispos, sentimos que o exemplo de São Pedro nos desafia a verificar a nossa confiança no Senhor (DISCURSO 74).

Os discursos (20) e (74) foram proferidos na Basílica Vaticana. O primeiro, durante a missa da Solenidade de São Pedro e São Paulo, em 29 de junho de 2013. Já o segundo, na mesma data do ano seguinte, foi na missa de imposição dos pálios aos novos bispos metropolitanos. O discurso de número (40) foi pronunciado em 24 de novembro de 2013, durante a missa de conclusão do ano da fé na Praça de São Pedro (evento iniciado pelo Papa emérito). Por fim, na esplanada da Marina de Sibari, Calábria, no dia 21 de junho de 2014, o Papa Francisco proferiu o discurso (72).

A escolha lexical “Bispo de Roma” permite-nos relacionar com a questão do tema do serviço tão presente nos discursos do Papa. Quando ele, ao ser apresentado ao mundo da sacada Vaticana, após sua eleição, diz-lhes que seus irmãos-cardeais tinham ido buscá-lo “quase ao fim do mundo” e que “a comunidade diocesana de Roma já tem o seu Bispo”.

Francisco expressa o tipo de poder que estava assumindo frente à instituição católica, e mais, pede à multidão que aguardava sua benção que antes rezasse por ele. Dizer ao mundo que o conclave havia elegido um Bispo e não um Papa era a garantia de atingir o público e de adquirir popularidade.

O Sumo Pontífice aborda que os sacerdotes devem estar no meio de seu povo atento às suas necessidades. Diz que o cansaço deve ser fruto do serviço prestado àqueles que lhes são confiados. Critica o cheiro de perfumes caros, mas elogia o “cheiro de suas ovelhas” que deve estar impregnado nos verdadeiros pastores.

Isto vo-lo peço: sede pastores com o “cheiro das ovelhas”, que se sintam este –, serem pastores no meio do seu rebanho, e pescadores de homens (DISCURSO 5).

Depois do trabalho pastoral, procuro repousos mais refinados: não os repousos dos pobres, mas os que oferece a sociedade de consumo? (...) É o cansaço do sacerdote com o cheiro das ovelhas. (...) Isto não tem nada a ver com aqueles que conhecem perfumes caros e te olham de cima e de longe (DISCURSO 115).

Trazei sempre diante dos olhos o exemplo do Bom Pastor, que veio, não para ser servido, mas para servir (DISCURSO 10).

A disponibilidade do sacerdote faz da Igreja a Casa das portas abertas. (...) Onde o povo de Deus tem um desejo ou uma necessidade, aí está o sacerdote que sabe escutar (DISCURSO 60).

Francisco argumenta que Cristo, o Bom Pastor, não veio para ser servido, mas para servir. Dessa premissa, aponta que o caminho daqueles que querem ser homens da igreja deve ser igual ao exemplo do eterno e sumo-sacerdote, Jesus.

Os discursos (5), (60) e (115) foram lidos na Basílica Vaticana durante a Missa do Crisma dos anos 2013, 2014 e 2015, respectivamente. O de número (10), embora tenha sido proferido na mesma Basílica, não foi na Missa do Crisma, mas durante uma missa na qual o Papa ordenou vários presbíteros.

Na festa do *Corpus Christi* do ano de 2013, celebrando a missa na Basílica de São João do Latrão, o Papa, discorrendo acerca do evangelho da multiplicação dos pães, adverte:

Diante das necessidades da multidão, eis a solução dos discípulos: cada um pense em si próprio; despedir a multidão! (...) Todavia, a solução de Jesus vai noutro rumo, numa direção que surpreende os discípulos: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (DISCURSO 18).

Dois anos depois, em sua visita à Bolívia, na Praça Cristo Redentor em Santa Cruz de la Sierra, o Santo Padre volta a proclamar:

E Jesus retoma a palavra para nos dizer: “Não, não é necessário excluí-los, não é necessário irem embora; dai-lhes vós mesmos de comer” (DISCURSO 133).

O Sumo Pontífice, falando não somente à comunidade romana, mas a todo mundo, leva sua mensagem de inclusão, de fraternidade e de disponibilidade. A multiplicação dos pães, narrada nos evangelhos desses dois eventos comunicativos é o ápice da mensagem do Papa. Ele busca, de maneira simples e acessível, dizer a todos que Jesus os ensina a partilhar, a ter compaixão dos outros e a se sentir irmãos como numa grande família em que Deus é o Nosso Pai. Afirma que os cristãos podem “correr o risco de se deixarem paralisar num modelo de sociedade fechada que tende mais a excluir do que a incluir” (DISCURSO 129) e que “a falta de vigilância torna o Pastor insípido, negligente, transformando-o num funcionário, num clérigo de Estado, preocupado mais consigo mesmo” (DISCURSO 16). Segundo Francisco (2013), o sonho de Deus é ter uma casa que não conheça exclusão de pessoas ou de povos.

Na paróquia romana Santa Izabel e São Zacarias, o Papa Francisco, em maio de 2013, ressalta que Maria, após ter recebido o anúncio do anjo de “que seria mãe de Jesus, partiu, à pressa, porque sentiu algo dentro de si: ajudar” (DISCURSO 17). Assim, embora sabendo que seria a mãe do filho de Deus, ela se coloca a serviço, primeiramente de sua prima e, depois, amando, educando e transmitindo a Jesus valores capazes de construir um mundo mais justo, solidário e fraterno (DISCURSO 23). Na praça do santuário mariano Caacupé, em Assunção, no Paraguai, ele afirma que “Maria sempre apareceu onde um filho podia ter necessidade d’ela” (DISCURSO 134). E em Cuba, no dia 22 de setembro de 2015, numa Basílica da Virgem da Caridade, Francisco fez o seu pedido: “como Maria, queremos ser uma Igreja que serve, que sai de casa, que sai dos templos, que sai das sacristias para acompanhar a vida” (DISCURSO 139).

O Sumo Pontífice não mede esforços para criticar o estilo de uma Igreja narcisista, fechada no seu recinto (DISCURSO 15), que nos leva a pensar em nós mesmos como se fôssemos bolas de sabão (DISCURSO 22) em nossos particularismos e exclusivismos, trazendo a divisão (DISCURSOS 91 e 104). Repete que “o mundo tem necessidade de homens e mulheres que não estejam fechados” (DISCURSOS 7 e 125) e, até mesmo, chega a imaginar paróquias, comunidades, capelas onde os cristãos estejam não com as portas fechadas, mas como verdadeiros centros de encontro (DISCURSOS 135 e 146). Recorda-nos que Deus não nos criou para

permanecermos sozinhos, mas para nos abirmos ao encontro com o próximo (DISCURSO 39).

Na Jornada Mundial da Juventude, ocorrida no Brasil em julho de 2013, o Papa proclama, nas areias de Copacabana, que a experiência daquele encontro não poderia ficar trancafiada na vida daqueles jovens ou no pequeno grupo da paróquia (DISCURSO 25), mas que eles deveriam sair pela porta fora para procurar e encontrar tanta gente que há esperando o Evangelho (DISCURSO 24), pois a vocação dos cristãos é ir ao encontro daqueles que vivem em necessidade tanto material como espiritual (DISCURSO 94).

Desse modo, Francisco, em fevereiro deste ano, na Basílica Vaticana, deixa claro que aqueles que se encontram com Jesus não podem permanecer como antes, mas transformam-se em testemunhas do ressuscitado evitando a autorreferencialidade e o fechamento em si mesmos, tornando-se promotores da cultura do encontro (DISCURSO 169). Disso, podemos concluir que a presença é uma marca de seu governo e de suas crenças, adquiridas desde quando era jesuíta:

Neste caso nós, jesuítas, e toda a Companhia não estamos no centro, estamos por assim dizer “deslocados”, estamos ao serviço de Cristo e da Igreja, Esposa de Cristo nosso Senhor (FRAGMENTO 26).

Cada um de nós, jesuítas, que segue Jesus, deveria estar disposto a despojar-se de si mesmo porque o centro da Companhia é Cristo e a sua Igreja (DISCURSO 46).

Muitos outros discursos do Papa Francisco, também tratam do tema “serviço” defendendo que a caridade deve ser diária, com obras concretas, sobretudo, no acolhimento ao pobre. Esses discursos argumentam que a Igreja que ama deve servir aos pobres, pois “o amor que possibilita o verdadeiro serviço, nunca ideológico, uma vez que não se serve ideias, mas às pessoas” (DISCURSO 136).

Na Basílica Vaticana, em 15 de fevereiro de 2015, o Papa diz aos novos cardeais: “servir os outros é o nosso sinal distintivo e o nosso único título de honra” (DISCURSO 108). No mesmo local e ano, na solenidade de São Pedro e São Paulo, ele afirma: “a

Igreja fundada sobre Cristo permanece fiel ao depósito da fé no serviço porque ela não é dos Papas, dos Bispos, dos padres e nem dos fiéis. Ela é unicamente de Cristo” (DISCURSO 130). E, na Praça de São Pedro, em 18 de outubro de 2015, numa missa de canonização, o Santo Padre, com sua liderança carismática, faz ecoar sua voz para todos os que ali se encontravam: “quem serve os outros e não goza efetivamente de prestígio, exerce a verdadeira autoridade na Igreja” (DISCURSO 147).

Desse modo, o Papa demarca, em três anos de pontificado, seu desejo de uma Igreja aberta, em saída, sem exclusivismos nem regalias, com o “cheiro de suas ovelhas”, capaz de fazer o Evangelho de Cristo ser anunciado a todos, sem discriminação, distinção ou exclusão. Seu objetivo é promover, a partir de suas viagens e por meio de suas atitudes, a “cultura do encontro”, onde todos sejam irmãos em um mundo justo, fraterno e solidário. O Santo Padre Francisco aparenta desejar que os pobres, os marginalizados, os excluídos, os humildes, os pequeninos, efetivamente, tenham voz e vez em sua Igreja e em todos os outros lugares. Para tanto, critica com vigor algumas práticas de seus sacerdotes e bispos e lhes solicita disponibilidade e compromisso para com o povo. Ele chega a dizer: “nós, pastores somos obrigados a rever programas e horários que não atendem às reais necessidades dos fiéis” (DISCURSO 178). Isso para se posicionar em favor do povo e ressaltar a necessidade de seus colaboradores (padres e bispos) se adequarem às reais necessidades pastorais em suas paróquias e dioceses.

4.3.2 Pobreza: “Igreja pobre e para os pobres”

O segundo tema de grande importância abordado no governo de Francisco é a “pobreza”. Por diversas vezes ele menciona o seu amor preferencial pelos humildes. Inúmeros discursos abordam diretamente a questão dos pobres e trazem explícitos léxicos, como: pobres, pessoas simples, pequenos, pequeninos, humildes, marginalizados, abandonados e excluídos. O Papa demonstra-se preocupado com a crise humanitária e solicita aos governos e instituições que se coloquem próximos aos mais necessitados.

É necessária a colaboração leal de todos, com o compromisso dos responsáveis das instituições — também da Igreja — para assegurar às pessoas e às famílias os direitos fundamentais e fazer crescer uma sociedade mais fraterna e solidária (DISCURSO 30).

Francisco ressalta que “quem está investido de autoridade tem maiores responsabilidades, mas cada um é co-responsável, no bem e no mal” (DISCURSO 44). Pede aos líderes de governo, às agências internacionais, aos benfeitores e às pessoas de boa vontade que não se cansem e sigam os exemplos de estados, organizações e pessoas individuais de toda a terra que colocaram os necessitados em primeiro lugar. Trata-se de um exemplo que deveria ser seguido, adverte o Santo Padre (DISCURSO 102). Sempre se coloca bem informado sobre as condições desumanas de tantas crianças, a desnutrição grave de homens e mulheres, o crescente desemprego, o aumento da exclusão social, a falta de escolas, de assistência médica e de moradias, a fuga de multidões de homens, mulheres e crianças da guerra, da fome e da perseguição que se torna uma migração forçada tornando-se um fenômeno global. Francisco, mais uma vez clama, não podemos negar a crise humanitária (DISCURSOS 67, 92, 142, 164 e 176). Apenas o discurso de número (164) foi realizado na Basílica Vaticana, os demais foram pronunciados, respectivamente, em suas viagens a Belém, Turquia, Estados Unidos e México. De fato, era necessário abordar sua defesa aos pobres, marginalizados e excluídos, não somente em sua sede, mas em todos os continentes por onde estivesse. Assim, sua itinerância faz jus à liderança carismática que adquire ao longo desses três anos.

Muitos de seus discursos referem-se à partilha e ao compromisso evangélico dos cristãos. O Papa menciona que deve existir uma classe média da santidade, os santos de todos os dias, os santos escondidos, pessoas simples chamadas por Jesus no Evangelho de pequeninos. Francisco solicita os cristãos a assumirem seu compromisso evangélico com os desfavorecidos, marginalizados e excluídos e serem próximos de todos os que sofrem discriminações e perseguições partilhando tudo com eles. Diz que não se pode esquecer jamais daqueles que foram privados do alimento tanto para o corpo como para a alma e que se deve consagrar a vida a Deus e aos pobres, aos enfermos, aos prisioneiros e aos explorados. O Papa, por diversas vezes, afirma que, ninguém pode ser deixado à margem nem descartado, que quem serve

seja o maior, que os mais pequeninos e os pobres devem ser acolhidos e ajudados com um concreto amor, através do testemunho dos cristãos

Sê o meu mensageiro – diz-nos – dando de comer aos famintos, de beber aos sedentos; oferece um lugar aos necessitados, veste os nus e visita os doentes. Socorre os prisioneiros, não os deixes sozinhos, perdoa a quem te fez mal, consola quem está triste, tem paciência com os outros e sobretudo implora e invoca o nosso Deus (DISCURSO 172).

Os discursos (27) e (93) tratam do cântico de Maria, o Magnificat, no qual, a jovem de Nazaré exalta o Criador por tê-la escolhido para gerar seu próprio filho. Por meio dele, segundo o Papa, o próprio Deus “subverte ideologias e hierarquias mundanas” para reconhecer a santidade de tantas mães, pais, catequistas, padres, freiras, jovens, avós e crianças, pessoas simples e humildes conhecidas apenas por ele.

Nas celebrações das missas de Natal, na Basílica Vaticana dos anos de 2013 e de 2014, o Santo Padre ressalta que os pastores foram os primeiros a receber o anúncio do nascimento de Jesus “porque estavam entre os últimos, os marginalizados” (DISCURSO 43) e que não foram os arrogantes, os soberbos, aqueles que estabeleceram as leis segundo os próprios critérios pessoais e que assumiram atitudes de fechamento que viram o menino na manjedoura, mas “as pessoas simples, as pessoas dispostas a acolher o dom de Deus” (DISCURSO 95). Em janeiro de 2015, após esse discurso, o Papa, presidindo a Epifania, proclama que “o esconderijo do Senhor são os irmãos e irmãs mais pequeninos” (DISCURSO 98). Em dezembro desse mesmo ano, falando aos moradores de um albergue em Roma, ressalta:

Se quiseres encontrar Deus, procura-o na humildade, busca-o na pobreza, procura-o onde Ele está escondido: nas necessidades, nos mais necessitados, nos doentes, nos famintos, nos presos (DISCURSO 160).

Além de criticar o tipo de serviço e as atitudes de padres e bispos que, ao invés de terem o “cheiro de suas ovelhas”, usam perfumes caros e olham de cima e de longe para os pobres, Francisco, na Missa do Crisma, no Vaticano, em abril de 2015, faz a

seguinte indagação aos sacerdotes que ali estavam: “depois do trabalho pastoral procuro repousos mais refinados, os da sociedade de consumo ou sei repousar naqueles que me dão o povo fiel de Deus, os seus repousos de pobres?” (DISCURSO 115). Após cinco meses dessa crítica afirma que “a proximidade aos pobres, refugiados, imigrantes, doentes, explorados, idosos que sofrem a solidão, encarcerados e muitos outros pobres de Deus ensinar-nos-á outro tipo de repouso, mais cristão e generoso” (DISCURSO 141).

Em uma missa no cemitério Verano, em novembro de 2014, Francisco fala da pobreza lembrando as Bem-Aventuranças (DISCURSO 88). Na paróquia romana de Santa Maria Mãe do Redentor, em março de 2015, a passagem bíblica é mencionada novamente em defesa dos pobres. As Bem-Aventuranças, afirma o Papa, devem ser vividas e praticadas pelos católicos, pois quem não as vive e pratica é hipócrita (DISCURSO 111). Em setembro do mesmo ano, em sua visita apostólica em Cuba, na catedral de Havana, o Papa, volta a falar, dessa vez para um público seletivo de sacerdotes, religiosos e seminaristas que “Deus quer a Santa Mãe Igreja pobre, assim como a quis a Santa Mãe Maria”, afinal de contas, “não nos esqueçamos que é a primeira das Bem-Aventuranças: Felizes os pobres em espírito, os que não estão agarrados à riqueza, aos poderes deste mundo” (DISCURSO 137).

Para combater a pobreza e tudo o que pode advir dela, o Sumo Pontífice recorre ao que dizia sua avó quando era menino, “a mortalha não tem bolsos” (DISCURSO 4). Dessa forma, na Praça de São Pedro, em 2013, presidindo o Domingo de Ramos, o Papa demonstra sua aversão a todo tipo de acúmulo material. Na Ásia, em agosto de 2014, exclama o Pontífice: “vivemos numa sociedade onde, ao lado de imensas riquezas, cresce silenciosamente a pobreza mais abjeta; onde raramente se escuta o grito dos pobres” (DISCURSO 79), “possam os cristãos desta nação combaterem o fascínio do materialismo, o espírito de desenfreada competição e os modelos econômicos desumanos que criam novas formas de pobreza e marginalizam os trabalhadores” (DISCURSO 81). Com essas palavras, o Papa convida, não somente os asiáticos, mas todos os cristãos a se comprometerem no anúncio do Evangelho para construir uma sociedade mais justa, inclusiva, respeitadora da dignidade humana, fraterna, solidária e que defenda a vida, sem excluir ninguém (DISCURSOS

84, 96, 103, 153, 154). Esses dois últimos discursos foram proferidos pelo Santo Padre em sua visita ao Quênia e a Uganda, na África.

De todos os discursos do Papa Francisco destinados à questão da pobreza, queremos enfatizar três deles que mais nos chamaram a atenção pela forma como tratou os pobres com tamanho prestígio, colocando-os na centralidade de suas viagens. Em janeiro de 2015, ao visitar a catedral da Imaculada Conceição em Manila, capital das Filipinas, o Papa proclama que “os pobres estão no centro do Evangelho” e “são o coração do Evangelho” (DISCURSO 101) e mais, numa missa de canonização na Praça de São Pedro, dois meses após sua eleição, diz que “os pobres, os abandonados, os enfermos e os marginalizados são a carne de Cristo” (DISCURSO 14). Por isso, não se deve ter vergonha ou repugnância de “tocar a carne de Cristo”.

Presidindo a missa de Cristo Rei, na Praça de São Pedro em 2014, Francisco adverte que alguns pastores (padres e bispos) de sua Igreja se afastam do modelo de Cristo e se tornam mercenários. Entretanto, para distinguir pastores de mercenários, o instrumento, segundo ele, é o “faro infalível do povo de Deus” que consegue reconhecê-los tanto quanto for sua predileção pelos pequeninos e pobres, amados incondicionalmente por Deus (DISCURSO 90).

4.3.3 Misericórdia: “O nome de Deus é Misericórdia”

O terceiro tema de grande importância é a “misericórdia”, tratada pelo Papa Francisco pontualmente em seus discursos. Em sua maioria, o Sumo Pontífice menciona o léxico “misericórdia” acenando para o tipo de Igreja que deseja estabelecer em seu governo. Em dezembro de 2015, o Papa proclama um Ano Santo destinado à misericórdia. No dia 08 de dezembro, durante a missa na Praça de São Pedro ele proclama: “hoje, aqui em Roma e em todas as dioceses do mundo, ao cruzar a Porta Santa, queremos também recordar outra porta que, há cinquenta anos, os Padres do Concílio Vaticano II escancararam ao mundo” (DISCURSO 157). Ao proferir seu discurso, o Papa ressalta que o Concílio foi um encontro entre a Igreja e os homens e convida todos os

que ali se encontravam a irem ao encontro de qualquer pessoa, levando-lhe a alegria do Evangelho e a Misericórdia de Deus.

Quatro dias após o mencionado discurso, Francisco diz, na Basílica Vaticana, que a palavra “misericórdia” é composta por dois vocábulos: miséria e coração. Disso, conclui o Papa: “a misericórdia é o amor que abarca a miséria da pessoa” (DISCURSO 158). No dia 13 de dezembro de 2015, quando abre a Porta Santa da Basílica de Latrão, o Santo Padre diz que não somente abriu as portas santas em Roma, mas que “todas as catedrais do mundo” (DISCURSO 159) poderão abrir as suas, dando, assim, acesso a todos para receberem sua indulgência. A intenção do Papa, diferente do objetivo da Igreja Católica de quinhentos anos atrás, não é de cobrar, pelo menos de maneira direta, a indulgência ofertada. O que vimos, durante o período da Idade Média, era a Igreja comercializando indulgências e relíquias a fim de garantir sua hegemonia e construir a atual Basílica Vaticana. O Papa Francisco, ao assumir o nome que, ao contrário de todas essas atitudes, coloca-se contrário a todo e qualquer acúmulo de riqueza, reconhece os erros cometidos por sua instituição e traz a misericórdia como um dos temas centrais de seu governo e, com isso, garante o aumento do número de fiéis católicos em todo o mundo.

Ao assumir o trono de Pedro, ele afirma, na igreja de Santa Ana, no Vaticano, que “a mensagem de Jesus é sempre a mesma: a misericórdia. A mensagem mais forte do Senhor: a misericórdia” (DISCURSO 2). Assim, além de demarcar seu posicionamento em favor dos pobres e excluídos, o Papa parece desejar uma Igreja a serviço, sobretudo, pela mensagem do Cristo: a misericórdia.

Por diversas vezes, o Sumo Pontífice falou da misericórdia na Basílica Vaticana. Durante uma missa para seminaristas, noviços e noviças, o Papa disse que “as pessoas precisam certamente de palavras, mas sobretudo têm a necessidade que se testemunhe a misericórdia” (DISCURSO 21). Ao celebrar missas pelos mortos, afirma que Jesus conservou as chagas em suas mãos para que sentíssemos sua misericórdia (DISCURSO 37).

Ainda na mesma Basílica, com os cardeais e em ordenações presbiteriais, com os novos padres, o Papa exorta que “o único caminho de santidade é a misericórdia” e que “as chagas do Senhor é a porta da misericórdia” (DISCURSO 54). Pede o Santo

Padre para que os novos padres “não se cansem de serem misericordiosos e que estejam nos confessionários para perdoarem as pessoas e não condená-las” (DISCURSOS 65 e 120). Com os capuchinhos, ele trata da mesma questão com mais severidade, dizendo-lhes, que “se não forem capazes de serem autênticos confessores, que sejam humildes para limparem o chão, celebrarem missas, fazerem tudo mais que lhes convier, mas não confessarem a fim de que não se tornem grandes condenadores” (DISCURSO 170).

Numa missa em que celebra alguns matrimônios, em setembro de 2014, o Sumo Pontífice ressalta que as famílias são os “tijolos” para a construção da sociedade e o remédio que Deus oferece ao povo é seu amor misericordioso” (DISCURSO 83). Portanto, “ninguém pode ser excluído da misericórdia de Deus, pois a Igreja é casa que acolhe todos e não rejeita ninguém” (DISCURSO 112). Ainda numa missa para as famílias, o Papa afirma que “o perdão é a essência do amor, que sabe compreender o erro e pôr-lhe remédio” (DISCURSO 162).

Nos discursos (118) e (119), o Papa, na Basílica de São Pedro, durante o domingo da misericórdia, anuncia aos fiéis presentes que, nos próximos meses, irá proclamar um Ano Jubilar e o motivo disso será o tempo da misericórdia graças ao Deus que nos convida a testemunhá-lo. Esse convite é afirmado, em outubro de 2015, quando o Papa chama os discípulos de Jesus para colocarem todos “os homens em contato com a misericórdia de Deus” (DISCURSO 148).

Em abril de 2013, na Praça de São Pedro, durante a celebração de uma crisma, ele falou que “o Senhor é misericordioso e sempre nos perdoa” (DISCURSO 12). Dois meses depois, no mesmo lugar, ele afirma com convicção: “Deus, o Vivente, é misericordioso” (DISCURSO 19). Um ano após falar sobre a misericórdia na mencionada Praça, quando da canonização dos Papas João XIII e João Paulo II, Francisco afirma, mais uma vez, que “as chagas no corpo de Cristo ressuscitado não desaparecem porque são sinal permanentemente do amor de Deus que é misericórdia” (DISCURSO 63).

No final de junho do mesmo ano, ao visitar o hospital Gemelli, da Universidade Católica do Sagrado Coração, o Sumo Pontífice afirma que “Jesus não veio para conquistar os homens como os reis e os poderosos deste mundo, mas para revelar o

rosto misericordioso do Pai” (DISCURSO 73) que “nunca se cansa de ter misericórdia de nós e deseja oferecer-nos mais uma vez o seu perdão” (DISCURSO 109).

Dentre as missas em que o Papa aborda o tema da misericórdia, uma delas nos chamou muito a atenção. Na capela de sua residência oficial, casa Santa Marta, em 07 de julho de 2014, o Papa se encontra pela primeira vez em público com algumas vítimas de abusos sexuais por parte de seu próprio clero. Interessante observarmos nesse discurso que o Sumo Pontífice reconhece seu estado de angústia e pesar ao reconhecer que alguns bispos e padres violaram sexualmente a inocência de menores. Ele diz que tais violências são “uma espécie de culto sacrílego” e pede às vítimas o perdão em nome da Igreja. Afirma-lhes que “não há lugar, no ministério da Igreja, para aqueles que cometem abusos sexuais, independente do estado clerical”. O Santo Padre Francisco acredita que seu encontro com as vítimas é um “sinal da misericórdia de Deus” e suplica-lhes oração para ter coragem de prosseguir seu caminho (DISCURSO 76).

Durante a missa do *Corpus Christi*, em junho de 2015, na Praça de São João de Latrão, Francisco proclama ao mundo que “a Eucaristia constitui a força para os mais frágeis, para os pecadores” (DISCURSO 126), e por isso, deve ajudar a todos seguirem em frente. Dois dias depois, em viagem para a Bósnia-Herzegovina, na Europa central, o Papa convida a todos a pedirem “a graça de serem misericordiosos” (DISCURSO 127).

Ao tomar posse da cátedra, destinada ao Bispo de Roma, na Basílica de Latrão, no dia 07 de abril de 2013, o Santo Padre solicita aos fiéis deixarem ser “envolvidos pela misericórdia de Deus e a encontrá-la nos sacramentos” (DISCURSO 8). Dois anos depois, voltando a falar nesta mesma Basílica, o Papa, durante o terceiro retiro mundial de sacerdotes, pede a estes: “deixeis o ‘chicote’ pendurado na sacristia e que sejais pastores com ternura, inclusive para com aqueles que vos criam problemas” (DISCURSO 128).

No cemitério Verano, em Roma (DISCURSOS 36 e 149), em primeiro de novembro de 2013 e de 2015, respectivamente, o Sumo Pontífice, prega aos fiéis presentes, dizendo-lhes sobre a esperança de se esperar o amor, o perdão, a ternura de Deus.

Com isso, ressalta que “ditosos são os que sabem perdoar e que têm misericórdia pelo próximo”.

Em sua viagem apostólica a Cuba, celebrando a missa na Praça da Revolução, em Holguín, solicita que todos “partilhem a ternura e a misericórdia pelos doentes, os presos, os idosos e as famílias em dificuldade (DISCURSO 138). Dois dias após solicitar os cubanos, em 23 de setembro de 2015, o Papa, nos Estados Unidos, celebrando a missa no santuário nacional da Imaculada Conceição, em Washington, afirma que há dois mil anos, Jesus não dá uma lista seletiva a quem se deveria anunciar o Evangelho, ao contrário, envia os seus discípulos a todas as nações, sem medo, sem preconceitos, sem superioridade nem puritanismos. Antes, impulsiona-lhes: “ide anunciar o abraço misericordioso do Pai” (DISCURSO 140).

Na catedral de Bangui, na República Centro-Africana, em novembro, lança um apelo a todos para se desarmarem das armas deste mundo e a se armarem com a justiça, com o amor e com a misericórdia (DISCURSO 155). Em sua última missa do ano de 2015, na Basílica Vaticana, o Papa critica os projetos humanos que possuem interesses particulares sedentos de poder e violência e clama:

Neste Ano jubilar assumem uma especial ressonância as palavras finais do hino da Igreja: “Esteja sempre conosco, ó Senhor, a tua misericórdia: em ti esperamos” (DISCURSO 163).

O primeiro dia de 2016 é marcado com a mensagem da misericórdia. Na Basílica de Santa Maria Maior, o Santo Padre, invoca a intercessão da Virgem Maria, aquela que gerou “no seu ventre o próprio Rosto da misericórdia divina, Jesus, o Emanuel”, para atravessar com os presentes a Porta Santa da Misericórdia que acabava de abrir naquele local (DISCURSO 165).

Ao se denominar Bispo de Roma e Pastor da Igreja católica, na Basílica de São Paulo Extramuros, o Papa invoca “a misericórdia e o perdão pelos comportamentos não evangélicos que alguns católicos tiveram em relação a cristãos de outras Igrejas” (DISCURSO 168). Com essa atitude, o Santo Padre, reconhece que, mesmo em sua

igreja, existem aqueles que se distanciam da mensagem do Evangelho e causam divisão entre os seguidores de Cristo.

Em fevereiro deste ano, quando estive visitando a cidade do México e celebrando a missa na área do centro de estudos de Ecatepec, o Papa fez um anúncio, confirmando, assim, todos os seus discursos anteriores acerca da questão da misericórdia. Ele afirmou convicto para os fiéis que acompanhavam a missa: “É o Deus que tem um nome: misericórdia” (DISCURSO 173). Essa declaração do Santo Padre permite-nos confirmar que, dentre os seus objetivos e suas intenções, a questão da misericórdia é um dos caminhos cruciais para se chegar aos verdadeiros ensinamentos de Cristo.

4.4 POLARIZAÇÃO: ESTRATÉGIA DE MANUTENÇÃO DE IDEOLOGIA

No capítulo terceiro estudamos o poder relacionado ao controle sobre o discurso público e ao acesso discursivo. Nesse sentido, controlar o discurso é controlar a mente das pessoas e garantir a eficácia da ideologia mantida por meio dele. Com essa definição, inferimos que o Papa Francisco, pela cognição, utiliza-se de seu poder social para manipular, doutrinar e persuadir aqueles que o seguem e o reconhecem como o representante de Deus na terra. O poder social de seus discursos mantém relação com a posição social ocupada por ele, nesse momento da história, ou seja, não mais o poder de um cardeal da Igreja Católica, mas o de seu representante máximo.

Ao ter um acesso privilegiado nas mais variadas formas públicas de comunicação, o Sumo Pontífice exerce, manifesta e legitima seu poder através de seus discursos. Dessa maneira, aqueles que pertencem ao mesmo grupo ideológico controlam um outro grupo que não faz parte do grupo do Papa. Nesse sentido, o Santo Padre com os padres e bispos, considerados por nós como elites simbólicas, controlando o discurso e tendo um acesso privilegiado a ele, exercem o abuso de poder obrigando seus seguidores a aceitarem suas crenças (opiniões e atitudes) sem, ao menos,

questioná-las. Assim, podemos reconhecer o lado negativo do poder social, ou seja, quando ele controla um outro grupo ao seu próprio interesse, há o abuso de poder.

O discurso religioso do Papa, pelas escolhas lexicais, pelos temas discursivos, pelas metáforas e pela polarização, revela seu posicionamento, propaga e mantém a ideologia da instituição católica. Isso garante a eficácia do controle mental sobre os católicos e não católicos resultando no aumento de fiéis e na arrecadação de dízimos e ofertas. Se “a maioria de nossas ideologias são formadas discursivamente” (VAN DIJK, 2010, p.33), podemos concluir que, desde cedo, ao ouvirmos os discursos Papa Francisco estamos formando a ideologia do grupo o qual pertenceremos.

O que não podemos esquecer é que, embora, tenhamos sido formados ideologicamente por um discurso católico, existem outros discursos cristãos que podem se revelar ao longo de nossa história com uma posição de contrapoder. Assim, os modelos mentais configurados em nós, pela instituição dominadora, podem ser (re)configurados por outras instituições dominadas. Nisso podemos perceber que onde há o exercício de poder, também, pode haver a manifestação de contrapoder.

Para manipular o maior número de mentes é preciso termos um controle especial da comunicação pública. Disso inferimos que a Igreja Católica sempre teve um acesso privilegiado para se comunicar, sobretudo em seus eventos comunicativos (missas, batizados, casamentos, confissões) e, por isso, conseguiu controlar os seus discursos e as mentes das pessoas.

Nos discursos do Papa Francisco, analisamos a polarização como estratégia de manutenção de ideologia. Nesse sentido, percebemos que ao gerenciar o conhecimento e controlar, de maneira sutil, os modelos de contexto, o Santo Padre, fonte autorizada, confiável e de credibilidade, transmite por meio de seus discursos, a ideologia do interesse de sua instituição. E, mais, embora ele polarize seus discursos entre um grupo de católicos que tem crenças (opiniões e atitudes) iguais a de sua Igreja com fiéis católicos que são contrários a elas, manifesta, também, uma maneira peculiar de exercitar a polarização discursiva entre grupos da própria Igreja Católica apontando o modo como exerce seu poder social de Papa e, conseqüentemente, o abuso de poder.

Os quadros das polarizações foram divididos para explicitar a maneira como o Papa Francisco polariza seus discursos entre grupos de sua instituição exercendo o seu poder social; entre grupos de não católicos, também, demonstrando seu poder e, por último, percebemos como ele utiliza-se do abuso de poder a fim de manter a ideologia da Igreja. Embora, através da retórica, o Papa faça autocríticas à sua instituição, os aspectos positivos sobre o endogrupo (grupo a que pertence) sempre estão evidente. O interessante é atentarmos que quando ele polariza seus discursos entre grupos da Igreja Católica, consegue deixar explícito aspectos negativos sobre o outro grupo a que não pertence (exogrupo).

Quadro 9 – Polarização entre grupos da própria Igreja Católica

AUTOCRÍTICA	Aspectos POSITIVOS sobre NÓS	Aspectos NEGATIVOS sobre ELES
RETÓRICA⁴⁰ (reconhecimento da não-perfeição da Igreja Católica)	ENDOGRUPO⁴¹ (Bispos, padres e fiéis católicos, cristãos não católicos e não-cristãos com crenças iguais as da Igreja Católica)	EXOGRUPO⁴² (Bispos, padres e fiéis católicos, cristãos não católicos e não-cristãos com crenças diferentes as da Igreja Católica)
(...) o verdadeiro poder é o serviço (DISCURSO 3)	(...) o próprio Papa , para exercer o poder, deve entrar sempre mais naquele serviço que tem o vértice luminoso na Cruz;	Os Papas, os bispos e os padres que não têm o poder como sinônimo de serviço e não seguem a Cruz de Cristo.
(...) e daqui deriva precisamente a insatisfação de alguns, que acabam por viver tristes, padres tristes, e transformados numa espécie de colecionadores de antiguidades ou então de novidades, em vez de serem pastores com o “cheiro de ovelhas” (DISCURSO 5)	- isto vo-lo peço: sede pastores com o “cheiro das ovelhas”, que se sinta este –, serem pastores no meio do seu rebanho, e pescadores de homens.	Os padres da Igreja Católica que não são “mediadores” de Cristo. Aqueles padres que se transformam em intermediários ou gestores. Os padres (pastores) que não estão com seus fiéis, seus paroquianos. O Papa Francisco polariza seu discurso fazendo uma divisão dentro do seu próprio clero.

⁴⁰ Em todos os quadros, os textos destinado às autocríticas, através da RETÓRICA, são citações diretas dos discursos do Papa Francisco.

⁴¹ Os textos encontrados em todos os quadro destinados ao ENDOGRUPO podem ser encontrados nos discursos do Papa Francisco e, por isso, são citações diretas.

⁴² Na parte destinada ao EXOGRUPO podemos encontrar, parte de nossas análises, uma vez que, estes textos foram produzidos, por nós, a partir do que concluímos ser o ENDOGRUPO nos discursos.

<p>É o exemplo do Senhor: Ele é o mais importante e lava os pés, porque entre nós aquele que está mais elevado deve estar ao serviço dos outros. (...) Lavar os pés significa: “eu estou ao teu serviço”. (DISCURSO 6)</p>	<p>Como sacerdote e como Bispo, devo estar ao vosso serviço.</p>	<p>O exogrupo desse discurso são os padres (sacerdotes) e bispos (aqui pode-se pensar em arcebispos, cardeais e até mesmo em Papas) que não se colocam a serviço de suas comunidades eclesiais.</p>
<p>Sede pastores, e não funcionários; sede mediadores e não intermediários. (DISCURSO 10)</p>	<p>E hoje, em nome de Cristo e da Igreja, eu vos peço:</p>	<p>Mais uma vez os “ELES” são os próprios padres (pastores) e bispos da Igreja Católica que não se colocam a serviço e não são mediadores de Cristo.</p>
<p>A falta de vigilância – como sabemos - torna o Pastor insípido; (...) negligente, transformando-o num funcionário, num clérigo de Estado (DISCURSO 16)</p>	<p>somos chamados a fazer nosso o sonho de Deus, cuja casa não conhece exclusão de pessoas ou de povos.</p>	<p>Padres e bispos (nesse caso, nomeados como “Pastor” pelo Papa Francisco) que se tornam funcionários da Igreja Católica e não se preocupam “com o verdadeiro bem do Povo de Deus”.</p>
<p>O Bispo de Roma é chamado a viver e confirmar neste amor por Cristo e por todos, sem distinção, limite ou barreira. (DISCURSO 20)</p>	<p>E não só o Bispo de Roma, mas todos vós novos arcebispos e bispos, tendes o mesmo dever: deixar-se consumir pelo Evangelho, fazer-se tudo para todos.</p>	<p>O Papa define o exogrupo sendo aqueles que se tornam arcebispos e bispos da Igreja Católica e não se consomem pelo Evangelho fazendo-se tudo para todos.</p>
<p>A Igreja – repetia Bento XVI – não é nossa, mas de Deus; Fazemos dela... qualquer coisa que nos vem à cabeça. Mas não é nossa; é de Deus. (DISCURSO 21)</p>	<p>e quantas vezes nós, os consagrados, pensamos que seja nossa!</p>	<p>Todos os consagrados da Igreja Católica que querem fazer dela propriedade de si mesmo. Aqueles (padres, bispos, religiosos e religiosas) que não reconhecem a Igreja como propriedade divina.</p>
<p>Não podemos ficar encerrados na paróquia, nas nossas comunidades, na nossa instituição paroquial ou na nossa instituição diocesana, quando há tanta gente esperando o Evangelho! Mas sair... enviados. Não se trata simplesmente de abrir a porta para que venham, para acolher, mas de sair pela porta fora para procurar e encontrar. (DISCURSO 24)</p>	<p>Decididamente pensemos a pastoral a partir da periferia, daqueles que estão mais afastados, daqueles que habitualmente não frequentam a paróquia. Eles são os convidados VIP.</p>	<p>Esse discurso é pronunciado no Brasil, na catedral de São Sebastião (RJ) para bispos, padres, religiosos e religiosas, durante uma missa. O exogrupo são todos os membros da autoridade eclesiástica católica que são tidos pelo Papa como acomodados, vivendo a autorreferencialidade (termo bastante usado por Francisco). Aqueles (padres, bispos, religiosos e religiosas) que não vão ao encontro dos mais afastados da Igreja Católica.</p>
<p>estamos ao serviço de Cristo e da Igreja, Esposa de Cristo nosso Senhor, que é a nossa Santa Mãe Igreja Hierárquica. (DISCURSO 26)</p>	<p>nós, jesuítas, e toda a Companhia não estamos no centro, estamos por assim dizer “deslocados”,</p>	<p>Neste discurso, pela primeira vez, Francisco fala da congregação religiosa a qual pertenceu até ser eleito Papa. Ele define como sendo o EXOGRUPO os jesuítas que se</p>

		colocam no centro e não servem a Igreja, tida para o Papa como a Esposa de Cristo. Nesse caso, não servir a Igreja Católica é não servir a Jesus, seu esposo.
O bispo que não prega é um bispo a meio caminho. E se não anuncia o Senhor, acaba na mundanidade. (DISCURSOS 34, 38, 69 e 151)	Com efeito, “Episcopado” é o nome de um serviço, não de uma honra. (...) Ao bispo compete mais servir do que dominar, segundo o mandamento do Mestre.	Todos os bispos da Igreja Católica que não servem de acordo com o ensinamento de Jesus. Os bispos que não pregam e que não anunciam o Senhor.
Nós somos homens em tensão, somos também homens contraditórios e incoerentes, pecadores, todos. (DISCURSO 46)	Cada um de nós, jesuítas , que segue Jesus, deveria estar disposto a despojar-se de si mesmo (...) porque o centro da Companhia é Cristo e a sua Igreja.	Esta é a segunda vez em que o Papa fala da congregação em que recebeu sua formação. Aqui, os jesuítas que não se despojam e se colocam no centro da Igreja são os considerados aqueles que têm crenças/opiniões divergentes com as do Papa Francisco.
A disponibilidade do sacerdote faz da Igreja a Casa das portas abertas, refúgio para os pecadores, lar para aqueles que vivem na rua, casa de cura para os doentes, acampamento para os jovens, sessão de catequese para as crianças da Primeira Comunhão... (DISCURSO 60)	Onde o povo de Deus tem um desejo ou uma necessidade, aí está o sacerdote que sabe escutar.	Todos os sacerdotes que não servem o povo de Deus. Aqueles que não abrem as portas de suas Igrejas para acolherem os pecadores, os doentes, os moradores de rua.
(...) sofro tanto quando encontro pessoas que já não se vão confessar, porque foram maltratadas, repreendidas. Sentiram que lhes eram fechadas na cara as portas da igreja! Por favor, não façais isso: misericórdia, misericórdia! (DISCURSO 65)	Por favor, não façais isso: misericórdia, misericórdia! O bom pastor entra pela porta e a porta da misericórdia são as chagas do Senhor: se não entrardes no vosso ministério pelas chagas do Senhor, não sereis bons pastores .	Na Basílica Vaticana, o Papa Francisco diz aos novos padres ordenados que se eles não tiverem “misericórdia” dos fiéis não serão bons pastores. Assim, todos os padres da Igreja Católica que maltratam e repreendem os fiéis no confessionário são aqueles que divergem das crenças/opiniões do Papa.
Sinto no meu coração angústia e pesar pelo fato de alguns padres e bispos terem violado a inocência de menores – e a sua própria vocação sacerdotal –, abusando deles sexualmente. (DISCURSO 76)	(...) estes meninos e meninas tinham sido confiados ao carisma sacerdotal para os conduzir a Deus	Aqueles que cometem abusos sexuais, independentemente do seu estado clerical.

O sonho de Deus sempre se embate com a hipocrisia de alguns dos seus servidores. (DISCURSO 86)	Também nós somos chamados a trabalhar para a vinha do Senhor, no Sínodo dos Bispos .	Os bispos hipócritas que não cooperam com o sonho de Deus “no seu projeto de amor a respeito do seu povo”.
A sua predileção pelos pequeninos e pelos pobres era o reflexo e a medida do amor incondicional a Deus. (DISCURSO 90)	E quantos na Igreja estão chamados a ser pastores .	Todos os pastores (padre e bispos) que não têm sua preferência pelos pobres e pequeninos. Assim tornam-se, segundo o Papa Francisco, mercenários.
Quando somos nós a querer fazer a diversidade e fechamo-nos nos nossos particularismos e exclusivismos, trazemos a divisão; (DISCURSO 91).	(...) a Igreja, nascida do Pentecostes (...) é investida pelo vento do Espírito, que não transmite um poder, mas habilita para um serviço de amor.	A Igreja que não serve. Aqui, o Papa ataca os membros de sua própria instituição (os padres, os bispos, os cardeais) que se fecham em si mesmos trazendo divisão e exclusivismos.
se tirarmos os pobres do Evangelho, não podemos compreender plenamente a mensagem de Jesus Cristo. (DISCURSO 101).	Como embaixadores de Cristo, nós, bispos, sacerdotes e religiosos ,	Todos os bispos, sacerdotes e religiosos que não têm os “pobres” como o centro e o coração do Evangelho.
um hábito que nós ainda não adquirimos: ir à procura da palavra de Jesus no Evangelho. (DISCURSO 106)	Nós, sacerdotes , estamos presentes no nome de Jesus,	Todos os sacerdotes que não procuram a Palavra de Jesus no Evangelho. Aqueles que não reconhecem “Jesus como o verdadeiro sacerdote”.
(...) assim como ela preside na caridade assim também cada Igreja particular é chamada, no seu âmbito, a presidir à caridade e na caridade. (DISCURSO 107)	Também nisto a Igreja que está em Roma desempenha uma função exemplar:	As Igrejas Particulares (dioceses de todo o mundo) que não presidem na caridade.
(...) o caminho da Igreja é precisamente sair do próprio recinto para ir à procura dos afastados nas “periferias” essenciais da existência; (DISCURSO 108)	A disponibilidade total para servir os outros é o nosso sinal distintivo, é o nosso único título de honra!	A Igreja (nesse caso, os padres e bispos) que não saem do seu próprio recinto para ir à procura dos afastados. O Papa polariza seu discurso atacando seus próprios servidores.
(...) Ou, depois do trabalho pastoral, procuro repouso mais refinados: não os repouso dos pobres, mas os que oferece a sociedade de consumo? (...) Isto não tem nada a ver com aqueles que conhecem perfumes caros e te olham de cima e de longe. (DISCURSO 115)	É o cansaço do sacerdote com o cheiro das ovelhas, mas com o sorriso de um pai que contempla os seus filhos ou os seus netinhos.	Os sacerdotes que procuram repouso refinados, que conhecem “perfumes caros” e que olham seus fiéis “de cima e de longe”. O Papa ataca os próprios padres de sua Igreja que querem o luxo e as regalias de sua instituição.
Vós estareis no confessionário para	E eu , em nome do Senhor Jesus Cristo e da sua Esposa, a Santa	Os padres e bispos que condenam seus fiéis. Aqueles

perdoar, não para condenar! Imitai o Pai, que jamais se cansa de perdoar. (DISCURSO 120)	Igreja, peço-vos que não vos canseis de ser misericordiosos.	que, no confessional, não são misericordiosos.
(...) deixeis o “chicote” pendurado na Sacristia (DISCURSO 128)	Hoje, durante este retiro, peço-vos que sejais pastores com a ternura de Deus	Os padres e bispos que não usam da ternura para atenderem seus fiéis, sobretudo, no confessional.
A proximidade aos pobres, refugiados, imigrantes, doentes, explorados, idosos que sofrem a solidão, encarcerados e muitos outros pobres de Deus ensinar-nos-á outro tipo de repouso, mais cristão e generoso. (DISCURSO 141)	(...) devemos aprender a descansar de forma que aprofunde o nosso desejo de servir de modo generoso.	O DISCURSO 141 remete ao DISCURSO 115. Mais uma vez, o Papa ataca os padres e bispos que querem um lugar para repousar longe dos pobres. Aqueles que desejam “descansar” com luxo e regalia.
Este estilo de Deus, que nos salva servindo-nos e aniquilando-se a si próprio, ensina-nos muitas coisas. Nós esperamos uma vitória divina triunfante; Jesus, ao contrário, mostra-nos uma vitória extremamente humilde. (DISCURSO 150)	Então seremos servos segundo o seu Coração: não funcionários que prestam serviço, mas filhos amados que entregam a vida pelo mundo.	Todos aqueles (padres e bispos) que não servem e entregam suas vidas pelo mundo. Aqueles que o Papa considera funcionários da Igreja.
(...) o confessional existe para perdoar. (...) E se não forem capazes que sejam humildes e digam: “Não, eu celebro a Missa, limpo o chão, faço tudo mas não confesso, porque não sei fazê-lo bem”. (DISCURSO 170)	Falo-vos como irmão, e em vós gostaria de falar a todos os confessores	Os padres confessores que não sabem perdoar. Aqueles que não usam de misericórdia para com seus fiéis.
Ai de nós, se não formos testemunhas do que vimos e ouvimos! Ai de nós! Não queremos ser funcionários do divino; não somos, nem o queremos ser jamais, empregados da empresa de Deus, (DISCURSO 175)	consagrados, consagradas, seminaristas, sacerdotes, bispos	Consagrados, consagradas, seminaristas, sacerdotes e bispos que não testemunham o Evangelho. Aqueles que se tornam “funcionários do divino” e “empregados de Deus”.
Que ninguém se sinta ignorado nem maltratado, mas cada um possa experimentar, antes de tudo aqui, a atenção carinhosa do Bom Pastor. (DISCURSO 177)	Em primeiro lugar, aos Pastores é pedido que tenham como modelo o próprio Deus que cuida do seu rebanho	Os pastores (padres e bispos) que não seguem o modelo de Deus. Aqueles que maltratam o povo e não lhe dá a atenção carinhosa do Bom Pastor.
(...) somos chamados também a escutar o grito,	nós, pastores	Todos os pastores (padres, bispos e Papas) que não

talvez abafado, de quantos desejam encontrar o Senhor. Somos obrigados a rever (...) horários e programas que não atendem às reais necessidades daqueles que poderiam aproximar-se do confessor; regras humanas, quando valem mais do que o desejo de perdão; nossa rigidez que poderia manter longe da ternura de Deus. (DISCURSO 178)		escutam o “grito” do povo, que não atendem às reais necessidades de seus fiéis. Aqueles que fazem horários e programas que não atendem seus paroquianos. Os padres que vivem mais as regras humanas e a rigidez do que o perdão e a ternura de Deus.
--	--	--

*Grifo nosso.

Os discursos analisados revelam uma maneira peculiar do Papa Francisco polarizar. Em todos eles, o Santo Padre reconhece, por meio de recursos retóricos, as imperfeições de sua Igreja, mas sempre coloca o endogrupo (aqueles que estão a favor da ideologia de sua instituição) como “embaixadores de Cristo”, “os consagrados” que possuem uma função exemplar. Algumas vezes, coloca-se fazendo parte do próprio endogrupo, como nos discursos (3), (10), (26) e (46). Trata o endogrupo como: pastores, bispos, arcebispos, sacerdotes, jesuítas, consagrados, consagradas e seminaristas. O interessante é que, nessas polarizações, o Sumo Pontífice, com as mesmas escolhas lexicais do endogrupo, especifica o exogrupo. Entretanto, a diferença é que no exogrupo estão aqueles que possuem crenças (opiniões e atitudes) que divergem do outro grupo (endogrupo) a que pertence o Papa.

Disso inferimos que há uma singularidade nos discursos de Francisco no que se refere à maneira dele utilizar-se da polarização a fim de (re)produzir e manter a ideologia da Igreja Católica entre grupos da mesma instituição. Se quando seu antecessor renunciou, a Igreja estivesse passando por uma crise de credibilidade e perda de fiéis, agora, os discursos do Papa apontam uma Igreja polarizada que revela forças contrárias ou ideologias divergentes entre o seu próprio clero.

O que podemos dizer é que o Sumo Pontífice usa de seu poder social para disseminar as crenças da instituição que lhe concedeu seu maior cargo. Em contrapartida, um grupo dessa própria instituição aparenta realizar seu contrapoder para continuar falando e praticando uma ideologia contrária à do grupo de Francisco. O fato é que,

com certeza, as atitudes do Papa latino-americano estão batendo de frente com aqueles que se dizem os “conservadores” da Igreja Católica.

O poder social do Santo Padre Francisco permite com que ele tenha um privilegiado acesso discursivo e, com isso, um controle do discurso a fim de manipular, doutrinar e persuadir seus seguidores. Uma vez estando na posição social de maior líder dos católicos e exercendo seu poder social, o Papa, sem ser questionado, consegue controlar aqueles que o assumem como fonte confiável e de credibilidade.

Quadro 10 – Polarização que aponta o poder social do Papa Francisco

AUTOCRÍTICA	Aspectos POSITIVOS sobre NÓS	Aspectos NEGATIVOS sobre ELES
RETÓRICA (reconhecimento da não-perfeição da Igreja Católica)	ENDOGRUPO (Bispos, padres e fiéis católicos, cristãos não católicos e não-cristãos com crenças iguais as da Igreja Católica)	EXOGRUPO (Bispos, padres e fiéis católicos, cristãos não católicos e não-cristãos com crenças diferentes as da Igreja Católica)
A incoerência dos fiéis e dos Pastores entre aquilo que dizem e o que fazem, entre a palavra e a maneira de viver mina a credibilidade da Igreja. (DISCURSO 9)	Existem os santos de todos os dias , os santos “escondidos”, uma espécie de “classe média da santidade” (...) da qual todos podemos fazer parte.	Os fiéis católicos e pastores (padres, bispos e até o Papa) que não “fazem” aquilo que “dizem”, ou melhor, que não vivem suas próprias palavras (ensinamentos).
Às vezes podemos viver num condomínio, sem conhecer quem vive ao nosso lado; ou então podemos viver em comunidade, sem conhecer verdadeiramente o nosso irmão de hábito: amargurado, penso nos consagrados que não são fecundos, que são “solteirões”. (DISCURSO 28)	Deixamo-nos inquietar pelas suas necessidades, ou permanecemos fechados em nós mesmos, nas nossas comunidades , que com frequência são para nós “comunidades-comodidades”?	O “ELES” do Papa neste discurso são todos aqueles que não vivem a “cultura do encontro” tão defendida por ele. Quando ele diz: “irmão de hábito”, quer dizer dos religiosos que vivem no mesmo convento e que são “fechados” aos outros. Aqueles irmãos da própria comunidade. Nesse sentido ele categoriza todos os “consagrados” que são acomodados e tidos como “solteirões” pelo Papa.
É necessária a colaboração leal de todos, com o compromisso dos responsáveis das instituições - para assegurar às pessoas e às famílias os direitos	- também da Igreja -	Os responsáveis das instituições que não asseguram os direitos fundamentais às pessoas. Para amenizar a polarização, o Papa, de forma estratégica inclui em sua autocrítica a própria Igreja

fundamentais e fazer crescer uma sociedade mais fraterna e solidária. (DISCURSO 30)		Católica (seu endogrupo), porém sinaliza que todos tem o compromisso com a fraternidade e a solidariedade, sobretudo, as instituições e não sua própria Igreja.
A Roma do ano novo terá um rosto mais bonito se for ainda mais rica de humanidade, hospitaleira, acolhedora, se todos nós estivermos atentos e formos generosos em relação a quem vive em dificuldade; (...) Certamente, quem está investido de autoridade tem maiores responsabilidades, (DISCURSO 44)	mas cada um de nós é co-responsável, no bem e no mal.	Os romanos que não são hospitaleiros e generosos com quem vive em dificuldade. Entretanto, como no DISCURSO 30, o Papa enfatiza a maior responsabilidade para as autoridades (nesse caso, não as da Igreja), colocando seu grupo (Igreja Católica) apenas como co-responsáveis.
Com efeito, nem nas nossas comunidades faltam atitudes negativas, que tornam as pessoas auto-referenciais, mais preocupadas em defender-se do que em doar-se. (DISCURSO 75)	Mas todos nós somos chamados a viver o serviço da caridade nas realidades comuns, ou seja em família, na paróquia, no trabalho, com os vizinhos... É a caridade de todos os dias, a caridade ordinária.	Todos os fiéis católicos que não se doam ao serviço da caridade.
(...) gastai estes anos na edificação duma Igreja (...) que ama e adora a Deus, procurando servir os pobres, os abandonados, os doentes e os marginalizados. (DISCURSO 80)	Permanecei unidos uns aos outros , aproximai-vos cada vez mais de Deus, e, juntamente com os vossos Bispos e sacerdotes	Os fiéis católicos que, juntos com seus sacerdotes e bispos, não amam e adoram a Deus e não servem os pobres, os abandonados, os doentes e marginalizados.
O discípulo de Jesus não vai à igreja somente para observar um preceito, para se sentir bem com um Deus que depois não deve “incomodar” demais. (DISCURSO 110)	O discípulo de Jesus vai à igreja para se encontrar com o Senhor e para encontrar na sua graça presente nos Sacramentos, a força para pensar e agir em sintonia com o Evangelho.	Os fiéis católicos que não vão à Igreja Católica para se encontrarem com Jesus. Aqueles que não pensam e agem, de acordo, com os ensinamentos de Jesus.
Mas se o teu coração não é justo, se tu não fizeres justiça, se não amares aqueles que precisam do amor, se não viveres segundo o espírito das Bem-Aventuranças, não és católico. És hipócrita. (DISCURSO 111)	Os católicos que fazem justiça, que amam os que precisam de amor e que vivem o espírito das Bem-Aventuranças .	Os fiéis católicos que não vivem o espírito das Bem-Aventuranças e são considerados, pelo Papa, hipócritas.
Somos convidados a “sair de casa”, a ter os olhos e o coração abertos aos outros. (DISCURSO 139)	(...) queremos (NÓS) ser uma Igreja que serve, que sai de casa, que sai dos seus templos, que sai das suas sacristias, para acompanhar a vida, sustentar a esperança, ser sinal de unidade dum povo nobre e digno.	A Igreja, todos os fiéis católicos que não “saem de casa”, dos templos, das sacristias. Aquele que não têm o coração aberto aos outros e não servem.

<p>Isto acontece também a nós, sempre, em certas situações: demasiado apegados às riquezas, sentimos prazer quando nos elogiam, como um pavão. Muitas pessoas tornam-se ridículas. A vaidade tornam-nas ridículas. (DISCURSO 145)</p>	<p>(...) sois homens e mulheres de serviço: à sociedade, aos outros, para fazer crescer a bondade no mundo.</p>	<p>Os homens e mulheres (fiéis católicos) que são apegados às riquezas e à vaidade. Aqueles e aquelas que não servem à sociedade.</p>
---	--	---

*Grifo nosso.

O poder social do Papa Francisco é percebido em todos os seus discursos, uma vez que ele tem o controle mental de seu público e, um acesso discursivo a seu favor. Quando ele fala às multidões, consegue despertar nelas a crença de que ele é o representante de Deus na terra. Com isso, seus seguidores, embora tendo pouquíssimo ou quase nenhum acesso discursivo, assumem que ele é uma fonte confiável na qual podem ser depositadas suas próprias vidas.

Isso tudo contribui para que o Sumo Pontífice não seja questionado e se torne ouvido por todos aqueles que creem na posição social que ocupa. Nesse sentido, o exercício de seu poder social (lembramos que existe o lado positivo do poder social) consegue trazer alento, esperança e um estado de bem-estar naqueles que o seguem.

O discurso (9) carrega em si um alento quando o Papa menciona que existem “os santos de todos os dias”, “a classe média da santidade da qual todos podemos fazer parte”. Nesse discurso há um contentamento de todos, mesmo que nunca sejam inscritos no livro dos santos reconhecidos e canonizados pela Igreja. Dizer que todos podemos ser santos é conferir santidade às pessoas, pois o Papa é aquele que tem a função de reconhecer e canonizar os santos da Igreja Católica.

No discurso (28), o Santo Padre critica os “consagrados amargurados” que não conhecem seu “irmão de hábito”, que “não são fecundos” e que “são solteirões”. Aqueles que vivem fechados em suas “comunidades-comodidades”. Nesse sentido, aqueles que não vivem a “cultura do encontro”, tão defendida por Francisco, são os membros do grupo contrário a ideologia de sua instituição. O discurso (30) especifica um exogrupo que vai além de católicos, ou seja, “os responsáveis das instituições” e o (44) define todos os “romanos”, sobretudo, os “investidos de autoridade”.

Os que não servem “os pobres, os abandonados, os doentes e os marginalizados” (DISCURSO 80), que não pensam e agem “em sintonia com o Evangelho” (DISCURSO 110), os que não “vivem o espírito das Bem-Aventuranças” (DISCURSO 111), aqueles que “não saem de casa, de seus templos, de suas sacristias” (DISCURSO 139), que são “apegados às riquezas e sentem prazer quando são elogiados como um pavão” (DISCURSO 145) são os considerados membros do grupo contrário ao do Papa Francisco e, por isso, são tratados por ele como o exogrupo.

Quadro 11 – Polarização que aponta o abuso de poder do Papa Francisco

AUTOCRÍTICA	Aspectos POSITIVOS sobre NÓS	Aspectos NEGATIVOS sobre ELES
RETÓRICA (reconhecimento da não-perfeição da Igreja Católica)	ENDOGRUPO (Bispos, padres e fiéis católicos, cristãos não católicos e não-cristãos com crenças/opiniões iguais as da Igreja Católica)	EXOGRUPO (Bispos, padres e fiéis católicos, cristãos não católicos e não-cristãos com crenças/opiniões diferentes as da Igreja Católica)
(...) se não confessarmos Jesus Cristo, está errado. (DISCURSO 1)	Tornar-nos-emos uma ONG sócio-caritativa, mas não a Igreja, Esposa do Senhor.	Todos os que não confessam o Cristo são errados (as religiões não-cristãs). Embora seja uma religião cristã, pode se tornar ONG. Apenas a Igreja Católica é a Esposa do Senhor.
A identidade cristã não é dada por um bilhete de identidade; a identidade cristã é pertença à Igreja: (DISCURSO 11)	todos estes pertenciam à Igreja, à Igreja Mãe, porque não é possível encontrar Jesus fora da Igreja.(...) A caminhar avante, levando o nome de Jesus no seio da Santa Mãe Igreja, como dizia Santo Inácio, hierárquica e católica.	Todos os que não pertencem à Igreja Católica, ou seja, os cristãos não católicos e os não-cristãos. Somente na Igreja Católica é possível encontrar Jesus Cristo. Portanto, todos os cristãos de outras religiões e os membros de outras religiões não-cristãs (budistas, islamistas, mulçumanos <i>etc</i>).
Cristo Senhor fundou uma só e única Igreja. Todavia, são numerosas as Comunhões cristãs que se apresentam aos homens como a verdadeira herança de Jesus Cristo. Todos, na verdade, se professam discípulos do Senhor, mas têm pareceres diversos e caminham por rumos diferentes, como se o próprio Cristo	A obra destes meus antecessores fez com que a dimensão do diálogo ecumênico se tivesse tornado um aspecto de tal modo essencial do ministério do Bispo de Roma, que hoje não se compreenderia plenamente o serviço petrino sem incluir nele esta abertura ao diálogo com todos os crentes em Cristo .	Aqueles que não pertencem à única Igreja fundada por Jesus Cristo são o “ELES” deste discurso do Papa Francisco. Embora ele reconheça que há diversas “Comunhões cristãs” (outras igrejas cristãs), o Papa afirma que “a verdadeira herança” é a Igreja Católica. Dessa forma, todos os não católicos, mesmo sendo cristãos são o EXOGRUPO.

estivesse dividido. Queridos amigos, Cristo não pode estar dividido! (DISCURSO 50)		
Não é possível “amar a Cristo, mas sem amar a Igreja, ouvir Cristo mas não a Igreja, ser de Cristo mas fora da Igreja”. (DISCURSO 97)	Onde podemos encontrá-Lo? Encontramo-Lo na Igreja, na nossa Santa Mãe Igreja hierárquica. (...) é na Igreja que Jesus continua a realizar os seus gestos de graça que são os sacramentos.	Todos os cristãos não católicos. O Papa abusa de seu poder para proclamar que não se pode amar a Cristo fora da Igreja e mais, que somente encontramos Jesus na Igreja Católica.
Ensinai aos vossos filhos que não se pode ser cristão fora da Igreja, que não se pode seguir Jesus Cristo sem a Igreja, porque a Igreja é uma Mãe que nos faz crescer no amor a Jesus Cristo. (DISCURSO 99)	O círio grande representa Cristo ressuscitado, vivo no meio de nós. (...) E recebeis esta luz da Igreja,	Mais uma vez o abuso de poder se repete. Aqui, o Papa fala aos pais, padrinhos e familiares das crianças que são batizadas. O exogrupo são todas as outras Igrejas que não possuem o “círio” pois elas não tem Cristo ressuscitado. A única que o possui é a Igreja Católica.
(...) não obstante as inúmeras tempestades e os nossos muitos pecados, permanece fiel ao depósito da fé no serviço, porque a Igreja não é dos Papas, dos Bispos, dos padres e nem mesmo dos fiéis; é só e unicamente de Cristo. (DISCURSO 130)	(...) a Igreja , fundada sobre Cristo,	Todas as demais igrejas que não foram fundadas por Cristo. Aquelas que não têm Papas, Bispos e padres. Aqui, o Santo Padre polariza seu discurso e afirma que o exogrupo são quaisquer igrejas que não seja a Igreja Católica Apostólica Romana.
Jesus convida-nos a mudar a nossa mentalidade e a passar da ambição do poder à alegria de se ocultar e servir; a desarraigar o instinto de domínio sobre os outros e exercer a virtude da humildade (DISCURSO 147)	Quem serve os outros e não goza efetivamente de prestígio, exerce a verdadeira autoridade na Igreja.	Todos aqueles (padres e bispos) que gozam do prestígio, da ambição, do poder, do domínio (aqui entendemos esse domínio como abuso de poder) e da autoridade da Igreja (Católica). Todos os que não servem os outros.
Anunciar o Evangelho de Cristo não é uma opção que podemos fazer de entre muitas, nem é uma profissão. Para a Igreja, ser missionária não significa fazer proselitismo; (DISCURSO 166)	Para a Igreja , ser missionária (...) equivale a exprimir a sua própria natureza: ser iluminada por Deus e refletir a sua luz.	A Igreja que não é missionária. Aquela que faz proselitismo. Aquela que não anuncia o Evangelho. Que tem o anúncio como uma profissão.
E, no final, não vos esqueçais que a maior herança que podeis deixar aos vossos filhos é a fé. Vigiai para que esta fé não se perca, fazei com que ela cresça e deixai-a como herança.	A Igreja , quando vos entregar a vela acesa, dir-vos-á que conserveis a fé nestas crianças.	O DISCURSO 167 se relaciona com o DISCURSO 99. Somente os católicos possuem a fé e podem deixar para os seus filhos. O círio (vela acesa), de que fala o Papa, é o sinal do Cristo ressuscitado. Portanto, todas as

(DISCURSO 167)		outras igrejas que não o possuem não tem essa herança.
(...) desejo invocar misericórdia e perdão pelos comportamentos não evangélicos que alguns católicos tiveram em relação a cristãos de outras Igrejas. (DISCURSO 168)	Como Bispo de Roma e Pastor da Igreja católica	Todos os cristãos de outras Igrejas. Aqui, embora o Papa reconheça os erros passados de sua instituição, afirma que “a misericórdia de Deus renovará as nossas relações”.

*Grifo nosso.

O discurso (1) traz a Igreja Católica sendo a “Esposa do Senhor”. Com a afirmação: “se não confessarmos Jesus Cristo, está errado”, o Papa Francisco abusa do poder que lhe é conferido para dizer aos católicos e ao mundo que os não cristãos estão errados e, portanto, não são a “Esposa do Senhor”. E mais, embora sejam cristãos é preciso confessar o Cristo, pois senão tornam-se apenas uma ONG (Organização não Governamental).

Parece-nos que o discurso (11) vem de encontro com o de número (1), pois nele o Santo Padre afirma que “não é possível encontrar Jesus fora da Igreja”. Dessa forma, ele, com autoridade, explicita que fora da Igreja Católica não se pode encontrar o Cristo. É claro que o abuso de poder faz parte desse discurso do Papa, pois ele parece obrigar seus seguidores a aceitarem sua crença/opinião de que somente poderia encontrar-se com Jesus em sua Igreja, Católica, Apostólica e Romana.

Dois de seus discursos explicitam acerca da fundação da Igreja: “Cristo Senhor fundou uma só e única Igreja” (DISCURSO 50) e “a Igreja, fundada sobre Cristo” (DISCURSO 130). Nesses discursos, o Santo Padre dissemina a crença de que somente a Igreja Católica é “verdadeira herança de Jesus Cristo”. Portanto, todas as outras “Comunhões cristãs” não sendo fundadas por Jesus, não devem ser seguidas.

O discurso (97) é crucial para entendermos o abuso de poder do Sumo Pontífice:

Não é possível “amar a Cristo, mas sem amar a Igreja, ouvir Cristo mas não a Igreja, ser de Cristo mas fora da Igreja”. (...) Onde podemos encontra-Lo? Encontramo-Lo na Igreja, na nossa Santa Mãe Igreja hierárquica. (...) é na Igreja que Jesus continua a realizar os seus gestos de graça que são os sacramentos. (DISCURSO 97)

Afirmar que não é possível amar a Jesus sem amar a Igreja (Católica), que não é possível ser de Cristo fora da Igreja (Católica) e que podemos encontrar Jesus na “nossa Santa Mãe Igreja hierárquica” é, antes de tudo, deixar claro que sua posição social lhe possibilita abusar de seu poder para manter a ideologia de sua instituição.

Em missas em que realizou batismos, o Papa Francisco defende que “não se pode seguir Jesus Cristo sem a Igreja” (DISCURSO 99) e que “a maior herança que podeis deixar aos vossos filhos é a fé” (DISCURSO 167). Dessa maneira, o Papa ao dizer: “o círio grande representa o Cristo ressuscitado” (DISCURSO 99) e “a Igreja, quando vos entregar a vela acesa, dir-vos-á que conserveis a fé nestas crianças” (DISCURSO 167) aponta que apenas os católicos, ao possuírem o círio em seus batismos, tem o dom da fé e conseguem deixa-la como herança aos seus filhos. De acordo com esses discursos, nenhuma outra igreja é capaz de transmitir a fé aos seus filhos.

A ambição do poder, o instinto de domínio e o gozo de prestígio são criticados pelo Papa no discurso (147). Assim, o Santo Padre polariza seu discurso combatendo o abuso de poder de seus colaboradores. A atitude explicitada nesse discurso nos parece contraditória em relação aos discursos anteriores.

Mais ainda, os discursos (166) e (168) parecem apontar a contradição do Sumo Pontífice. Ele afirma: “para a Igreja, ser missionária não significa fazer proselitismo” (DISCURSO 166) e “desejo invocar misericórdia e perdão pelos comportamentos não evangélicos que alguns católicos tiveram em relação a cristãos de outras Igrejas” (DISCURSO 168). O proselitismo, ação ou empenho de tentar converter uma ou várias pessoas em prol de determinada causa, doutrina, ideologia ou religião, é combatido pelo Papa, sobretudo, através de comportamentos que os católicos tiveram em relação a outros cristãos. Essa proposição do Papa faz-nos lembrar da Contrarreforma pois, por meio dela, a Igreja Católica obrigou muitas pessoas a se converterem, afirmando que a doutrina católica era a única verdade de fé.

Os discursos em que vimos o abuso de poder demonstram que o Santo Padre consegue controlar as mentes de católicos e não católicos por intermédio de seus discursos. Os que não atentam ao acesso discursivo privilegiado do Papa e suas estratégias discursivas não conseguem perceberem como o latino-americano está mantendo eficazmente a ideologia de sua instituição.

Ressaltamos no momento em que acabamos de analisar estratégias de polarização nos discursos do Papa Francisco que, de acordo com o Quadrado Ideológico (Quadro 2), existem também, na polarização, o reconhecimento de aspectos negativos do endogrupo (o NOSSO grupo). Entretanto, devido a quantidade de discursos do nosso *corpus*, preferimos atentar às autocríticas feitas pelo membro do próprio endogrupo e dos aspectos positivos evidenciados nos discursos do grupo a que pertence. Portanto, coube a nós, definirmos, em nossas análises, o exogrupo, às vezes, enfatizado com tamanhos aspectos negativos, para assim relevarmos o poder social nos discursos do Sumo Pontífice, seu abuso de poder e alguns indícios de um grupo que se coloca com o contrapoder.

4.5 O CARISMA DO PAPA FRANCISCO

Weber (1981, 1999a, 1999b), defende cinco características fundamentais para que o líder seja reconhecido “carismático” por seus dominados. A primeira delas percebida no Papa Francisco é a “virtude de provas”. Ele, desde sua primeira aparição, na sacada do Vaticano, fez com que aqueles que ali aguardavam o Papa eleito, o reconhecesse e validasse sua vocação ao ministério petrino. Basta-nos recordar suas vestimentas simples, seu sorriso, seu discurso acessível e claro e sua postura. Ele mostrou-se humilde ao pedir que a multidão que estava na Praça de São Pedro rezasse por ele antes de lhes conceder a tão esperada benção apostólica. Não delimitou o tipo de oração que o povo deveria fazer, mas, ao contrário do que se esperava, solicitou-lhes um profundo silêncio para que pudessem atender ao seu simples pedido. Tudo isso fez com que seus seguidores depositassem nele a total confiança de que “Francisco” iria realizar atos heroicos e provar sua missão divina em uma Igreja maculada.

Os católicos pareciam reacender em si a crença de que o próprio Espírito Santo teria eleito um latino-americano para conduzir a barca de Pedro em meio à tempestade que passava. E que, “pela graça de Deus”, segunda característica de Weber, o Papa se colocava alheio à regra e à tradição de seu antecessor, recusando usar a cruz peitoral

e o anel de pescador de ouro, os mocassins vermelhos, toda vestimenta luxuosa destinada ao ritual pós-conclave e a morar no Palácio Apostólico.

A “vontade criadora concreta”, terceira característica do Santo Padre começou ser manifestada, três dias após sua eleição, quando ele disse ao mundo que a escolha do nome “Francisco” (não antes utilizado por nenhum de seus predecessores), foi para homenagear o Santo Pobrezinho de Assis. O Papa, não vinculado ao passado e de forma revolucionária, cria, a partir do pedido de um cardeal amigo, algo extraordinário para seu governo.

Ele, diferente do seu antecessor, conquistou o reconhecimento dos fiéis de dentro e de fora da sua instituição, sobretudo, quando por diversas vezes afirmou que o poder eclesiástico deve ser sinônimo do serviço. Ao dirigir-se aos seus fiéis, prefere se autodenominar como “Bispo de Roma”. Dessa forma, nunca utiliza os vocábulos Sumo Pontífice ou Santo Padre tradicionalmente utilizados pela Igreja Católica para demarcar o poder de seu representante máximo. Pelo contrário, prefere ser chamado de “Bispo de Roma”, manifestando seu desejo de descentralização do poder e concedendo autonomia às igrejas particulares de todo o mundo. “Com efeito, ‘Episcopado’ é o nome de um serviço, não de uma honra. Ao bispo compete mais servir do que dominar” (DISCURSOS 34, 38, 69 e 151).

Ainda, atendendo à terceira característica do líder carismático, a vontade criadora concreta, o Papa fala de assuntos, até então, não tratados com clareza por seus antecessores. Ele diz sobre os homossexuais, sobre os casais de segunda união, sobre a participação das mulheres na Igreja e abre a “Porta Santa da Misericórdia”. Como um profeta genuíno ele anuncia, cria e exige de seus colaboradores mandamentos novos.

A quarta característica que podemos observar em Francisco é sua capacidade de ser “alheio à economia”. Logo, no início de seu pontificado, ele proclama: “A minha avó dizia-nos (éramos nós meninos): a mortalha não tem bolsos” (DISCURSO 4), a fim de combater o acúmulo de riqueza, desprezando e condenando a economia capitalista. Podemos ver outra crítica ao estilo de vida burguês: “O aburguesamento do coração paralisa-nos (...) Jesus, ensinava a amar a pobreza” (DISCURSO 14).

Francisco, filho de um comerciante rico de Assis. O encontro com Jesus levou-o a despojar-se de uma vida cômoda e despreocupada, para desposar a “Senhora Pobreza” (...). Em toda a vida de Francisco, o amor pelos pobres e a imitação de Cristo pobre são dois elementos indivisivelmente unidos, as duas faces de uma mesma medalha. (DISCURSO 32).

O Santo Padre Francisco reverencia São Francisco de Assis, sobretudo, pela maneira com que imitou Jesus amando os pobres e desposando-se com a pobreza. Embora essa característica trate da posição que o líder carismático deva ter em relação à economia, Weber postula que o carisma vive dentro do mundo da economia, porém não vive dele. Nesse sentido, “o carisma é um poder antieconômico por excelência” (WEBER, 1999b, p.325).

A quinta característica do Papa Francisco é sua “grande força revolucionária”. Os seus discursos nos mostram que ele quer mudar a consciência e as ações dos bispos e padres de sua Igreja. Sua criatividade aponta para configuração de discursos por meio de uma característica que lhe é peculiar. A partir de três ideias, de três verbos ou três palavras, ele organiza e propaga seus posicionamentos, suas crenças e suas atitudes, enfim, a ideologia de sua instituição católica. “Para tal, gostaria de chamar a atenção para três simples posturas, três simples posturas: Conservar a esperança; deixar-se surpreender por Deus; viver na alegria” (DISCURSO 23). Ele fala de uma Igreja em saída em detrimento a uma “Igreja gnóstica e narcisista” (DISCURSO 15).

Mostrar ao mundo que um Papa toca as pessoas não quer e não anda em papamóvel blindado, não usa carros luxuosos para se locomover, vai até a ótica no centro de Roma para trocar seus óculos, critica os homens da igreja que querem o bem-estar e as mordomias é, antes de tudo, posicionar-se contra a ideologia do grupo de bispos e padres que fazem parte da mesma instituição que a sua e que não querem viver os autênticos ensinamentos de Cristo. E mais, que desejam estar dentro da Igreja Católica assumindo os diversos cargos oferecidos por ela, não para servirem ao povo, mas sim para serem servidos por ele. Isso, para Francisco, parece ser contrário ao cristianismo propagado por Cristo e, por isso, deve ser combatido.

Segundo Coleman (2009), o líder deve possuir três princípios que possibilitam sua liderança, ou seja, o princípio da mobilidade, da narrativa e do *reaching out*.

Num primeiro momento, basta-nos lembrar o caráter itinerante do Papa manifestado por meio das viagens apostólicas nacionais e internacionais descritas no início deste capítulo. Em três anos, o Sumo Pontífice visitou os continentes americano, asiático, europeu e africano, conforme a seguir:

(1) Assim, de cara à Jornada Mundial da Juventude que me trouxe até o Brasil, também eu venho hoje bater à porta da casa de Maria, que amou e educou Jesus, para que ajude a todos nós, os Pastores do Povo de Deus, aos pais e aos educadores, a transmitir aos nossos jovens os valores que farão deles construtores de um País e de um mundo mais justo, solidário e fraterno. (Visita Apostólica do Papa ao Brasil, América do Sul: homilia-24-07-2013).

(2) Aqui não estamos muito longe do lugar onde o Espírito Santo desceu poderosamente sobre Jesus de Nazaré, depois de João O ter batizado no rio Jordão (cf. Mt 3, 16), e hoje irei lá. (Peregrinação do Papa à Terra Santa, Ásia: homilia-24-05-2014).

(3) Encontrando-me hoje no vosso meio, queridos irmãos e irmãs da Albânia, nesta praça dedicada a uma filha humilde e grande desta terra, a Beata Madre Teresa de Calcutá, desejo repetir-vos esta saudação: paz nas vossas casas, paz nos vossos corações, paz na vossa nação! Paz! (Visita Apostólica do Papa a Albânia, sudeste da Europa: homilia-21-09-2014).

(4) O santo povo fiel de Deus, que caminha em Cuba, é um povo que ama a festa, a amizade, as coisas belas. É um povo que caminha, que canta e louva. É um povo que, apesar das feridas que tem como qualquer povo, sabe abrir os braços, caminhar com esperança, porque se sente chamado para a grandeza. Assim o sentiram os vossos heróis. (Visita Apostólica do Papa a Cuba, América Central: homilia-20-09-2015).

(5) Esta linda catedral de São Patrício, construída ao longo de muitos anos com o sacrifício de tantos homens e mulheres, pode ser um símbolo da obra de gerações de sacerdotes, religiosos e leigos americanos que contribuíram para a edificação da Igreja nos Estados Unidos. (Visita Apostólica do Papa aos Estados Unidos, América do Norte: homilia-24-09-2015).

(6) Que Jesus, o Bom Pastor, a rocha sobre a qual construímos as nossas vidas, vos guie, a vós e às vossas famílias, pelo caminho do bem e da misericórdia durante todos os dias da vossa vida. Ele abençoe todos os habitantes do Quênia com a sua paz. Mungu awabariiki! [Deus vos abençoe!] Mungu abariki Kenya! [Deus abençoe o Quênia!] (Visita Apostólica do Papa ao Quênia, na África: homilia-26-11-2015).

Os 178 discursos que constituem o nosso *corpus* podem comprovar o princípio da mobilidade do Papa Francisco. Dessa forma, os discursos de números (23), (24) e (25) são referentes à primeira viagem de seu pontificado que o levou a XVIII Jornada Mundial da Juventude ao Brasil. Os discursos (66), (67) e (68) foram realizados na Terra Santa. Na República da Coreia, Francisco falou aos coreanos, conforme os discursos (78), (79), (80) e (81). Na Turquia, os de números (91) e (92). Em Sri Lanka e nas Filipinas, foram os de números (100), (101), (102) e (103). Também o Papa visitou o sudeste europeu e proferiu suas palavras ao povo de Tirana, discurso (84). Na Europa Central, Francisco pregou à Bósnia-Herzegovina, conforme podemos comprovar pelo discurso (127). Os discursos proferidos no Equador, na Bolívia e no Paraguai podem ser encontrados nos itens de números (131), (132), (133), (134) e (135). Em Cuba, o Santo Padre falou os discursos (136), (137), (138) e (139). Os discursos dirigidos aos EUA podem ser encontrados nos itens (140), (141), (142), (143) e (144). Na África, o Sumo Pontífice visitou o Quênia, Uganda e a República Centro-africana e falou-lhes pelos discursos (153), (154), (155) e (156). Sua última viagem fora da Itália foi para o México, conforme se verifica nos itens (172), (173), (174), (175) e (176). A soma dos discursos proferidos fora da Itália é 41 discursos e corresponde a 23,03% do total considerado em nossa pesquisa. A porcentagem dos discursos pronunciados na Itália é de 76,96% e somam 137. A maioria deles foi pronunciado na basílica Vaticana, ou melhor, 34,14%, que somam 59 do total dos discursos. Em segundo lugar, vem a Praça de São Pedro, de onde foram proferidos 21 de seus discursos, correspondendo a 11,79% do total de 178 discursos.

O Papa Francisco também pregou em paróquias romanas, em igrejas nos arredores de Roma, na Basílica e na Praça de São João do Latrão, na Basílica de São Paulo Extramuros, na capela Sistina, no cemitério Verano, na Basílica de Santa Sabina, na Basílica de Santa Maria Maior, em Lampedusa, em Assis e, é claro, na capela da casa Santa Marta, sua residência oficial.

Dentre os locais em que Francisco pronunciou seus discursos, chama-nos a atenção os discursos de números (6) e (116), nos quais, respectivamente, o Papa celebrou a missa, num cárcere para menores e numa igreja do presídio de Rebibbia. Interessante é que, nessas datas, os Papas antecessores de Francisco sempre celebravam, como de costume, a missa da Ceia do Senhor na Basílica Vaticana. O Papa latino-

americano parece romper com a tradição e com a cultura estabelecida de seus predecessores. Isso, aponta para o tipo de governo que está disposto a estabelecer.

A linguagem simples e acessível, as metáforas bem empregadas, as escolhas lexicais e os temas de seus discursos são determinantes para que ele possa ser reconhecido como um “mestre da fala”, comprovando o princípio da narrativa.

Seu jeito humilde, seus gestos, seu modo de tocar as pessoas, tantas vezes divulgados pela mídia internacional, apontam para o contato direto que ele deseja estabelecer com seus fiéis. Esse desejo, muitas vezes, é explicitado em seus discursos: “sede pastores com o cheiro das ovelhas, que se sinta este -, serem pastores no meio do seu rebanho” (DISCURSO 5). Também anuncia: “onde o povo de Deus tem um desejo ou uma necessidade, aí está o sacerdote que sabe escutar” (DISCURSO 61). Seu contato direto com o povo permite-nos dizer que o princípio de *reaching out* está presente em seu modo de adquirir reconhecimento e aceitação em todo o mundo. Essa construção midiática de um homem que parece ser “gente como a gente”, que toca as pessoas, que tem uma linguagem simples e acessível e que viaja até encontrar-se com os seus, determina o carisma do Papa Francisco. Os desejos do Papa explicitados em seus discursos garantem-lhe, num período de tempo tão curto, a restituição da imagem maculada da Igreja Católica e atendem ao princípio de *reaching out* no que se refere a alcançar seu público.

As atitudes e opiniões do Santo Padre Francisco e as crenças propagadas em seus discursos podem dar novos rumos à história do catolicismo e abrir portas de novas formas de vida dentro e fora de sua Igreja. Surgir no momento em que a Igreja Católica estava devastada por inúmeros fatos, divulgados pela mídia, que faziam com que ela perdesse seus fiéis é a forma mais estratégica que essa instituição bimilenar teve de apostar na eleição de um Papa não-europeu, que possuísse as características da liderança carismática de Weber (1981, 1999a, 1999b) e os princípios carismáticos de Coleman (2009).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideologia nos discursos do Papa Francisco deixa claro que ele está convicto dos rumos que deve tomar seu pontificado. Sua visão de Igreja é de que ela deve ser um lugar onde aqueles que ocupam cargos dela tenham o poder como sinônimo de serviço. O Santo Padre acredita que é preciso “sair de si mesmo” e ir até aqueles que foram deixados “à margem do caminho” para devolve-lhes a dignidade humana. O Sumo Pontífice trata de questões de doutrina e de moral desde o início de seu governo. Embora reconheça a importância das mulheres nas atividades eclesiais, não menciona a possibilidade de ordená-las sacerdotisas. Defende o batismo de filhos de mães solteiras. Olha com carinho para as vítimas de pedofilia e abusos sexuais por parte de seus clérigos, mas pune com severidade aqueles que se utilizam da Igreja para macular a sua imagem. No voo de retorno da Jornada Mundial da Juventude ocorrida em julho de 2013, fala da compaixão que sua Igreja deve ter para com os homossexuais, mas não reconhece a união homoafetiva e não menciona incluí-los nos trabalhos da Igreja. Admite que alguns de seus sacerdotes vivem alienados em discursos de ordem moral ao invés de aproximar os fiéis da misericórdia de Deus. Essas reflexões nos permitem afirmar que a ideologia nos discursos do Santo Padre Francisco acenam apenas para o desejo de inclusão das minorias sociais nos trabalhos da Igreja Católica.

As escolhas lexicais nos discursos de Francisco, bem como, os temas relevantes abordados neles, tratam da questão do serviço, da pobreza e da misericórdia. Se seus discursos são planejados por meio de três palavras ou ideias, o seu pontificado parece estar edificado sob esses três temas.

As metáforas nos discursos do Papa Francisco, eficientes estratégias de transmissão de ideologia, revelam o caminho que “o barco de Pedro” está tomando a partir de seu pontificado. Embora, utilizando-se do abuso de poder, para manter suas crenças (opiniões e atitudes), o primeiro Papa latino-americano da história do catolicismo, defende que o verdadeiro poder social é aquele que deve estar a serviço dos outros. A concepção de poder defendida pelo Santo Padre, traz rejeições de seu próprio clero, uma vez que suas críticas perpassam padres e bispos que usufruem do poder para

seu próprio benefício. A criatividade dos discursos polarizados do Santo Padre está sendo um fator determinante para que ele continue desejoso de que seu papado dê um novo passo à mudança de ideologia, sobretudo, no que se refere ao combate de abuso de poder dentro e fora de sua instituição. Desse modo, a polarização, estratégia de manutenção de ideologia, é produzida e analisada em discursos do Papa e revelam divisões entre subgrupos de sua própria instituição e entre grupos de dentro (endogrupo) e de fora (exogrupo) da Igreja Católica.

O carisma do primeiro Papa latino-americano é a garantia de sua enorme popularidade em tão pouco tempo frente à Igreja Católica. Suas viagens, seu modo acessível de falar às multidões e a maneira como atinge e toca seu público fazem com que ele seja reconhecido como um “enviado de Deus”. Dessa maneira, ele desperta, não somente nos católicos, mas em líderes de outras religiões do mundo uma enorme admiração e respeito. Alguns fiéis de sua própria Igreja o idolatram vendo nele a possibilidade de serem incluídos nas atividades da Igreja e de participarem dos sacramentos. De fato, as características carismáticas do Papa acenam um governo peculiar, desejoso de “reconstruir a Igreja de Cristo” e de manter a popularidade num momento em que a imagem da sua instituição estava desprestigiada frente à perda de fiéis e aos escândalos divulgados pela mídia, mecanismo fundamental de legitimação institucional e de manutenção de poder. Mesmo diante dos fatos que fizeram com que a Igreja tivesse sua imagem abalada, os católicos de todo o mundo seguem e ouvem o Sumo Pontífice porque ele fala e age de um modo novo, com a autoridade de quem é autêntico e coerente, de quem fala e age com verdade. Ele imprime seus princípios carismáticos propagando sutilmente a ideologia católica.

Os cardeais, seus eleitores, apesar de saberem que o Santo Padre desejasse uma Igreja mais aberta e disposta a enfrentar os desafios deste milênio, não sabiam que seu governo fosse marcado pela escolha de um nome que se opusesse à desigualdade social contrariando os desejos de uma Igreja autorreferencial e narcisista. Desse modo, escolher o nome “Francisco”, para o exercício de seu governo frente a instituição mais poderosa do Ocidente, a Igreja Católica, é antes de mais nada, se posicionar contra todo o luxo e riqueza adquiridas, por ela, ao longo de sua história bimilenar.

Nesse sentido, podemos estabelecer uma relação entre a figura carismática de Francisco de Assis e o Papa Francisco, pois ambos, em tempos de grandes desafios para seguir os ensinamentos de Cristo, se colocam opostos a regras e tradições da instituição católica, no sentido de desejarem atender o pedido da Cruz de São Damião: “Francisco, reconstrói a minha Igreja”. Se no século XIII, o Poverello renunciou os bens paternos e desposou-se com a pobreza para viver na radicalidade o cristianismo, agora, o Papa Francisco, renuncia morar no Palácio Apostólico e vai morar num quarto simples na Casa Santa Marta, celebra a missa da quinta-feira santa em presídios de Roma, lavando os pés de menores infratores e presidiários adultos, vai à ótica no centro de Roma, acompanhado somente de um motorista, para trocar seus óculos, enfim, parece renunciar todo o luxo e riqueza disponível pela Igreja Católica para seu Sumo Pontífice.

Não diferente de Lutero que escreveu as “95 teses” contrapondo-se aos abusos de poder da Igreja Católica, o Santo Padre convoca o Sínodo das Famílias para tratar de assuntos referentes às exclusões dos casais de segunda união aos sacramentos, concede autonomia as dioceses de julgar os processos de nulidade matrimonial, permite aos bispos concederem o perdão às mulheres que praticaram o aborto e celebra o jubileu das pessoas socialmente excluídas. No século XVI, Lutero questiona o poder do Papa. Agora, o Papa se coloca humilde afirmando que “o próprio Papa, para exercer o poder, deve entrar sempre mais no serviço da Cruz” (DISCURSO 3).

Os fiéis, não tendo acesso a um estudo sistemático dos discursos e do carisma do Papa Francisco, cujo objetivo crucial é de maneira implícita (re)produzir, mesmo que de forma inconsciente (na mente das pessoas), a ideologia bimilenar da Igreja Católica, acreditam veementemente que ele vai restaurar a Igreja de Cristo. O fato é que se a ideologia nos discursos do Papa for, efetivamente, concretizada, um “novo jeito de ser Igreja” deve ser assumido por todos os seus representantes, espalhados pelo mundo, e uma “nova” ideologia terá de dar lugar àquela que sustentou sua instituição por dois milênios de cristianismo. Eleger Francisco foi o xeque-mate da Igreja Católica no jogo de xadrez em que ela se estava se vendo como a perdedora.

6 REFERÊNCIAS

ALBERICO, Giuseppe (org). **História dos Concílios Ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995.

BACH, M. Carisma e racionalismo na sociologia de Max Weber. Trad. Markus A. Hediger. **Revista Sociologia & Antropologia**. Vol 1, n 1. 2011, p.51-70.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BAGGIO, Frei Hugo D. **Francisco de Assis: um ideal para você**. São Paulo. Loyola, 1982.

BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6ª edição. São Paulo. Editora Perspectiva, 2007.

CARDOSO, E. de Almeida; IGNEZ, A. F. Escolhas lexicais: estilo e expressividade. In: MICHELETTI, G. (Org.) **Estudos de discurso e estilo**. São Paulo. Terracota, 2012, p.17-38.

CHARAUDEAU, P. "**Charisme quand tu nous tiens. Les paradoxes du charisme en politique**", NOTES DE CAMPAGNE (un regard sémiologique), consulté le 19 mars 2016 sur le site de Patrick Charaudeau - Livres, articles, publications. <http://www.patrick-charaudeau.com/Charisme-quand-tu-nous-tiens-Les.html>

COLEMAN, S. Transgressing the self: making charismatic saints. **Critical Inquiry: Faith without borders: the curious of the saint**. Vol. 35, n. 3. 2009. p. 417-439.

COLLINSON, Patrick. **A reforma**. Tradução de S. Duarte. Rio de Janeiro. Objetiva, 2006.

DREHER, Martin Norberto. **A crise e a Renovação da Igreja no período da Reforma**, a, Volume 3. 4ª Edição. Editora Sinodal, 1996.

DREHER, Martin Norberto. **História do povo de Jesus** – Uma leitura latino-americana. Editora Sinodal, 1998.

ENCONTRO do Santo Padre com os cardeais e colaboradores da Cúria Romana para a troca de bons votos de Natal. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papa-francesco_20141222_curia-romana.html. Acesso em 08/09/2015.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. London: Longman, 1989.

_____. **Discurso e Mudança Social.** Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora da UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, N.; WODAK, R. Análisis crítico del discurso. In: VAN DIJK, T. A. (Org.). *El discurso como interacción social: estudios sobre el discurso II: una introducción multidisciplinaria.* Barcelona: Gedisa, 2000, p. 367-404.

JUNIOR, M. C. Revisando o conceito de carisma: líderes pentecostais, entre o virtuosismo e o capital religioso, da dominação à performance. **Revista Todavia.** Ano 2, n 2. 2011. p. 42-55.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. Coord. da tradução: Mara Sophia Zanotto. **Metáforas da vida cotidiana.** Campinas: Mercado de Letras. São Paulo: Educ, 2002.

LINDHOLM, Charles. **Carisma:** êxtase e perda de identidade na veneração ao líder. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

LUTERO, Martinho. **O programa da Reforma:** escritos de 1520 (Obras selecionadas, 2). São Leopoldo. Porto Alegre: Sinodal, 1989.

MELO, I. F. (Org.); **Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática.** Campinas, SP: Pontes, 2012.

MEYER, M. Entre la teoría, método y la política: la ubicación de los enfoques relacionados con el ACD. In: WODAK, R.; MEYER, M. **Métodos de análisis crítico del discurso.** Barcelona: Gedisa, 2001.

NATALE, R. A representação social da violência de gênero contra a mulher no Espírito Santo. **Dissertação de Mestrado.** Departamento de Línguas e Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES. 2015.

PAPA FRANCISCO, **Exortação Apostólica do Papa Francisco:** *Evangelii Gaudium* – A Alegria do Evangelho. Brasília: Edições CNBB, 2013.

PIQUÉ, Elisabetta. **Papa Francisco:** vida e revolução. Tradução de Carlos Turdera. São Paulo: LeYa, 2014.

POYARES, Walter. **O carisma da comunicação humana.** Univer Cidade, 1980.

RAMALHO, V. Gêneros Discursivos e ideologias: elementos para estudos críticos. In: MELO, I. F. (Org.). **Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática.** Campinas: São Paulo. Pontes, 2012, p.139-187.

VAN DIJK, T. A. **Macrostructures:** an interdisciplinary study of global structures in discourse, interaction and cognition. Hillsdale. NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1980.

_____. **Prejudice in Discourse:** analysis of ethnic prejudice in cognition and conversation. Amsterdam: Benjamins, 1984a.

_____. **Communicating Racism:** ethnic prejudice in thought and talk. Newbury Park, California, Sage Publications, 1987.

_____. **News analysis:** a case study of international and national news and press. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1988.

_____. **La noticia como discurso:** comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Paidós, 1990.

_____. **Racism and the Press.** London: Routledge, 1991.

_____. **Discourse and Elite Racism.** London: Sage, 1993.

_____. **Semântica do discurso e ideologia.** In PEDRO, E. R. (Org.), *Análise Crítica do Discurso – uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997, p. 105-168.

_____. **Ideology:** a multidisciplinary approach. London: SAGE Publications, 1998.

_____. **Ideología:** una aproximación multidisciplinaria. Barcelona: Gedisa, 1999.

_____. El estudio del discurso. In: VAN DIJK, T. A. (Org.). **El discurso como estructura y proceso:** estudios sobre el discurso I: una introducción multidisciplinaria. Barcelona: Gedisa, 2000a, p. 21- 65.

_____. El Discurso como Interacción en la Sociedad. In: VAN DIJK, T. A. (Org.). **El discurso como interacción social:** estudios sobre el discurso II: una introducción multidisciplinaria. Barcelona: Gedisa, 2000b, p. 19-66.

_____. Critical Discourse Analysis. In: TANNEN, D.; SCHIFFRIN, D.; HAMILTON, H. (orgs.). **Handbook of Discourse Analysis.** Oxford: Blackwell, 2001a, p.352-371.

_____. La multidisciplinariedad del análisis crítico del discurso: un alegato en favor de la diversidad. In: WODAK, R.; MEYER, M. **Métodos de análisis crítico del discurso.** Barcelona: Gedisa, 2001b.

_____. **Ideology and discourse:** a multidisciplinary introduction. Barcelona, Ariel, 2003.

_____. **Racism and Discourse in Spain and Latin America.** España: John Benjamins, 2005.

_____. Discourse, Context and Cognition. In: **Discourse Studies**. Vol 8, p. 159-177. London, Sage, 2006.

_____. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Sociedad y discurso**: cómo influyen los contextos sociales sobre el texto y la conversación. Barcelona: Gedisa, 2011a.

_____. Discourse and ideology. In: **Discourse Studies**: a multidisciplinary introduction. van Dijk, T.A (Org.). 2 ed. London: Sage Publications, 2011b.

_____. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Discourse and Knowledge**: a sociocognitive approach. Barcelona: Cambridge University Press, 2014.

VATICANO II. Documentos do Concílio Ecumênico. Paulus: 1999.

VATICANO II. Mensagens, Discursos, Documentos. Paulinas: São Paulo. 1998.

VERMES, Geza. **As várias faces de Jesus**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2006.

WEBER, M. **Ensaio de Sociologia**. Ed. Guanabara: Rio de Janeiro, 1981.

_____. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Ed. UnB, 1999a (vol. 1).

_____. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Ed. UnB, 1999b (vol. 2).

ANEXO

- (1) Podemos caminhar o que quisermos, podemos edificar um monte de coisas, mas se não confessarmos Jesus Cristo, está errado. Tornar-nos-emos uma ONG sócio-caritativa, mas não a Igreja, Esposa do Senhor. (...). Quando caminhamos sem a Cruz, edificamos sem a Cruz ou confessamos um Cristo sem Cruz, não somos discípulos do Senhor: somos mundanos, somos bispos, padres, cardeais, papas, mas não discípulos do Senhor. (Homilia do dia 14/03/2013).
- (2) Penso que nós também somos este povo que, por um lado, quer ouvir Jesus, mas, por outro, às vezes agrada-nos malhar nos outros, condenar os outros. Ora a mensagem de Jesus é sempre a mesma: a misericórdia. A meu ver – humildemente o afirmo –, é a mensagem mais forte do Senhor: a misericórdia. (Homilia do dia 17/03/2013).
- (3) Não esqueçamos jamais que o verdadeiro poder é o serviço, e que o próprio Papa, para exercer o poder, deve entrar sempre mais naquele serviço que tem o seu vértice luminoso na Cruz; deve olhar para o serviço humilde, concreto, rico de fé, de São José e, como ele, abrir os braços para guardar todo o Povo de Deus e acolher, com afecto e ternura, a humanidade inteira, especialmente os mais pobres, os mais fracos, os mais pequeninos. (Homilia do dia 19/03/2013).
- (4) Olhemos ao nosso redor... Tantas feridas infligidas pelo mal à humanidade: guerras, violências, conflitos económicos que atingem quem é mais fraco, sede de dinheiro, que depois ninguém pode levar consigo, terá de o deixar. A minha avó dizia-nos (éramos nós meninos): a mortalha não tem bolsos. (Homilia do dia 24/03/2013).
- (5) Quem não sai de si mesmo, em vez de ser mediador, torna-se pouco a pouco um intermediário, um gestor. A diferença é bem conhecida de todos: o intermediário e o gestor “já receberam a sua recompensa”. É que, não colocando em jogo a pele e o próprio coração, não recebem aquele agradecimento carinhoso que nasce do coração; e daqui deriva precisamente a insatisfação de alguns, que acabam por viver tristes, padres tristes, e transformados numa espécie de colecionadores de antiguidades ou então de novidades, em vez de serem pastores com o “cheiro das ovelhas” – isto vo-lo peço: sede pastores com o “cheiro das ovelhas”, que se sinta este –, serem pastores no meio do seu rebanho, e pescadores de homens. (Homilia do dia 28/03/2013).
- (6) É o exemplo do Senhor: Ele é o mais importante e lava os pés, porque entre nós aquele que está mais elevado deve estar ao serviço dos outros. E isto é um símbolo, um sinal, não é verdade? Lavar os pés

significa: “eu estou ao teu serviço”. (...). Como sacerdote e como Bispo, devo estar ao vosso serviço. (Homilia do dia 28/03/2013).

- (7) Contudo, nas mulheres, continuava o amor, e foi o amor por Jesus que as impelira a irem ao sepulcro. (...). Não nos fechemos em nós mesmos, não percamos a confiança, não nos demos jamais por vencidos: não há situações que Deus não possa mudar; não há pecado que não possa perdoar, se nos abirmos a Ele. (Homilia do dia 30/03/2013).
- (8) Para Deus, não somos números; somos importantes, antes, somos o que Ele tem de mais importante; apesar de pecadores, somos aquilo que Lhe está mais a peito. (...) Amados irmãos e irmãs, deixemo-nos envolver pela misericórdia de Deus; confiemos na sua paciência, que sempre nos dá tempo; tenhamos a coragem de voltar para sua casa, habitar nas feridas do seu amor deixando-nos amar por Ele, encontrar a sua misericórdia nos Sacramentos. Sentiremos a sua ternura maravilhosa, sentiremos o seu abraço, e ficaremos nós também mais capazes de misericórdia, paciência, perdão e amo. (Homilia do dia 07/04/2013).
- (9) No grande desígnio de Deus, cada detalhe é importante, incluindo o teu, o meu pequeno e humilde testemunho, mesmo o testemunho oculto de quem vive a sua fé, com simplicidade, nas suas relações diárias de família, de trabalho, de amizade. Existem os santos de todos os dias, os santos “escondidos”, uma espécie de “classe média da santidade” – como dizia um escritor francês –, aquela “classe média da santidade” da qual todos podemos fazer parte. (...) A incoerência dos fiéis e dos Pastores entre aquilo que dizem e o que fazem, entre a palavra e a maneira de viver mina a credibilidade da Igreja. (Homilia do dia 14/04/2013).
- (10) E hoje, em nome de Cristo e da Igreja, eu vos peço: por favor, não vos canseis de ser misericordiosos. (...). Sede pastores, e não funcionários; sede mediadores, e não intermediários. (...). Trazei sempre diante dos olhos o exemplo do Bom Pastor, que veio, não para ser servido, mas para servir, para buscar e salvar o que estava perdido. (Homilia do dia 21/04/2013).
- (11) A identidade cristã não é dada por um bilhete de identidade; a identidade cristã é pertença à Igreja: todos estes pertenciam à Igreja, à Igreja Mãe, porque não é possível encontrar Jesus fora da Igreja (...). Se não somos “ovelhas de Jesus”, a fé não desponta; é uma fé de “água de cheiro”, uma fé sem substância. (...). A caminhar avante, levando o nome de Jesus no seio da Santa Mãe Igreja, como dizia Santo Inácio, hierárquica e católica. Assim seja. (Homilia do dia 23/04/2013).
- (12) Como seria belo se cada um de vós pudesse, ao fim do dia, dizer: Hoje na escola, em casa, no trabalho, guiado por Deus, realizei um gesto

de amor por um colega meu, pelos meus pais, por um idoso. Como seria belo! (...). O Senhor é tão misericordioso! Se vamos ter com Ele, sempre nos perdoa. (...). Nós, cristãos, não fomos escolhidos pelo Senhor para coisinhas pequenas, ide sempre mais além, rumo às coisas grandes. Jovens, jogai a vida por grandes ideais! (Homilia do dia 28/04/2013).

- (13) E, deste modo, ajudais a transmiti-la ao povo, e especialmente às pessoas simples, àqueles que Jesus chama no Evangelho “os pequeninos”. (Homilia do dia 05/05/2013).
- (14) O aburguesamento do coração paralisa-nos — e renunciando a uma vida cómoda para seguir o chamamento de Jesus, ensinava a amar a pobreza, para poder amar em maior medida os pobres e os enfermos. (...) Os pobres, os abandonados, os enfermos e os marginalizados são a carne de Cristo. (...) não nos devemos envergonhar, não devemos ter medo, não devemos sentir repugnância de “tocar a carne de Cristo”. (Homilia do dia 12/05/2013).
- (15) O Espírito Santo faz-nos entrar no mistério do Deus vivo e salva-nos do perigo de uma Igreja gnóstica e de uma Igreja narcisista, fechada no seu recinto; impele-nos a abrir as portas e sair para anunciar e testemunhar a vida boa do Evangelho, para comunicar a alegria da fé, do encontro com Cristo. (Homilia do dia 19/05/2013).
- (16) A falta de vigilância — como sabemos — torna o Pastor insípido; fá-lo distraído, esquecido e até intolerante; sedu-lo com a perspectiva da carreira, a sedução do dinheiro e os compromissos com o espírito do mundo; torna-o negligente, transformando-o num funcionário, num clérigo de Estado, preocupado mais consigo mesmo, com a organização e com as estruturas, do que com o verdadeiro bem do Povo de Deus. (...) somos chamados a fazer nosso o sonho de Deus, cuja casa não conhece exclusão de pessoas ou de povos. (Homilia do dia 23/05/2013).
- (17) Quando Nossa Senhora, assim que recebeu o anúncio que seria mãe de Jesus, e também o anúncio de que a sua prima Isabel estava grávida — como se lê no Evangelho — partiu à pressa; não esperou. Não disse: “Mas agora eu estou grávida, e devo cuidar da minha saúde. A minha prima terá amigas que talvez a ajudem”. Ela sentiu algo e “partiu à pressa”. É bonito pensar isto de Nossa Senhora, da nossa Mãe que vai à pressa, porque sente algo dentro de si: ajudar. (Homilia do dia 26/05/2013).
- (18) Diante das necessidades da multidão, eis a solução dos discípulos: cada um pense em si próprio; despedir a multidão! Cada um pense em si próprio; despedir a multidão! Quantas vezes nós, cristãos, temos esta tentação! Não assumimos as necessidades do próximo, despedindo-o com um piedoso: “Que Deus te ajude!”, ou com um não tão piedoso: “Boa sorte!”, e se não nos virmos mais... Todavia, a solução

de Jesus vai noutro rumo, numa direcção que surpreende os discípulos: “Dai-lhes vós mesmos de comer”. (Homilia do dia 30/05/2013).

- (19) Jesus é a encarnação do Deus Vivo, Aquele que traz a vida fazendo frente a tantas obras de morte, fazendo frente ao pecado, ao egoísmo, ao fechamento em si mesmo. (...). Deus, o Vivente, é misericordioso. Estais de acordo? Digamo-lo juntos: Deus, o Vivente, é misericordioso! Todos: Deus, o Vivente, é misericordioso. Outra vez: Deus, o Vivente, é misericordioso! (...). Muitas vezes, porém – sabemos-lo por experiência –, o homem não escolhe a vida, não acolhe o “Evangelho da vida”, mas deixa-se guiar por ideologias e lógicas que põem obstáculos à vida, que não a respeitam, porque são ditadas pelo egoísmo, o interesse pessoal, o lucro, o poder, o prazer, e não são ditadas pelo amor, a busca do bem do outro. É a persistente ilusão de querer construir a cidade do homem sem Deus. (Homilia do dia 16/06/2013).
- (20) O Bispo de Roma é chamado a viver e confirmar neste amor por Cristo e por todos, sem distinção, limite ou barreira. E não só o Bispo de Roma, mas todos vós, novos arcebispos e bispos, tendes o mesmo dever: deixar-se consumir pelo Evangelho, fazer-se tudo para todos. O dever de não se poupar, de se esquecer de si ao serviço do povo santo e fiel de Deus. (Homilia do dia 29/06/2013).
- (21) Hoje as pessoas precisam certamente de palavras, mas sobretudo têm necessidade que testemunhemos a misericórdia, a ternura do Senhor, que aquece o coração, desperta a esperança, atrai para o bem. (...) A Igreja – repetia Bento XVI – não é nossa, mas de Deus; e quantas vezes nós, os consagrados, pensamos que seja nossa! Fazemos dela... qualquer coisa que nos vem à cabeça. Mas não é nossa; é de Deus. (Homilia do dia 07/07/2013).
- (22) A cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se fôssemos bolas de sabão: estas são bonitas mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório. Esta cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença. Habitamo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa! (Homilia do dia 08/07/2013).
- (23) Assim, de cara à Jornada Mundial da Juventude que me trouxe até o Brasil, também eu venho hoje bater à porta da casa de Maria, que amou e educou Jesus, para que ajude a todos nós, os Pastores do Povo de Deus, aos pais e aos educadores, a transmitir aos nossos jovens os valores que farão deles construtores de um País e de um mundo mais justo, solidário e fraterno. Para tal, gostaria de chamar à atenção para três simples posturas, três simples posturas: Conservar a esperança;

deixar-se surpreender por Deus; viver na alegria. (Homilia do dia 24/07/2013).

- (24) Não podemos ficar encerrados na paróquia, nas nossas comunidades, na nossa instituição paroquial ou na nossa instituição diocesana, quando há tanta gente esperando o Evangelho! Mas sair... enviados. Não se trata simplesmente de abrir a porta para que venham, para acolher, mas de sair pela porta fora para procurar e encontrar. (...) Decididamente pensemos a pastoral a partir da periferia, daqueles que estão mais afastados, daqueles que habitualmente não frequentam a paróquia. Eles são os convidados VIP. Saíamos à sua procura nos cruzamentos das estradas. (Homilia do dia 27/07/2013).
- (25) (...) Mas a experiência deste encontro não pode ficar trancafiada na vida de vocês ou no pequeno grupo da paróquia, do movimento, da comunidade de vocês. Seria como cortar o oxigênio a uma chama que arde. (...) Sabem qual é o melhor instrumento para evangelizar os jovens? Outro jovem! (...) Queridos jovens, Jesus Cristo conta com vocês! A Igreja conta com vocês! O Papa conta com vocês! (Homilia do dia 28/07/2013).
- (26) E também neste caso nós, jesuítas, e toda a Companhia não estamos no centro, estamos por assim dizer “deslocados”, estamos ao serviço de Cristo e da Igreja, Esposa de Cristo nosso Senhor, que é a nossa Santa Mãe Igreja Hierárquica (cf. EE, 353). Devemos ser homens radicados e fundados na Igreja: assim nos quer Jesus. Não pode haver caminhos paralelos nem isolados. Sim, caminhos de investigação, caminhos criativos, sim, isto é importante: ir rumo às periferias, às numerosas periferias. (Homilia do dia 31/07/2013).
- (27) Escutamos o canto de Maria, o Magnificat: é o cântico da esperança, é o cântico do Povo de Deus no seu caminhar através da história. É o cântico de muitos santos e santas, alguns conhecidos, outros – muitíssimos – desconhecidos, mas bem conhecidos por Deus: mães, pais, catequistas, missionários, padres, freiras, jovens, e também crianças, avôs e avós; eles enfrentaram a luta da vida, levando no coração esperança dos pequenos e dos humildes. (Homilia do dia 15/08/2013).
- (28) Deixamo-nos inquietar pelas suas necessidades, ou permanecemos fechados em nós mesmos, nas nossas comunidades, que com frequência são para nós “comunidades-comodidades”? Às vezes podemos viver num condomínio, sem conhecer quem vive ao nosso lado; ou então podemos viver em comunidade, sem conhecer verdadeiramente o nosso irmão de hábito: amargurado, penso nos consagrados que não são fecundos, que são “solteirões”. A inquietação

do amor impele sempre a ir ao encontro do outro, sem esperar que seja o outro a manifestar a sua necessidade. (Homilia do dia 28/08/2013).

- (29) Quando o homem pensa só em si mesmo, nos seus próprios interesses e se coloca no centro, quando se deixa fascinar pelos ídolos do domínio e do poder, quando se coloca no lugar de Deus, então deteriora todas as relações, arruína tudo; e abre a porta à violência, à indiferença, ao conflito. (Homilia do dia 07/09/2013).
- (30) É necessária a colaboração leal de todos, com o compromisso dos responsáveis das instituições — também da Igreja — para assegurar às pessoas e às famílias os direitos fundamentais e fazer crescer uma sociedade mais fraterna e solidária. Garantir o direito ao trabalho, o direito a trazer o pão para casa, o pão ganho mediante o trabalho! (Homilia do dia 22/09/2013).
- (31) É a própria experiência do rico do Evangelho, que vestia roupas de luxo e cada dia se banquetearia lautamente; importante para ele era isto. E o pobre que jazia à sua porta e não tinha com que matar a fome? Não era com ele, não lhe dizia respeito. Se as coisas, o dinheiro, a mundanidade se tornam o centro da vida, apoderam-se de nós, dominam-nos e perdemos a nossa identidade de homens: vede que o rico do Evangelho não tem nome, é simplesmente “um rico”. As coisas, aquilo que possui, são o seu rosto, não tem outro. (Homilia do dia 29/09/2013).
- (32) Francisco, filho de um comerciante rico de Assis. O encontro com Jesus levou-o a despojar-se de uma vida cómoda e despreocupada, para desposar a “Senhora Pobreza” e viver como verdadeiro filho do Pai que está nos céus. Esta escolha, feita por São Francisco, constituía uma maneira radical de imitar a Cristo, de se revestir d’Aquele que, sendo rico, Se fez pobre para nos enriquecer por meio da sua pobreza (cf. 2 Cor 8, 9). Em toda a vida de Francisco, o amor pelos pobres e a imitação de Cristo pobre são dois elementos indivisivelmente unidos, as duas faces de uma mesma medalha. (Homilia do dia 04/10/2013).
- (33) Deus surpreende-nos; é precisamente na pobreza, na fraqueza, na humildade que Ele Se manifesta e nos dá o seu amor que nos salva, cura, dá força. Pede somente que sigamos a sua palavra e tenhamos confiança n’Ele. (...). Dizer obrigado parece tão fácil, e todavia é tão difícil! Quantas vezes dizemos obrigado em família? Esta é uma das palavras-chaves da convivência. “Com licença”, “perdão”, “obrigado”: se numa família se dizem estas três palavras, a família segue adiante.” (...). E o mesmo acontece com Deus. É fácil ir até ao Senhor para pedir alguma coisa, mas ir agradece-Lo... “Ah, isso é difícil”. (Homilia do dia 13/10/2013).

- (34) Com efeito, “Episcopado” é o nome de um serviço, não de uma honra. Ao bispo compete mais servir do que dominar, segundo o mandamento do Mestre: “Aquele que entre vós é o maior, torne-se como o último; e o que governa seja como o servo”. Sempre ao serviço, sempre. (...) O bispo que não prega é um bispo a meio caminho. E se não anuncia o Senhor, acaba na mundanidade. (Homilia do dia 24/10/2013).
- (35) Rezar juntos o “Pai Nosso”, ao redor da mesa, não é algo extraordinário: é fácil. E rezar juntos o Terço, em família, é muito belo; dá tanta força! E também rezar um pelo outro: o marido pela esposa; a esposa pelo marido; os dois pelos filhos; os filhos pelos pais, pelos avós... Rezar um pelo outro. Isto é rezar em família, e isto fortalece a família: a oração. (Homilia do dia 27/10/2013).
- (36) Só podemos entrar no Céu graças ao sangue do Cordeiro, graças ao sangue de Cristo. Foi precisamente o sangue de Cristo que nos justificou, que nos abriu as portas do Céu. E se hoje recordamos estes nossos irmãos e irmãs que nos precederam na vida e estão no Céu, é porque eles foram lavados pelo sangue de Cristo. Esta é a nossa esperança: a esperança do sangue de Cristo! Uma esperança que não desengana, se caminharmos na vida com o Senhor. Ele nunca desilude! (Homilia do dia 01/11/2013).
- (37) Também os pecados, os nossos pecados, estão nas mãos de Deus; aquelas mãos são misericordiosas, são mãos “feridas” de amor. Não foi por acaso que Jesus quis conservar as chagas nas suas mãos, para nos fazer sentir a sua misericórdia. (Homilia do dia 04/11/2013).
- (38) El Santo Padre pronunció en esencia la homilía ritual prevista en la edición italiana del Pontifical Romano para la ordenación de obispos, homilía que el Papa completó con algunos añadidos personales. (...) El Santo Padre destacó luego cómo el episcopado es “el nombre de un servicio, no de un honor”, puesto que al o bispo le compete más servir que dominar, según el mandamiento del Maestro: “Quien es el más grande entre vosotros, sea como el más pequeño, y quien gobierna como el que sirve”. (Homilia do dia 15/11/2013).
- (39) Recordá-nos que Deus não nos criou para permanecermos sozinhos, fechados em nós mesmos, mas para podermos encontrá-lo e para nos abrirmos ao encontro com o próximo. (Homilia do dia 23/11/2013).
- (40) O abraço da paz, que trocarei com eles, quer significar antes de tudo o reconhecimento do Bispo de Roma por estas Comunidades que

confessaram o nome de Cristo com uma fidelidade exemplar, paga muitas vezes por caro preço. (Homilia do dia 24/11/2013).

- (41) Por favor, não olheis para a vida da varanda! Misturai-vos lá, onde estão os desafios, que vos pedem ajuda para levar em frente a vida, o desenvolvimento, a luta pela dignidade das pessoas, a luta contra a pobreza, a luta pelos valores e tantas lutas com que nos deparamos todos os dias. (...). De fato, a pluralidade de pensamento e de individualidade refletem a sabedoria multiforme de Deus quando se aproxima da verdade com honestidade e rigor intelectual, quando se aproxima da bondade, quando se aproxima da beleza, de modo que cada um possa ser um dom em benefício de todos. (Homilia do dia 30/11/2013).
- (42) (...) a vida inteira é um encontro com Jesus: na oração, quando vamos à Missa, e quando realizamos obras de bem, quando visitamos os doentes, quando ajudamos um pobre, quando pensamos no próximo, quando não somos egoístas, quando somos amáveis... em tudo isto encontramos sempre Jesus. (Homilia do dia 01/12/2013).
- (43) Os pastores foram os primeiros a ver esta “tenda”, a receber o anúncio do nascimento de Jesus. Foram os primeiros, porque estavam entre os últimos, os marginalizados. (Homilia do dia 24/12/2013).
- (44) Com efeito, o rosto de uma cidade é como um mosaico cujas peças são todos os que nela habitam. Certamente, quem está investido de autoridade tem maiores responsabilidades, mas cada um de nós é co-responsável, no bem e no mal. (...) A Roma do ano novo terá um rosto mais bonito se for ainda mais rica de humanidade, hospitaleira, acolhedora, se todos nós estivermos atentos e formos generosos em relação a quem vive em dificuldade; se soubermos colaborar com espírito construtivo e solidário, para o bem de todos. (Homilia do dia 31/12/2013).
- (45) Mãe de Deus. Este é o título principal e essencial de Nossa Senhora. (...). A mulher que, nas bodas de Caná da Galileia, dera a sua colaboração de fé para a manifestação das maravilhas de Deus no mundo, no Calvário mantém acesa a chama da fé na ressurreição do Filho, e comunica-a aos outros com carinho maternal. Assim Maria torna-Se fonte de esperança e de alegria verdadeira. (...). A Ela confiamos o nosso itinerário de fé, os desejos do nosso coração, as nossas necessidades, as carências do mundo inteiro, especialmente a sua fome e sede de justiça, de paz e de Deus; e invoquemo-La todos juntos. (Homilia do dia 01/01/2014).

- (46) Cada um de nós, jesuítas, que segue Jesus, deveria estar disposto a despojar-se de si mesmo. Somos chamados a este abaixamento: ser “despojados”. Ser homens que não devem viver concentrados em si mesmos porque o centro da Companhia é Cristo e a sua Igreja. (...) Só estando centrados em Deus é possível orientar-se rumo às periferias do mundo! (...). Nós somos homens em tensão, somos também homens contraditórios e incoerentes, pecadores, todos. (Homilia do dia 03/01/2014).
- (47) Todavia o rei e os seus conselheiros sentem fender-se os suportes do seu poder, temem que sejam invertidas as regras do jogo, desmascaradas as aparências. Todo um mundo construído sobre o domínio, o sucesso, a riqueza, a corrupção é posto em crise por um Menino! (...). Neste tempo, isto é muito importante: guardar a fé. É preciso ir mais além, além da escuridão, além do fascínio das Sereias, além da mundanidade, além de muitas modernidades que existem hoje, ir rumo a Belém, onde, na simplicidade duma casa de periferia, entre uma mãe e um pai cheios de amor e de fé, brilha o Sol nascido do alto, o Rei do universo. (Homilia do dia 06/01/2014).
- (48) Jesus não tinha necessidade de ser baptizado, mas os primeiros teólogos afirmam que, com o seu corpo, com a sua divindade, no baptismo benzeu todas as águas, para que as águas tivessem o poder de conferir o Baptismo. (...). Eis a herança mais bonita que vós lhes deixareis: a fé! Somente isto. Hoje, levai este pensamento para casa. Nós temos o dever de ser transmissores da fé. Pensai nisto, pensai sempre sobre o modo de transmitir a fé aos vossos filhos. (Homilia do dia 12/01/2014).
- (49) Jesus é chamado o Cordeiro: é o Cordeiro que tira o pecado do mundo. Poderíamos pensar: mas como, um cordeiro, tão frágil, um cordeirinho débil, como pode tirar tantos pecados, tantas maldades? Com o Amor. Com a sua mansidão. Jesus nunca deixou de ser cordeiro: manso, bom, cheio de amor, próximo dos mais pequeninos e dos pobres. Ele estava ali, no meio da multidão, curava todos, ensinava e rezava. Jesus era muito frágil, como um cordeiro. (Homilia do dia 19/01/2014).
- (50) “Cristo Senhor fundou uma só e única Igreja. Todavia, são numerosas as Comunhões cristãs que se apresentam aos homens como a verdadeira herança de Jesus Cristo. Todos, na verdade, se professam discípulos do Senhor, mas têm pareceres diversos e caminham por rumos diferentes, como se o próprio Cristo estivesse dividido”. (...). Queridos amigos, Cristo não pode estar dividido! (...). O obra destes meus antecessores fez com que a dimensão do diálogo ecuménico se tivesse tornado um aspecto de tal modo essencial do ministério do Bispo de Roma, que hoje não se compreenderia plenamente o serviço petrino sem incluir nele esta abertura ao diálogo com todos os crentes em Cristo. (Homilia do dia 25/01/2014).

- (51) A festividade da Apresentação de Jesus no Templo é denominada também a festa do encontro: no início da liturgia afirma-se que Jesus vai ao encontro do seu Povo, trata-se do encontro entre Jesus e o seu povo; (...). Jesus vem ao nosso encontro na Igreja. (...). Faz bem aos idosos comunicar a sabedoria aos jovens; e faz bem aos jovens acolher este património de experiência e de sabedoria, e depois levá-lo em frente, não para o conservar num museu, mas para o fazer desenvolver, enfrentando os desafios que a vida nos apresenta; levá-lo em frente, para o bem das respectivas Famílias religiosas e da Igreja inteira. (Homilia do dia 02/02/2014).
- (52) E pedir ao Senhor duas graças. A primeira: saber o que se esconde no meu coração, para não errar, para não viver enganado. A segunda graça: fazer o bem que se encontra no nosso coração, e não o mal que ali se esconde. E a propósito de “matar”, recordemo-nos que as palavras matam. Também os desejos negativos contra o próximo matam. Muitas vezes, quando ouvimos as pessoas falar mal dos outros, parece que o pecado da calúnia e o pecado da difamação foram eliminados do decálogo, mas falar mal de uma pessoa é pecado. E por que motivo falo mal de alguém? Porque no meu coração se escondem o ódio, a antipatia, e não o amor. (Homilia do dia 16/02/2014).
- (53) Jesus não veio para ensinar uma filosofia, uma ideologia... mas um “caminho”, uma estrada que se deve percorrer com Ele; e aprende-se a estrada, percorrendo-a, caminhando. (...) Expressamos juntos a nossa proximidade espiritual às comunidades eclesiais, e a todos os cristãos que sofrem discriminações e perseguições. Devemos lutar contra toda a discriminação! (Homilia do dia 22/02/2014).
- (54) Irmãos Cardeais, Jesus não veio para nos ensinar as boas maneiras, as cortesias; para isso, não era preciso que descesse do Céu e morresse na cruz. Cristo veio para nos salvar, para nos mostrar o caminho, o único caminho de saída das areias movediças do pecado, e este caminho de santidade é a misericórdia, aquela que Ele usou e usa cada dia conosco. (Homilia do dia 23/02/2014).
- (55) A Quaresma é tempo de oração, de uma prece mais intensa, mais prolongada, mais assídua e mais capaz de nos tornar responsáveis pelas necessidades dos irmãos; prece de intercessão, a fim de rogar a Deus por tantas situações de pobreza e de sofrimento. (...). Jejuar ajuda-nos a treinar o coração para a essencialidade e a partilha. É um sinal de tomada de consciência e de responsabilidade perante as injustiças e os abusos, especialmente em relação aos pobres e aos mais pequeninos; (...). A esmola ajuda-nos a viver a gratuidade do dom, que é liberdade da opressão da posse, do medo de perder aquilo que possuímos, da tristeza de quem não quer partilhar o seu bem-estar com o próximo. (Homilia do dia 05/03/2014).

- (56) Quais são as tarefas do cristão? Talvez me digais: ir à Missa aos domingos; fazer jejum e abstinência na Semana Santa; fazer isto... Mas a primeira tarefa do cristão é ouvir a Palavra de Deus, ouvir Jesus, porque Ele nos fala e nos salva com a sua Palavra. (...) Eu vos sugiro, que dediqueis todos os dias alguns minutos a ler um lindo trecho do Evangelho e a ouvir o que ele descreve. (Homilia do dia 16/03/2014).
- (57) Do coração do homem renovado segundo Deus provêm os comportamentos bons: falar sempre com verdade e evitar toda a mentira; não roubar, mas antes partilhar com os outros quanto se possui, sobretudo com quem está em necessidade; não ceder à ira, ao rancor e à vingança, mas ser mansos, magnânimos e prontos ao perdão; não cair na difamação que arruína a boa fama das pessoas, mas olhar mais para o lado positivo de cada um. (Homilia do dia 28/03/2014).
- (58) Pensemos: qual é aquela parte do coração que se pode corromper, porque estou apegado aos pecados ou ao pecado ou a alguns pecados? E tirar a pedra, tirar a pedra da vergonha e deixar que o Senhor nos diga, como disse a Lázaro: "Sai para fora!". Para que toda a nossa alma seja curada, ressuscite para o amor de Jesus, para a força de Jesus. Ele é capaz de nos perdoar. Todos precisamos disto! Todos. (Homilia do dia 06/04/2014).
- (59) Ouvimos a Paixão do Senhor. Será bom pormo-nos apenas uma pergunta: Quem sou eu? Quem sou eu, face ao meu Senhor? (...). Sou eu como Pilatos? Quando vejo que a situação é difícil, lavo as mãos e não assumo a minha responsabilidade, condenando ou deixando condenar as pessoas? (...). Sou eu como Simão de Cirene que voltava do trabalho, cansado, mas teve a boa vontade de ajudar o Senhor a levar a cruz? (Homilia do dia 13/04/2014).
- (60) A disponibilidade do sacerdote faz da Igreja a Casa das portas abertas, refúgio para os pecadores, lar para aqueles que vivem na rua, casa de cura para os doentes, acampamento para os jovens, sessão de catequese para as crianças da Primeira Comunhão... Onde o povo de Deus tem um desejo ou uma necessidade, aí está o sacerdote que sabe escutar. (Homilia do dia 17/04/2014).
- (61) O Evangelho da ressurreição de Jesus Cristo começa referindo o caminho das mulheres para o sepulcro, ao alvorecer do dia depois do sábado. (...). Depois da morte do Mestre, os discípulos tinham-se dispersado; a sua fé quebrantara-se, tudo parecia ter acabado: desabadas as certezas, apagadas as esperanças. Mas agora, aquele anúncio das mulheres, embora incrível, chegava como um raio de luz na

escuridão. (...). Senhor, ajudai-me! Dizei-me qual é a minha Galileia. Como sabeis, eu quero voltar lá para Vos encontrar e deixar-me abraçar pela vossa misericórdia. Não tenhais medo, não temais, voltaí para a Galileia! (Homilia do dia 19/04/2014).

(62) É mais fácil acreditar num fantasma do que em Cristo vivo! É mais fácil ir ter com um necromante que nos prediz o futuro, que nos lê as cartas, do que ter confiança na esperança de um Cristo vencedor, de um Cristo que venceu a morte! (...). É como se “destilássemos” a realidade do encontro com Jesus Cristo no alambique do medo, no alambique da segurança excessiva, do desejo de controlarmos nós mesmos o encontro. (Homilia do dia 24/04/2014).

(63) Se as chagas de Jesus podem ser de escândalo para a fé, são também a verificação da fé. Por isso, no corpo de Cristo ressuscitado, as chagas não desaparecem, continuam, porque aquelas chagas são o sinal permanente do amor de Deus por nós, sendo indispensáveis para crer em Deus: não para crer que Deus existe, mas sim que Deus é amor, misericórdia, fidelidade. (Homilia do dia 27/04/2014).

(64) Uma semana depois da canonização de João XXIII e de João Paulo II, reunimo-nos nesta igreja dos polacos em Roma, para agradecer ao Senhor o dom do santo Bispo de Roma, filho da vossa Nação. (...). É verdade, somos viandantes, mas não errantes! A caminho, mas sabemos para onde vamos! Os errantes não sabem. Somos peregrinos, mas não vadios — como dizia São João Paulo II. (Homilia do dia 04/05/2014).

(65) (...) sofro tanto quando encontro pessoas que já não se vão confessar, porque foram maltratadas, repreendidas. Sentiram que lhes eram fechadas na cara as portas da igreja! Por favor, não façais isso: misericórdia, misericórdia! O bom pastor entra pela porta e a porta da misericórdia são as chagas do Senhor: se não entrardes no vosso ministério pelas chagas do Senhor, não sereis bons pastores. (Homilia do dia 11/05/2014).

(66) No momento do baptismo, o Espírito pousa sobre Jesus a fim de O preparar para a sua missão de salvação; missão caracterizada pelo estilo do Servo humilde e manso, pronto à partilha e ao dom total de Si mesmo. (...). Queridos amigos, queridos irmãos, o Espírito Santo desceu sobre Jesus no Jordão e deu início à sua obra de redenção para libertar o mundo do pecado e da morte. A Ele pedimos que prepare os nossos corações para o encontro com os irmãos independentemente das diferenças de ideias, língua, cultura, religião; que unja todo o nosso ser

com o óleo da sua misericórdia que cura as feridas dos erros, das incompreensões, das controvérsias; (Homilia do dia 24/05/2014).

(67) Infelizmente, neste mundo que desenvolveu as tecnologias mais sofisticadas, ainda há tantas crianças em condições desumanas, que vivem à margem da sociedade, nas periferias das grandes cidades ou nas zonas rurais. Ainda hoje há tantas crianças exploradas, maltratadas, escravizadas, vítimas de violência e de tráficos ilícitos. Demasiadas são hoje as crianças exiladas, refugiadas, por vezes afundadas nos mares, especialmente nas águas do Mediterrâneo. De tudo isto nos envergonhamos hoje diante de Deus, Deus que Se fez Menino. (Homilia do dia 25/05/2014).

(68) O Cenáculo recorda-nos o serviço, o lava-pés que Jesus realizou, como exemplo para os seus discípulos. Lavar os pés uns aos outros significa acolher-se, aceitar-se, amar-se, servir-se reciprocamente. Quer dizer servir o pobre, o doente, o marginalizado, a pessoa que me é antipática, aquela que me dá fastídio. (Homilia do dia 26/05/2014).

(69) Com efeito, episcopado é o nome de um serviço e não de uma honra, dado que ao bispo compete mais servir do que dominar, segundo o mandamento do Mestre: «Aquele que entre vós é o maior, torne-se como o último; e o que governa seja como o servo». (Homilia do dia 30/05/2014).

(70) No dia de Pentecostes, quando os discípulos “se tornaram cheios do Espírito Santo”, teve lugar o baptismo da Igreja, que nasceu “em saída”, “em partida”, para anunciar a Boa Notícia a todos. A Mãe Igreja parte para servir. Recordemos também a outra Mãe, a nossa Mãe que partiu com prontidão para servir. A Mãe Igreja e a Mãe Maria: ambas são virgens, ambas são mães, são ambas mulheres. (Homilia do dia 08/06/2014).

(71) Se olharmos ao nosso redor, damos-nos conta de que existem muitas ofertas de alimento que não derivam do Senhor e que aparentemente satisfazem em maior medida. Alguns nutrem-se de dinheiro, outros de sucesso e de vaidade, outros ainda de poder e de orgulho. Mas o único alimento que nos nutre verdadeiramente e que nos sacia é aquele que o Senhor nos concede! (Homilia do dia 19/06/2014).

(72) Hoje, como Bispo de Roma, encontro-me aqui para vos confirmar não só na fé mas também na caridade, para vos acompanhar e encorajar no vosso caminho com Jesus Caridade. Quero manifestar o meu apoio ao Bispo (...) Mas estendo-o a todos, a cada um dos Pastores e fiéis da Igreja na Calábria, comprometida corajosamente na evangelização e na

promoção de estilos de vida e de iniciativas que ponham no centro as necessidades dos pobres e dos últimos. E estendo-o também às Autoridades civis, que procuram viver o compromisso político e administrativo por aquilo que é, um serviço ao bem comum (Homilia do dia 21/06/2014).

- (73) Jesus permanece fiel, nunca atraiçoa: mesmo quando erramos, Ele espera sempre por nós, para nos perdoar: tal é o rosto do Pai misericordioso. (...) Jesus não veio para conquistar os homens como os reis e os poderosos deste mundo, mas sim para oferecer amor com mansidão e humildade. (Homilia do dia 27/06/2014).
- (74) Hoje nós – o Bispo de Roma e os outros Bispos, especialmente os Metropolitas que receberam o Pálio – sentimos que o exemplo de São Pedro nos desafia a verificar a nossa confiança no Senhor. (Homilia do dia 29/06/2014).
- (75) Na escola da Mãe, a Igreja aprende a tornar-se cada dia “serva do Senhor”, a estar pronta para partir ao encontro das situações de maior necessidade, a prestar atenção aos mais pequeninos, aos excluídos. Mas todos nós somos chamados a viver o serviço da caridade nas realidades comuns, ou seja em família, na paróquia, no trabalho, com os vizinhos... É a caridade de todos os dias, a caridade ordinária. (...) Com efeito, nem nas nossas comunidades faltam atitudes negativas, que tornam as pessoas auto-referenciais, mais preocupadas em defender-se do que em doar-se. (Homilia do dia 05/07/2014).
- (76) Sinto no meu coração angústia e pesar pelo facto de alguns padres e bispos terem violado a inocência de menores – e a sua própria vocação sacerdotal –, abusando deles sexualmente. Trata-se de algo mais que actos ignóbeis; é uma espécie de culto sacrílego, porque estes meninos e meninas tinham sido confiados ao carisma sacerdotal para os conduzir a Deus e eles sacrificaram-nos ao ídolo da sua concupiscência. (...). A vossa presença aqui fala do milagre da esperança que prevalece sobre a mais profunda escuridão. É, sem dúvida, um sinal da misericórdia de Deus o facto de termos hoje esta oportunidade de nos encontrarmos Diante de Deus e do seu povo, sinto-me profundamente consternado pelos pecados e os crimes graves de abuso sexual cometidos por membros do clero contra vós e humildemente peço perdão. (...). Não há lugar, no ministério da Igreja, para aqueles que cometem abusos sexuais; e comprometo-me a não tolerar o dano infligido a um menor por quem quer que seja, independentemente do seu estado clerical. (...). Obrigado por este encontro e, por favor, rezai por mim, para que os olhos do meu coração vejam sempre com clareza o caminho do amor misericordioso, e Deus me conceda a coragem de

seguir este caminho para o bem dos menores. (Homilia do dia 07/07/2014).

- (77) Dar a primazia a Deus significa ter a coragem de dizer não ao mal, não à violência, não às vexações, para levar uma vida de serviço aos outros e a favor da legalidade e do bem comum. Quando uma pessoa descobre Deus, o verdadeiro tesouro, abandona um estilo de vida egoísta e procura compartilhar com o próximo a caridade que vem de Deus. Quem se torna amigo de Deus, ama os irmãos, compromete-se para salvaguardar a sua vida e a sua saúde, respeitando o meio ambiente e a natureza. (...) exige que todos sejam servidores da verdade e adquiram em todas as situações o estilo de vida evangélico, que se manifesta no dom de si e na atenção ao pobre e ao excluído. Acolher o pobre e o excluído! A Bíblia está cheia destas exortações. O Senhor diz: vós fazeis isto e aquilo, não me importa, a mim interessa que o órfão esteja seguro, que a viúva seja curada, que o excluído seja acolhido, que a criação seja preservada. Este é o reino de Deus! (Homilia do dia 26/07/2014).
- (78) Possam os cristãos desta nação ser uma força generosa de renovação espiritual em todas as esferas da sociedade; combatam o fascínio do materialismo que sufoca os autênticos valores espirituais e culturais e também o espírito de desenfreada competição que gera egoísmo e conflitos; rejeitem modelos económicos desumanos que criam novas formas de pobreza e marginalizam os trabalhadores, bem como a cultura da morte que desvaloriza a imagem de Deus, o Deus da vida, e viola a dignidade de cada homem, mulher e criança. (Homilia do dia 15/08/2014).
- (79) O seu exemplo tem muito a dizer a nós que vivemos numa sociedade onde, ao lado de imensas riquezas, cresce silenciosamente a pobreza mais abjecta; onde raramente se escuta o grito dos pobres. (Homilia do dia 16/08/2014).
- (80) Permanecei unidos uns aos outros, aproximai-vos cada vez mais de Deus, e, juntamente com os vossos Bispos e sacerdotes, gastai estes anos na edificação duma Igreja mais santa, mais missionária e humilde – uma Igreja mais santa, mais missionária e humilde –, uma Igreja que ama e adora a Deus, procurando servir os pobres, os abandonados, os doentes e os marginalizados. (Homilia do dia 17/08/2014).
- (81) Chama cada um de vós a reflectir sobre o testemunho que dá, como indivíduo e como comunidade, de compromisso evangélico com os desfavorecidos, os marginalizados, com aqueles que não têm emprego ou estão excluídos da prosperidade que muitos usufruem. (Homilia do dia 18/08/2014).

- (82) Esta atitude é, exactamente, o contrário daquilo que Jesus nos pede no Evangelho que ouvimos: Ele está no mais pequeno dos irmãos; Ele, o Rei, o Juiz do mundo, Ele é o faminto, o sedento, o estrangeiro, o doente, o encarcerado... Quem cuida do irmão, entra na alegria do Senhor; quem, pelo contrário, não o faz, quem diz, com as suas omissões, “a mim, que me importa?”, fica fora. (...). Também hoje as vítimas são tantas... Como é possível isto? É possível, porque ainda hoje, nos bastidores, existem interesses, planos geopolíticos, avidez de dinheiro e poder; há a indústria das armas, que parece ser tão importante! (Homilia do dia 13/09/2014).
- (83) É incalculável a força, a carga de humanidade presente numa família: a ajuda mútua, o acompanhamento educativo, as relações que crescem com o crescimento das pessoas, a partilha das alegrias e das dificuldades... As famílias constituem o primeiro lugar onde nos formamos como pessoas e, ao mesmo tempo, são os “tijolos” para a construção da sociedade. O remédio que Deus oferece ao povo vale também e de modo particular para os casais que “não suportam o caminho” e acabam mordidos pelas tentações do desânimo, da infidelidade, do retrocesso, do abandono... Também a eles Deus Pai entrega o seu Filho Jesus, não para os condenar, mas para os salvar: se se entregarem a Jesus, Ele cura-os com o amor misericordioso que jorra da sua Cruz, com a força duma graça que regenera e põe de novo a caminhar pela estrada da vida conjugal e familiar. (Homilia do dia 14/09/2014).
- (84) Que cada um se sinta chamado a comprometer-se generosamente no anúncio do Evangelho e no testemunho da caridade, a reforçar os laços da solidariedade a fim de promover condições de vida mais justas e fraternas para todos. (Homilia do dia 21/09/2014).
- (85) O chefe da comunidade não está dispensado desta vontade de Deus mas, ao contrário, a caridade de Cristo impele-o a agir com um amor maior. (Homilia do dia 28/09/2014).
- (86) Também nós somos chamados a trabalhar para a vinha do Senhor, no Sínodo dos Bispos. As assembleias sinodais não servem para discutir ideias bonitas e originais, nem para ver quem é mais inteligente... Servem para cultivar e guardar melhor a vinha do Senhor, para cooperar no seu sonho, no seu projecto de amor a respeito do seu povo. Neste caso, o Senhor pede-nos para cuidarmos da família, que, desde os primórdios, é parte integrante do desígnio de amor que ele tem para a humanidade. Nós somos todos pecadores e também nos pode vir a tentação de “nos apoderarmos” da vinha, por causa da ganância que nunca falta em nós, seres humanos. O sonho de Deus sempre se

embate com a hipocrisia de alguns dos seus servidores. Podemos “frustrar” o sonho de Deus, se não nos deixarmos guiar pelo Espírito Santo. O Espírito dá-nos a sabedoria, que supera a ciência, para trabalharmos generosamente com verdadeira liberdade e humilde criatividade. (Homilia do dia 05/10/2014).

- (87) À provocação dos fariseus, que queriam, por assim dizer, fazer-Lhe o exame de religião e induzi-Lo em erro, Jesus responde com esta frase irônica e genial. É uma resposta útil que o Senhor dá a todos aqueles que sentem problemas de consciência, sobretudo quando estão em jogo as suas conveniências, as suas riquezas, o seu prestígio, o seu poder e a sua fama. E isto acontece em todos os tempos e desde sempre. A acentuação de Jesus recai certamente sobre a segunda parte da frase: “E [dai] a Deus o que é de Deus”. Isto significa reconhecer e professar – diante de qualquer tipo de poder – que só Deus é o Senhor do homem, e não há outro. (...). “Dar a Deus o que é de Deus” significa abrir-se à sua vontade e dedicar-Lhe a nossa vida, cooperando para o seu Reino de misericórdia, amor e paz. (Homilia do dia 19/10/2014).
- (88) O homem apodera-se de tudo, julga-se Deus, julga-se rei. E as guerras: as guerras que continuam, não precisamente para semear o trigo da vida, mas para destruir. É a indústria da destruição! É um sistema, também de vida, que quando as coisas não podem ser resolvidas, são descartadas: descartam-se as crianças, descartam-se os idosos, descartam-se os jovens desempregados. Esta devastação provocou uma cultura do descartável: descartam-se povos inteiros... (...). Qual deve ser a nossa atitude, se quisermos fazer parte deste povo e caminhar rumo ao Pai, neste mundo de devastação, neste mundo de guerras, neste mundo de tribulação? Como ouvimos no Evangelho, a nossa atitude é a das Bem-Aventuranças. Somente este caminho nos levará ao encontro com Deus. (Homilia do dia 01/11/2014).
- (89) Renovando a tradição, hoje nós oferecemos o Sacrifício eucarístico em sufrágio pelos nossos Irmãos Cardeais e Bispos que faleceram durante os últimos doze meses. E a nossa oração enriquece-se de sentimentos, de recordações e de gratidão pelo testemunho de pessoas que nós conhecemos, com as quais pudemos compartilhar o serviço à Igreja. (Homilia do dia 03/11/2014).
- (90) E quantos na Igreja estão chamados a ser pastores, não podem afastar-se deste modelo, se não quiserem tornar-se mercenários. A este propósito, o povo de Deus possui um faro infalível para reconhecer os bons pastores e distingui-los dos mercenários. (...) A sua predileção pelos pequeninos e pelos pobres era o reflexo e a medida do amor incondicional a Deus. (Homilia do dia 23/11/2014).

- (91) Quando somos nós a querer fazer a diversidade e fechamo-nos nos nossos particularismos e exclusivismos, trazemos a divisão; e quando somos nós a querer fazer a unidade de acordo com os nossos projectos humanos, acabamos por trazer a uniformidade e a homologação. (...) Mas a Igreja, nascida do Pentecostes, recebe em herança o fogo do Espírito Santo, que não enche tanto a mente de ideias, como sobretudo faz arder o coração; é investida pelo vento do Espírito, que não transmite um poder, mas habilita para um serviço de amor, uma linguagem que cada um é capaz de compreender. (Homilia do dia 29/11/2014).
- (92) No mundo, há demasiadas mulheres e demasiados homens que sofrem por desnutrição grave, pelo desemprego crescente, pela alta percentagem de jovens sem trabalho e pelo aumento da exclusão social, que pode induzir a actividades criminosas e até mesmo ao recrutamento de terroristas. Não podemos ficar indiferentes perante as vozes destes irmãos e irmãs. (Homilia do dia 30/11/2014).
- (93) Invertendo os juízos mundanos, destruindo os ídolos do poder, da riqueza e do sucesso a qualquer preço, denunciando a auto-suficiência, a soberba e os messianismos secularizados que afastam de Deus, o cântico mariano professa que a Deus apraz subverter as ideologias e as hierarquias mundanas. (Homilia do dia 12/12/2014).
- (94) Esta é a vocação de Cristo e também a vocação dos cristãos. Ir ao encontro do próximo, daqueles que vivem em necessidade, tanto material como espiritual. (Homilia do dia 14/12/2014).
- (95) “Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura” (Lc 2,12). O “sinal” é precisamente a humildade de Deus, a humildade de Deus levada ao extremo; (...) Viram-na as pessoas simples, as pessoas dispostas a acolher o dom de Deus. Pelo contrário, não a viram os arrogantes, os soberbos, aqueles que estabelecem as leis segundo os próprios critérios pessoais, aqueles que assumem atitudes de fechamento. (Homilia do dia 24/12/2014).
- (96) Deste exame de consciência para nós cristãos depende também a qualidade da nossa acção, do nosso viver, da presença na cidade, do nosso serviço ao bem comum, da nossa participação nas instituições públicas e eclesiais. (...) Sem dúvida, as graves vicissitudes de corrupção emersas recentemente requerem uma séria e consciente conversão dos corações para um renascimento espiritual e moral, assim como por um renovado compromisso para construir uma cidade mais justa e solidária, na qual os pobres, os débeis e os marginalizados estejam no centro das nossas preocupações e da nossa acção diária. É

preciso uma grande e quotidiana atitude de liberdade cristã para ter a coragem de proclamar na nossa cidade, que é necessário defender os pobres, e não se defender dos pobres, é preciso servir os débeis e não se servir dos débeis! (Homilia do dia 31/12/2014).

(97) Não é possível “amar a Cristo, mas sem amar a Igreja, ouvir Cristo mas não a Igreja, ser de Cristo mas fora da Igreja”. Na verdade, é precisamente a Igreja, a grande família de Deus, que nos traz Cristo. A nossa fé não é uma doutrina abstracta nem uma filosofia, mas a relação vital e plena com uma pessoa: Jesus Cristo, o Filho unigénito de Deus que Se fez homem, morreu e ressuscitou para nos salvar e que está vivo no meio de nós. Onde podemos encontrá-Lo? Encontramo-Lo na Igreja, na nossa Santa Mãe Igreja hierárquica. É a Igreja que diz hoje: “Eis o Cordeiro de Deus”; é a Igreja que O anuncia; é na Igreja que Jesus continua a realizar os seus gestos de graça que são os sacramentos. (Homilia do dia 01/01/2015).

(98) Deste modo, podemos interrogar-nos: Qual é o mistério onde Deus Se esconde? Onde posso encontrá-Lo? Ao nosso redor, vemos guerras, exploração de crianças, torturas, tráficos de armas, comércio de pessoas... Em todas estas realidades, em todos estes irmãos e irmãs mais pequeninos que sofrem por tais situações, está Jesus (cf. Mt 25, 40.45). (Homilia do dia 06/01/2015).

(99) O círio grande representa Cristo ressuscitado, vivo no meio de nós. Vós, famílias, recebeis dele a luz da fé para depois a transmitir aos vossos filhos. E recebeis esta luz da Igreja, do corpo de Cristo, do povo de Deus que caminha em todos os tempos e lugares. Ensinai aos vossos filhos que não se pode ser cristão fora da Igreja, que não se pode seguir Jesus Cristo sem a Igreja, porque a Igreja é uma Mãe que nos faz crescer no amor a Jesus Cristo. (Homilia do dia 11/01/2015).

(100) A liberdade religiosa é um direito humano fundamental. Cada indivíduo deve ser livre de procurar, sozinho ou associado com outros, a verdade, livre de expressar abertamente as suas convicções religiosas, livre de intimidações e constricções externas. Como nos ensina a vida de José Vaz, a autêntica adoração de Deus leva, não à discriminação, ao ódio e à violência, mas ao respeito pela sacralidade da vida, ao respeito pela dignidade e a liberdade dos outros e a um solícito compromisso em prol do bem-estar de todos. (Homilia do dia 14/01/2015).

(101) Os pobres. Os pobres estão no centro do Evangelho, são o coração do Evangelho; se tirarmos os pobres do Evangelho, não podemos compreender plenamente a mensagem de Jesus Cristo. Como embaixadores de Cristo, nós, bispos, sacerdotes e religiosos, devemos ser os primeiros a receber a sua graça reconciliadora nos nossos corações. (Homilia do dia 16/01/2015).

- (102) Estados, organizações e pessoas individuais de toda a terra colocaram em primeiro lugar os necessitados; trata-se de um exemplo que deveria ser seguido. Peço aos líderes de governo, às agências internacionais, aos benfeitores e às pessoas de boa vontade que não se cansem. Resta ainda tanto por fazer. (Homilia do dia 17/01/2015).
- (103) No Evangelho, Jesus acolhe as crianças, abraça-as e abençoa-as. Também nós temos o dever de proteger, guiar e encorajar os nossos jovens, ajudando-os a construir uma sociedade digna do seu grande património espiritual e cultural. Especificamente, temos necessidade de ver cada criança como um dom que deve ser acolhido, amado e protegido. E devemos cuidar dos jovens, não permitindo que lhes seja roubada a esperança e sejam condenados a viver pela estrada. Uma criança frágil trouxe ao mundo a bondade de Deus, a misericórdia e a justiça. (Homilia do dia 18/01/2015).
- (104) Na chamada a ser evangelizadores, todas as Igrejas e Comunidades eclesiais encontram uma área essencial para uma colaboração mais estreita. Para se poder cumprir eficazmente esta tarefa, é preciso evitar de fechar-se em particularismos e exclusivismos e também de impor uniformidade segundo planos meramente humanos (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 131). (Homilia do dia 25/01/2015).
- (105) Com os olhos da mente, fixemos o ícone da Virgem Mãe, Maria, que caminha com o Menino Jesus nos braços. Introdu-Lo no templo, introdu-Lo no povo, leva-O para encontrar o seu povo. (...). Na narração da Apresentação de Jesus no Templo, a sabedoria é representada por dois anciãos, Simeão e Ana: pessoas dóceis ao Espírito Santo (é aqui nomeado três vezes), conduzidas por Ele, animadas por Ele. (...). Os dois celebram uma espécie de liturgia à volta do Menino que entra no Templo: Simeão louva o Senhor e Ana “prega” a salvação. (...). Hoje também nós queremos, como Maria e como Simeão, tomar Jesus nos braços para que Ele Se encontre com o seu povo; (Homilia do dia 02/02/2015).
- (106) Nós, sacerdotes, estamos presentes no nome de Jesus, mas Ele é o Presidente, Ele é o verdadeiro Sacerdote que oferece o sacrifício ao Pai. (...). “Cura esta chaga, Senhor!”. Se pedirmos esta graça a Jesus, Ele atender-nos-á. Deixa-te sarar por Jesus. Permite que Jesus te cure! (...). Quando o bispo vai visitar uma paróquia, realizam-se muitos preparativos, e é possível também fazer um simples e bom propósito: o propósito de ler cada dia um trecho do Evangelho, uma pequena passagem, para deixar que Jesus pregue a mim. E mais um propósito: rezar, para que eu me deixe curar das feridas que tenho. (Homilia do dia 08/02/2015).
- (107) Na Igreja, toda a presidência provém da caridade, deve ser exercida na caridade e tem como fim a caridade. Também nisto a Igreja

que está em Roma desempenha uma função exemplar: assim como ela preside na caridade, assim também cada Igreja particular é chamada, no seu âmbito, a presidir à caridade e na caridade. (Homilia do dia 14/02/2015).

- (108) O caminho da Igreja é não condenar eternamente ninguém; derramar a misericórdia de Deus sobre todas as pessoas que a pedem com coração sincero; o caminho da Igreja é precisamente sair do próprio recinto para ir à procura dos afastados nas “periferias” essenciais da existência; (...) A disponibilidade total para servir os outros é o nosso sinal distintivo, é o nosso único título de honra! (Homilia do dia 15/02/2015).
- (109) Far-nos-á bem a todos, mas especialmente a nós sacerdotes, no início desta Quaresma, pedir o dom das lágrimas, de modo a tornar a nossa oração e o nosso caminho de conversão cada vez mais autênticos e sem hipocrisia. Far-nos-á bem interrogar-nos: “Eu choro? O Papa chora? Os cardeais choram? Os bispos choram? Os consagrados choram? Os sacerdotes choram? Há pranto nas nossas orações?”. É precisamente está a mensagem do Evangelho deste dia.(...). Estimados irmãos e irmãs, o Senhor nunca se cansa de ter misericórdia de nós, e deseja oferecer-nos mais uma vez o seu perdão — todos nós temos necessidade disto — convidando-nos a voltar para Ele com um coração novo, livres do mal e purificados pelas lágrimas, para participar na sua alegria. (Homilia do dia 18/02/2015).
- (110) O discípulo de Jesus não vai à igreja somente para observar um preceito, para se sentir bem com um Deus que depois não deve “incomodar” demais. “Mas eu, Senhor, vou à igreja todos os domingos, cumprio... Tu não te intrometas na minha vida, não me incomodes!” Esta é a atitude de muitos católicos. O discípulo de Jesus vai à igreja para se encontrar com o Senhor e para encontrar na sua graça presente nos Sacramentos, a força para pensar e agir em sintonia com o Evangelho. Por isso, não podemos ter e “encobrir”, com orações e práticas de devoção, comportamentos contrários às exigências da justiça, da honestidade ou da caridade em relação ao próximo. Não podemos substituir com “homenagens religiosas” o que é devido ao próximo, adiando uma conversão autêntica. O culto, as celebrações litúrgicas são o âmbito privilegiado para ouvir a voz do Senhor, que orienta pelo caminho da rectidão e da perfeição cristã. (Homilia do dia 07/03/2015).
- (111) Mas se o teu coração não é justo, se tu não fizeres justiça, se não amares aqueles que precisam do amor, se não viveres segundo o espírito das Bem-Aventuranças, não és católico. És hipócrita. (Homilia do dia 08/03/2015).
- (112) Ninguém pode ser excluído da misericórdia de Deus; todos conhecem o caminho para aceder a ela e a Igreja é a casa que acolhe todos e não rejeita ninguém. As suas portas permanecem abertas, para

que quantos são tocados pela graça possam encontrar a certeza do perdão. (Homilia do dia 13/03/2015).

(113) Ao mesmo tempo, que cada paróquia e realidade eclesial se torne santuário para quantos procuram Deus e casa acolhedora para os pobres, os idosos e necessitados. Sair e acolher: assim pulsa o coração da mãe Igreja e de todos os seus filhos. Vai, acolhe! Vai, procura! Vai, leva amor, misericórdia e ternura. (Homilia do dia 21/03/2015).

(114) Este é o caminho de Deus, o caminho da humildade. É a estrada de Jesus; não há outra. E não existe humildade, sem humilhação. (...) Nisto, serve-nos de ajuda e conforto o exemplo de tantos homens e mulheres que cada dia, no silêncio e escondidos, renunciam a si mesmos para servir os outros: um familiar doente, um idoso sozinho, uma pessoa deficiente, um sem-abrigo... (Homilia do dia 29/03/2015).

(115) Sei repousar recebendo o amor, a gratidão e todo o carinho que me dá o povo fiel de Deus? Ou, depois do trabalho pastoral, procuro repousos mais refinados: não os repousos dos pobres, mas os que oferece a sociedade de consumo? (...) É o cansaço do sacerdote com o cheiro das ovelhas, mas com o sorriso de um pai que contempla os seus filhos ou os seus netinhos. Isto não tem nada a ver com aqueles que conhecem perfumes caros e te olham de cima e de longe (cf. *ibid.*, 97). (Homilia do dia 02/04/2015).

(116) Mas eu também tenho necessidade de ser lavado pelo Senhor, e por isso rezai durante esta missa para que o Senhor também lave as minhas sujeiras, para que eu me torne mais escravo de vós, mais escravo no serviço das pessoas, como o foi Jesus. (Homilia do dia 02/04/2015).

(117) Entrar no mistério significa ir além da comodidade das próprias seguranças, além da preguiça e da indiferença que nos paralisam, e pôr-se à procura da verdade, da beleza e do amor, buscar um sentido não óbvio, uma resposta não banal para as questões que põem em crise a nossa fé, a nossa lealdade e nossa razão. (Homilia do dia 04/04/2015).

(118) Um Ano em que sejamos tocados pelo Senhor Jesus e transformados pela sua misericórdia para nos tornarmos, também nós, testemunhas de misericórdia. Eis o motivo do Jubileu: porque este é o tempo da misericórdia. (Homilia do dia 11/04/2015).

(119) Às vezes, perante os acontecimentos trágicos da história humana, ficamos como que esmagados e perguntamo-nos: "Porquê?". A maldade humana pode abrir no mundo como que fossos, grandes vazios: vazios de amor, vazios de bondade, vazios de vida. E surge-nos então a pergunta: Como podemos preencher estes fossos? A nós, é impossível;

só Deus pode preencher estes vazios que o mal abre nos nossos corações e na nossa história. É Jesus, feito homem e morto na cruz, que preenche o abismo do pecado com o abismo da sua misericórdia. (...). Os Santos ensinam-nos que se muda o mundo a partir da conversão do próprio coração, e isto acontece graças à misericórdia de Deus. (Homilia do dia 12/04/2015).

(120) (...) que as vossas homilias cheguem precisamente ao coração das pessoas, porque saem do vosso coração, porque quanto lhes dizeis é aquilo que vós mesmos tendes no coração. (...) E eu, em nome do Senhor Jesus Cristo e da sua Esposa, a Santa Igreja, peço-vos que não vos canseis de ser misericordiosos. Vós estareis no confessional para perdoar, não para condenar! Imitai o Pai, que jamais se cansa de perdoar. (Homilia do dia 26/04/2015).

(121) E que esta glória se manifeste na cultura da vida, na fraternidade, na solidariedade, na paz e na justiça, com um concreto amor preferencial pelos mais pobres, através do testemunho dos cristãos das diversas comunidades e confissões, dos crentes de outras tradições religiosas e dos homens de consciência recta e de boa vontade. (Homilia do dia 02/05/2015).

(122) Mas quando “esfolamos” os outros [falamos mal do próximo], por exemplo, ou quando bisbilhotamos, não estamos em Jesus. Ele nunca agiu assim. Quando somos mentirosos, não permanecemos em Jesus. Ele nunca mentiu. Quando enganamos o próximo com negócios sujos que estão ao alcance de todos, somos ramos mortos e deixamos de estar em Jesus. Permanecer em Jesus significa fazer tudo aquilo que Ele mesmo fazia: fazer o bem, ajudar os outros, rezar ao Pai, curar os enfermos, ajudar os pobres e ter a alegria do Espírito Santo. (Homilia do dia 03/05/2015).

(123) E pensando na mesa da Eucaristia, não podemos esquecer daqueles nossos irmãos cristãos que com a violência foram privados do alimento tanto para o corpo como para a alma: foram expulsos das suas casas e das suas igrejas, às vezes destruídas. Renovo o apelo a não esquecer estas pessoas e estas injustiças intoleráveis. (Homilia do dia 12/05/2015).

(124) Este amor resplandece no testemunho da irmã Joana Emília de Villeneuve, que consagrou a sua vida a Deus e aos pobres, aos enfermos, aos prisioneiros e aos explorados, tornando-se para eles e para todos um sinal concreto do amor misericordioso do Senhor. (Homilia do dia 17/05/2015).

(125) O mundo tem necessidade de homens e mulheres que não estejam fechados, mas repletos de Espírito Santo. (...) Ao contrário, o

mundo necessita da coragem, da esperança, da fé e da perseverança dos discípulos de Cristo. (Homilia do dia 24/05/2015).

- (126) Assim aprendemos que a Eucaristia não é uma recompensa para os bons, mas constitui a força per os mais frágeis, para os pecadores. É o perdão, é o viático que nos ajuda a ir em frente, a caminhar. (Homilia do dia 04/06/2015).
- (127) Jesus não diz “Felizes os pregadores de paz”: todos são capazes de a proclamar, até de maneira hipócrita ou mesmo enganadora. Não. Ele diz: “Felizes os pacificadores”, isto é, aqueles que a fazem. Fazer a paz é um trabalho artesanal: requer paixão, paciência, experiência, tenacidade. Felizes são aqueles que semeiam paz com as suas acções diárias, com atitudes e gestos de serviço, de fraternidade, de diálogo, de misericórdia... (...). Amados irmãos e irmãs, hoje peçamos juntos ao Senhor, por intercessão da Virgem Maria, a graça de ter um coração simples, a graça da paciência, a graça de lutar e trabalhar pela justiça, de ser misericordiosos, de trabalhar pela paz, de semear a paz e não guerra e discórdia. Este é o caminho que torna felizes, que torna bem-aventurados. (Homilia do dia 06/06/2015).
- (128) Hoje, durante este retiro, peço-vos que sejais pastores com a ternura de Deus, que deixeis o “chicote” pendurado na Sacristia e que sejais pastores com ternura, inclusive para com aqueles que vos criam problemas. (Homilia do dia 12/06/2015).
- (129) Também nós cristãos corremos o risco de nos deixarmos paralisar pelos receios do futuro e procurar certezas em coisas passageiras, ou num modelo de sociedade fechada que tende mais a excluir do que a incluir. (Homilia do dia 21/06/2015).
- (130) Na verdade, passaram reinos, povos, culturas, nações, ideologias, potências, mas a Igreja, fundada sobre Cristo, não obstante as inúmeras tempestades e os nossos muitos pecados, permanece fiel ao depósito da fé no serviço, porque a Igreja não é dos Papas, dos Bispos, dos padres e nem mesmo dos fiéis; é só e unicamente de Cristo. (Homilia do dia 29/06/2015).
- (131) O serviço é o critério do verdadeiro amor. Aquele que ama serve, põe-se ao serviço dos outros. E isto aprende-se especialmente na família, onde nos tornamos servidores uns dos outros por amor. Dentro da família, ninguém é descartado; todos valem o mesmo. (Homilia do dia 06/07/2015).

- (132) A proposta de Jesus também não é um arranjo feito à nossa medida, no qual ditamos as condições, escolhemos alguns membros e excluimos os outros. Esta religiosidade de elite... Jesus reza para que façamos parte duma grande família, na qual Deus é nosso Pai, todos nós somos irmãos. Ninguém é excluído e isto não se fundamenta no facto de ter os mesmos gostos, as mesmas preocupações, os mesmos talentos. (Homilia do dia 07/07/2015).
- (133) Num coração desesperado, é muito fácil ganhar espaço a lógica que pretende impor-se no mundo, em todo o mundo, nos nossos dias. Uma lógica que procura transformar tudo em objecto de troca, tudo em objecto de consumo: vê tudo negociável. Uma lógica que pretende deixar espaço para muito poucos, descartando todos aqueles que não “produzem”, que não são considerados aptos ou dignos porque, aparentemente, “os números não batem certo”. E Jesus retoma a palavra para nos dizer: “Não, não é necessário excluí-los, não é necessário irem embora; dai-lhes vós mesmos de comer”. (Homilia do dia 09/07/2015).
- (134) Maria simplesmente quis estar no meio de seu Povo, com os seus filhos, com a sua família. Seguindo sempre Jesus, no meio da multidão. Como boa mãe, não abandonou os seus; antes pelo contrário, sempre apareceu onde um filho podia ter necessidade d’Ela. E isto, só porque é Mãe. (Homilia do dia 11/07/2015).
- (135) Como é belo imaginar as nossas paróquias, comunidades, capelas, lugares onde estão os cristãos, não com as portas fechadas, mas como verdadeiros centros de encontro tanto entre nós como com Deus. Como lugares de hospitalidade e acolhimento. (Homilia do dia 12/07/2015).
- (136) Há um “serviço” que serve aos outros; mas temos que guardarmos do outro serviço, da tentação do “serviço” que “se” serve dos outros. Há uma forma de exercer o serviço cujo interesse é beneficiar os “meus”, em nome do “nosso”. Este serviço deixa sempre os “teus” de fora, gerando uma dinâmica de exclusão. (...) Por isso, o serviço nunca é ideológico, dado que não servimos a ideias, mas a pessoas. (Homilia do dia 20/09/2015).
- (137) A nossa Santa Mãe Igreja é pobre, Deus quiere-a pobre, como quis pobre a nossa Santa Mãe Maria. (...) Afinal de contas, não nos esqueçamos que é a primeira das Bem-aventuranças: Felizes os pobres em espírito, os que não estão agarrados à riqueza, aos poderes deste mundo. (Homilia do dia 20/09/2015).
- (138) Deixemo-nos olhar pelo Senhor na oração, na Eucaristia, na Confissão, nos nossos irmãos, especialmente naqueles que se sentem

postos de lado, que se sentem mais sozinhos. E aprendamos a olhar como Ele nos olha. Partilhemos a sua ternura e misericórdia pelos doentes, os presos, os idosos e as famílias em dificuldade. (Homilia do dia 21/09/2015).

- (139) Somos convidados a «sair de casa», a ter os olhos e o coração abertos aos outros. A nossa revolução passa pela ternura, pela alegria que sempre se faz proximidade, que sempre se faz compaixão – que não é comiserção; é padecer com, para libertar – e leva a envolver-nos, para servir, na vida dos outros. (...) Como Maria, queremos ser uma Igreja que serve, que sai de casa, que sai dos seus templos, que sai das suas sacristias, para acompanhar a vida, sustentar a esperança, ser sinal de unidade dum povo nobre e digno. (Homilia do dia 22/09/2015).
- (140) Jesus envia-vos a todas as nações, a todos os povos. E, neste “todos” de há dois mil anos, estávamos incluídos também nós. Jesus não dá uma lista selectiva com aqueles a quem se deve ir e a quem não ir, com aqueles que são dignos, ou não, de receber a sua mensagem e a sua presença. (...) Ide pelas encruzilhadas dos caminhos, ide... anunciar, sem medo, sem preconceitos, sem superioridade nem purismos; a todos aqueles que perderam a alegria de viver, ide anunciar o abraço misericordioso do Pai. (Homilia do dia 23/09/2015).
- (141) O repouso é uma necessidade, como o são os momentos de tempo livre e de restauração pessoal, mas devemos aprender a descansar de forma que aprofunde o nosso desejo de servir de modo generoso. A proximidade aos pobres, refugiados, imigrantes, doentes, explorados, idosos que sofrem a solidão, encarcerados e muitos outros pobres de Deus ensinar-nos-á outro tipo de repouso, mais cristão e generoso. (Homilia do dia 24/09/2015).
- (142) Por sua vez, as grandes cidades escondem o rosto de muitos que parecem não ter cidadania ou ser cidadãos de segunda categoria. Nas grandes cidades, sob o ruído do tráfego, sob o “ritmo das mudanças”, permanecem silenciadas as vozes de tantos rostos que não têm “direito” à cidadania, não têm direito a fazer parte da cidade – os estrangeiros, seus filhos (e não só) que não conseguem a escolaridade, as pessoas privadas de assistência médica, os sem-abrigo, os idosos sozinhos – postos à margem das nossas estradas, nos nossos passeios num anonimato ensurdecador. (Homilia do dia 25/09/2015).
- (143) O nosso desafio, hoje, é construir alicerces sólidos e promover um sentido de colaboração e responsabilidade compartilhada, quando programamos o futuro das nossas paróquias e instituições. Isto não significa transcurar a autoridade espiritual que nos foi confiada, mas discernir e usar sabiamente os múltiplos dons que o Espírito concede à

Igreja. De forma particular, significa valorizar a contribuição imensa que as mulheres, leigas e consagradas, deram e continuam a oferecer na vida das nossas comunidades. (Homilia do dia 26/09/2015).

- (144) A nossa casa comum não pode mais tolerar divisões estéreis. O desafio urgente de proteger a nossa casa inclui o esforço de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, porque sabemos que as coisas podem mudar (cf. *ibid.*13). (Homilia do dia 27/09/2015).
- (145) Isto acontece também a nós, sempre, em certas situações: demasiado apegados às riquezas, sentimos prazer quando nos elogiam, como um pavão. Muitas pessoas tornam-se ridículas. A vaidade tornam-nas ridículas. Ou, quando têm poder, sentem-se Deus, e este é o grande pecado. (...) O Senhor nos ajude nesta luta de todos os dias, mas não por nós, é uma luta pelo serviço, porque sois homens e mulheres de serviço: à sociedade, aos outros, para fazer crescer a bondade no mundo. (Homilia do dia 03/10/2015).
- (146) E a Igreja é chamada a viver a sua missão na caridade que não aponta o dedo para julgar os outros, mas – fiel à sua natureza de mãe – sente-se no dever de procurar e cuidar dos casais feridos com o óleo da aceitação e da misericórdia; de ser “hospital de campanha”, com as portas abertas para acolher todo aquele que bate pedindo ajuda e apoio; e mais, de sair do próprio redil ao encontro dos outros com amor verdadeiro, para caminhar com a humanidade ferida, para a integrar e conduzir à fonte de salvação. (Homilia do dia 04/10/2015).
- (147) Quem serve os outros e não goza efectivamente de prestígio, exerce a verdadeira autoridade na Igreja. Jesus convida-nos a mudar a nossa mentalidade e a passar da ambição do poder à alegria de se ocultar e servir; a desarraigar o instinto de domínio sobre os outros e exercer a virtude da humildade. (Homilia do dia 18/10/2015).
- (148) Jesus manifesta que quer escutar as nossas necessidades. Deseja um diálogo com cada um de nós, feito de vida, de situações reais, que nada exclua diante de Deus. (...) A isto são chamados os discípulos de Jesus, também hoje, especialmente hoje: pôr o homem em contacto com a Misericórdia compassiva que salva. (Homilia do dia 25/10/2015).
- (149) Ditosos aqueles que sabem perdoar, que têm misericórdia pelo próximo, que não julgam tudo e todos, mas procuram colocar-se no lugar dos outros. O perdão é algo de que todos nós temos necessidade, sem excluir ninguém. (Homilia do dia 01/11/2015).

- (150) Este estilo de Deus, que nos salva servindo-nos e aniquilando-se a si próprio, ensina-nos muitas coisas. Nós esperamos uma vitória divina triunfante; Jesus, ao contrário, mostra-nos uma vitória extremamente humilde. (...) Então seremos servos segundo o seu Coração: não funcionários que prestam serviço, mas filhos amados que entregam a vida pelo mundo. (Homilia do dia 03/11/2015).
- (151) Com efeito, Episcopado é o nome de um serviço, não de uma honra, pois ao bispo compete mais servir do que dominar, segundo o mandamento do Mestre: “Quem é o maior entre vós, faça-se o mais pequenino, e quem governa, como aquele que serve”. (...) Com o teu coração, ama com amor de pai e de irmão todos os que Deus te confia: como disse, antes de tudo os presbíteros e os diáconos, os seminaristas; mas também os pobres, os indefesos e quantos precisam de acolhimento e de ajuda. (Homilia do dia 09/11/2015).
- (152) São estas as sementes que contribuem para criar uma humanidade nova, renovada, onde ninguém é deixado à margem nem descartado; onde quem serve é o maior; e onde os mais pequeninos e os pobres são acolhidos e ajudados. (Homilia do dia 10/11/2015).
- (153) Aqui no coração desta Universidade, onde se formam as mentes e os corações das novas gerações, faço apelo de modo especial aos jovens da nação. Os grandes valores da tradição africana, a sabedoria e a verdade da Palavra de Deus e o idealismo generoso da vossa juventude vos guiem no compromisso de formar uma sociedade que seja cada vez mais justa, inclusiva e respeitadora da dignidade humana. Tende sempre a peito as necessidades dos pobres e rejeitai tudo aquilo que leva ao preconceito e à discriminação, porque estas coisas – como sabemos – não são de Deus. (Homilia do dia 26/11/2015).
- (154) O testemunho dos mártires mostra a quantos, ontem e hoje, ouviram a sua história que os prazeres mundanos e o poder terreno não dão alegria e paz duradouras. Mas são a fidelidade a Deus, a honestidade e integridade da vida e uma autêntica preocupação pelo bem dos outros que nos trazem aquela paz que o mundo não pode oferecer. Isto não diminui a nossa solicitude por este mundo, como se nos limitássemos a olhar para a vida futura; pelo contrário, dá uma finalidade à vida neste mundo e ajuda-nos a ir ter com os necessitados, a cooperar com os outros em prol do bem comum e a construir uma sociedade mais justa, que promova a dignidade humana, sem excluir ninguém, que defenda a vida, dom de Deus, e proteja as maravilhas da natureza, a criação, a nossa casa comum. (Homilia do dia 28/11/2015).

- (155) A todos aqueles que usam injustamente as armas deste mundo, lanço um apelo: deponde esses instrumentos de morte; armai-vos, antes, com a justiça, o amor e a misericórdia, autênticas garantias de paz. (Homilia do dia 29/11/2015).
- (156) Cada batizado deve romper, sem cessar, com aquilo que ainda há nele do homem velho, do homem pecador, sempre pronto a reanimar-se ao apelo do diabo (e como age no nosso mundo e nestes tempos de conflito, de ódio e de guerra!) para o levar ao egoísmo, a fechar-se desconfiado em si mesmo, à violência e ao instinto de destruição, à vingança, ao abandono e à exploração dos mais fracos... (...). E ressoa aqui, hoje, nesta terra da África Central; ressoa nos nossos corações, nas nossas famílias, nas nossas paróquias, em qualquer parte onde vivemos, e convida-nos à perseverança no entusiasmo da missão; uma missão que precisa de novos mensageiros, ainda mais numerosos, ainda mais generosos, ainda mais jubilosos, ainda mais santos. E somos chamados, todos e cada um de nós, a ser este mensageiro que o nosso irmão de qualquer etnia, religião, cultura espera, muitas vezes sem o saber. (Homilia do dia 30/11/2015).
- (157) Também este Ano Extraordinário é dom de graça. Entrar por aquela Porta significa descobrir a profundidade da misericórdia do Pai que a todos acolhe e vai pessoalmente ao encontro de cada um. É Ele que nos procura, é Ele que nos vem ao encontro. Neste Ano, deveremos crescer na convicção da misericórdia. (...) Hoje, aqui em Roma e em todas as dioceses do mundo, ao cruzar a Porta Santa, queremos também recordar outra porta que, há cinquenta anos, os Padres do Concílio Vaticano II escancararam ao mundo. (...) Mas o Concílio foi também, e primariamente, um encontro; um verdadeiro encontro entre a Igreja e os homens do nosso tempo. Um encontro marcado pela força do Espírito que impelia a sua Igreja a sair dos baixios que por muitos anos a mantiveram fechada em si mesma, para retomar com entusiasmo o caminho missionário. Era a retomada de um percurso para ir ao encontro de cada homem no lugar onde vive: na sua cidade, na sua casa, no local de trabalho... em qualquer lugar onde houver uma pessoa, a Igreja é chamada a ir lá ter com ela, para lhe levar a alegria do Evangelho e levar a Misericórdia e o perdão de Deus. (Homilia do dia 08/12/2015).
- (158) A palavra “misericórdia” é composta por dois vocábulos: miséria e coração. O coração indica a capacidade de amar; a misericórdia é o amor que abarca a miséria da pessoa. É um amor que “sente” a nossa indigência como se fosse sua, com a finalidade de nos libertar dela. (...) Que nos convertamos em misericordiosos, e que as comunidades cristãs saibam ser oásis e mananciais de misericórdia, testemunhas de uma caridade que não admite exclusões! (Homilia do dia 12/12/2015).

- (159) Abrimos a Porta Santa, aqui e em todas as catedrais do mundo. Também este sinal simples é um convite à alegria. Inicia o tempo do grande perdão. É o jubileu da Misericórdia. É o momento para redescobrir a presença de Deus e a sua ternura de Pai. Deus não ama a rigidez. Ele é Pai, é terno. Faz tudo com ternura de Pai. (Homilia do dia 13/12/2015).
- (160) Se quiseses encontrar Deus, procura-o na humildade, busca-o na pobreza, procura-o onde Ele está escondido: nas necessidades, nos mais necessitados, nos doentes, nos famintos, nos presos. (...) O amor de Jesus é grande. Por isso hoje ao abrir esta Porta Santa, espero que o Espírito Santo abra o coração de todos os romanos e faça com que eles vejam qual é o caminho da salvação! Não é o luxo, nem o caminho das grandes riquezas, não é a via do poder. É a da humildade. E os mais pobres, os doentes, os encarcerados. (Homilia do dia 18/12/2015).
- (161) Por isso, quando ouvirmos falar do nascimento de Cristo, permaneçamos em silêncio e deixemos que seja aquele Menino a falar; (...). Este Menino ensina-nos aquilo que é verdadeiramente essencial na nossa vida. Nasce na pobreza do mundo, porque, para Ele e sua família, não há lugar na hospedaria. Encontra abrigo e proteção num estábulo e é deitado numa manjedoura para animais. E todavia, a partir deste nada, surge a luz da glória de Deus. A partir daqui, para os homens de coração simples, começa o caminho da verdadeira libertação e do resgate perene. (...). Numa sociedade frequentemente embriagada de consumo e prazer, de abundância e luxo, de aparência e narcisismo, Ele chama-nos a um comportamento sóbrio, isto é, simples, equilibrado, linear, capaz de individuar e viver o essencial. Num mundo que demasiadas vezes é duro com o pecador e brando com o pecado, há necessidade de cultivar um forte sentido da justiça, de buscar e pôr em prática a vontade de Deus. No seio duma cultura da indiferença, que não raramente acaba por ser cruel, o nosso estilo de vida seja, pelo contrário, cheio de piedade, empatia, compaixão, misericórdia, extraídas diariamente do poço de oração. (Homilia do dia 24/12/2015).
- (162) No Ano da Misericórdia, possa cada família cristã tornar-se um lugar privilegiado desta peregrinação em que se experimenta a alegria do perdão. O perdão é a essência do amor, que sabe compreender o erro e pôr-lhe remédio. Ai de nós se Deus não nos perdoasse! É no seio da família que as pessoas são educadas para o perdão, porque se tem a certeza de ser compreendidas e amparadas, não obstante os erros que se possam cometer. (Homilia do dia 27/12/2015).

- (163) Neste Ano jubilar assumem uma especial ressonância as palavras finais do hino da Igreja: “Esteja sempre connosco, ó Senhor, a tua misericórdia: em ti esperamos”. A companhia da misericórdia é luz para compreender melhor tudo aquilo que vivemos, e esperança que nos acompanha no início de um novo ano. Repercorrer os dias do ano transcorrido pode ser feito ou como uma recordação de factos e acontecimentos que reconduzem a momentos de alegria e de sofrimento, ou procurando compreender se sentimos a presença de Deus que tudo renova e ampara com a sua ajuda. Somos interpelados a verificar se as vicissitudes do mundo se realizaram segundo a vontade de Deus, ou se demos ouvidos sobretudo aos projectos dos homens, muitas vezes cheios de interesses particulares, de insaciável sede de poder e de violência gratuita. (Homilia do dia 31/12/2015).
- (164) Como pode ser o tempo da plenitude este que coloca diante dos nossos olhos multidões de homens, mulheres e crianças que fogem da guerra, da fome, da perseguição, dispostos a arriscar a vida para verem respeitados os seus direitos fundamentais? Um rio de miséria, alimentado pelo pecado, parece contradizer a plenitude do tempo realizada por Cristo. (...). Hoje dá-nos a possibilidade de individuar o sentido dos acontecimentos que nos tocam pessoalmente a nós, às nossas famílias, aos nossos países e ao mundo inteiro. Aonde não pode chegar a razão dos filósofos, nem as negociações da política, consegue fazê-lo a força da fé que a graça do Evangelho de Cristo nos traz e que pode abrir sempre novos caminhos à razão e às negociações. (Homilia do dia 01/01/2016).
- (165) Vem muito a propósito invocar, neste dia, a Virgem Maria, antes de mais nada, como Mãe da misericórdia. A Porta Santa que abrimos é, realmente, uma Porta da Misericórdia. (...). Ela é Mãe da misericórdia, porque gerou no seu ventre o próprio Rosto da misericórdia divina, Jesus, o Emanuel, o Esperado de todos os povos, o “Príncipe da Paz” (Is 9, 5). Atravessemos, então, a Porta Santa da Misericórdia com a certeza da companhia da Virgem Mãe, a Santa Mãe de Deus, que intercede por nós. (Homilia do dia 01/01/2016).
- (166) Anunciar o Evangelho de Cristo não é uma opção que podemos fazer de entre muitas, nem é uma profissão. Para a Igreja, ser missionária não significa fazer proselitismo; para a Igreja, ser missionária equivale a exprimir a sua própria natureza: ser iluminada por Deus e reflectir a sua luz. Este é o seu serviço. (Homilia do dia 06/01/2016).
- (167) Quarenta dias depois do nascimento, Jesus foi levado ao Templo. Maria e José levaram-no para que fosse apresentado a Deus. Hoje, na festa do Baptismo do Senhor, vós, pais, trazeis os vossos filhos para receber o Baptismo, para receber o que respondestes no início, quando

vos perguntei: “A fé. Desejo a fé para o meu filho”. Assim, a fé é transmitida de uma geração para a outra, como uma corrente, no decurso dos tempos. (...). Pedistes a fé. A Igreja, quando vos entregar a vela acesa, dir-vos-á que conserveis a fé nestas crianças. E, no final, não vos esqueçais que a maior herança que podeis deixar aos vossos filhos é a fé. Vigiai para que esta fé não se perca, fazei com que ela cresça e deixai-a como herança. (Homilia do dia 10/01/2016).

- (168) Como Bispo de Roma e Pastor da Igreja católica, desejo invocar misericórdia e perdão pelos comportamentos não evangélicos que alguns católicos tiveram em relação a cristãos de outras Igrejas. Ao mesmo tempo, convido todos os irmãos e irmãs católicos a perdoar se, hoje ou no passado, sofreram ofensas de outros cristãos. Não podemos cancelar o que aconteceu, mas não queremos permitir que o peso das culpas do passado continue a corromper as nossas relações. A misericórdia de Deus renovará as nossas relações. (Homilia do dia 25/01/2016).
- (169) Quem encontra realmente Jesus não pode permanecer como antes. Ele é a novidade que renova tudo. Quem vive este encontro transforma-se em testemunha e torna possível o encontro para os outros; e faz-se também promotor da cultura do encontro, evitando a auto-referencialidade, que nos leva a permanecer fechados em nós mesmos. (Homilia do dia 02/02/2016).
- (170) Falo-vos como irmão, e em vós gostaria de falar a todos os confessores, especialmente neste Ano da Misericórdia: o confessional existe para perdoar. (...) Sois grandes perdoadores, porque quem não sabe perdoar acaba como os doutores do Evangelho: torna-se um grande condenador, sempre a acusar (...) E se não forem capazes que sejam humildes e digam: «Não, eu celebro a Missa, limpo o chão, faço tudo mas não confesso, porque não sei fazê-lo bem». (Homilia do dia 09/02/2016).
- (171) Com efeito, Jesus chama-nos a viver a oração, a caridade e a penitência com coerência e autenticidade, superando a hipocrisia. Que a Quaresma seja um tempo de benéfica “poda” da falsidade, da mundanidade e da indiferença: para não pensarmos que tudo está bem se eu estou bem; para compreendemos que o que conta não é a aprovação, a busca do sucesso ou do consenso, mas a purificação do coração e da vida; para voltarmos a encontrar a identidade cristã, ou seja o amor que serve, não o egoísmo que se serve. (Homilia do dia 10/02/2016).

- (172) Basta que caminhaes pelas estradas do teu bairro, da tua comunidade, da tua paróquia como meu mensageiro, minha mensageira; levanta santuários compartilhando a alegria de saber que não estamos sozinhos, que Ela está connosco. Sê o meu mensageiro – diz-nos – dando de comer aos famintos, de beber aos sedentos; oferece um lugar aos necessitados, veste os nus e visita os doentes. Socorre os prisioneiros, não os deixes sozinhos, perdoa a quem te fez mal, consola quem está triste, tem paciência com os outros e sobretudo implora e invoca o nosso Deus. E, no silêncio, diz-Lhe o que te vier ao coração. (Homilia do dia 13/02/2016).
- (173) Quaresma: tempo para regular os sentidos, abrir os olhos para tantas injustiças que atentam directamente contra o sonho e o projecto de Deus. (...) É o Deus que tem um nome: misericórdia. O seu nome é a nossa riqueza, o seu nome é a nossa fama, o seu nome é o nosso poder. (Homilia do dia 14/02/2016).
- (174) Não podemos permanecer indiferentes perante uma das maiores crises ambientais da história. (...). No entanto, muitas vezes, de forma sistemática e estrutural, os vossos povos acabaram incompreendidos e excluídos da sociedade. Alguns consideram inferiores os vossos valores, a vossa cultura e as vossas tradições. Outros, fascinados pelo poder, o dinheiro e as leis do mercado, espoliaram-vos das vossas terras ou realizaram empreendimentos que as contaminaram. Que tristeza (...). O mundo de hoje, espoliado pela cultura do descarte, necessita de vós. Os jovens de hoje, expostos a uma cultura que tenta suprimir todas as riquezas e características culturais tendo em vista um mundo homogéneo, estes jovens precisam que não se perca a sabedoria dos vossos anciãos. O mundo de hoje, prisioneiro do pragmatismo, tem necessidade de voltar a aprender o valor da gratuidade. (Homilia do dia 15/02/2016).
- (175) Ai de nós – consagrados, consagradas, seminaristas, sacerdotes, bispos – ai de nós se não a compartilharmos! Ai de nós, se não formos testemunhas do que vimos e ouvimos! Ai de nós! Não queremos ser funcionários do divino; não somos, nem o queremos ser jamais, empregados da empresa de Deus, porque fomos convidados a participar na sua vida, fomos convidados a encerrar-nos no seu coração, um coração que reza e vive dizendo: Pai Nosso. (Homilia do dia 16/02/2016).
- (176) Não podemos negar a crise humanitária que, nos últimos anos, levou à migração de milhares de pessoas, quer por via ferroviária ou rodoviária quer mesmo a pé atravessando centenas de quilómetros de montanhas, desertos, caminhos inóspitos. Hoje, esta tragédia humana que é a migração forçada, tornou-se um fenómeno global. Esta crise que

se pode medir em números, queremos medi-la por nomes, por histórias, por famílias. São irmãos e irmãs que partem, forçados pela pobreza e a violência, pelo narcotráfico e o crime organizado. No meio de tantas lacunas legais, estende-se uma rede que apanha e destrói sempre os mais pobres. À pobreza que já sofrem, vem juntar-se o sofrimento de todas estas formas de violência. Uma injustiça que se radicaliza ainda mais contra os jovens: como “carne de canhão”, eles vêm-se perseguidos e ameaçados quando tentam sair da espiral de violência e do inferno das drogas. (Homilia do dia 17/02/2016).

(177) A festa litúrgica da Cátedra de São Pedro vê-nos congregados para celebrar o Jubileu da Misericórdia como comunidade de serviço da Cúria Romana, do Governatorado e das Instituições ligadas à Santa Sé. (...). Em primeiro lugar, aos Pastores é pedido que tenham como modelo o próprio Deus que cuida do seu rebanho. (...). Que também nos nossos ambientes de trabalho possamos sentir, cultivar e praticar um forte sentido pastoral, antes de tudo em relação às pessoas que encontramos todos os dias. Que ninguém se sinta ignorado nem maltratado, mas cada um possa experimentar, antes de tudo aqui, a atenção carinhosa do Bom Pastor. (...). A fidelidade ao ministério conjuga-se oportunamente com a misericórdia, que desejamos experimentar. Além disso, na Sagrada Escritura fidelidade e misericórdia constituem um binómio inseparável. Onde se encontra uma, lá está também a outra, e é precisamente na sua reciprocidade e complementaridade que podemos ver a presença do próprio Bom Pastor. (Homilia do dia 22/02/2016).

(178) Hoje mais do que nunca, sobretudo nós, pastores, somos chamados também a escutar o grito, talvez abafado, de quantos desejam encontrar o Senhor. Somos obrigados a rever comportamentos que, às vezes, não ajudam os outros a aproximar-se de Jesus; horários e programas que não atendem às reais necessidades daqueles que poderiam aproximar-se do confessorário; regras humanas, quando valem mais do que o desejo de perdão; nossa rigidez que poderia manter longe da ternura de Deus. (Homilia do dia 04/03/2016).